FISSURAS DA CONTEMPORANEIDADE:

Corpo, Política e Discurso nas Artes e na Sociedade



ORGANIZADORES

André Rezende Benatti ◆ Cleriston Raíque Jara da Costa ◆ Marcus Vinicius Diniz de Lima

editora COLETIVO CINE-FÓRUM

Fissuras da contemporaneidade: corpo, política e discurso nas artes e na sociedade

ORGANIZAÇÃO
André Rezende Benatti
Cleriston Raíque Jara da Costa
Marcus Vinicius Diniz de Lima

1ª edição – 2026 | Livro Digital

Os capítulos que integram este livro são resultantes das pesquisas, conferências e debates apresentados e amadurecidos durante o **6º Cine-Fórum UEMS: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate,** realizado entre 20 e 22 de maio de 2026.
A seleção, avaliação por pares e curadoria dos textos que compõem este volume contaram com o rigor e a colaboração dos comitês acadêmicos e organizadores do evento.

COORDENAÇÃO GERAL
Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná

PROFESSORES RESPONSÁVEIS
Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO
Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dra. Angela Maria Meili – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Aline Saddi Chaves – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás
Dra. Tatiana Alvarado Teodorika – Universidad Rey Juan Carlos (Madrid) / Miembro de número de la Academia Boliviana de la Lengua
Me. Victor Finkler – Universidade Federal do Paraná

COMITÊ CIENTÍFICO
Dra. Adriana Kivanski de Senna – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Adriana dos Reis Silva – Universidade Estadual de Minas Gerais
Dra. Andreia Oliveira – Universidade de Aveiro
Dra. Alessandra Gomes da Silva – Instituto Nacional De Educação de Surdos
Dr. Adail Ubirajara Sobral – Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Dr. Adair Marques Filho – Universidade Federal de Goiás
Dra. Alejandra Bottinelli Wolleter – Dep. de Literatura, Universidad de Chile
Dra. Alessandra Avila Martins – Universidade Federal do Rio Grande
Dr. Aldo Victorio Filho – Instituto de Artes da UERJ
Dr. Alessandro Felippe – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Aline Saddi Chaves – Aliança Francesa / French Alliance
Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dr. Alex Sandro Martoni – PUC Minas
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dr. André Fontan Köhler – Universidade de São Paulo
Dra. Ana Beatriz Barbosa de Souza – Universidade Federal de Goiás
Dra. Ana Maria da Silva – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Dra. Ana Valéria de Figueiredo – Instituto de Artes
Dr. Antonio Marcio da Silva – University of Essex, Reino Unido
Dra. Bianca Sena Gomes – Universidade Federal de Viçosa
Dra. Carmem Gessilda Burgert Schiavon – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Clara Raquel Gonçalves Pinto – Universidade de Lisboa
Me. Cristiano de Oliveira Sousa – Universidade Federal de Goiás
Dra. Daniela de Paula Gomes – Universidade de São Paulo
Dr. Diego Paleólogo – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Dra. Divina Mendes Chagas – Universidade Federal de Mato Grosso
Me. Dyone Alves de Oliveira – Universidade Federal do Tocantins
Dr. Eduardo Ferraz Felippe – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Dra. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar – Universidade Federal do Tocantins
Dra. Eliana da Silva Tavares – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes – Universidade Federal de Goiás
Dra. Elisa Mattos – Universidade Federal de Viçosa
Dr. Ernani Cesar de Freitas – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Francieli Matzenbacher Pinton – Universidade Federal de Santa Maria
Dr. Francisco Pereira Smith Júnior – Universidade Federal do Pará
Dr. Freddy Studart de Souza Brasil – Universidade Estácio de Sá
Dr. Guilherme Alves da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Me. Haydeé Bascopé Guzmán – Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia
Dra. Jessica Falconi – Universidade de Lisboa
Dr. João Luis Pereira Ourique – Universidade Federal de Pelotas
Dr. João Pedro Wizniewsky Amaral – Universidade Federal de Santa Maria
Dr. José Carvalho Vanzelli – Universidade Federal do Paraná
Dra. Juara Castro da Conceição – Universidade Federal de Goiás
Dra. Julia Barroso da Silveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Dra. Julia Carolina do Nascimento Ourique – UERJ / Université Paris 8
Dra. Julia Merino – Universidad Autónoma de Madrid
Dra. Juliana Maria Lanzarini – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Dra. Juliana Santana de Almeida – Universidade Federal do Tocantins
Dra. Lara Lima Satler – Universidade Federal de Goiás
Dr. Lucius Provase – Universidade de São Paulo
Dra. Lis Yana de Lima Martinez – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Luciana Ferrari Montemezzo – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Luciana Paiva Coronel – Universidade Federal do Rio Grande
Msc. Luciana Uhren Meira Silva – Faculdade do Litoral Sul Paulista
Dra. Luzia Gomes Ferreira – Universidade Federal do Pará
Dra. Mar Garrido Román – Universidad de Granada, Espanha
Dra. Maria Luisa Jimenez – Universidade Estadual de Londrina
Dr. Marcelo de Trói – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP
Dra. Mariana de Almeida Ferreira – Universidade Federal de Minas Gerais
Dra. Marina Chiara Legroski – Universidade Federal do Paraná
Dra. Marina Mapurunga de Miranda Ferreira – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Dra. Marilande Martins Abreu – Universidade Federal do Maranhão
Dra. Mayara Roberta Martins – Universidade Federal do Rio Grande
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná
Dra. Monica Chagas da Costa – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Márcia Farsura de Oliveira – Universidade Federal de Viçosa
Dra. Natália Gonçalves de Souza Santos – Universidade Federal de Viçosa
Dr. Nélio Ribeiro Moreira – Universidade Federal do Pará
Dra. Niura Aparecida Legramante Ribeiro – UFRGS
Dra. Patrícia Marcuzzo – Universidade Federal de Santa Maria
Dr. Pedro Henrique Cremonez Rosa – Universidade Estadual de Londrina
Dra. Rejane de Souza Ferreira – Universidade Porto Nacional
Dra. Regina Pires de Brito – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás, Brasil
Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos – Universidade Federal do Rio Grande
Dr. Rodrigo Daniel Levoti Portari – UEMG / UFMT
Dra. Rosane Maria Cardoso – Universidade de Caxias do Sul / UNISC
Dr. Samuel Ponsoni – Universidade do Estado de Minas Gerais
Dra. Sandra Mara Stroparo – Universidade Federal do Paraná
Dra. Sara Regina Scotta Cabral – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Silvana Schwab do Nascimento – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Tatiana Keller – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Teresinha Barachini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Me. Victor Finkler – Universidade Federal do Paraná, Brasil
Dr. Vilso Junior Santi – Universidade Federal de Roraima
Dr. Welton Pereira e Silva – Universidade Federal Fluminense
Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior – UFRB
Me. Ítalo José de Medeiros Dantas – Universidade Feevale e UEMG

REALIZAÇÃO
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS
Núcleo de Ensino de Línguas da UEMS
Coletivo Cine-Fórum
Revista PELICULA

Copyright © 2026 **Editora Coletivo Cine-Fórum**

Fissuras da contemporaneidade:
corpo, política e discurso nas artes e na sociedade

1ª edição – 2026 | Livro Digital (PDF)
ISBN: 978-65-83315-21-2

Organização
André Rezende Benatti
Cleriston Raíque Jara da Costa
Marcus Vinicius Diniz de Lima

Revisão Final
Victória Nantes Marinho Adorno

Diagramação e Projeto Gráfico
Breno Maia
Marcus Vinicius Diniz de Lima
Renan Dalago

Capa
Arian Iank

Editora Coletivo Cine-Fórum
www.editoracoletivocineforum.com.br

NOTA EDITORIAL

Esta obra reúne capítulos selecionados a partir das contribuições apresentadas no 6º Cine-Fórum UEMS: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate, organizados em eixos temáticos que refletem a proposta editorial desta publicação. Os textos passaram por rigoroso processo de seleção e preparação editorial, compondo uma coletânea voltada à difusão do conhecimento científico, cultural e artístico, bem como à promoção do diálogo entre diferentes perspectivas e áreas do saber. Trata-se de uma publicação digital da Editora Coletivo Cine-Fórum, cuja seleção de trabalhos foi conduzida por seu Conselho Editorial mediante avaliação cega por pares, sem o uso de Inteligência Artificial. As ideias, os conceitos, os dados, as opiniões e os textos apresentados nos capítulos desta obra, bem como sua exatidão, revisão ortográfica e adequação às normas técnicas, são de exclusiva e total responsabilidade de seus respectivos autores, não refletindo necessariamente a opinião do Conselho Editorial ou da Editora Coletivo Cine-Fórum.

Todos os direitos editoriais sobre a coletânea reservados à EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM
marca registrada
Goiânia, Goiás
editora@coletivocineforum.com
www.editoracoletivocineforum.com.br

Visando à inclusão e à ampla difusão do conhecimento, esta publicação digital possui suporte para navegação por leitores de tela e softwares de tecnologia assistiva desenvolvidos para pessoas cegas ou com baixa visão.

OPEN ACCESS
LIVRO DIGITAL GRATUITO
LICENÇA E ACESSO ABERTO

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando os termos da Licença Creative Commons Atribuição
Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fissuras da contemporaneidade [livro eletrônico] : corpo, política e discurso nas artes e na sociedade / organização André Rezende Benatti, Cleriston Raíque Jara da Costa, Marcus Vinicius Diniz de Lima. -- 1. ed. -- Goiás, GO : Coletivo Cine-Fórum, 2026.
PDF

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 978-65-83315-21-2

1. Antropologia 2. Filosofia 3. Sociedade 4. Sociologia I. Benatti, André Rezende. II. Costa, Cleriston Raíque Jara da. III. Lima, Marcus Vinicius Diniz de.

26-412567.0 CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia : Sociologia 301

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
08

MÉTRICAS DA (A)NORMALIDADE: UMA ANÁLISE DA LÓGICA MANICOMIAL A PARTIR DE *O ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS
Brender Augusto Moreira de Souza Vale
10

A POESIA DE APHRA BEHN, UMA VISÃO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER NO SÉCULO XVII
Maria Isabel S. L. D. Felix
Daniela Mantarro Callipo
34

BUGONIA: UMA REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA NO TEMPO PRESENTE
Albérico Araújo Sial Neto
52

CIRCULANTES, ARQUITETÔNICOS E OUTRA RUMA DE DISCURSOS SOBRE O SERTÃO
Francisco Heitor Pimenta Patrício
71

GEORGE FLOYD, COLIN KAEPERNICK E O FECHAMENTO DO ESPAÇO CIVIL
Fernando Lana Ferreira
Larissa Fonseca Diniz Freitas
88

NARRATIVAS NAS INFÂNCIAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO CONTRIBUTO NA CONSTITUIÇÃO HUMANA
Daiane de Melo Gava
Silvia Sell Duarte Pillotto
Eliana Stamm
108

O URBANISMO PÓS-NORMAL E A IA COMO EXOESQUELETO COGNITIVO: DIAGNÓSTICO DA ESQUIZOFRENIA SOCIOTÉCNICA NA CIDADE BAIXA
Alice Beatriz Scholz
Izabele Colusso
126

PRETA-RARA: VOZES DO SOFRIMENTO COMUM
Fernando Lana Ferreira
Larissa Fonseca Diniz Freitas
Josilayne Andrade de Souza
143

TRAUMA E NARRAÇÃO NO ROMANCE NÃO FALEI, DE BEATRIZ BRACHER
Rosicley Andrade Coimbra
159

PASOLINI, PIER PAOLO: DISSIDENTE E RADICAL
Murilo de Castro
Renan Dalago
176

ELVIS, THE PELVIS: CORPO, DESEJO E SEXUALIDADE NA EMERGÊNCIA DA CORPOREIDADE MIDIÁTICA DE ELVIS PRESLEY
Marina Dalton
Fabíola Calazans
190

SOBRE OS ORGANIZADORES
203

SOBRE OS AUTORES
205

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que apresentamos a obra *Fissuras da Contemporaneidade: Corpo, Política e Discurso nas Artes e na Sociedade*. Este livro nasceu do desejo de olhar com mais atenção para o mundo em que vivemos hoje. Passamos por transformações tecnológicas velozes, mudanças na forma como conversamos e observamo-nos em sociedade e o surgimento de novas e velhas formas de violência e exclusão. É diante disso que reunimos textos que usam a arte, a literatura, o cinema, a filosofia e as reflexões sobre a sociedade como ferramentas para nos ajudar a entender a nossa realidade.

O termo “fissura”, que dá nome a esse e-book, não significa apenas destruição ou algo que se quebra. Pensamos na fissura como uma fresta: uma abertura por onde conseguimos enxergar as contradições do nosso tempo e, ao mesmo tempo, imaginar caminhos de resistência e transformação.

Ao longo dos capítulos, convidamos você a perceber como o nosso corpo, as relações de poder e as formas como nos expressamos estão profundamente conectados. Parte dos trabalhos analisa como a ciência e a psiquiatria criaram regras rígidas sobre o que é considerado "normal" ou "anormal". Essa discussão mostra como a ideia de isolar, rotular e afastar o que é diferente continua presente nas nossas instituições e nas formas de cuidado em saúde mental. Da mesma forma, o livro traz estudos sobre a busca histórica das mulheres por autonomia e voz. Ao analisar textos e poesias que vêm desde o passado, os autores mostram a importância de questionar a objetificação do corpo feminino, assumindo o direito ao desejo, ao trabalho e à participação ativa na sociedade.

Outro ponto central deste volume é a reflexão sobre as fragilidades da democracia e as dificuldades de diálogo que enfrentamos atualmente. Com a expansão das redes digitais, dos algoritmos e das teorias da conspiração, a comunicação entre as pessoas parece cada vez mais difícil. Ao olhar para o cinema, para os produtos audiovisuais e para a vida na internet, as pesquisas indicam como o debate público se esgarçou, fazendo com que o respeito ao dissenso muitas vezes dê lugar à tentativa de silenciar ou anular quem pensa diferente. Isso afeta diretamente as nossas cidades, onde o espaço digital e o espaço físico se misturam, gerando novos problemas urbanos, perda da qualidade de vida e formas silenciosas de expulsão dos moradores.

A obra também traz para o centro do debate questões como o racismo estrutural, as violências cometidas pelo Estado e a precarização do trabalho. Os capítulos mostram os limites impostos aos direitos civis, o peso do preconceito

que recai sobre corpos negros e a falta de valorização vivida por trabalhadoras que sustentam os serviços essenciais de cuidado. Como resposta a esses cenários de dor, a memória e a criação artística surgem como caminhos fundamentais de reconstrução. Isso aparece no enfrentamento das marcas e traumas deixados por períodos de ditadura, na coragem de artistas que desafiam as regras dominantes e no cuidado com as experiências sensíveis da infância, que nos lembram da urgência de educar para o afeto, para a empatia e para a justiça social.

Organizar esta coletânea foi um exercício de aproximar áreas como Literatura, Psicologia, Ciência Política, Sociologia, Urbanismo e Educação, mostrando que esses conhecimentos ganham mais força quando dialogam entre si. Esperamos que esta leitura seja um convite instigante para refletir, questionar e agir diante das fissuras que marcam a sociedade contemporânea.

Os organizadores

MÉTRICAS DA (A)NORMALIDADE: UMA ANÁLISE DA LÓGICA MANICOMIAL A PARTIR DE *O ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS

Brender Augusto Moreira de Souza Vale

Maurício Campos

INTRODUÇÃO

A inserção nos serviços de saúde possibilita o contato direto com práticas de cuidado em saúde mental atravessadas por múltiplas contradições institucionais, nas quais discursos de acolhimento, promoção da saúde e cuidado integral coexistem com procedimentos normativos, medicalizantes e, por vezes, excludentes. Ao reconhecer os diferentes territórios, contextos e instituições de cuidado em saúde mental, torna-se evidente que o diálogo e a prática profissional ultrapassam a dimensão clínica e, ao mesmo tempo, não podem ser dissociadas das origens do modelo médico-higienista e de suas relações com as instituições.

Embora importantes avanços tenham sido conquistados com a Reforma Psiquiátrica brasileira e com a criação de políticas públicas orientadas pela atenção psicossocial, observa-se que tais conquistas permanecem recentes e estruturalmente vulneráveis. Essa fragilidade se evidencia no desmonte da Política de Saúde Mental e Atenção Psicossocial ocorrido com o avanço de governos neoliberais (2016-2022), marcados pela priorização de práticas hospitalocêntricas e pelo fortalecimento de instituições conservadoras, em detrimento dos princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira (Sartori *et al.*, 2025). Nesse sentido, as políticas de saúde mental permanecem à mercê das oscilações ideológicas e partidárias daqueles que ocupam o poder em determinado momento histórico.

Ademais, conforme aponta Oliveira (2024), na fase do capitalismo contemporâneo mundial, o Estado passa a operar na transformação das políticas sociais em produtos mercadológicos, seja por meio da privatização de empresas estatais, seja pela conversão de bens públicos em propriedade privada, lógica que também atravessa o campo da saúde. Assim, o metabolismo destrutivo do capitalismo em crise revela suas facetas mais perversas, manifestando-se no Brasil pelo ascenso do ultraneoliberalismo e do neofascismo nos últimos anos, aprofundando a mercantilização da vida e a precarização das políticas sociais, inclusive no campo da saúde mental (Costa; Silva, 2024).

É nesse contexto que nos aproximamos de uma potente ferramenta para a produção de sentidos sobre a experiência humana e para a interpretação da realidade social, articulada à linguagem, à imaginação, à resistência e à historicidade: a literatura brasileira.

Diante desse panorama, se torna relevante apresentar o autor, Joaquim Maria Machado de Assis, cuja uma de suas obras constitui o eixo central da análise proposta neste texto. Nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, proveniente de uma origem não burguesa, Machado enfrentou diversas limitações impostas por sua condição social e racial em um país ainda marcado pela escravidão e pela valorização da elite burguesa (El Fahl; Conceição, 2024).

O autor construiu uma importante trajetória intelectual, tornando-se o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo ao qual se dedicou até o fim da vida. Sua atuação jornalística exerceu papel central na aproximação com a literatura, permitindo que seus escritos expressassem os reflexos do cotidiano e das transformações da sociedade oitocentista (El Fahl; Conceição, 2024).

Sua obra *O Alienista*, ao satirizar a relação entre ciência, poder e loucura, oferece importantes elementos para problematizar a racionalidade psiquiátrica e seus efeitos sobre os sujeitos. Embora situada no século XIX, a narrativa machadiana expõe mecanismos de classificação, exclusão e controle que dialogam diretamente com práticas ainda observáveis no campo da saúde mental contemporânea, assim, capaz de tensionar os saberes científicos e revelar as dimensões políticas e sociais que atravessam as práticas de cuidado em saúde mental.

Diante disso, buscamos aqui analisar a lógica manicomial enquanto racionalidade histórica e classificatória, tomando a obra *O Alienista* como eixo analítico, a fim de compreender suas formas de reatualização em práticas contemporâneas de cuidado em saúde mental e seus atravessamentos.

Para tanto, busca-se contextualizar historicamente a constituição da psiquiatria moderna e da lógica manicomial, evidenciando seus fundamentos classificatórios na definição da normalidade e da loucura; analisar *O Alienista* como crítica à racionalidade psiquiátrica clássica, destacando elementos narrativos que expressam processos de patologização e normalização da vida; e articular a crítica presente na obra com práticas contemporâneas de saúde mental, problematizando a permanência da lógica manicomial e suas implicações ético-políticas para a atuação no cuidado à saúde mental.

A PSIQUIATRIA CLÁSSICA E A CONSTRUÇÃO DA LÓGICA MANICOMIAL

Para uma melhor compreensão do modo em que o discurso manicomial se consolidou e interferiu na forma em que a sociedade pensa e organiza as questões relacionadas à saúde mental, é importante retornar às origens das discussões acerca da loucura. A busca pela compreensão daquilo que escapava aos padrões de normalidade antecede em muitos séculos o surgimento da psiquiatria, a transição da loucura enquanto condição de patologia a ser tratada não ocorreu de forma imediata.

Na antiguidade, predominou-se uma explicação fundada em forças místicas e extra-humanas e, consequentemente, a práticas como exorcismos, punições e abandono social, voltadas mais à expulsão do mal do que ao cuidado. Henriques (2012) aponta que, neste tempo, a loucura não era tratada como doença, mas como manifestação de origem sobrenatural, atribuída à ação de espíritos ou possessões, o que pode ser observado inclusive em achados arqueológicos, como crânios perfurados, e em registros hebraicos, chineses e egípcios que reafirmavam essa concepção espiritual. Assim, a loucura era compreendida como uma falta de razão pertencente a outro mundo, justificando intervenções violentas e irracionais articuladas às crenças e a região.

Mais a frente, no período clássico, instaurou-se uma forma de internamento que se assemelhava à antiga exclusão dos leprosos na Idade Média, o vazio deixado por estes foi ocupado por novas personagens no mundo europeu: são os chamados ‘internos' (Foucault, 1978). Esse gesto ainda não se restringia a um ato médico, mas respondia a dinâmicas sociais, políticas, econômicas e religiosas, que não levavam os desviantes dos comportamentos ditos normais para outro fim, senão para a segregação. Contudo, no início do Renascimento, inicia-se um deslocamento significativo da percepção do que hoje viriam a ser chamadas de psicopatologias. Segundo Henriques (2012), no início do deste período, marcado por grande efervescência cultural e científica na Europa, a explicação demonológica da loucura começa a ser substituída por uma compreensão de base médica, esse movimento, apesar de não fundar ainda a psiquiatria, cria o terreno para a mudança que resultaria na instituição manicomial.

Nesse sentido, é no século XVII, que ocorre o maior marco: a transição da loucura de fenômeno sobrenatural para problema social, justificando o confinamento como estratégia de governo. A loucura passa a ser tratada como questão de exclusão

social, instituições de internação surgem por toda a Europa, não apenas para loucos, mas para todos os considerados desviantes da moral burguesa, tais como homossexuais, pobres, pessoas em situação de rua, desempregados e doentes venéreos (Henriques, 2012). Esses locais também ainda não possuíam finalidade médica, eram depósitos destinados a separar quem deveria ou não participar da sociedade capitalista em formação, quem estava apto ou não a contribuir com a mobilização do capital.

Foucault (1978) aprofunda esse argumento demonstrando o caráter essencialmente disciplinar da internação. O Hospital Geral foi antes de tudo uma "estrutura semijurídica, uma espécie de entidade administrativa que, ao lado dos poderes já constituídos, e além dos tribunais, decide, julga e executa." (Foucault, 1978, p. 57). Essa passagem marca o início da consolidação do que mais tarde será reconhecida como parte da lógica manicomial, um dispositivo de exclusão, separação moral e controle social travestido de cuidado.

Mais a frente, no final do século XVIII, iluminista, inaugura uma sensibilidade diferente, a loucura passa a ser tratada como um objeto da ciência, e não mais exclusivamente da religião ou da administração moral. Contudo, é profundamente atravessada por dispositivos disciplinares. O "tratamento moral" de Pinel, na França, consolidava o protagonismo médico e reorganizava o internamento, mas mantinha a lógica de contenção, classificação e normalização dos comportamentos (Amarante, 1996 *apud* Shimoguiri; Costa-Rosa, 2017).

Nesse contexto, é durante o século XIX, que a psiquiatria se institucionaliza definitivamente como campo médico, consolidando as perspectivas da psiquiatria clássica e sua função normativa. Emil Kraepelin desempenha papel central, desenvolvendo a psiquiatria como ciência classificatória, uma vez que é considerado o fundador da clínica psiquiátrica moderna e estabeleceu um sistema nosográfico que influenciou profundamente as abordagens posteriores (Henriques, 2012). A partir daí, a perspectiva manicomial se expande, se endurece e se desumaniza cada vez mais, se é que nela houve algum traço de humanidade, as terapias violentas ganham mais justificativas de avanços científicos, como a indução de comas, o eletrochoque sem anestesia e contenções extremas, legitimadas por uma psiquiatria que detinha total autoridade sobre corpos, comportamentos e sexualidades.

Masiero (2003) expõe que as psicocirurgias, como a leucotomia[1], se tornaram procedimentos normatizados e amplamente difundidos, resultando também em grandes premiações da época e um intenso intercâmbio entre neurologistas brasileiros e europeus, o que favoreceu a rápida circulação dessas práticas invasivas em território brasileiro. A técnica se expandiu, impulsionada pela busca de eficiência e pela crença de que qualquer redução de sintomas justificaria os danos causados, desaguando em mais procedimentos desumanos e analogos a tortura. Em 1937, Fiamberti desenvolveu um acesso ao córtex frontal pela órbita ocular, e entre 1942 e 1956, lobotomias e leucotomias foram amplamente aplicadas no Brasil, sendo precedidas por sucessivas sessões de eletrochoque até que o paciente perdesse a consciência (Masiero, 2003).

O caráter experimental dessa psiquiatria atingiu níveis extremos, incluindo cirurgias em para além de adultos. Os psiquiatras e neurocirurgiões defensores dessas práticas adotavam uma postura marcada pela falta de limites, realizando procedimentos até mesmo em crianças, as tratando como um 'material humano' ainda não deteriorado (Masiero. 2003, p. 562).

Todo esse percurso aqui traçado, anuncia os fundamentos da lógica manicomial que, apesar de suas diversas transformações, marcou profundamente a história da atenção à saúde mental. Há de percebermos que a lógica manicomial não surgiu de forma imediata, tão pouco se resume ao confinamento físico, ela foi e ainda está sendo construída, se articulando a um conjunto de práticas e discursos que produzem um ideal normativo de ser humano e de cuidado de acordo com à época. Assim, a constituição da perspectiva manicomial emerge a partir de um entrelaçamento entre ciência, moralidade, economia, política e tecnologias.

O SOFRIMENTO PSÍQUICO E O CUIDADO ÉTICO-INTENCIONAL

A psicologia se articula junto a esse panorama não apenas como um campo técnico de intervenção, mas como uma prática também historicamente situada, atravessada por questões éticas, políticas e sociais. Ao longo de sua constituição, diferentes modelos de cuidado em saúde mental foram legitimados a partir de

[1] O procedimento consistia na perfuração de dois orifícios no crânio, por meio dos quais se introduzia um instrumento cortante no tecido cerebral, que era então movimentado com o objetivo de seccionar as conexões entre os lobos frontais e o restante do cérebro. Posteriormente, o termo passou a ser utilizado como sinônimo de lobotomia (Prentice, 2021).

concepções específicas de sujeito, sofrimento e normalidade, o que implica reconhecer que a clínica psicológica não é neutra nem desprovida de intencionalidade. Nesse sentido, toda prática psicológica carrega implicações éticas e políticas, podendo tanto reproduzir dispositivos de controle, normalização e exclusão quanto possibilitar formas de cuidado comprometidas com a autonomia, a subjetividade e a vida em sua ampla diversidade.

Nesse contexto, partimos da compreensão de que o sofrimento psíquico não pode ser reduzido a explicações individualizantes ou naturalizantes. O desenvolvimento humano e os processos de adoecimento são mediados socialmente, estando intrinsecamente relacionados às condições materiais de existência. O sofrimento não se constitui fora da história nem das relações sociais, sendo atravessado por fatores como trabalho precarizado, desigualdades de classe, racismo estrutural, machismo, violência de gênero e LGBTQIAPN+fobia (Aita; Facci, 2024).

A Psicologia, quando ignora tais fatores, tende a individualizar e culpabilizar os sujeitos pelo sofrimento que vivenciam. Fenômenos humanos complexos passam a ser interpretados como disfunções intrínsecas ao indivíduo, sendo classificados e diagnosticados como transtornos mentais, enquanto o tratamento predominante se ancora, muitas vezes, em respostas médico-farmacológicas que atribuem ao sujeito total responsabilidade pelo êxito ou fracasso terapêutico (Aita; Facci, 2024).

As críticas aqui articuladas, contudo, não significam uma postura negacionista acerca da existência dos transtornos mentais, tão pouco de desconsideração da importância dos diagnósticos e dos medicamentos. Trata-se, antes, de questionar a lógica manicomial e patologizante que, consequentemente, desaguam em construções e leituras acríticas, simplistas e descontextualizadas dos diagnósticos e das intervenções. Como aponta Vigotski (2022), seria absurdo supor que a mera somatória mecânica dos sintomas seja suficiente para proporcionar um diagnóstico científico. Para o autor, a pessoa cujo desenvolvimento se relaciona a alguma deficiência ou adoecimento não é simplesmente menos desenvolvida, mas desenvolvida de outro modo, o que exige uma compreensão qualitativa do processo, e não apenas sua quantificação. Nesse sentido, instrumentos diagnósticos que se limitam a mensurar prejuízos e capacidades não evidenciam as particularidades do sofrimento nem suas determinações históricas e sociais (Silva, 2022).

A efetiva compreensão do sofrimento psíquico parte da articulação com a materialidade da vida. Embora o processo de saúde e doença não revele de forma imediata sua origem social, estabelecendo-se uma relação complexa entre essência e aparência, é fundamental reconhecer que o sofrimento é construído nas mediações concretas da existência (Aita; Facci, 2024). Essa compreensão exige que a Psicologia se constitua como prática interventiva, comprometida não apenas com a descrição e classificação de sintomas, mas com a transformação das condições que produzem sofrimento. Concordamos com Basaglia (1985) na perspectiva de que ao aceitarmos docilmente o mandato de adaptar os indivíduos a uma ordem social excludente, corremos o risco de nos tornarmos agentes da violência do poder, reproduzindo práticas terapêuticas que, na realidade, resolvem conflitos sociais adaptando a eles suas vítimas. Assim, distancia-se do potencial emancipador da Psicologia e se aproxima de uma opressiva e alienante.

Ademais, o sofrimento do chamado "doente mental" não se restringe à sua experiência subjetiva, mas se amplia em função do tratamento social que recebe, marcado por processos de coisificação, institucionalização e violência manicomial (Basaglia, 2010 *apud* Lima, 2023). Dessa forma, podemos potencializar a ideia de que a perspectiva manicomial pode se reproduzir mesmo fora dos muros do manicômio, na medida em que práticas clínicas desprovidas de escuta, acolhimento e reconhecimento da singularidade tendem a reiterar a exclusão e o silenciamento.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível reconhecer a contradição histórica da Psicologia, que, ao mesmo tempo em que se apresenta como ciência comprometida com o desenvolvimento humano, revela-se, na prática concreta, subordinada às necessidades da ordem burguesa, contribuindo para a adaptação e normatização dos indivíduos ao sistema capitalista (Alvares; Morais, 2025). Assim, se reforça a necessidade de uma Psicologia comprometida com a transformação social, que tome como foco as necessidades, potencialidades e experiências dos sujeitos historicamente oprimidos (CREPOP, 2007).

O DIÁLOGO COM A LITERATURA BRASILEIRA

O Alienista, de Machado de Assis, compreende-se como uma importante escrita para problematizar e relacionar com o processo histórico de constituição da racionalidade científica e de seus mecanismos de normalização e exclusão. A novela

publicada primeiramente em 1882 no Papéis Avulsos, constitui uma sátira sobre a relação entre a ciência, a política e o ser humano. Ambientada em Itaguaí, interior do Rio de Janeiro, a narrativa acompanha o famoso médico Simão Bacamarte, reconhecido inclusive pela Coroa portuguesa, que decide dedicar-se integralmente ao estudo da psiquê humana. Acreditava que por meio da razão científica tudo poderia ser explicado, definido, classificado e, consequentemente, curado com precisão e, assim, poderia ter-se descritivamente os limites entre a sanidade e a loucura. Entretanto, o que inicialmente se apresentou como um projeto de avanço científico logo se caminhou para outros rumos à medida que *O Alienista* ampliava seus critérios diagnósticos.

Para analisar o texto literário articulado com documentos, normativas e publicações acadêmicas vinculadas ao discurso patologizante e a atenção à saúde mental, adotou-se a Análise de Conteúdo, cuja pertinência se justifica pelo fato de permitir examinar sistematicamente elementos que, à primeira vista, podem parecer dispersos (Bardin, 2016). Além disso, Bardin (2016) enfatiza que, em abordagens que concebem o sujeito como ativo na produção do conhecimento, a Análise de Conteúdo se torna não apenas possível, mas necessária, pois requer sensibilidade teórica do investigador para relacionar elementos e produzir interpretações que ultrapassem a mera descrição.

A operacionalização da Análise de Conteúdo seguiu as três fases clássicas propostas por Bardin (2016): na etapa de pré-análise, nos orientamos pelos objetivos da investigação, a partir dos quais se realizou a seleção do material empírico, constituído pela obra machadiana. Nessa fase, procedeu-se à leitura flutuante do texto literário, bem como ao fichamento de trechos considerados relevantes para a análise, organizando-se o corpus de acordo com os eixos temáticos centrais do estudo. Em seguida, na fase de exploração do material, realizou-se a codificação dos trechos selecionados por meio de análise temática, com a atribuição de códigos que permitiram identificar regularidades, sentidos recorrentes e núcleos de significado presentes na narrativa, resultando na construção de eixos e categorias. Por fim, na fase de tratamento dos resultados, procedeu-se à análise propriamente dita, por meio da inferência e interpretação dos dados à luz da teoria, articulando os achados da análise literária com a discussão histórica, política e crítica da lógica manicomial no campo da saúde mental.

O ALIENISTA COMO METÁFORA DA PSIQUIATRIA CLÁSSICA

Ao narrar a trajetória de Simão Bacamarte e a criação da Casa Verde, Machado antecipa a representação literária da autoridade psiquiátrica, bem como os elementos centrais da constituição da psiquiatria enquanto saber legitimado. Tal como Pinel em Bicêtre, Bacamarte é apresentado como um reformista, alguém que, sob o discurso do progresso científico e da humanização do tratamento, inaugura uma nova perspectiva sobre a loucura. Conforme destaca Henriques (2012), com a criação da Casa Verde, Simão Bacamarte confere aos considerados loucos, que antes eram trancafiados em sua própria casa, um tratamento visto como digno e científico, alinhado ao ideário reformista que marcou o nascimento da psiquiatria clássica.

Essa aparente ruptura com práticas de cuidados anteriores, no entanto, não elimina o caráter de controle que atravessa o novo tratamento, pelo contrário, há de se perceber o cuidado e a contenção articulados de maneira indissociável. Nesse sentido, Ribeiro (2016) chama atenção para o fato de que, na realidade, o tratamento esteve, por longo tempo, profundamente relacionado ao controle físico do interno, de modo que os argumentos terapêuticos e os de contenção do risco social não podem ser compreendidos separadamente. Essa ambiguidade, também presente na Casa Verde, expõe que embora se apresente como espaço científico e racional, opera como dispositivo de confinamento e gestão da diversidade, legitimado pelo discurso do cuidado que aqui ainda será explorado.

Sustentado por um cientificismo que se apresenta neutro e universal, o médico retratado na obra machadiana escolhe sua esposa não por afeto, mas por critérios estritamente biológicos e racionais, Simão Bacamarte explica que D. Evarista: "reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes." (Assis, 1994, p.5). A vida, o gênero, o corpo e os afetos são subordinados à lógica científica, antecipando uma racionalidade que reduz o humano a objeto.

Esse movimento se intensifica quando Bacamarte se volta inteiramente ao estudo da loucura: "A ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas" (Assis, 1994, p.6), e Machado completa narrando que "nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou

especialmente a atenção,—o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral" (Assis, 1994, p.6). A loucura passa a ser tomada como objeto privilegiado do saber clínico, desvinculada de suas dimensões sociais, simbólicas e históricas, e reescrita como patologia do indivíduo.

A centralidade do cientificismo que atravessa a atuação de Bacamarte e a expansão da descrição das psicopatologias dialoga diretamente com o pensamento positivista de Auguste Comte, cuja formulação influenciou profundamente a constituição das ciências modernas. Conforme Junior (1980), o positivismo sustenta a ideia de que apenas os fatos observáveis e verificáveis pela experiência sensível são cognoscíveis, atribuindo à ciência um estatuto de verdade absoluta. Nessa perspectiva, o desenvolvimento moral, cultural e social estaria condicionado ao livre desenvolvimento das faculdades individuais, compreendidas de maneira abstrata e descoladas das determinações históricas e sociais (Junior, 1980).

O saber clínico de caráter descritivista constitui-se como um lugar que se reivindica detentor da verdade científica, assumindo, assim, a autoridade para definir os limites entre razão e loucura. Nessa perspectiva, Machado evidencia a racionalidade que sustenta tal saber ao afirmar que: "Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes." (Assis, 1994, p. 80). Essa lógica classificatória e pretensamente objetiva é encarnada na figura de Simão Bacamarte, que explicita sua empreitada ao declarar:

> O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade (Assis, 1994, p. 11).

A pretensão de contribuição à humanidade classificando, hierarquizando e encontrando um remédio universal nos leva a uma convergência com a lógica fundante da psiquiatria clássica, baseada na crença de que a complexidade da experiência humana pode ser reduzida a categorias diagnósticas estáveis. A partir da crítica ao conceito de norma, compreendido não como um dado objetivo, mas como uma abstração construída a partir de médias estatísticas e atravessada por inúmeras variações e desvios, torna-se evidente a impossibilidade de estabelecer fronteiras

precisas entre o normal e o anormal, já que tais limites não existem de forma concreta na realidade (Vigotski, 1924/2010 *apud* Bianchi, 2023).

Esse entendimento permite analisar como a Psiquiatria Clássica, metaforizada em *O Alienista*, opera por meio de critérios arbitrários e historicamente situados, convertendo diferenças em patologias. A loucura não pode ser compreendida como um fenômeno isolado ou abstrato, mas como uma experiência social e histórica, inscrita nas contradições do capitalismo e atravessada pela luta de classes, sem as quais qualquer análise concreta se torna limitada (Lima, 2023).

Ademais, o fenômeno expansivo fez com que em certo momento Itaguaí inteira fosse recolhida. Não havia praticamente ninguém que não manifestasse algum sintoma, alguma mania, algum desvio (Assis, 1994). A partir daqui, a loucura deixa de ser exceção e passa a se confundir com a própria vida social, evidenciando o risco de uma ciência que, ao buscar normalizar, modifica e amplia seus critérios de desvio, sobrepondo-se a qualquer sinal de subjetividade dos sujeitos.

Dessa forma, há de relacionarmos com a perspectiva de Kraepelin que, como exposto anteriormente, promoveu a psicopatologia descritiva e estabeleceu categorias diagnósticas rígidas (Martinhago; Caponi, 2019). Processo ao qual se expande até chegada do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que, de sua primeira versão com apenas 182 diagnósticos (Dunker, 2015), evoluiu para mais de 300 subdivisões diagnósticas em sua quinta versão. Entre elas, encontram-se elementos da vida social, como pobreza e conflitos familiares, convertidos em patologias (Martinhago; Caponi, 2019). Essa proliferação de diagnósticos não apenas patologiza a existência, mas também reduz a complexidade histórica, social e cultural dos sofrimentos psíquicos.

A radicalização da frágil e flexível perspectiva de normatividade é nítida quando Bacamarte redefine os critérios de sanidade, ao afirmar que o espírito humano é uma vasta concha e, seu trabalho, é extrair a pérola, que é razão. Sendo possível definir os "limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia (Assis, 1994, p.25). Posteriormente, o próprio critério se inverte: depois de estudar longamente os seus enfermos, concluiu que não eram eles os verdadeiros loucos, mas sim os outros, os que ficavam de fora, começando a encher novamente a Casa Verde. (Assis, 1994).

A naturalização do discurso clínico e sua legitimação social são elementos centrais nessa dinâmica. A opinião pública curvou-se diante dO Alienista, bastou-lhe afirmar que seus estudos eram infalíveis, e que ele possuía o segredo da insanidade (Assis, 1994). O saber psiquiátrico se impõe sem questionamento, sustentado por um imaginário social que associa ciência à verdade incontestável. O saber psiquiátrico tanto se consolida e se insere que, consequentemente, há a aceitação e a passividade, como demonstra a postura de D. Evarista que: "achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura." (Assis, 1994, p. 37).

Essa confiança irrestrita no saber médico dialoga com processos mais amplos de patologização da vida. Langdon e Wiik (2010) destacam que os sistemas de atenção à saúde estão profundamente imbricados com a cultura, os símbolos e as relações de poder de uma sociedade, o campo médico é naturalizado como portador de uma verdade universal, afastando-se de saberes culturalmente situados e legitimando práticas que definem, classificam e explicam o que é considerado doença. Nesse sentido, a psiquiatria não se limita ao espaço institucional, mas dissolve-se no social, como afirma Silveira (2015), operando na definição de normas, condutas e modos de existência aceitáveis.

CASA VERDE: EXCLUSÃO E CONTROLE SOB DISCURSOS DE CUIDADO

A Casa Verde de Itaguaí opera de modo possível a observar a materialização da lógica manicomial e seus atravessamentos. Somado a isso, há de se perceber que embora o hospício seja o espaço institucional central de consolidação da lógica, é também na relação entre a vila, seus habitantes e o saber médico que se evidenciam os modos sutis e cotidianos de exclusão e controle, sempre atravessados por um discurso que se apresenta como cuidado, ciência e proteção social. Machado de Assis constrói uma narrativa perceptível fora da ficção uma vez que, indubitavelmente, o poder psiquiátrico não se impõe por via exclusivamente da força, mas também por meio da naturalização de suas práticas, de modo a estabelecer-se uma aceitação e legitimação de falas e ações violentas "justificáveis".

O trabalho de Simão Bacamarte, assim como as práticas desumanas de "cuidado em saúde mental" que caminham junto à ciência positivista, é descrito como

minucioso, metódico, cuidadoso e exaustivo, conferindo à sua atuação um caráter de seriedade que dificulta qualquer contestação:

> começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa (...) E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regímen, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos (Assis, 1994, p. 15).

O cuidado, na Casa Verde, se relaciona com a vigilância, e a escuta da vida do sujeito aproxima-se de um tratamento moral em paralelo à dita prática terapêutica.

Esse movimento se encontra latente no processo histórico de institucionalização da psiquiatria no Brasil. A inauguração do Hospício de Pedro II, em 1852, primeiro estabelecimento destinado aos alienados da Corte e das províncias, marcou a consolidação da psiquiatria como saber autorizado a gerir a loucura (Ribeiro, 2016). Desde sua origem, esse saber esteve profundamente articulado à preocupação com o cuidado à ordem urbana, sendo atribuído aos médicos o papel de segregar aqueles considerados desviantes, especialmente os pobres que circulavam pelas ruas. A psiquiatria, aliada a instituições como a polícia, passou a perseguir e recolher indivíduos classificados como alienados, tornando o acesso ao hospício não apenas facilitado, mas provável para qualquer pobre desviante (Ribeiro, 2016). Em Itaguaí, essa lógica se expressa na facilidade com que sujeitos são capturados pelo olhar médico, muitas vezes por comportamentos banais ou modos de vida que escapam à norma.

Machado explicita esse processo ao narrar a patologização de condutas cotidianas:

> Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, OS fabricantes de charadas, de anagramas, OS maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários dO Alienista (Assis, 1994, p. 66).

O que se observa é a ampliação progressiva do campo da loucura, na qual práticas simples passam a ser interpretadas como sinais patológicos, legitimando intervenções que se apresentam como cuidado, mas operam como exclusão e controle. O discurso do cuidado aparece de forma explícita na própria justificativa de Bacamarte para suas ações. Dizia ele que não prendia ninguém, mas curava. E se alguém ousava protestar, respondia que a ciência não consultava caprichos individuais (Assis, 1994). A negação da violência é central para a eficácia do controle. A ampla percepção difundida seria de que o que *O Alienista* fazia não se tratava de prender, mas de tratar, não se tratava de excluir, mas de cuidar. As práticas de contenção e restrição de liberdade justificadas em nome da saúde e da proteção.

Machado de Assis amplifica esse processo ao narrar casos como o de Costa, cidadão estimado que, após distribuir sua herança sem juros, é recolhido à Casa Verde, ou do homem excessivamente polido, cuja sociabilidade intensa passa a ser considerada patológica. Até mesmo D. Evarista, esposa dO Alienista, é recolhida sob o argumento científico de cuidado uma vez que seu comportamento não estava de acordo com o ideal de modéstia esperado: "Era evidente a demência: recolhi-a logo." (Assis, 1994, p. 68-69).

No campo contemporâneo, práticas semelhantes são identificadas nas comunidades terapêuticas inspecionadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) junto ao Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MMPCT), à Procuradoria Federal dos Direitos Humanos (PFDC) e ao Ministério Público Federal (MPF). O relatório evidencia que tais instituições operam como espaços de asilamento, com restrições severas à livre circulação, isolamento geográfico, impedimento de saída, punições por tentativa de fuga, retenção de documentos e pertences, além de práticas de internação forçada por meio de "resgates" violentos, que violam a legislação vigente e podem, em diversos casos, configurar sequestro e cárcere privado (CFP, 2018). Ainda que justificadas como cuidado e recuperação, essas práticas reiteram a lógica manicomial sob novos tempos e roupagens.

A exclusão também se expressa na repressão de identidades e modos de existir. As inspeções revelaram desrespeito à diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, com associações entre sexualidade e pecado em instituições de orientação religiosa (CFP, 2018). Trata-se de um controle moral que atravessa o corpo e a

subjetividade, reafirmando padrões normativos sob o discurso da saúde e do cuidado. A história brasileira também evidencia que essas práticas sempre estiveram articuladas a processos mais amplos de criminalização da pobreza e gestão das populações consideradas indesejáveis disfarçados de proteção. A psiquiatria teve papel central na redefinição dos fundamentos do direito de punir, especialmente a partir do discurso criminológico positivista, que difundiu a ideia de que determinados sujeitos não deveriam gozar dos mesmos direitos em razão de uma suposta incapacidade psicológica (Rauter, 2016).

As consequências dessa racionalidade se materializam de forma extrema, mas não rara, no Hospital Colônia de Barbacena, descrito por Arbex (2013), no qual milhares de pessoas foram privadas de sua identidade, submetidas a condições degradantes, torturas, choques elétricos e mortes sistemáticas, muitas delas sem qualquer diagnóstico psiquiátrico. O cuidado, mais uma vez, operou como justificativa para o extermínio físico e mental de populações marginalizadas.

DE ITAGUAÍ A BARBACENA: A POLÍTICA MANICOMIAL

As descrições contemporâneas dos hospitais psiquiátricos feitas por Melo (2025) apresentam a permanência simbólica dessa lógica manicomial. O apagamento das manifestações simbólicas, a padronização dos corpos e a atmosfera marcada pela segregação e pela morte indicam que, apesar das transformações históricas, os fundamentos da exclusão permanecem ativos. A loucura continua sendo tratada como desvio a ser corrigido, e não como experiência humana situada socialmente. Como afirma Silveira (2015), a loucura acontece entre os homens, na sociedade; o louco é aquele que não se adapta à ordem social vigente.

A Casa Verde, apresentada como "novo templo da ciência", inaugurou-se sob o signo do progresso e da promessa de restituição do equilíbrio. Para enfatizar o clamor público sobre o local, Machado diz: "A Casa Verde foi inaugurada com pompa. Parecia um palácio. A cidade inteira acudiu a ver o novo templo da ciência. Simão Bacamarte explicou ao povo que ali se trataria dos loucos, para os restituir ao perfeito equilíbrio." (Assis, 1994, p. 9).

O que se apresenta é a constituição de um dispositivo que ultrapassa os muros físicos da instituição e passa a reorganizar a própria vida social de Itaguaí. À medida que a Casa Verde se expande, amplia-se também o alcance do olhar. "De todas as vilas

e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. […] Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação." (Assis, 1994, p. 56). Essa promessa de equilíbrio, no entanto, oculta o que Amarante (2007) define como um processo social complexo, no qual a saúde mental não é um sistema fechado, mas um campo atravessado por ideologias e relações de poder.

O Alienista de forma isolada não conseguiria realizar tamanho encarceramento, assim como, fora da ficção, há de considerarmos que a perspectiva manicomial não se consolida de forma unilateral por parte dos(as) profissionais da psiquiatria. Na constituição histórica do alienismo no Brasil, o saber psiquiátrico se constrói a partir de uma rede de atores, interesses e expectativas sociais. O discurso clínico não atua sozinho, mas dialoga com demandas morais, políticas e econômicas, sendo incorporado pela própria população, que passa a compartilhar critérios de normalidade e perigo (Ribeiro, 2016).

Junto a isso, a mercantilização da loucura é outro eixo que liga a Casa Verde às políticas institucionais. Se em Itaguaí a proposta de Bacamarte previa um valor pago pela Câmara para o tratamento dos alienados, na realidade brasileira, o lucro sobre o corpo segregado atingiu níveis extremos. Arbex (2013) denuncia que, entre 1969 e 1980, o Colônia vendeu 1.823 cadáveres para faculdades de medicina sem qualquer autorização familiar, alimentando uma indústria que transformava o "indigente" em mercadoria. Mesmo após a morte, o descaso persistia no Cemitério da Paz, onde 60 mil mortos foram enterrados em covas rasas (Arbex, 2013).

Ademais, o crescimento exponencial das instituições de sequestro social é um ponto de convergência entre a narrativa de Assis e a realidade de Barbacena descrita por Daniela Arbex:

> De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete (Assis, 1994, p. 56).

Essa expansão desmedida, movida por uma coleta desenfreada, assemelha-se ao que ocorreu no Colônia, onde, em 1930, a superlotação já desenhava uma história de horror. Arbex (2013) relata que o hospital, projetado para duzentas pessoas, chegou a abrigar cinco mil, levando à substituição de camas por capim, o "leito chão", sob a

justificativa oficial de economizar espaço para acolher "mais e mais infelizes", e devido a “efetividade” da prática, o governo local sugeriu a sua aplicação em outros hospitais.

A articulação entre ciência e poder político se explicita quando a Casa Verde passa a ser reconhecida como instituição pública, imune às críticas e às revoltas populares. Mesmo diante da acusação direta: “—A Casa Verde é um cárcere privado” (Assis, 1994, p. 34), prevalece a decisão de que “a ciência não podia ser emendada por votação administrativa” (Assis, 1994, p. 43). A proposta de recolher todos os loucos, mediante financiamento público, reforça o vínculo entre alienismo e gestão estatal do desvio, antecipando uma lógica que se tornaria estrutural no sistema manicomial brasileiro.

Ainda no que se refere às determinações políticas do contexto, Machado evidencia a utilização estratégica do poder institucional como mecanismo de autopreservação das elites locais, ao narrar que “o vereador Freitas propôs também a declaração de que, em nenhum caso, fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados (...)” (Assis, 1994, p. 74). A realidade de Itaguaí era atravessada por relações de poder que definiam quem poderia ou não ser capturado pelo dispositivo da loucura. Essa seletividade revela o caráter político da psiquiatria nascente, na qual a classificação e o enclausuramento funcionavam resguardando determinados grupos e expondo outros à violência institucional.

A resistência a esse modelo pode ser exemplificada por figuras como Nise da Silveira, que se opôs às concepções higienistas e eugênicas dominantes, sendo inclusive detida em razão de sua postura considerada “subversiva” (Melo, 2009). Na história, Canjica, apelido do barbeiro Porfírio, foi o líder da revolta contra Simão Bacamarte e a Casa Verde, demonstrando resistência à perspectiva cientificista. Sua recusa em recuar diante dO Alienista foi marcada pela ordem: "Não pedimos nada, replicou fremente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão" (Assis, 1994, p. 48) Tal percurso evidencia que o enfrentamento da lógica manicomial não se limita à promulgação de normas ou reformas institucionais, mas implica uma transformação profunda das formas de pensar, sentir e se relacionar com a diferença.

Conforme adverte Amarante (2007), ao afirmar que a construção da cidadania exige mudanças estruturais nas mentalidades e nas relações sociais, nesse sentido

figuras como Nise e Porfírio cooperam no tensionamento da perspectiva vigente e potencializam a transformação estrutural. Ainda em relação ao sofrimento, a transformação e a materialidade, cabe retornar a Marx (2013 *apud* Costa, 2023), no qual expõe que o capital não tem consideração pela saúde e pela vida, a não ser quando forçado pela sociedade.

Os relatos históricos sobre Barbacena evidenciam que o manicômio foi engrenagem funcional de um sistema que articulava interesses econômicos, políticos e científicos. A objetificação da loucura, denunciada em diferentes momentos da história, demonstra que o modelo manicomial se sustenta também pela exploração da exclusão, seja pela internação em massa, seja pela apropriação dos corpos e pela violação sistemática de direitos (CFP, 2018).

A permanência dessa racionalidade pode ser observada, ainda, nas formas contemporâneas de institucionalização, como as comunidades terapêuticas, frequentemente financiadas com recursos públicos e marcadas por práticas coercitivas e violadoras (CFP, 2018). Ao final da narrativa, Bacamarte recolhe a si mesmo à Casa Verde, declarando reunir "em mim mesmo a teoria e a prática" (Assis, 1994, p. 87), Machado de Assis expõe o esgotamento da racionalidade manicomial, incapaz de perceber o sujeito em sua totalidade e singularidade, esses que estão para além de uma classificação nosológica. A morte dO Alienista, "sem ter podido alcançar nada" (Assis, 1994, p. 87), simboliza o forte fracasso de um projeto que pretendeu reduzir a complexidade da vida humana a categorias fixas e universais.

PARA ALÉM DE MERO RECURSO LITERÁRIO

Com base na caminhada construída ao longo deste trabalho, torna-se possível afirmar que a lógica manicomial, longe de constituir um fenômeno restrito ao passado ou aos muros dos antigos hospícios, permanece operante, ainda que sob novas formas, discursos e institucionalidades. A leitura de *O Alienista*, de Machado de Assis, mostrou-se potente não apenas como recurso literário, mas como uma chave crítica capaz de revelar as engrenagens que, sob o pretexto do cuidado, produzem exclusão, sofrimento e morte.

Ao acompanhar a trajetória de Simão Bacamarte e a expansão da Casa Verde, foi possível evidenciar como a racionalidade científica, quando desvinculada de uma ética comprometida com a vida concreta e com as condições sociais de existência, se

transformam em instrumento de violência. A obsessão pela classificação, pela definição rígida de normalidade e pela busca de um suposto equilíbrio se articulam com os fundamentos da psiquiatria clássica e com a constituição histórica da lógica manicomial. Machado antecipa, de forma satírica e precisa, os riscos de uma ciência que se abraça no discurso da neutralidade e universalidade.

Trata-se, antes, de uma lógica que atravessa discursos, práticas e políticas, manifestando-se tanto em instituições quanto em intervenções cotidianas que individualizam o sofrimento, desconsideram suas determinações sociais e responsabilizam os sujeitos por dores produzidas coletivamente. Nesse sentido, de Itaguaí a Barbacena, a análise revelou uma continuidade histórica marcada pela naturalização da exclusão e pela legitimação da violência sob o discurso do cuidado.

Reforça-se que a Psicologia pode ser tanto reprodutora de lógicas manicomiais quanto uma prática ética comprometida com a vida, a depender da intencionalidade que orienta sua atuação. Rever a prática psicológica, portanto, não é um pequeno detalhe, mas condição fundamental para a construção de uma política de saúde mental efetivamente comprometida com o cuidado, a dignidade e a emancipação dos sujeitos. Ao mesmo tempo, tencionamos e (re)afirmamos que a Psicologia não ocupa um lugar neutro nesse cenário. Como prática social e historicamente situada, ela pode tanto reproduzir a lógica manicomial quanto se constituir como ferramenta de resistência e transformação. O cuidado em saúde mental não se trata de adaptar o indivíduo a uma ordem social adoecida, mas tensionar as condições que produzem sofrimento e exclusão, percebendo os sujeitos dotados de potencialidades.

Diante do atual contexto brasileiro, marcado por retrocessos nas políticas de saúde mental, pelo fortalecimento de práticas hospitalocêntricas e pela mercantilização do cuidado, retomar essas discussões torna-se urgente. A fragilidade das conquistas da Reforma Psiquiátrica mostra que é preciso vigilância constante, posicionamento crítico e compromisso ético. Nesse sentido, este texto não pretende encerrar o debate, mas contribuir para sua continuidade. Ao revisitar *O Alienista* e articulá-lo com a história e a realidade dos cuidados em saúde mental, buscou-se reafirmar a importância de uma Psicologia comprometida com a vida e suas diversas formas de vivê-lá e, radicalmente, com a liberdade e a humanidade.

REFERÊNCIAS

AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. Psicoterapia: possibilidades de atuação do psicólogo a partir da psicologia histórico-cultural. In: FACCI, M. G. D.; MARINO FILHO, A.; FIRBIDA, F. B. G. S. (Org.). **Pesquisas e práticas sobre o sofrimento e o adoecimento com fundamentos na psicologia histórico-cultural.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2024. p. 82–102.

ALVARES, Lucas Oliveira; MORAIS, Mariana dos Santos. **Alienação, psiquismo e capitalismo dependente: reflexões iniciais a partir de Vigotski e Marini.** Parnaíba: Editora Terra sem Amos, 2025.

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo, SP: FTD, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASAGLIA, Franco. As instituições da violência. In: BASAGLIA, Franco (coord.). **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico.** Tradução de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 99–133.

BIANCHI, Bruno. Psicologia soviética e psicopatologia experimental: busca por uma compreensão materialista-dialética da loucura. In: COSTA, Pedro Henrique Antunes da (Org.). **A loucura e o marxismo**. São Paulo: Lavrapalavra, 2023. p. 153–229.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Nova Friburgo, v. 20, n. 43, p. 98–111, 2021. Disponível em: https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347. Acesso em: 30 dez. 2025.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS.** Conselho Federal de Psicologia (CFP). Brasília, CFP, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA *et al*. **Relatório da Inspeção Nacional em**

Comunidades Terapêuticas – 2017. 1. ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2018. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Relat%C3%B3rio-da-Inspe%C3%A7%C3%A3o-Nacional-em-Comunidades-Terap%C3%AAuticas.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da. Marx e o caráter (ou determinação) social da loucura. In: COSTA, Pedro Henrique Antunes da (org.). **A loucura e o marxismo.** São Paulo: LavraPalavra, 2023.

COSTA, R. O. da; SILVA, A. X. da. A política de saúde mental e drogas no Brasil em tempos ultraneoliberais. **Em Pauta:** teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 22, n. 54, p. 54–67, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.12957/rep.2024.80190. Acesso em: 23 jan. 2026.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

EL FAHL, A. de O. F.; CONCEIÇÃO, D. S. da. Machado cronista: autor de um tempo sem tempo. **Revista Légua e Meia**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2024. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/5784. Acesso em: 15 jan. 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia clínico-comunitária.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

HENRIQUES, Rogério Paes. **Psicopatologia crítica: guia didático para estudantes e profissionais de psicologia**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

JÚNIOR, João Ribeiro. Pensamento Liberal e Positivismo. **Reflexão**, v. 5, n. 17, 1980. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/10958. Acesso em: 15 jan. 2026.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Anthropology, health and illness: an

introduction to the concept of culture applied to the health sciences. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 459–466, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023. Acesso em: 27 jan. 2026.

LIMA, Dassayeve Távora. A loucura na sociedade de classe. In: COSTA, Pedro Henrique Antunes da (org.). **A loucura e o marxismo**. São Paulo: LavraPalavra, 2023.

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Breve história das classificações em psiquiatria. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar,** Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 74–91, jan./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n1p73. Acesso em: 5 ago. 2025.

MASIERO, André Luiz. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 549–572. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Lg63Lg8vPjHT4v3TLvYmpyG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 ago. 2025.

MELO, Walter. **Nise da Silveira: liberdade, atividade, afetividade**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2025. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2025/12/Nise_Silveira_web-1.pdf. Acesso em: 18 dez. 2025.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41432. Acesso em: 1 fev. 2026.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. Saúde mental no Brasil em tempos de pandemia e neoliberalismo: retrocessos e resistências. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 31, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702024000100017. Acesso em: 24 jan. 2026.

PRENTICE, C. Lobotomia, o polêmico procedimento no cérebro que era considerado "mais fácil do que tratar uma dor de dente". **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-56147209. Acesso em: 30 jan. 2026.

RAUTER, Cristina. Por que o manicômio ainda existe? In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Louco infrator e o estigma da periculosidade.** Brasília: CFP, 2016. p. 44–61.

RIBEIRO, Daniele Corrêa. Ciência, caridade e redes de sociabilidade: o Hospício de

Pedro II em outras perspectivas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1153–1167, out./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QkxPLxNK8pTFhkKtcLfHmDj/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 27 dez. 2025.

SARTORI, E. M. O.; SANTOS, G. R.; SILVA, G. C.; CORADASSI, C. E. Uma análise de conjuntura recente da Política Nacional de Saúde Mental e Atenção Psicossocial no Brasil (2019–2024). **Revista Convergência,** v. 18, n. 6, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.55905/revconv.18n.6-225. Acesso em: 24 jan. 2026.

SHIMOGUIRI, A. F. D. T.; COSTA-ROSA, A. DA. Do tratamento moral à atenção psicossocial: a terapia ocupacional a partir da reforma psiquiátrica brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. 63, p. 845–856, out. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0202. Acesso em: 10 out. 2025.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia soviética.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2022. 254 p.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. Pinel e o nascimento do alienismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 540–560, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n2/v19n2a12.pdf. Acesso em: 20 out. 2025

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Obras completas. **Tomo cinco: fundamentos de defectologia.** Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022. Disponível em: https://editora.unioeste.br/index.php?route=product/product&product_id=186. Acesso em: 07 jan. 2026.

A POESIA DE APHRA BEHN, UMA VISÃO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER NO SÉCULO XVII

Maria Isabel S. L. D. Felix

Daniela Mantarro Callipo

INTRODUÇÃO

No século XVII inglês, "as mulheres começaram a tornar públicos seus escritos, seja pela circulação de manuscritos, seja pela publicação de livros impressos" (Campana, 2021, p. 59). Apesar de terem uma educação muito inferior àquela dos homens da mesma época, de serem obrigadas a viver recolhidas em casa e serem educadas para se dedicar apenas aos afazeres domésticos, as escritoras do período pagavam pela publicação de seus textos ou vendiam seus trabalhos, como fez Aphra Behn. Desse modo, elas passaram a se interessar pelo processo de impressão de suas obras, assim como por aspectos como "dedicatórias, elogios, privilégios", interferindo na pré-produção de seus escritos (Motta, 2019, p. 114).

No entanto, apesar do entusiasmo feminino no Renascimento para escrever e publicar suas narrativas, nem todos os estratos sociais compactuavam da mesma euforia, sobretudo a esfera religiosa. Segundo Carvalho (2024, p. 21), tanto a "Reforma quanto a Contrarreforma viam no feminino uma inferioridade natural, uma submissão necessária, acrescida de fraqueza e forte tendência para o pecado", de maneira que se as mulheres se recusassem a seguir as normas estabelecidas, elas seriam consideradas depravadas, perturbadas ou seus valores estariam corrompidos.

Dentre essas mulheres, destaca-se Aphra Behn, que nasceu em 1640 na Inglaterra e morreu com 49 anos em 1689. Foi uma das primeiras autoras a receber pela sua produção e a sobreviver por meio da escrita. Behn permaneceu casada por apenas um ano com um comerciante de descendência holandesa chamado Johan Behn, até ele falecer por causa da peste em 1665. Diante da necessidade de trabalhar para seu próprio sustento, em 1666 ela passou a trabalhar como espiã para o Rei Carlos II.

Em seu livro biográfico sobre a vida de Behn, Janet Todd (1997, tradução nossa) afirma que "Aphra Behn era uma espiã profissional, com o codinome Astrea e agente 160, antes dela se tornar escritora profissional". Após os agentes do rei não a pagarem de maneira correta, em 1670, Behn publica sua primeira dramaturgia, tornando-se uma das primeiras escritoras profissionais (Gilbert; Gubar, 1996, p.110).

Segundo Arifa G. Rahman (2020), mesmo com a introdução das mulheres no ambiente da dramaturgia, havia dominância dos homens, tornando a permanência feminina continuamente difícil. Rahman explica que o biógrafo de Behn descreveu sua permanência na carreira como uma luta diária para "superar os prejuízos e ciúmes dos

homens, [ela] se tornou pioneira na luta pela emancipação das mulheres." (Rahman apud Woodcock, 1989, p. 9, tradução nossa).[2]

Embora Behn tenha entrado no mundo da literatura por meio do teatro, esse não foi o único gênero ao qual ela se dedicou, produzindo cerca de 80 poemas, cartas e até romances narrativos, dentre os quais, o que mais se destaca são as temáticas, que sempre tangem o universo do "ser mulher". Dentre esses escritos, foi escolhida, para esta análise, uma série de poemas que permitirá realizar um aprofundamento da temática, por meio da crítica feminista.

A análise dos poemas se baseará em teóricos como Woolf (1987), Perry (1988) Bataille (1987), Runge (2023) e Rahman (2020), dentre outros. Os poemas analisados são: "On Her Loving Two Equally" e "The Disappointment", escolhidos por apresentarem temáticas como o desejo e erotismo.

Pretende-se investigar como o desejo e o erotismo são retratados nos poemas selecionados de Behn e quais os recursos utilizados pela autora para representar essa sexualidade, demonstrando o valor de sua produção para a literatura de autoria feminina. O objetivo é ressaltar os recursos poéticos utilizados para a representação do desejo e do erotismo nesses dois poemas escritos por Behn, a fim de compreender como eles se constroem.

APHRA BEHN, PROTO-FEMINISTA NA LITERATURA PROFISSIONAL DO SÉCULO XVII.

Em 1929, no livro "Um teto todo seu", Virginia Woolf expõe a necessidade de recursos financeiros para conquistar a própria liberdade e destaca a importância de Aphra Behn em abrir caminhos para essa conquista. Ao sustentar-se por meio de sua escrita, a autora mostra a possibilidade de obter independência financeira e conquistar seu próprio sustento.

> Mas, voltando ao assunto, Aphra Behn provou que era possível ganhar dinheiro escrevendo, [...]; e assim, gradativamente, escrever tornou-se não um mero sinal de loucura e de uma mente perturbada, mas passou a ter importância prática. [...]
> Todas as mulheres reunidas deveriam derramar flores sobre o túmulo de Aphra Behn, [...] pois foi ela quem lhes assegurou o direito de dizerem o que pensam. É ela [...] que me faz parecer não muito fantástico o que vou dizer-lhes

[2]" But, "in her struggles to overcome male prejudice and jealousy, [she] became a pioneer in the fight for women's emancipation" (Woodcock, 1989, p. 9)".

> esta noite: 'Ganhem quinhentas libras anuais com sua inteligência' (Woolf & Ribeiro, 1987, p. 81-83).

A importância de Aphra Behn não é ressaltada apenas no livro *Um Teto Todo Seu*, mas em um texto lido por Virginia Woolf para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres em 21 de janeiro de 1931, no qual ela discorre sobre a profissão de escritora e cita Behn como alguém que abriu caminhos para as mulheres na literatura:

> Minha profissão é a literatura; e é a profissão que [...] menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot–; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos (Woolf & Bottmann, 2012).

Antes de adentrarmos em qualquer tipo de análise, é importante explorar as razões por que Janet Todd (2017) e Ruth Perry (1998) definiram Aphra Behn como proto-feminista[3] – segundo o *Dicio* (s.d.), a palavra "proto" significa: "anterior aos demais". Tal termo é definido na tese de doutorado de Anadir R. Miranda:

> [...] prática que chamamos de *proto-feminista* na Inglaterra da última década do século XVIII, a partir das experiências e da produção letrada de três escritoras inglesas que se inseriram nos debates ilustrados e *abraçaram* as *reivindicações* por *direitos igualitários e universais*, para as quais a questão do gênero se tornou, nitidamente, incontornável (Miranda, 2017, grifo nosso).

Janet Todd, em seu livro *Aphra Behn: A Secret Life* (publicado em 1997 e republicado em 2017), expõe a forma que Behn trata diplomacias e intrigas sexuais, ressaltando não apenas o conteúdo de seus escritos, mas sua posição como uma mulher escritora e precursora da conquista de viver por meio de suas obras.

Ruth Perry (1998) escreve um artigo na revista "The Women's Review of Books" chamado "The Oldest Professional", no qual ela discorre tanto sobre o livro de Janet Todd, quanto sobre a vida de Aphra Behn, descrevendo-a como a escritora profissional mais antiga e explicitando como Behn abriu caminho para as mulheres expressarem suas vontades sexuais tão livremente quanto os homens já faziam.

[3] **Nota da autora:** As proto-feministas foram mulheres que, desde o século XVII, defenderam pautas "feministas" antes da criação e nomeação do termo feminismo no século XIX.

> Interessada nos sinais proto-feministas da vida e trabalho de Behn, Todd argumenta que Behn abriu espaço para a expressão erótica das mulheres [...]. Behn defendeu o direito de aprender a escrever e de ter relação sexual; Todd faz referência "às suas exigências para mulheres serem permitidas a expressar seus desejos sexuais tão livremente quanto os homens e suas insistências que a castidade e pudor eram simples máscaras sob universo do desejo feminismo". Uma das poucas autoras a criar mulheres libertinas no palco, as peças dela nos ajudavam a historicizar a posterior vitorianização das mulheres. (Perry, 1998, tradução nossa)[4].

É possível observar as características do proto-feminismo de Aphra Behn, pela motivação de sua escrita. Ela precisava de dinheiro para sobreviver:

> [...] Ainda assim, ela tinha uma astúcia tão boa quanto era artista, precisando comer antes de escrever, e tenho assumido que, enquanto estou contado o primeiro conto público da lealdade profissional, outro mais escandaloso conto talvez seja contado por uma astúcia escondida de uma política de sarjeta e de escritos vendidos ao maior lance. [...] (Todd, 2017, tradução nossa)[5].

> Ela foi a primeira mulher inglesa a ganhar a vida com sua escrita. A dramaturga mais prolífica de seu tempo, Behn também era uma escritora inovadora de ficção e tradutora de ciência e romance francês. A novelista Virginia Woolf escreveu, 'Todas as mulheres juntas deveriam deixar flores sobre o túmulo de Aphra Behn... pois foi ela quem lhes garantiu o direito de falar seus pensamentos.' Mentes e corpos. Behn era uma poeta lírica e erótica, expressando uma franca sexualidade que endereçava tais assuntos à impotência masculina, orgasmo feminino, bissexualidade e as indeterminações de gênero. (Todd, 2017, tradução nossa) [6].

[4] Interested in proto-feminist signs in Behn's life and work, Todd argues that Behn opened up a space for women's erotic expression [...]. Behn defended women's right to learning and to writing and to sex; Todd refers to "her demand that women be allowed to express their sexual feelings as freely as men and her insistence that chastity and prudery were simply masks over universal female desire." One of the few authors to create libertine women on the stage, her plays help us historicize the later Victorianization of women (Perry, 1998)

[5] [...] Yet she was a hack as well as an artist, needing to eat before she could write, and I have assumed that, while I am telling a primarily public tale of professional loyalties, other more scandalous tales might be told of hidden deviousness, of gutter politics and of writing sold to the highest bidder [...] (Todd, 2017)

[6]She was the first English woman to earn her living solely by her pen. The most prolific dramatist of her time, Behn was also an innovative writer of fiction and a translator of science and French romance. The novelist Virginia Woolf wrote, 'All women together ought to let flowers fall on the tomb of Aphra Behn...For it was she who earned them the right to speak their minds.' Minds and bodies. Behn was a lyrical and erotic poet, expressing a frank sexuality that addressed such subjects as male impotence, female orgasm, bisexuality and the indeterminacies of gender (Todd, 2017)

Dentre os temas abordados por Behn em seus poemas, está o erotismo, que Georges Bataille (1987), define como uma forma de transgressão e de acesso ao Absoluto, uma maneira que os seres humanos encontraram para se comunicar, que vai além das palavras e de atos físicos, estando ligado ao desconhecido. O escritor francês explica como o erotismo vai além do simples prazer sexual, envolvendo aspectos de mistério, transgressão e a busca por uma experiência que desafia as normas sociais e a racionalidade. Ele relaciona o erotismo ao desejo de ultrapassar os limites do cotidiano, conectando-o com temas como a morte, o sagrado e o infinito. O erotismo representaria um desejo de fusão com o outro, que seria uma tentativa de superar a finitude e alcançar uma forma de imortalidade simbólica. Bataille (1987) discute a relação entre o erotismo e o tabu, afirmando que aquele só pode existir dentro dos limites impostos pela sociedade. O tabu seria uma restrição imposta à expressão do desejo erótico e se faz necessário transgredir esses tabus para se experimentar o erotismo em sua plenitude. Bataille (1987) também trabalha a questão da passividade feminina no ato sexual, além de suas provocações sexuais para trazer o desejo a ambos e a mulher como objeto de desejo do homem.

Behn, por ter se dedicado à poesia erótica, trouxe a escrita profissional para um nível no qual tais tabus se tornaram questionáveis.

Por fim, em uma carta que assina com seu codinome "Astrea", Behn traz um pouco sobre os lugares, onde tanto sua carta, quanto seus trabalhos, chegam e expõe seu sentimento ao ser pioneira no movimento de luta pelas mulheres:

> [...] e embora despreze segurar minha língua, como se esperasse nunca te ofender voluntariamente; eu, com muita dificuldade, ainda consigo segurá-la, quando estou pensando milhares de coisas para dizer, pois sei que serão tidas como insanidades. Eventualmente, você pode se perguntar o que me motiva a escrever, o que me impele a ir onde não me sinto bem-vinda; Onde eu não encontro nenhum retorno, eu me pergunto a mesma coisa também (Behn, 2003, p. 147, Tradução nossa).[7]

[7] I scorn to guard my tongue, as hoping 'twill never offend willingly; yet I can, with much ado, hold it, when I have a great mind to say a thousand things I know will be taken in an ill sense. Possibly you will wonder what compels me to write, what moves me to send where I find so little welcome, where I meet with such returns, it may be I wonder too. (Behn; 2003, p.147)

"ON HER LOVING TWO EQUALLY"

Ao tratar da poesia de Aphra Behn é imprescindível destacar uma breve análise feita por Laura L. Runge (2023), em um capítulo do livro "Quantitative Literary Analysis of the Works of Aphra Behn: Words of Passion":

> Os críticos têm sustentado, com evidências, que a "nova forma" de amar de Behn se deve principalmente à sua persona feminina que expressa abertamente o desejo sexual e o erotismo. [...] A poesia de Behn é sobre as paixões e, embora ela claramente favoreça uma ética epicurista de generosidade, satisfação do desejo e relativas consequências morais, sua poesia invoca o universo moral cristão como um padrão a ser contestado. Com amor, coração, Deus e alma, a linguagem poética de Behn se engaja de maneira singular nos debates filosóficos sobre as paixões, e sua inclusão de gênero produz uma persona feminina muito nova: uma agente moral racional que debate as consequências do desejo e da sedução. (Runge, 2023, tradução nossa)[8].

Tendo em vista que a poesia de Behn trabalha, segundo Runge (2023), a paixão de diversas maneiras, conseguimos observar um eu-lírico feminino que retrata a sexualidade da mulher de maneira a fazê-la aflorar. Behn a coloca como aquela que domina o próprio corpo e os próprios prazeres.

Observa-se no poema intitulado "On Her Loving Two Equally", um eu-lírico feminino detentor do poder de escolha entre o amor de dois personagens homens. Possuindo 3 estrofes, de 6 versos cada uma, ela conta como seu coração é dividido igualmente em dois, pois não consegue escolher entre Damon e Alexis como seu fiel e verdadeiro amor.

Nesta estrofe inicial, é importante notar a forma como a autora retoma e aplica o segundo verso ("Divided equally 'twixt two?") na construção e no decorrer de todo poema. Destacando que, assim como a paixão ("passion") é igualmente (colocando em evidência "Equally" no segundo verso) dividida em duas, o poema é igualmente

[8] Critics have maintained with evidence that Behn's "new way" of love owes chiefly to her female persona openly expressing sexual desire and eroticism. [...] Behn's poetry is about the passions, and while she clearly favors an Epicurean ethic of generosity, fulfillment of desire and relative moral consequences, her poetry invokes the Christian moral universe as a standard to be argued against. With love, heart, god and soul, Behn's poetic language uniquely engages philosophical debates on the passions, and her gender inclusivity produces a very new female persona: a rational moral agent debating the consequences of desire and seduction (Runge, 2023)

dividido em dois. Ele possui a sequência de três pares de rimas em todas as estrofes (AA; BB; CC - DD; EE; FF - GG; HH; II).

Tabela 1 - Análise e tradução do esquema de rima na primeira estrofe.

O quão forte minha paixão flui, Dividida igualmente entre dois? Damon não estaria cada vez mais perto de dominar meu coração, Se não Alexis tinha tivesse feito sua parte; Nem Alexis poderia poderosamente provar, Sem a ajuda do meu Damon, para ganhar meu amor (Behn, 2003, tradução nossa).	How strongly does my passion flow, - A Divided equally 'twixt two? - A *Damon* had ne'er subdued my heart, - B Had not *Alexis* took his part; - B Nor could *Alexis* powerful prove, - C Without my *Damon's* aid, to gain my love. - C (Behn, 2003, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Além de destacar, na segunda estrofe, o desejo pelos dois ao mesmo tempo, o eu lírico feminino discute dois relacionamentos nos quais existem mutabilidades constantes, afirmando que, quando está com Alexis suspira por Damon, porém quando sente falta de Alexis Damon não ganha nada a não ser desprezo. Nos dois últimos versos da segunda estrofe, ela coloca em evidência que, se ambos estão presentes, ela se alegra, suspira, afirmando que morreria ao mesmo tempo por ambos ("They both"/ "For both"). A questão da rima e da métrica é ressaltada da seguinte forma:

Tabela 2 - Análise e tradução do esquema de rima na segunda estrofe.

Quando meu Alexis está presente, Então eu suspiro e lamento por Damon; Mas quando eu verdadeiramente sinto falta de Alexis, Damon ganha nada mais que meu desprezo. Mas se por acaso os dois estiverem por perto, Pelos dois igualmente lamentos, suspiro e morro (Behn, 2003, p. 342, tradução nossa)	When my *Alexis* present is, - D Then I for *Damon* sigh and mourn; - E But when *Alexis* I do miss, - D *Damon* gains nothing but my scorn. - E But if it chance they both are by, - F For both alike I languish, sigh, and die - F (Behn, 2003, p.342, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Mesmo com o eu-lírico feminino possuindo o controle de seu par romântico, ela invoca "o Cupido", figura da mitologia romana responsável por lançar flechas de amor. Ela tira de si a responsabilidade da escolha de apenas um entre ambos, ao manifestar desejo dividido e pedir cura ao seu ferver de sangue.

É possível notar que existe uma resistência em escolher apenas um homem. Ela inicia pedindo ao Cupido, descrito como deus alado ("winged God"), para curar o impulso que ardia em seu sangue sobre amar os dois ("Cure then, [...] This restless fever in my blood"). Ela implora para que um dos dardos do Cupido, as flechas douradas que a fazem amar ambos, seja retirada por ele, mas não consegue escolher qual. O eu-lírico feminino finaliza o poema reafirmando a dúvida, tendo esperança de ficar com o amor de Damon e sem Alexis, ela se vê perdida.

Tabela 3 - Análise e tradução do esquema de rima na terceira estrofe.

Cure, poderoso deus alado, Essa agitada febre em meu sangue; Um pontudo e dourado dardo traz de volta: Mas qual, Oh Cupido, você pegará? Se Damon, todas minhas esperanças são depositadas; Ou se por Alexis, estou perdida (Behn, 2003, p. 343, tradução nossa).	Cure then, thou mighty winged god, - G This restless fever in my blood; - G One golden-pointed dart take back: - H But which, O Cupid, wilt thou take? - H If *Damon's*, all my hopes are crossed; - I Or that of my *Alexis*, I am lost- I (Behn, 2003, p. 343, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Observando a estrutura do poema e o que foi comentado previamente, é possível verificar as seguintes divisões feitas no decorrer do poema e a forma igualitaria que se dispõe:

Tabela 4 - Divisão sobre a simetria de itens no poema "On her loving two equally"

Total apresentado no poema	**Divisão simétrica dos itens**
18 versos no poema	9 duplas de versos rimados
10 aparições dos nomes "Damon" e "Alexis"	5 vezes "Damon" e 5 vezes "Alexis"
6 versos em cada estrofe	3 duplas de rimas em cada estrofe
18 versos no poema	3 duplas de rimas em cada estrofe

Fonte: elaboração própria

Destaca-se, por fim, a forma como a figura feminina era representada. Nos poemas escritos por volta de 1685 (ano da publicação do poema), ela era descrita como objeto de desejo masculino. Porém, apesar dessa tendência, Aphra Behn inverte tal objetificação e transforma a eu-lírico de seu poema em uma mulher que "objetifica" o homem, transformando-o em apenas uma escolha feita pela figura feminina.

"THE DISAPPOINTMENT"

Escrito em 1680, "The Disappointment" retrata de forma narrativa o ato sexual entre Cloris e Lysandre, que não ocorre conforme o planejado. A esse estilo de escrita Richard Quaintance chama de "imperfect enjoyment poem" (1963 *apud* Zeitz, Thoms, 1997, p.1), pois nele o eu lírico conta a história de um homem que lamenta perder sua capacidade sexual quando se encontra com alguma mulher (colocando nela a culpa da não realização do ato), porém após esse ocorrido, o homem volta mais revigorado e consegue realizar o ato sexual. Neles, ela é o objeto de desejo e o homem o sujeito sexual (o dono da ação).

Lisa Zeitz e Peter Thoms (1997) destacam que "The Disappointment" ("A decepção") é uma tradução do poema escrito por Pierre Corneille chamado "L'Occasion perdue recouverte" ("A ocasião perdida recuperada"). Behn, no entanto, teria como objetivo não apenas traduzir, mas colocar sua voz como escritora e reescrever as entrelinhas do poema de Corneille. É possível observar tais alterações por meio de, inicialmente, a seguinte comparação:

> **A Decepção- I**
> Um dia o amoroso Lysander,
> Por meio de uma impaciente influência da paixão,
> Surpreendeu a bela Cloris, que amor fez,
> A qual não poderia mais se defender.
> Todas as coisas conspiravam para seu amor;
> O dourado do planeta do dia,
> Está em sua alegre carruagem puxada por fogo,
> Agora descendo para o mar,
> E deixando o mundo sem uma luz para ser guiado,
> Apenas o brilho que os olhos de Cloris lançam. (Behn, 2003, p.331, tradução nossa)[9]
>
> **A ocasião perdida recuperada - I**
> Um dia, o maravilhoso Lysandre,
> Possuído por um amor indiscreto,
> Atacou Cloris em segredo,
> Que não poderia se defender mais.
> Tudo favorecia seu amor:
> O Astro que nos dá o dia
> Estava levando seu fogo para as ondas,

[9] "ONE day the amorous Lysander,/ By an impatient passion swayed,/ Surprised fair Cloris, that loved maid,/ Who could defend herself no longer./ All things did with his love conspire;/ The gilded planet of the day,/ In his gay chariot, drawn by fire,/ Was now descending to the sea,/ And left no light to guide the world,/ But what from Cloris' brighter eyes was hurled." (Behn, 2003, p.331).

E sendo inimigo de Cypris
Não lançou seus luminares ao mundo
Que a beleza dos olhos de Cloris (Corneille, 2020, tradução nossa)[10].

Em ambos os poemas, existe o marcador de tempo em "Um dia", sendo "One day" ou mesmo "Un jour". Além disso, destaca-se a ação da mulher na relação, por meio de "But what from Cloris' brighter eyes hurled" (Apenas o brilho que os olhos de Cloris lançam), tendo "hurled" contribuído para a construção do sentido de Cloris como a autora intencional do ato de jogar os charmes brilhantes de seus olhos em Lysandre.

A Decepção - XI
Cloris voltou da transe
Que o amor e doces desejos tinham proporcionado,
Ela deitou gentilmente sua tímida mão
(Ou guiada por desejo ou acaso)
Em cima do fabuloso Priapus,
O potente deus, como fingem os poetas;
Mas nunca fez a jovem pastora,
União da samambaia com a planície,
Mais agilmente voltou com seus dedos,
Encontrando embaixo das folhas verdejantes, uma cobra.
(Behn, 2003, p.334, tradução nossa) [11].

A ocasião perdida recuperada- XI
De repente Cloris, reviveu
De seu falso adormecimento,
Levando rapidamente ambas as mãos
Em cima da nua coxa.
Là, por desejo ou acaso,
Ela segurou o deus pato,
Segundo Priape da fábula;
Porém, o sentiu frio e arrepiante,
Ela pensou que era um diabo
Sob a figura de uma serpente (Corneille, 2020, tradução nossa) [12]

[10] "Un jour, le malheureux Lisandre,/ Poussé d'un amour indiscret,/ Attaquoit Cloris en secret,/ Qui ne pouvoit plus se défendre./ Tout favorisoit son amour:/ L'astre qui nous donne le jour/ Alloit porter ses feux dans l'onde,/ Et cet ennemy de Cypris/ Ne laissoit de lumière au monde/ Que dans les beaux yeux de Cloris" (Corneille, 2020)
[11]"Cloris returning from the trance/ Which love and soft desire had bred,/ Her timorous hand she gently laid/ (Or guided by design or chance,)/ Upon that fabulous Priapas,/ That potent god, as poets feign;/ But never did young shepherdess/ Gathering of fern upon the plain/ More nimbly draw her fingers back,/ Finding beneath the verdant leaves, a snake." (Behn, 2003, p.334)
[12] "Cependant Cloris, revenuë/ De ce feint assoupissement,/ Porte les deux mains promptement/ Dessus sa cuisse toute nuë./ Là, par dessein ou par hazard,/ Elle empoigna ce dieu camard,/ Second Priape de la Fable;/ Mais, le sentant froid et rampant,/ Elle pense que c'est un diable/ Sous la figure d'un serpent."(Corneille, 2020)

No verso XI, observa-se o ponto da história onde o ato sexual não consegue ser executado com sucesso pelo homem. Behn usa da ironia em "O potente deus, como fingem os poetas;"[13] para conduzir o leitor a entender Cloris como aquela que deseja o ato sexual, mas acaba não se sentindo realizada. Além disso, no poema de Corneille[14], o autor faz referências a momentos nos quais Cloris volta de um "falso adormecimento", que poderia ser comparada à morte, remetendo, assim, à expressão em francês "petit mort", que faz referência a sensação pós-orgasmo.

A Decepção - XII

Então Cloris retirou sua mão,
Encontrando o deus de seus desejos
Desarmando de seus poderosos artifícios,
E gelado como flores banhadas pelo orvalho da manhã.
Como as ninfas poderiam confundir?
O sangue abandonou o local impedido,
E espalhou no corar do rosto dela,
Ambos com expressão de desdém e vergonha:
Dos braços de Lysander ela fugiu.
O deixando fraco na sombria cama (Behn, 2003, p. 334, tradução nossa) [15].

A ocasião perdida recuperada - XII

Jamais uma jovem pastora
Retirou tão rapidamente
Sua mão que encontrou inocentemente
Uma serpente por entre as folhagens.
E Cloris encaixando sua bela mão
Em seu membro extremamente fútil
Ao tocá-lo embaixo de seu vestido,
Em um justo desgosto
Ela se levantou e fugiu
Dos braços de Lisandre e de seu leito. (Corneille, 2020, tradução nossa) [16]

[13] "That potent god, as poets feign" (Behn; 2003)

[14] **Nota da autora:** A versão traduzida de Behn se refere ao personagem pelo nome de "Lysandre", já Corneille o refere como "Lisandre". Embora exista a diferença de escrita, ambos fazem referência ao mesmo personagem.

[15]"Then Cloris her fair hand withdrew,/ Tinding that god of her desires/ Disarmed of all his pow'rful fires,/ And cold as flowers bathed in the morning dew./ Who can the nymph's confusion guess?/ The blood forsook the hinder place,/ And strewed with blushes all her face,/ Which both disdain and shame express:/ And from Lysander's arms she fled,/ Leaving him fainting on the gloomy bed." (Behn, 2003, p.334)

[16]"Jamais une jeune bergère/ Ne retira si promptement / Sa main qui trouve innocemment/ Un aspic dessous la fougère./ Que fit Cloris sa belle main/ De dessus ce membre trop vain/ Qu'elle toucha dessous sa robe,/ Lorsqu'avec un juste dépit/ Elle se lève et se dérobe/ Des bras de Lisandre et du lit" (Corneille, 2020).

Usando elementos pastorais em seu poema, Behn traz sentenças como "E gelado como flores banhadas pelo orvalho da manhã"[17], não só diminuindo a masculinidade de Lysandre ao comparar seu pênis a flores banhadas pelo orvalho, mas também entrando em oposição ao poema de Corneille, que retrata o mesmo como "Uma serpente por entre as folhagens"[18].

A forma como Cloris é retratada em ambos os poemas mostra a ação e a pureza sendo direcionada a personagens diferentes. No poema de Corneille, a mulher é tratada como "inocente"[19], mesmo ela participando do mesmo ato sexual que Lisandre. Já no poema de Behn, Cloris diz encontrar "[...] o deus de seus desejos// Desarmando de seus poderosos artifícios,"[20]. Behn a coloca, por meio de "of her desires", como aquela que ativamente possui desejos e não é saciada.

Em "Ela se levantou e fugiu// Dos braços de Lisandre e de seu leito." (Corneille)[21] e "Dos braços de Lysander ela fugiu.// Deixando-o fraco na sombria cama." (Behn)[22]. A mulher inverte uma situação social, tomando a ação para si, ou seja, se tornando um sujeito ativo e deixando o homem "desmaiado/fraco" (fainting) em uma cama "sombria" (gloomy), sendo que, no poema de Corneille, ela permanece passiva.

A Decepção - XIV
O ressentimento da Ninfa recai apenas em mim
Podendo nem imaginar ou consolar:
Mas ninguém poderia consolar a alma de Lysander,
Além daqueles que chacoalharam seu destino.
Seus silenciosos lutos engolidos em tempestades,
E nada de bom sua fúria gerou;
Ele amaldiçoou seu nascimento, seu destino, sua estrela
Porém mais os charmes da pastora,
Que a fascinante influência
O condenou ao inferno da impotência (Behn, 2003, p.335, tradução nossa) [23].

[17] "And cold as flowers bathed in the morning dew." (Behn, 2003).
[18] "Un aspic dessous la fougère." (Corneille, 2020).
[19] "Sa main qui trouve innocemment" (Corneille, 2020).
[20] "Finding that god of her desires// Disarmed of all his awful fires," (Behn, 2003).
[21] "Elle se lève et se dérobe// Des bras de Lisandre et du lit." (Corneille, 2020).
[22] "And from Lysander's arms she fled,// Leaving him fainting on the gloomy bed." (Behn, 2003).
[23] "The nymph's resentments none but I/ Can well imagine or condole:/ But none can guess Lysander's soul,/ But those who swayed his Destiny. / His silent griefs swell up to storms,/ And not one god, his fury spares;/ He cursed his birth, his Fate, his stars,/ But more the shepherdess's charms,/ Whose soft bewitching influence, / Had damn'd him to the hell of impotence." (Behn, 2003, p. 335)

A ocasião perdida recuperada - XIV
Minha querida Cloris, eu te amo
Mais que os deleites dos céus,
Mais que os homens e os deuses,
E mil vezes mais do que a mim mesmo;
Eu queimo de um vivido ardor,
E uma nova frieza
Que não deve te parecer estranha:
Eu sei bem como amar;
Mas, para tirar os braços de um anjo,
É preciso que do charme de um diabo (Corneille, 2020, tradução nossa).[24]

Behn finaliza o poema no verso XIV, já Corneille continua até o XL. É interessante ressaltar que Behn interrompe o poema justamente no verso que condena Lysandre ao "inferno da impotência."[25], sendo que Corneille prossegue por mais 26 versos até que Lisandre retorna e finalmente consiga realizar o ato sexual com perfeição.

Ao comparar "Eu queimo de um vivido ardor,"[26] (Corneille, 2020) e "Seus silenciosos lutos engolidos em tempestades,"[27] (Behn, 2003), é possível notar a diferença da posição ativa na narração e relação em ambos os poemas. Enquanto no poema de Behn, encontramos a posição ativa sendo feminina (Cloris), no poema escrito por Corneille a posição ativa sendo masculino (Lisandre).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração seu apagamento histórico, evidencia-se a importância de Aphra Behn como uma das pioneiras na literatura de autoria feminina - sendo citada em inúmeras obras, coletâneas e antologias. Estudá-la, além de reviver um passado deixado de lado, gera um espaço para vozes de mulheres revolucionárias. Analisando os poemas de Behn, comprova-se sua importância como poeta lírica e erótica.

[24] "«Ma chère Cloris, je vous aime/ Plus que les délices des cieux,/ Plus que les hommes et les dieux,/ Et mille fois plus que moy-mesme;/ Je brusle d'une vive ardeur,/ Et cette nouvelle froideur/ Ne vous doit pas sembler estrange:/ Je sçay bien comme il faut aimer;/ Mais, pour m'oster des bras d'un ange,/ Un diable est venu me charmer" (Corneille, 2020).
[25] "Had damned him to the hell of impotence." (Behn, 2003).
[26] "Je brusle d'une vive ardeur," (Corneille, 2020).
[27] "His silent griefs swell up to storms," (Behn, 2003).

Sua obra representa a mulher que toma o lugar do eu lírico usualmente masculino e foge do tradicional retrato da figura feminina, no qual ela era descrita como objeto de desejo do homem. Além da imagem da relação sexual forçada no poema, - Zeitz; Thoms (1997) e Rahman (2020) - é trabalhada, no início do poema a vontade do ato sexual vinda apenas do homem que força as mulheres a fazer parte desse ato; na sequência, elas manifestam seu desejo e relatam a perda da capacidade do homem de consumar a relação. Portanto, a mulher demonstra desejo sexual e, de formas diferentes em ambos os poemas, se torna agente na relação.

A autora constrói a imagem de um homem invencível e mitológico, para trabalhar a desmistificação de um ato sexual com "performance perfeita". A forma com que a autora expõe o desejo sexual do eu lírico feminino trabalha a forma que o objeto de desejo, durante a relação, deixa de ser a mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poemas escritos no século XVII, a mulher era descrita de maneira a se tornar objeto de desejo do homem. Porém, apesar dessa tendência gerada por uma sociedade machista, Aphra Behn inverte essa objetificação e transforma o eu-lírico feminino de seus poemas em uma mulher que objetifica o homem, transformando-o em apenas algo que se escolhe, classificando-a como uma proto-feminista essencial para a sua inserção no mundo profissional da escrita.

Desde 1670, Behn tratava de casamentos forçados, poligamia, prazer sexual da mulher, orgasmo, impotência masculina e colocava as figuras femininas em posições ativas não só no relacionamento, mas no ato sexual. Para isso, a autora utiliza de recursos como metáforas, analogias, anáforas etc., como forma da mulher conquistar sua consciência reflexiva do seu papel na sociedade, lutando cada vez mais pela sua liberdade de ser.

Em "On Her Loving Two Equally", foi visto que o desejo do eu-lírico feminino por dois relacionamentos (Alexis e Damon) ao mesmo tempo, demonstra *mutabilidades* constantes em relação à vontade de se relacionar com eles. Assim, mesmo que o eu-lírico feminino tenha o controle sobre seu par romântico, tirando de si a responsabilidade da escolha entre eles, evidenciando que apenas um deles não é suficiente para satisfazer seu desejo sexual ao se relacionar. Behn inverte o papel de

objetificação e desejo, colocando o eu-lírico feminino de seu poema como aquela mulher que deseja, ao invés de ser desejada.

Em "The Disappointment", observou-se que Behn, ao utilizar um eu-lírico feminino para narrar o ato sexual entre Cloris e Lysandre - com a perda de ereção do homem -, é feito um contraste com o estilo de escrita de Cornaille - classificado como "imperfect enjoyment poem" (1963 *apud* ZEITZ, THOMS, 1997, p.1). Ao reduzir o poema traduzido ao momento que ocorre a perda de ereção de Lysandre. Além disso, é possível notar a diferença da posição ativa na narração, onde Behn coloca a posição ativa sendo feminina (Cloris), diferentemente do esperado em poemas onde aquele que deseja é o homem.

As semelhanças entre os dois poemas estão na posição ativa da mulher, que é transparente ao colocá-la fora do papel de "objeto desejado pelo homem", passando a se tornar ativa em ambos os casos, ela deseja tanto o par romântico quanto o ato sexual. No entanto, eles divergem, pela abordagem e forma; "On Her Loving Two Equally" trata sobre uma escolha de relacionamento com mais de um homem e um eu-lírico feminino que busca se realizar sexualmente com ambos, já "The Disappointment" retrata um relacionamento com apenas um par romântico e eu-lírico feminino não realizada sexualmente. Sobre a divergência de forma, "The Disappointment" por ser uma tradução, possui 16 estrofes, diferentemente de "On Her Loving Two Equally", que possui apenas 3 estrofes.

Assim, Aphra Behn configura-se como uma escritora transgressora ao abordar o desejo e o erotismo em seus versos, em uma época em que cabia à mulher calar-se e não manifestar suas vontades; além de retratar uma relação sexual forçada nas obras, os poemas trabalham a vontade do ato sexual manifestado por elas e, de formas diferentes em cada um dos poemas, se tornando agente na relação.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, George. **O erotismo.** Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEHN, Aphra. **Oroonoko, The Rover and Other Works.** London: Penguin Books, 2003.

CAMPANA, Crislaine Aline. **Aphra Behn:** a trajetória de uma escritora na Inglaterra da restauração monárquica, século XVII. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2021.

CARVALHO, Marcelle Ventura. **Louise Labé no Brasil, tradução e retradução**: estudo e análise de três sonetos. Tese de Doutorado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2024.

CORNEILLE, Pierre. **L'occasion perdue recouverte**. Edição de P. L. Jacob. Project Gutenberg, 2020. Disponível em: https://www.gutenberg.org/ebooks/63174. Acesso em: 26/06/2026.

GILBERT, Sandra Mortola; GUBAR, Susan; HARPER, Lisa C. **The Norton Anthology of Literature by Women**: The Traditions in English**.** 2. ed. New York, 1996.

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Proto-feministas na Inglaterra setecentista: Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson. Sociabilidade, subjetividade e escrita de mulheres**. Tese de Doutorado, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/49460/R%20-%20T%20-%20ANADIR%20DOS%20REIS%20MIRANDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26/06/2026.

MOTTA, Luiane Soares. **Cultura escrita feminina no século XVI**: formato, publicidade e seu arquivo no estabelecimento de um Estado "das letras". Tese de Doutorado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215148/PHST0664-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y Acesso em: 26/06/2026.

PERRY, Rute. **The Oldest Professional [Review of The Secret Life of Aphra Behn; The Collected Works of Aphra Behn**, *by J. Todd & A. Behn*. in: The Women's Review of Book, 1998. Disponível em: https://doi.org/10.2307/4022923. Acesso em: 26/06/2026.

DICIO. In: **Dicio**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/proto/. Acesso em: 26/06/2026.

RAHMAN, Arifa Ghani. **Negotiating Masculine Circles**: Female Agency in Aphra Behn's Work. Rupkatha Journal, 2020. Disponível em: https://dx.doi.org/10.21659/rupkatha.v12n4.03. Acesso em: 26/06/2026.

RUNGE, Laura. **Quantitative literary analysis of the works of Aphra Behn**: words of passion. In:The poetry of love. Anthem Press, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.2307/jj.4418211.8. Acesso em: 26/06/2026.

TODD, Janet. **Aphra Behn**: a secret life. London: Bloomsbury Publishing, 2017.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**.Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: LP&M, 2012.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu.** Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

ZEITZ, Lisa; THOMS, Peter. **Power, Gender, and Identity in Aphra Behn's "The Disappointment."** In: *Studies in English Literature*. Johns Hopkins University Press and Rice University, 1997. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/451046. Acesso em: 26/06/2026.

BUGONIA: UMA REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA NO TEMPO PRESENTE

Albérico Araújo Sial Neto

INTRODUÇÃO

Bugonia (2025) é uma refilmagem do filme sul-coreano *Save the Green Planet!* (2003), sendo o roteiro livremente adaptado. Enquanto o enredo do filme *Save the Green Planet* introduz um conspiracionista obcecado por alienígenas convencido de que extraterrestres de *Andromeda PK45* estão se preparando para invadir o planeta Terra — cabendo a ele impedi-los —, em Bugonia, a trama nos apresenta dois homens que sequestram uma executiva sob a crença e, ao mesmo tempo, a justificativa de que ela é uma alienígena infiltrada prestes a destruir o planeta. Conhecido por um específico retorno aos gregos antigos – como pode ser visto em seu filme *Kynodontas* (Dente Canino – 2009) –, Yorgos Lanthimos batiza seu filme com um termo cujo significado é *descendente do boi*. Isto é, Bugonia é uma palavra que deriva da soma entre *βοῦς* (Bous) e *γονή* (goné), que remete à crença de que abelhas surgem espontaneamente da carcaça de bois. Essa biogênese, ou seja, a tese de que a vida pode surgir da matéria morta, é um dos gatilhos que dispara as ações dos personagens centrais. Para além dessa significativa diferença entre os roteiros, o filme do Yorgos se apresenta vestido de um manto relativamente contemporâneo e demasiadamente trágico.

Ao contrário do crítico Angelo Cordeiro (2025), o qual afirma que o referido filme quer ser uma crítica ao presente "– às teorias conspiratórias, à masculinidade delirante e à paranoia digital –, mas acaba apenas zombando dessas figuras sem realmente compreendê-las", é possível percebê-lo como uma acurada metáfora do tempo presente, principalmente se observado pela ótica neopragmatista[28]. Isto é, o filme caracteriza o cenário de falência comunicacional que inunda a política com desacordos profundos e ampliação do antagonismo. Curiosamente, o desacordo é

[28] Neopragmatismo pode ser compreendido como uma abordagem filosófica que desloca o foco tradicional da verdade, da representação e da correspondência com a realidade para o âmbito das práticas linguísticas e normativas que estruturam a vida social. Em vez de entender o significado como algo dado no mundo ou na mente, o neopragmatismo o concebe como resultado de práticas públicas, historicamente situadas, reguladas por normas e organizadas por inferências compartilhadas. Nesse sentido, o neopragmatismo rejeita concepções como o representacionalismo e o mentalismo, defendendo que compreender um conceito não é associá-lo a um objeto ou estado de coisas, mas saber utilizá-lo adequadamente dentro de um conjunto de regras inferenciais que orientam o que pode ser dito, inferido ou considerado correto em uma comunidade. Além disso, o neopragmatismo assume uma dimensão crítica e prática: a linguagem não é apenas um instrumento de descrição da realidade, mas um meio de organização das formas de vida e de intervenção social. Isso implica reconhecer que disputas políticas e sociais não se limitam a divergências sobre fatos ou verdades, mas envolvem conflitos mais profundos acerca das regras que definem o significado, a legitimidade e o próprio campo do que é pensável e dizível.

estabelecido por uma racionalidade, muito difundida pelo âmbito digital, de que nossos padrões do que é aceito como verdade, como prova/evidência e como refutação, são completamente deturpados. Essa deturpação faz com que o solo comum em que práticas, pensamentos e ações, que outrora eram tidas como estáveis – o senso comum – sejam desestabilizados e permita a eclosão de *sensos comuns*. O que poderia ser visto como algo positivo é, na verdade, demasiadamente negativo, haja vista que o que eclode como pluralidade de sensos comuns são múltiplas formas ideais de anulação e aniquilação do comum plural.

Bugonia, portanto, representa bem esse cenário na medida em que destaca, em vasta minutagem, vale ressaltar, a dificuldade de se encontrar um consenso — ideia liberal que está sendo posta em xeque pelo atual cenário político — sobre quais são os padrões de verdade que estão sendo exigidos entre os sequestradores e a sequestrada. Tal dificuldade, vale dizer, assemelha-se à dificuldade de comunicação entre línguas distintas; contudo, no lugar de tentarem chegar ao entendimento mínimo e precário do que é afirmado/disputado, há uma visível resistência em aceitar o que o outro coloca como termos. Nesse caso, a falência comunicacional patina em torno das acusações de *loucura*, *burrice* e *fingimento*, sem que seja possível encontrar um solo áspero em que uma disputa com *fair-play* entre ideias possa pairar. Com isso, a *esfera pública* — espaço de disputa entre ideias cuja ideia de *boa vontade* é circundante — passa a dar espaço para *esferas nem tão públicas assim*, pois o que é válido é apenas aquilo que determinado grupo concorda que é válido.

Nesse sentido, a fim de apresentar o filme Bugonia como uma representação acurada do tempo presente, o texto que se segue respeitará a seguinte estrutura: em um primeiro momento, será feita uma recuperação de bibliografia dos principais teóricos do pensamento político e do neopragmatismo, juntamente com uma hermenêutica das reflexões apontadas; em um segundo momento, será feita uma análise de conteúdo do filme sob a ótica das teorias previamente apresentadas. Desse modo, a recuperação bibliográfica servirá para sinalizar o *estado da arte* das reflexões acerca da crise da democracia, bem como as implicações que essas concepções têm sobre o fenômeno de retrocesso democrático concreto. Com isso, a inserção do pensamento neopragmático servirá como ponto de inflexão no tocante à compreensão do que orbita tacitamente – talvez não tão tacitamente assim – o ponto gravitacional

da atual crise da democracia. Vale dizer, a reflexão hermenêutica será um tanto quanto extensiva — para alguns, enfadonha —, mas isso não se dá por conta de uma vaidade intelectual qualquer. Muito pelo contrário. Ela será extensiva justamente porque há uma preocupação em situar de modo significativo aqueles e aquelas que não estão acostumados com a discussão. Dado que a discussão proposta aqui ainda se situa em um campo relativamente endógeno do *neopragmatismo político*, tamanha prudência não é desnecessária. Com isso, a análise de conteúdo será conduzida também pelo ressalte aos pontos tidos como fundamentais do filme. Essa análise será feita a fim de mostrar que Lanthimos compreendeu de modo demasiadamente profundo as implicações da erosão do senso comum democrático. Assim, a análise de conteúdo do filme permitirá sinalizar que, para além do âmbito da teoria política, a erosão do senso comum democrático é uma preocupação que já penetrou o campo do audiovisual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cenário político atual possui especificidades que dificultam a atividade reflexiva. Isso se dá principalmente por conta do cenário de falência comunicacional. Esse cenário — provavelmente nunca visto em outros momentos históricos — é um desafio intelectual, pois o entendimento público, e até mesmo o desentendimento público, repousa em padrões mínimos e amplamente acordados do que é válido ou não na vida em comum. É isso que se chama conceitualmente de *senso comum* (Rosenfeld, 2023). Pegando o caso do desentendimento público como exemplo, é possível dizer que grupos sociais se desentendem por conta da reivindicação de amplitude dos termos. Dessa forma, se há o ideal de que a igualdade é universal e deve abarcar a todos, grupos sociais como *mulheres*, *negros*, *comunidade LGBTQIAPN+* e *neuroatípicos* podem reivindicar cobertura, tendo como justificativa o entendimento de que esse ideal não está contemplando essas parcelas. Nesse caso, o que há é a reivindicação de cobertura e, muitas vezes, a resistência em oferecê-la. É possível chamar esse cenário colocado de disputa *hegemônica* e *contra-hegemônica*.[29]

[29] A disputa hegemônica e contra-hegemônica refere-se ao conflito constante entre grupos sociais, políticos ou econômicos pelo domínio da direção intelectual, moral e cultural de uma sociedade. A noção de disputa hegemônica não se limita à força física ou ocupações das ruas — embora ambas sejam necessárias em alguns contextos das lutas políticas —, mas centra-se na construção de consenso e legitimidade. Ver *Cadernos de Cárcere 2* (2004) de Antônio Gramsci. Percebe-se aqui que a referida disputa se estabelece a partir de termos relativamente estáveis; o que está em disputa não é o termo, mas a inclusão do outro no arcabouço.

Embora seja um cenário de conflito, a disputa pela hegemonia ainda é estabelecida no seio da esfera pública. Esfera pública, vale dizer, é uma noção cunhada pelo filósofo Jürgen Habermas (2015), que pode ser entendida como um espaço social de comunicação situado entre a sociedade civil e sistema político, no qual os cidadãos discutem temas de interesse comum e formam opiniões que influenciam as decisões políticas. Contudo, há algo de novo e característico das tendências atuais, que já dá indícios da racionalidade subjacente ao fenômeno, a saber, a incitação constante e exacerbada, bem como a criação de justificativas, tanto para a incitação quanto para a própria ação de relativizar aquilo entendido como característico do senso comum. Isto é, agora — e o fator mídias digitais contribui muito — foi criada uma cisão na esfera pública em que parte da sociedade civil e parte do sistema político se retroalimentam com o intuito de destruir as opiniões e as decisões políticas que dizem respeito ao comum. Essa cisão, vale ressaltar, atua diretamente sobre o tecido discursivo da democracia, minando a confiança nas instituições, polarizando a sociedade e deslegitimando a esfera pública pela forma da degradação semântica.

Usando como exemplo paradigmático as *fake news*, é possível perceber a racionalidade que visa cindir a esfera pública. Embora as *fake news* possam ser caracterizadas de várias maneiras, é evidente que elas ocuparam um relevante lugar na política. O grau de parentesco entre o uso político das *fake news* e as mentiras contadas na política, e por políticos, é relativamente distante. Falar que a economia cresceu ou que a criminalidade diminuiu à contrapelo dos dados coletados por agências de monitoramento é uma coisa; disseminar que há uma organização secreta que orquestra todos os caminhos da política mundial e, com isso, fazer com que parcela da população advogue em prol, procure provas, aja de acordo com tal assertiva, é outra. A tração que as *fake news* têm no campo político parece sinalizar algo radicalmente diferente das mentiras políticas contadas. As mentiras políticas "tradicionais" caem por terra diante dos resultados das agências de monitoramento, ou passam por inúmeros malabarismos retóricos para se manterem de pé. De todo modo, há um certo grau de refutabilidade nas mentiras políticas que não pode ser visto nas *fake news*, como mostram estudos que tratam da ineficiência da verificação de fatos na redução da desinformação política e eleitoral (Pavão *et. al.*, 2022).

O fato de as *fake news* serem dificilmente falsificadas é um forte indício de que essas proposições extrapolam as barreiras epistêmicas. As *fake news*, quando adquirem o estatuto de verdade, instauram um quadro de falência comunicacional entre grupos políticos que tem por consequência direta a legitimação da destruição como um paradigma. Além disso, é importante tentar explicar como as *fake news* conseguem se infiltrar na sociedade, revelando uma espécie de estrutura básica, explicando satisfatoriamente o motivo delas ganharem tanta adesão. Ademais, é mister explicar quais são as razões convincentes para se acreditar nas *fake news* e porque o combate às *fake* news quase sempre termina em falência comunicacional, revelando os limites do *convencimento* e da *persuasão*.

De antemão, é importante dizer que a presença do jargão altamente wittgensteiniano não é fruto do mero acaso. Isso porque Wittgenstein, principalmente na fase mais madura de seu pensamento filosófico, foi responsável pelo estabelecimento de uma concepção da linguagem como uma atividade. Evidentemente, diversos pensadores do pragmatismo filosófico também chegaram a essa constatação. No entanto, os termos agregados à conclusão de linguagem como ação da perspectiva wittgensteiniana reverberaram no pensamento político de modo extremamente frutífero, como explicitam Chantal Mouffe (2000) e Hannah Pitkin (2023). Nesse sentido, entender a linguagem como ação também significa que "a linguagem é, antes de mais nada, a fala, e 'o falar de uma linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida'" (Pitkin, 2023, p. 93).

Assim, as noções de jogos de linguagem e de forma de vida (*Lebensform*), por exemplo, assumem um papel crucial no tocante ao uso da linguagem. Compreender uma linguagem é saber como agir e fazer certas coisas, ou seja, "entender uma linguagem significa dominar uma técnica" (IF §199). É o domínio dessa técnica que faz com que as pessoas reajam de determinada maneira ou de outra. O modo de agir é um indicativo da correção da palavra, não sua correspondência no mundo. Isso porque "o modo de agir comum aos homens é o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma linguagem" (IF §206). É por conta disso que certo e errado são uma decorrência da concordância entre os homens; afinal de contas, "certo e errado é o que os homens *dizem*; e na *linguagem*, os homens concordam. Essa não é uma concordância das opiniões, mas da forma de vida" (IF §241).

Como é sabido, a noção de regra de teste está associada às noções de jogos de linguagem e forma de vida elaboradas por Wittgenstein. Os jogos de linguagem são práticas que envolvem o uso da linguagem em diferentes contextos. Eles representam a relação entre linguagem e ações, como seguir regras, comunicar, dar ordens. Esses jogos são permeados pelos usos estabelecidos em práticas coletivas. Desse modo, o conceito de jogos de linguagem se refere à totalidade dos proferimentos linguísticos entrelaçados com atividades não linguísticas. Esse entrelaçamento é constituído pelo consenso preliminar em uma forma de vida compartilhada intersubjetivamente ou por meio da pré-compreensão de uma prática comum regulada por instituições e costumes.

Desse modo, ao fim e ao cabo, a nutrição do extremismo feita pela extrema-direita[30] acontece justamente porque as *fake news* são usadas com base em uma racionalidade que visa introduzir indivíduos numa determinada visão de mundo cujas regras articulam significados e sentidos, atravessando processos de subjetivação. No lugar de serem fruto de uma dissonância cognitiva (Rocha, 2023) e/ou serem parte de uma gramática conspiracionista que aponta para causalidades simplificadoras e imaginárias (Cesarino, 2022), o uso que a extrema-direita faz das *fake news* instaura uma virada normativa na política. Esse giro normativo permite à extrema-direita ser caracterizada como uma prática que cria uma visão de mundo a partir da apropriação da esfera digital. Por consequência, nesse cenário, a função das *fake news* vai além dos critérios de verdade e falsidade. Isso porque as diversas formas de uso da extrema-direita das *fake news*, que se cruzam e se justapõem, atravessam práticas normativas sobre aspectos do mundo.

A normatividade instaurada pela extrema-direita, isto é, práticas e atividades realizadas de acordo com as regras estabelecidas pela extrema-direita, é reflexo da instauração de uma gramática à direita do espectro político. Arbitrária como toda gramática, a gramática da extrema-direita se distingue da gramática democrática a partir da diferença entre tipos de usos de linguagem. Nesse caso, investigar o uso à

[30]Longe de querer cair em um maniqueísmo barato, a caracterização do responsável pela nutrição do extremismo como sendo a extrema-direita tem por base uma vasta literatura, a saber: *Como a Democracia Chega ao Fim* (2018), *Políticas do Encanto* (2024), *Como as Democracias Morrem* (2018), *Do Transe à Vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição* (2022), entre outros.

direita das *fake news* não é investigar a validade ou a falsidade dessas assertivas sobre o mundo. Em vez disso, é fazer uma descrição da gramática da extrema-direita, calcada fundamentalmente na disseminação estratégica de *fake news*. A normatividade da linguagem está sempre associada à normalidade (Machado, 2007), e a gramática da extrema-direita rompe com a normalidade da gramática democrática. Isso é o principal vetor de aprofundamento nos desacordos políticos na atualidade.

Nesse sentido, a ascensão da extrema-direita, bem como sua associação direta com a disseminação de *fake news*, ressalta um problema filosófico subjacente. Não se pode resumir o uso que a extrema-direita faz das *fake news* apenas à limitada visão associada à verdade e à falsidade, como é o caso das análises decorrentes da epistemologia das *fake news*. A verificação do fato não é o suficiente para desacreditar uma *fake news* da extrema-direita, justamente porque bate de frente com a normalidade instituída por ela. Essa normalidade, como toda normalidade, como todo seguir regra, implica na restrição e condicionamento das possibilidades e ações, não se limitando apenas à verdade ou à falsidade.

As instituições e costumes que regulam a prática comum são as regras do jogo de linguagem. As regras do jogo de linguagem são regras constitutivas, como as regras da gramática, que são padrões para o uso correto. É o uso correto que determina o significado de uma expressão. Sendo que o termo correto não é sinônimo de verdadeiro, haja vista que "se pode utilizar um termo de acordo com regras linguísticas sem que se diga que algo é verdadeiro" (Glock, 1998, p. 193). Além disso, o significado das palavras e das ações depende fundamentalmente de como tais palavras e ações são usadas em um contexto, de acordo com certas regras. Isso significa dizer que o significado de uma palavra emerge da prática de seguir as regras estabelecidas pela comunidade.

É justamente no seguimento de uma ou várias regras que está a normatividade. Nesse sentido, a normatividade faz referência à conformidade com as regras, com os conceitos e com as convenções estabelecidas dentro de uma comunidade linguística específica. Com isso, quem "discorda profundamente de alguém não entende que essa pessoa está simplesmente errada, mas que ela é absurda. Aquilo que o outro defende não se insere em um sistema mais geral de crenças do qual temos certeza" (Jourdan, 2021, p. 71). Nesse contexto, os desacordos ocorrem na medida em que sistemas mais

gerais de crenças não coincidem entre si. Ou seja, "'estamos muito certos disso' não significa que toda e qualquer pessoa esteja certa disso, mas que pertencemos a uma comunidade que está ligada pela ciência e pela educação" (SC, §298).

Isso significa que as regras, mesmo quando não são explícitas, são consideradas devido à educação dentro de uma comunidade que compartilha certas práticas epistêmicas e formas de vida (Coliva, 2015). Ou seja, "critérios e regras são sempre pressupostos para a determinação do sentido proposicional" (Silva, 2021, p. 264), e esses critérios e regras são fundamentais para atribuir significados às descrições. Devido à natureza constitutiva, as regras estabelecem o "arcabouço conceitual, inferencial e normativo a partir do qual classificamos, descrevemos e julgamos coisas no mundo" (Silva, 2021, p. 265). Com isso, comunidades com práticas epistêmicas distintas tendem ao desacordo, uma vez que as normas "não representam verdadeiramente ou falsamente um estado de coisas" (Silva, 2021, p. 263).

Esse é o caso dos seguidores dos líderes de extrema-direita, bem como das próprias lideranças e da própria democracia. Se é possível dizer que a extrema-direita está criando uma visão de mundo entre aqueles que se engajam, é porque também há uma visão de mundo democrática. Nesse sentido, falar que o atual cenário político está sendo interpenetrado pela disputa por concepções de verdade significa, antes de tudo, falar que o atual cenário político está sendo disputado por formas de vida politicamente diferentes. É por conta disso que há a busca pelo estabelecimento de uma visão radicalmente unilateral do que é verdade, porque a disputa se dá em torno de formas de vida radicalmente distintas. Para a extrema-direita, pouco importa se as proposições que circulam no seu entorno beiram o absurdo ou possuem qualquer respaldo científico; o que importa é o que as pessoas engajadas com as lideranças aceitam como justificativa, afinal de contas, "o que as pessoas aceitam como justificativa — isso mostra como elas pensam e vivem" (IF §325). Dessa forma, a extrema-direita não se apresenta como uma ameaça à democracia somente porque corrói as instituições democráticas, mas também porque, a partir das suas dinâmicas em rede, consegue erguer uma visão de mundo diametralmente oposta à forma de vida democrática. Esse empreendimento infecta profundamente o solo político comum, desafiando, e até mesmo dizimando, formas de vida que não fazem parte da forma de vida à direita.

À luz do percurso teórico delineado, é possível compreender que as categorias mobilizadas não se esgotam em um plano abstrato, mas encontram expressão concreta em produções culturais que tensionam os limites da racionalidade política contemporânea. Nesse sentido, o filme Bugonia opera como um campo privilegiado para a observação dessas dinâmicas, na medida em que dramatiza, por meio de sua narrativa, a ruptura dos critérios compartilhados de verdade e a consequente falência comunicacional entre sujeitos inseridos em formas de vida distintas. Assim, a análise fílmica que se segue não constitui um mero desdobramento ilustrativo da teoria, mas uma instância interpretativa em que os conceitos previamente trabalhados são testados, tensionados e, em certa medida, reconfigurados. Desse modo, ao deslocar o foco da abstração conceitual para a materialidade narrativa do filme, busca-se evidenciar como as estruturas normativas da linguagem e os conflitos políticos contemporâneos se manifestam de forma sensível, permitindo uma compreensão mais situada e concreta dos fenômenos discutidos.

BUGONIA COMO REPRESENTAÇÃO

Como se sabe, a crise contemporânea da democracia pode ser compreendida a partir da erosão dos critérios compartilhados de verdade, da fragmentação da esfera pública e da proliferação de gramáticas concorrentes que estruturam formas de vida inconciliáveis. Os desacordos políticos atuais não se limitam a divergências opinativas, mas dizem respeito a conflitos mais profundos envolvendo os próprios parâmetros de inteligibilidade, validade e sentido. Nesse contexto, a disseminação de *fake news* e a atuação de racionalidades políticas dissidentes indicam uma inflexão normativa que compromete as bases do dissenso democrático. É precisamente nesse horizonte analítico que se insere o filme Bugonia, cuja narrativa permite observar, em nível estético e dramático, a materialização dessas tensões. Assim, a obra será examinada não apenas como representação, mas como instância privilegiada de problematização dos limites da comunicação, da verdade e da convivência política no tempo presente.

Por mais que se tenha dito que *Bugonia* é demasiadamente trágico, é preciso deixar claro que o filme é uma comédia de humor ácido e sarcástico. Os principais instrumentos narrativos são o apicultor paranoico e a CEO do setor biomédico. O apicultor, Teddy (Jesse Plemons), descrito como suado, desleixado e de comportamento obsceno, alia-se ao seu primo, Donny (Aidan Delbis), para sequestrar

Michelle Fuller (Emma Stone), sob a convicção de que ela seja uma alienígena oriunda da galáxia de Andrômeda, cujo objetivo seria a destruição da humanidade. Tal crença se fundamenta em *podcasts* conspiratórios, fontes digitais pouco confiáveis e nas próprias experiências empíricas de Teddy. A execução do plano da dupla pressupõe, nas palavras do próprio Teddy, a superação de suas *compulsões psíquicas*. Essa é a base de toda a narrativa do filme de Lanthimos.

A narrativa se inicia por meio da alternância de cenas em que Teddy e Donny treinam em uma residência simultaneamente acolhedora e decadente, enquanto Michelle se exercita em um ambiente doméstico de estética modernista e asséptica. Enquanto Teddy e Donny realizam alongamentos, praticam exercícios aeróbicos e se submetem à castração química, Michelle se limita a correr na esteira e ingerir uma série de vitaminas, sugerindo, de forma irônica, uma aproximação entre universos sociais distintos. Contudo, a aproximação não orbita apenas a esfera do bem-estar forçosamente estabelecido como *mainstream*. Isso porque os trajetos desses personagens convergem diante da residência de Michelle, quando Teddy e Donny, trajando agasalhos prateados desgastados e máscaras de baixa qualidade, efetuam seu sequestro. Em seguida, raspam-lhe a cabeça — sob a justificativa de que os cabelos longos constituiriam um meio de comunicação com sua suposta espécie —, despem-na, cobrem seu corpo com loção e a mantêm acorrentada a uma cama no porão. A partir desse ponto, a narrativa se concentra predominantemente no interrogatório conduzido por Teddy.

Antes de mais detalhes sobre o interrogatório, é importante destacar que Lanthimos toma uma decisão artística significativamente interessante. Essa decisão, vale dizer, está concentrada no fato de que o interrogatório de Michelle está envolto em uma constante mudança de ângulo. Isto é, Teddy é filmado de um ângulo baixo e Michelle é filmada de uma perspectiva alta. Nessa construção, Michelle aparece com a cabeça raspada e olhos arregalados, uma angulação de súplica e inferioridade que vai de encontro à postura e angulação em que grandes figuras financeiras são comumente filmadas. Essa linguagem visual de perseguição e fragilidade, ao que parece, já demonstra que o tema central, a pauta, do filme de Lanthimos é a relativização ubíqua no tempo presente. Para além de uma interpretação do que está subjacente ao filme, a

questão da relativização está escancarada: quem são os monstros e tiranos e o que é tangivelmente humano e emocionalmente alienígena.

Há uma grande sacada de Lanthimos. De um lado, os grandes empresários são vistos como enganadores descarados. De outro, um jovem é condicionado ao agir calcado em enganações difundidas pelo meio digital. A verdade se torna um artefato raro cuja referência se distancia cada vez mais durante as cenas de interação entre Teddy e Michelle. Se não bastasse, Michelle, que já é socialmente vista como enganadora, o Teddy – observando-a pelas lentes das mentiras difundidas no ambiente digital – rejeita qualquer indício de que há uma verdade objetiva à qual lhe escapa o tino, pois compreende a CEO como duplamente enganadora: para além de membro dirigente de uma grande corporação, ela também esconde que é alienígena.

Além disso, para ampliar ainda mais o cenário de desacordo linguístico, Michelle se expressa recorrentemente por meio de uma linguagem corporativa, adotando um tom passivo-agressivo que, além de causar estranhamento em Teddy, contribui para intensificar sua irritação. Este, por sua vez, tem uma postura marcada pela autoconfiança — na qual se investe, simultaneamente, das funções de juiz e júri. Nesse sentido, a falência comunicacional se dá por causa da presença de duas gramáticas completamente distintas. Por mais que falem a mesma língua, o significado dos termos e as práticas decorrentes deles são completamente distintos. Assim, não basta a reticência de Teddy em acreditar que Michelle, de fato, não está sendo enganadora; as gramáticas distintas deixam claro os limites do convencimento: nem Michelle conseguirá convencer Teddy de que não é uma alienígena; nem Teddy fará Michelle assumir o que ela realmente é, haja vista que o que serve como prova e evidência da real forma da CEO sequestrada é o que a comunidade aceita como verdade — isto é, sua comunidade estabeleceu um filtro do que pode ou não ser verdadeiro.

Teddy está convencido de que ele e Donny precisam subjugar Michelle antes do próximo eclipse lunar, previsto para ocorrer em três dias, a fim de possibilitar o *teletransporte* até a suposta *nave-mãe* e, assim, negociar para que sua espécie deixe a Terra em paz. Percebe-se aqui novamente a transmutação de significados: o que era para ser apenas um fenômeno astronômico é visto como um meio de transporte intergaláctico. Nesse contexto, cada dia assume a configuração de um ato autônomo,

marcado por uma contagem regressiva que simboliza a progressiva deterioração do planeta. Por meio de flashbacks em preto e branco, evidencia-se a conexão entre Michelle e Sandy (Alicia Silverstone), mãe de Teddy, que participou de um teste farmacológico malsucedido. Paralelamente, Teddy profere discursos acerca da dominação exercida pela classe corporativa sobre as decisões individuais, destacando mecanismos de escravidão tecnológica e o envenenamento do mundo, com ênfase na devastação das abelhas.

O primo de Teddy, Donny, é uma contundente representação da divergência entre gramáticas. Divergência, vale dizer, que sinaliza para o colapso – no caso de Donny, o suicídio. O primo de Teddy, descrito como dócil, mas manipulável, comete suicídio diante de Michelle justamente porque não consegue conciliar a lealdade a Teddy com o sentimento de culpa decorrente do sequestro e da tortura infligidos a ela. Após isso, Michelle para persuadir Teddy, que está emocionalmente fragilizado. Seu principal argumento é que teria ocultado a cura andomedana para a enfermidade de sua mãe em um frasco de anticongelante no porta-malas do carro. Aqui, a estratégia de Michelle é outra. No lugar de tentar convencer Teddy de que não é um alienígena, a CEO empreende uma investida que envolve abandonar a sua gramática e jogar o jogo do sequestrador, com suas regras e os seus significados. Evidentemente, tal alegação desencadeia uma sequência previsivelmente perturbadora, na qual Teddy se dirige à clínica de repouso onde sua mãe se encontra internada e, de forma trágica, introduz o anticongelante em seu soro, ocasionando sua morte.

Enquanto isso, Michelle, que consegue resgatar as chaves de suas correntes do bolso de Donny – já falecido –, tem a oportunidade de escapar do cativeiro. No entanto, após descobrir uma sala secreta no porão de Teddy, repleta de restos mortais de suas vítimas anteriores — que foram usadas como cobaias em seus experimentos —, ela decide ficar para trás. Assim, quando Teddy retorna para casa, ela o confronta sobre seus experimentos e seu conhecimento dos Andromedanos. Após isso, Michelle confessa a história da raça alienígena, alegando que eles chegaram à Terra na época dos dinossauros e acidentalmente causaram a extinção dessa espécie, criando então uma nova espécie à sua imagem e semelhança a fim de repovoar o planeta.

A cena descrita pode muito bem ser compreendida como a culminação dramática da falência comunicacional, cuja impossibilidade de compartilhamento de

critérios comuns de verdade, evidência e sentido entre sujeitos inseridos em gramáticas distintas já é evidente. O fato de Michelle não escapar, mesmo tendo meios para isso, revela uma inflexão estratégica significativa: ela abandona a tentativa de operar dentro de uma racionalidade relativamente objetiva e passa a atuar segundo a lógica interna do próprio Teddy. Desse modo, sua permanência no cativeiro não é irracional, mas sim coerente com uma adaptação pragmática à gramática dominante naquela interação. Além disso, a descoberta da sala com restos mortais intensifica o caráter trágico e simbólico da cena, pois explicita que a crença de Teddy nas narrativas conspiratórias desemboca na performance material violenta. Isto é, a gramática não se limita ao plano discursivo, mas estrutura práticas concretas e normativas.

Vale ressaltar também que a confissão de Michelle, na qual assume a identidade alienígena e apresenta uma narrativa sobre a origem da humanidade, deve ser interpretada menos como uma revelação factual e mais como um gesto discursivo estratégico. Trata-se de uma adesão performática à gramática de Teddy, evidenciando que, em um cenário de desacordo profundo, a verdade deixa de ser um critério compartilhado e passa a ser subordinada às regras internas de uma determinada forma de vida — que é, na maioria das vezes, a forma de vida dominante.

A narrativa extensa de Michelle, que assume ser andromedana, mas sustenta que Teddy estava equivocado em acreditar que os andromedanos buscavam se infiltrar e envenenar a humanidade, culmina na personagem afirmando categoricamente que são os próprios seres humanos que vêm promovendo a destruição da Terra, de suas espécies animais e de si mesmos. Essa destruição tem a ver com fatores como as mudanças climáticas, os conflitos bélicos e outros males estruturais. Nesse contexto, os andromedanos estariam empenhados, de forma desesperada, em encontrar meios de salvar a humanidade de sua própria autodestruição. Ainda assim, nesse estágio da narrativa, permanece ambígua a veracidade de seu discurso, podendo tratar-se tanto de uma revelação quanto de uma estratégia de manipulação.

Com o eclipse lunar previsto para aquela noite, Michelle propõe conduzir Teddy até a nave-mãe por meio de um dispositivo de teletransporte localizado em seu escritório, em Auxolith. Ao chegarem ao local, Teddy revela estar utilizando um colete à prova de balas como medida preventiva. Michelle, então, afirma que realizará

primeiro o teletransporte dele, inserindo uma sequência numérica excessivamente longa em uma calculadora, em aparente tentativa de ganhar tempo. No momento em que Teddy adentra o compartimento, há uma explosão, causando sua morte e deixando Michelle inconsciente. Ao recobrar os sentidos em uma ambulância, ela consegue escapar e retornar a Auxolith, onde efetivamente realiza o teletransporte, sendo então revelada como a imperatriz dos andromedanos. Após deliberar com seus conselheiros, Michelle conclui que a humanidade constitui um experimento fracassado e, ao romper uma estrutura que encapsula uma representação da Terra, provoca a morte instantânea — e sem violência explícita — de todos os seres humanos.

Em termos analíticos, o que ocorre não é a negação da falência comunicacional, mas sua radicalização. O filme desloca o problema da incomunicabilidade entre gramáticas para um plano em que uma delas, ao final, se revela ontologicamente verdadeira. Levando em conta que os personagens operam em sistemas distintos de validação, nos quais o que serve como prova e evidência é o que sua comunidade aceita como verdade, é possível dizer que uma gramática pode estar ontologicamente verdadeira, mas epistemicamente inválida. A questão aqui é o que está sendo entendido por epistemologia, o que justifica o relativismo epistêmico.

Assim, até certo ponto da narrativa, a fala de Michelle pode ser interpretada como mais um movimento estratégico dentro do jogo de linguagem de Teddy. Entretanto, o desfecho introduz uma inflexão decisiva: a confirmação factual da condição alienígena de Michelle e da existência dos andromedanos. Essa inflexão, antes de invalidar a interpretação estabelecida, apenas a coloca sob tensão. Isso porque o filme parece propor que uma crença considerada delirante — sustentada por Teddy — pode, contingencialmente, coincidir com a realidade. Tal coincidência, contudo, apenas coloca em evidência o caráter perigoso de um sistema de crenças dissidente de um senso comum já estabelecido. Em outras palavras, o fato de Teddy estar certo não decorre necessariamente do processo de adesão a uma gramática conspiratória. A revelação final opera, portanto, como uma crítica ainda mais contundente: mesmo quando há correspondência entre crença e realidade, é preciso atinar para o caráter inclusivo ou excludente de uma gramática. Além disso, a decisão de Michelle de exterminar a humanidade reposiciona a narrativa no campo político-normativo. Se, ao longo do texto, a disputa entre gramáticas implicava a impossibilidade de consenso,

aqui ela culmina na eliminação unilateral de uma forma de vida por outra. Trata-se da realização extrema da tendência contemporânea. Isto é, a substituição do dissenso democrático por formas de aniquilação do outro. A destruição da humanidade simboliza, assim, o colapso definitivo da esfera pública enquanto espaço de mediação.

De modo geral, o êxito da narrativa cinematográfica de Lanthimos demanda do espectador um tipo de suspensão crítica semelhante à de Michelle. É difícil simpatizar com um conspiracionista, bem como não é fácil ter a surpresa de que ele, em alguma medida, estava certo. O problema das conspirações é que elas tocam os elementos que afligem, os fenômenos que preocupam, mas sem atingir o seu cerne estruturante. Não é que os temas centrais, sejam eles ambientais, políticos e sociais, sejam ignorados. É que a estrutura que sustenta a destruição desses âmbitos permanece ofuscada pelo véu da conspiração. Tendo em vista isso, há necessidade de retorno às abelhas, que dialoga diretamente com o conceito de *Bugonia* — a ideia de vida que emerge da morte. A extinção da humanidade, seguida pela sobrevivência (ou renascimento) de outras formas de vida, sugere que o colapso de uma forma de vida específica não implica o fim da vida em si, mas de sua reconfiguração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a análise que se seguiu, cujo objetivo consistiu em examinar o filme Bugonia como uma representação da crise contemporânea da democracia – especialmente no que tange à falência comunicacional e à fragmentação dos critérios de verdade –, valendo-se, para tanto, de uma abordagem teórico-analítica fundamentada na revisão bibliográfica e na análise de conteúdo da obra cinematográfica, é possível dizer que Bugonia se configura como uma potente alegoria do cenário político contemporâneo. A partir da metodologia posta, foi possível sinalizar que a narrativa fílmica não apenas ilustra, mas tensiona e explicita, em nível estético, os conflitos normativos que atravessam o cenário político atual, evidenciando a dificuldade de estabelecimento de parâmetros comuns de sentido entre diferentes formas de vida. Desse modo, o filme constitui uma ferramenta interpretativa relevante para a compreensão desses fenômenos. Ao mobilizar elementos narrativos que tensionam os limites entre racionalidade e delírio, a obra evidencia como diferentes gramáticas — entendidas à luz da filosofia wittgensteiniana como formas de vida e

sistemas normativos de significação — vão se tornando progressivamente incomensuráveis, inviabilizando a construção de consensos mínimos no espaço público.

Desse modo, a análise permitiu demonstrar que o conflito entre os personagens não se reduz a uma divergência de opiniões, mas revela a existência de estruturas normativas distintas que orientam a produção de sentido, a validação de evidências e a própria definição do que conta como verdade. Nesse contexto, a disseminação de *fake news*, especialmente associada a dinâmicas políticas contemporâneas, não pode ser compreendida apenas sob a ótica epistemológica tradicional, baseada na dicotomia entre verdade e falsidade. Antes, trata-se de um fenômeno inserido em práticas sociais e linguísticas que instauram novas formas de normatividade, frequentemente incompatíveis com os pressupostos da racionalidade democrática. Ademais, o desfecho do filme radicaliza a problemática ao deslocar a tensão entre gramáticas para um plano no qual uma das perspectivas se revela factual. Tal inflexão intensifica a interpretação proposta aqui, justamente porque evidencia que a coincidência entre crença e realidade não legitima os processos que conduziram à sua formação. Pelo contrário, é reforçada a necessidade de avaliar criticamente os modos de constituição das crenças, sobretudo quando estes implicam práticas excludentes e potencialmente destrutivas.

Por fim, Bugonia representa muito bem o esgarçamento da esfera pública e a substituição do dissenso democrático por lógicas de aniquilação do outro, que são tendências preocupantes do tempo presente. A metáfora da *Bugonia*, enquanto emergência de vida a partir da morte, aponta para a possibilidade de reconfiguração das formas de vida, mas também alerta para os custos dessa transformação quando mediada por processos de colapso comunicacional e erosão das bases comuns de entendimento. Nesse sentido, a obra não apenas reflete o estado atual da política, mas também convoca à reflexão crítica sobre os fundamentos normativos que sustentam a convivência democrática.

REFERÊNCIAS

BUGONIA. Direção: Yorgos Lanthimos. Produção: Ed. Guiney, Andrew Lowe, Yorgos Lanthimos, Emma Stone, Ari Aster, Lars Knudsen, Miky Lee, Jerry Kyoungboum Ko. Element Pictures, Square Peg, CJ ENM, Pith, Fruit Tree Enterprises, 2025. Filme (118 min).

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022b.

COLIVA, Annalisa. **Extended Rationality: a hinge epistemology**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2015

DEMURU, Paolo. **Políticas do Encanto: extrema direita e fantasias de conspiração**. São Paulo: Elefante, 2024.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo (vol. 2). Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **A Nova Obscuridade: pequenos escritos políticos. V**. São Paulo: Unesp, 2015.

JOURDAN, Camila Rodrigues. Desacordos Profundos na Guerra das Formas de Vida. **O que nos faz pensar**, v. 29, n. 49, p. 57-77, 2021.

KYNODONTAS. Direção: Yorgos Lanthimos. Produção: Iraklis Mavroidis, Athina Rachel Tsangari, Yorgos Tsourianis. Boo Productions, 2009. Filme (94 min).

LEVITSKY, S. & ZIBLATT, D. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MACHADO, Alexandre Noronha. **Lógica e Forma de Vida: Wittgenstein e a natureza da necessidade lógica e da filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.
MOUFFE, Chantal. **The Democratic Paradox**. Nova York: Verso, 2000.

NUNES, Rodrigo. **Do Transe à Vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu, 2022.

PAVÃO, Nara, PEREIRA, Frederico B., BUENO, Natália S. NUNES, Felipe. Fake News, Fact Checking, and Partisanship: The resilience of rumors in the 2018 Brazilian Elections. **The Journal of Politics**, v. 84, n. 4, p. 2188-2201, 2022.

PITKIN, Hannah. **Wittgenstein e a Justiça**. São Paulo: Loyola, 2023.

REVISTA ROLLINGSTONE. 'Bugonia' é mais um filme bizarro de Yorgos Lanthimos que vale apenas por Emma Stone. 2025. Disponível em: < https://rollingstone.com.br/cinema/bugonia-yorgos-lanthimos-emma-stone-critica/>. Acesso em: 04 mai. 2026.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico – retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROSENFELD, Sophia. **Democracia e Verdade: uma breve história**. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2023.

RUNCIMAN, David. **Como a Democracia Chega ao Fim**. São Paulo: Todavia, 2018.
SAVE THE GREEN PLANET. Direção: Jang Joon-hwan. Produção: Seoung Jae-cha Kim Seon-a. CJ Entertainment, 2003. Filme (118 min).

SILVA, Marcos. *Satz als Bild und Satz als Maßstab*: sobre o desenvolvimento normativo de uma metáfora. **Analytica**, v. 25, n. 2, p. 252-270, 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Fósforo, 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Sobre a Certeza**. Lisboa: Edições 70, 2022.

CIRCULANTES, ARQUITETÔNICOS E OUTRA RUMA DE DISCURSOS SOBRE O SERTÃO

Francisco Heitor Pimenta Patrício

INTRODUÇÃO

A todo momento, produzimos discursos a partir de nossas experiências, vivências e referências. Esses, por sua vez, sofrem influências de outros discursos produzidos por nós e por outros sujeitos que nos influenciaram de alguma forma. Esse processo é circular e, portanto, infinito, e podemos depreender muitas informações sobre a forma como pensamos, agimos e enxergamos a realidade à nossa volta, mas também como a influenciamos. Assim, podemos dizer, mesmo correndo o risco de cair em um lugar comum, que somos formados pela somatória de discursos com os quais tivemos contato ao longo da vida.

A sociedade que nos rodeia também é formada por uma infinidade de discursos que geram, ao longo do tempo, outros discursos. Entretanto, diferente de nós, seres humanos, a sociedade não desenvolve seus discursos sozinha. De forma geral, ela passa por um processo de criação, revisão e recriação de seus discursos, obedecendo às leis naturais de evolução do pensamento social e cultural. Ao nascermos, portanto, não encontramos um espaço livre de opiniões e ideologias; pelo contrário, mesmo antes, nossa existência futura já é embebida por esses vários discursos e suas influências. Dito isso, cabe-nos sempre a indagação sobre onde e como surgiram determinados discursos e, principalmente, entender que tudo é discurso, inclusive aquilo que parece não ser.

Dessa maneira, o texto busca ilustrar de que maneira os discursos sobre o sertão foram construídos, tendo como base a teoria discursiva aplicada à literatura e ao cinema como exemplos de linguagens forjadas a partir de discursos sociais. Importante ressaltar que as obras listadas ao longo da pesquisa não pretendem servir como base de uma análise literária, mas como dados empíricos tanto da construção de discursos sobre o sertão na tradição artística quanto de uma possível mudança de paradigma na contemporaneidade.

Assim, os dois primeiros tópicos agem de forma a apresentar a teoria defendida pela pesquisa e como ocorre o diálogo entre os autores selecionados para a metodologia. Logo após, segue-se um capítulo interpretativo no qual relacionamos a teoria com o nosso objeto de pesquisa: os discursos sobre o sertão. É nesse tópico que damos vazão às principais ideias da pesquisa, especialmente as relacionadas à criação e reprodução de diferentes discursos. O último tópico, enfim, elenca algumas obras

cinematográficas e literárias de forma a construir dados empíricos e factíveis que explicitem como os discursos sobre o sertão são construídos nas obras contemporâneas.

Para isso, utilizaremos algumas categorias como Grupo Social, Discurso Circulante e Discurso Arquitetônico, esta última tendo como base a percepção do conceito por Bakhtin. Nos utilizaremos também, para isso, de alguns teóricos como Moraes (2003), Charaudeau (2013), Souza (2018) e Queiroz (2020).

DE DISCURSO EM DISCURSO, FORMA-SE A OBRA E O ARTISTA

Charaudeau, em seu *O discurso das mídias* (2013), imerge em vários aspectos que constituem a criação de discursos e a comunicação entre mídia, dispositivos, o espectador e a sociedade. O autor foca em como o ato comunicativo se materializa em variados ambientes de sociabilidade, influenciando-os. É nesse sentido que Charaudeau (2013) inicia o capítulo intitulado "Os Dispositivos de Encenação", afirmando que todo ato de comunicação acontece em determinado ambiente físico, e que este ambiente impõe restrições e especificidades para que este ato aconteça. Cada comunicação, segundo o autor, ativa dispositivos necessários para que ela se concretize. Esses dispositivos seriam uma maneira de pensar o processo de comunicação envolvendo todos os seus aspectos.

Podemos pensar o dispositivo como o conjunto dos vários elementos que formam tanto a mensagem quanto o processo de comunicação. Esses elementos, como afirma o autor, são de várias ordens, concretas ou não, e são organizados segundo uma rede conceitual. Os dispositivos não são o meio ou o canal, a mensagem ou o discurso que os precedem, e tão pouco também são a junção de todos esses. Entende-se os dispositivos como uma "entidade" que suporta a mensagem, interage e a modifica, fazendo parte desse processo de comunicação do momento da ideia até sua concretização. Além disso, esses dispositivos também alteram a mensagem por seus próprios métodos, existe uma troca, um diálogo entre eles. Sendo assim, fica irrealizável dissociar a mensagem de seu dispositivo.

Tanto a mensagem como os seus dispositivos são objetos de análise quando pretendemos entender o funcionamento ou a origem de determinados discursos e ideologias. Seja na literatura, no cinema, nas artes visuais e teatrais, existe sempre um

dispositivo, uma mensagem e um discurso que interagem, construindo a significação da obra e a forma como ela dialoga com a sociedade.

Para entender isso, basta pensarmos sobre como determinadas ideologias são aceitas socialmente como algo natural e como essas ideologias alteram a forma como as produções artísticas são realizadas. Se pensarmos, por exemplo, o livro como um dispositivo específico, existe ali uma mensagem, passada pelo autor ou pelo narrador, que é fruto de um discurso, e essa mesma mensagem não seria concretizada do mesmo modo se estivesse em uma música, em uma pintura ou mesmo em um diálogo. Ainda, é preciso que os sujeitos participantes dessas comunidades nos quais esses discursos são produzidos os aceitem como iguais ou diferentes, e os integrem a seu sistema de valores, que engloba desde os costumes culturais até as produções artísticas, e isso pode ser explicado a partir da ideia de grupo social, também proposta por Charaudeau.

Para o autor, um grupo social começa a ser considerado como tal a partir do momento em que os participantes desse grupo iniciam o processo de produzir e consumir seus próprios significados (o autor usa julgamentos). Charaudeau (2013) entende que um grupo começa a produzir ações, discursos, mensagens, e após isso o próprio grupo inicia um processo de julgamento, de referenciação e de socialização dessas produções. Esse processo de formação de uma identidade própria, no qual o grupo valida determinados discursos, acontece a partir de um processo de exclusão e identificação. É quando uma certa quantidade de indivíduos valida seus discursos que este passa a ser considerado um grupo social.

Ainda para o autor, esse processo gera discursos circulantes que são:

> Uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados. Esses enunciados tomam uma forma discursiva que, por vezes, se fixa em fragmentos textuais (provérbios, ditados, máximas e frases feitas), por vezes varia em maneiras de falar com fraseologia variável que se constituem em socioletos. É através desses enunciados que os membros de uma comunidade se reconhecem. (Charaudeau, 2013, p. 118).

Os discursos circulantes circundam todos os aspectos do cotidiano e suas funções se complementam desde a instituição do poder, a regularização desses discursos e, a que nos interessa em particular, a dramatização. Essa última tem a

particular função de representar os dramas vividos pelos sujeitos de determinada comunidade, a maneira como vivem e as relações que mantêm entre si. É nessa terceira função que podemos destacar o papel da arte, por exemplo. Entretanto, apesar de separadas para uma melhor conceituação, os limites entre elas são tênues, já que não existem isoladamente. Não há instituição de poder e construção de identidade sem um discurso para validá-los no cotidiano e representá-los esteticamente com fins ideológicos e identitários. Toda arte é, e carrega, um discurso circulante validado pelas várias esferas sociais.

Podemos pensar, nesse caso, na literatura nacional e como alguns discursos circulantes, ao longo do tempo, a influenciaram. Se a analisarmos, mesmo que superficialmente, veremos que temos, como grupo social, uma predileção especial pela representação de figuras que se distanciam do ideal de civilização eurocêntrica que ainda guia uma esfera considerável da população. Seja com vias de exportação e fetichização do exótico do Novo Mundo ou da busca por uma identidade nacional - ou pela representação denunciativa das mazelas que assolavam o país - o indígena, o gaúcho, o escravo e o sertanejo são figuras recorrentes em nossa literatura.

Apesar de distantes entre si, essas categorias sempre levaram a alcunha de representar "o outro". Aquele outro Brasil ora esquecido, ora original, o outro território que não é o comum, o civilizado e o que está conectado com o mundo. Além disso, essas categorias, recorrentemente, eram apresentadas ao lado "civilizado" da nação pelo olhar por vezes curioso, por vezes cientificizado, que pintou o indígena como herói romântico e o sertanejo como atrasado e/ou uma categoria fora da realidade corrente.

Essa ideia de "outro" a qual nos referimos é proposta por Moraes (2003) ao falar sobre a conceituação de sertão. Para o autor, essa ideia surge a partir da não identificação de determinados sujeitos e das instituições de poder com as regiões mais distantes do ideal civilizatório. Essa não identificação gerou um discurso em torno dessas regiões mais afastadas, qualificando-as como atrasadas, miseráveis e selvagens. A ideia de sertão que temos hoje é o resultado de anos de discursos circulantes, na maioria das vezes pejorativos, sobre determinadas regiões. Como referimos anteriormente, esses discursos agem em todas as esferas de um grupo social.

Esses vários discursos circulantes acabam por se interpor e se fundirem com outros, formando novos discursos, com outros valores. De toda forma, são esses discursos que fazem a mediação entre uma obra e seu público, entre a obra e o autor, entre o autor e a sociedade, entre obra e sociedade, e assim sucessivamente. Elas se interpõem em um constante movimento de influenciar e serem influenciadas. Essa noção de funcionamento da relação entre obra, autor e sociedade se aproxima da noção de Discurso Arquitetônico pela visão de Bakhtin, sobre o qual iremos tratar no próximo tópico.

PILARES DA ARQUITETÔNICA SERTANEJA

É Bakhtin que traz o termo arquitetônica para um uso mais prático voltado à linguagem artística, principalmente à literatura, entendendo a arquitetônica como presente em todas as etapas de produção e recepção (Souza, 2018). A arquitetônica, segundo Bakhtin, é a reunião de todos os aspectos de uma obra literária, incluindo, inclusive, a forma como a própria arquitetônica influencia a produção de determinada obra. Desde os primeiros escritos do autor, o conceito de arquitetônica já se mostra presente, mesmo que de forma diluída e não explicitando o seu uso, como o seu texto *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010), no qual faz referências a determinada forma de entender e conceber a obra e o mundo que a circunda.

O ser humano, para Bakhtin, está em relação constante com a vida e o mundo que o cerca, e essa experiência de troca influencia na sua percepção e nas suas ações, como o ser participativo que é, ou seja, no ato responsável. O conceito de arquitetônica age nesse contexto: este ato (responsável) relaciona-se com as categorias que Bakhtin chama de eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro, e exemplifica como o autor enxerga a nossa relação, enquanto seres ativos, com os mais diversos aspectos da vida. É justamente nesse aspecto em que se encontra a arquitetônica: como dependente do contexto social e da realidade, como também dos fatores que envolvem os fatos da vida e da cultura. É ela que gera sentido e, a partir disso, também auxilia na sua própria compreensão do todo arquitetônico que nos rodeia, em um processo de criação e auto recriação.

Em *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010), Bakhtin afirma que:

> Para minha consciência ativa e participante esse mundo, como um todo arquitetônico é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato; (...) me realizo em minha ação visão, ação pensamento, ação-fazer prático. em correlação com o meu lugar particular que é o lugar do qual parte a minha atividade no mundo, todas as relações espaciais-temporais pensáveis adquirem um centro de valores em volta do qual compõem um determinado conjunto arquitetônico concreto estável e a unidade possível se torna singularidade real. (...) este centro não é imanente (...) no interior do sistema, cada componente desta unidade é logicamente necessário mas o sistema em si no seu todo é apenas algo relativamente possível; é somente em correlação comigo, comigo enquanto penso ativamente, somente em correlação com o ato do meu pensamento responsável que tal sistema se incorpora na real arquitetônica do mundo vivido, como seu momento, se enraíza na sua real singularidade, significativa como valor. (Bakhtin, 2010, p. 118-120).

Para o autor, a arquitetônica deve ser entendida como um pressuposto de construção cultural, que envolve os mais diversos meios da sociedade (história, religião, cultura, arte, entre outros) e que está localizado no mundo real, da vida. Outro fator a se levar em consideração é, como vimos na citação, a relação imprescindível da arquitetônica com o ser no mundo e suas ações na existência. É a partir da relação do indivíduo com o mundo que o cerca, com suas variedades de discursos e influências, que a arquitetônica se constrói e se faz presente.

Segundo Queiroz (2019, p. 69), o conceito de Bakhtin pode ser entendido de duas formas. Primeiro, como um "sistematizador superior que engloba todas as categorias filosóficas bakhtinianas de compreensão do mundo". Segundo, e que nos interessa mais, como "o todo englobante de um enunciado concreto que é realizado num ato responsável, enquanto potência no ser único e no momento histórico e sempre em relação de interação com o outro, com o contexto e com a esfera ideológica".

Se por arquitetônica o autor sinaliza para a parte, que também é o todo, na qual acontece uma junção de elementos comuns à produção e à recepção literária, também a obra é influenciada por ela. A obra não é fixa em nenhum momento, muito menos está localizada em uma esfera separada da arquitetônica. Da mesma forma, a arquitetônica bakhtiniana não se entende no sentido de um fenômeno que busca explicar determinados fatores, muito menos sinaliza algo fechado para a obra ou a realidade que a circunda. Ambos, a obra, o autor, a sociedade e os discursos que existem nessas esferas formam a arquitetônica como algo que está imbricado em todos

esses fatores. A arquitetônica bakhtiniana está diluída de forma prática e concreta no produto que é a obra, como também nos discursos que a produzem.

SERTÃO E DISCURSO

Nesse ponto, retornamos à questão da literatura nacional e seu particular interesse pelas zonas distantes dos centros ditos civilizacionais. Pode-se atribuir esse interesse a um discurso circulante no território nacional construído a partir do pensamento colonizador de olhar para as regiões mais afastadas e distantes visando descobrir, explorar e colonizar. Esse discurso circulante, obviamente, sofre alterações ao longo da nossa história. O discurso circulante age de maneira direta não só na maneira como a sociedade funciona, mas também nas suas produções artísticas. A esse respeito, Albertina Vicentini, no artigo *O Sertão e a Literatura*, publicado pela revista Sociedade e Cultura (1998, p. 45), nos diz:

> A literatura sertanista, da maneira como ela quer existir, isto é, como representante de um mundo iletrado, não existe, diz a crítica, a não ser na literatura oral ou popular, ou na de cordel, ou afins, no caso do sertão nordestino. O mundo da literatura sertanista é o mundo do escrito citadino fingindo de sertanejo, que escreve para um leitor também citadino, a respeito de uma cultura diferente da sua.

Esse é o ponto de partida do raciocínio da autora para tratar dos discursos sobre o sertão. Na sua perspectiva, essas representações discursivas e imagéticas foram construídas a partir de pressupostos históricos, pelo senso comum, pela crítica e pelo pensamento social. Pode-se pensar o sertão, segundo Vicentini (1998, p. 45), como uma dessas categorias que trazem, em todos os seus sentidos, a marca das relações entre colonizado e colonizador.

Se pensarmos o caso da literatura contemporânea, perceberemos que, em partes, esta atribui novos significados a figuras recorrentes para nós. Esses novos significados podem ser entendidos como uma resposta a um discurso circulante precedente dessas obras, que busca ressignificar alguns conceitos e perspectivas, como o caso do sertão ou da literatura regional. Os grupos sociais a quem se referiu Charaudeau são entrecortados por marcas de outros grupos e, a partir disso, constroem novas representações. Ainda, essa literatura contemporânea a qual nos referimos, apesar de trazer figuras recorrentes como os traços regionais, dá voz e foco

a quem antes não os tinha, construindo novos significados e ressaltando facetas dessas regiões que antes não ganhavam destaque.

Os fatores destacados no parágrafo antecedente são corroborados por Wolfgang Welsch, no artigo intitulado *Mudança Estrutural nas Ciências Humanas*: diagnóstico e sugestões, de 2007, no qual monta um panorama sobre as interrelações entre as ciências humanas, a sociedade e a cultura, e como essas estão passando por um processo de entrelaçamento. Nesse sentido, na página 252, o autor afirma:

> As culturas migram de sua forma tradicional unificada para uma forma nova, caracterizada pela multiplicidade. Enquanto o conceito tradicional de cultura desde Herder admitia que culturas seriam internamente homogêneas e externamente distintas de maneira clara umas das outras, as sociedades modernas são em si tão altamente diferenciadas, que não se pode falar de uma unidade das formas de vida em seu interior, nem da separação entre as culturas.

O autor defende que não existe mais uma cultura "pura", o que existe é uma pluralização e conexão em vários níveis, que conectam as culturas e os seus produtos culturais, dando início a novos costumes, conceitos e ideias. Esses não se encerram mais nas suas fronteiras, que também passam a ser um conceito a ser questionado, eles as ultrapassam e existem da mesma forma em outras culturas. O autor nomeia esse fenômeno de Transculturalidade e, sobre ele, afirma o seguinte: "A transculturalidade tem validade hoje não apenas na macroesfera da sociedade, mas crescentemente na microesfera dos indivíduos. Nós estamos nos tornando, em nossas próprias formações, cada vez mais transculturais" (Welsch, 2007, p. 252).

Percebe-se, portanto, que esse fenômeno também é formado pelos discursos que compõem a sociedade em sua totalidade, tanto no âmbito da ciência, como defende diretamente Welsch, como também no discurso artístico. Esses acabam influenciando na forma como a sociedade vê e vivencia o conceito de cultura, já que este não é apenas descritivo, mas sim operacional, assim "como todos os conceitos do auto-entendimento (por exemplo, identidade, pessoa, ser humano, etc.)" (Welsch, 2007, p. 253).

Ao pensar nos discursos que ainda compõem o imaginário sobre o sertão, falamos sobre camadas que se sobrepõem ao longo da história nacional e que se transfiguram em discursos e práticas sociais muitas vezes cristalizadas a ponto,

inclusive, de serem assimiladas pelos próprios "povos sertanejos". Dessa forma, como salienta Albuquerque (2011), é comum que não apenas tenha-se de fora uma imagem do sertão com todas as adjetivações marcadamente pejorativas, mas que dentro desses espaços os sujeitos se aceitem e se vejam, muitas vezes, sob esses termos. Aqui não nos referimos - pelo menos totalmente - aos discursos sobre seca e desgraça, tratamos também dos discursos sobre o sertão como o lugar dos fortes, dos homens corajosos, do povo batalhador, do sertão como um lugar que preserva suas raízes e sua cultura.

Ainda assim, quando se tem essa possível positivação das características do sertão, dois pontos devem ser destacados: o primeiro é que, mesmo que com um fundo positivo, ainda estamos tratando de uma imagem profunda e estereotipada, cravada no imaginário nacional e que, apesar de positiva, ainda reduz toda uma região, com diversas culturas, a uma imagologia criada a partir de discursos incrustados de preconceitos. Segundo, essa positivação pressupõe, comumente, uma base negativa. Desse modo, figuram no mesmo campo significativo características como: o forte como relativo ao animalesco, bravo como relativo a violento, corajoso como valentão, batalhador como flagelado, entre outros.

Hegemonizar esses discursos pelo ponto de vista do outro, aquele fora do sertão, é problemático no nível da criação de estereótipos, por exemplo. Entretanto, quando esses estereótipos criam uma realidade na qual os sujeitos o tomam como objeto real, concreto, se identificando com ele, estamos tratando sobre discursos arraigados profundamente no imaginário de determinada sociedade. Esse processo de estereotipação é formado, como afirma Albuquerque (2011), de um "discurso assertivo, repetitivo; é fruto de uma voz que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras". No caso do sertão, esse discurso veio de várias esferas diferentes, entre as quais podemos destacar a científica e a artística como as principais.

No processo de criação de estereótipos sobre o sertão, como já referido acima, o discurso artístico e o científico se influenciam no sentido de construir uma imagem representativa do sertão a partir, muitas vezes, da ilusão de credibilidade deste último. Os problemas advindos dessa relação de troca são inúmeros, mas resultam, principalmente, na criação de toda uma arquitetônica em torno da categoria do sertão e remete a inúmeros estereótipos nos quais a arte nacional se deleita.

Sobre isso, podemos retomar a Murai (2012), quando diz:

> A chamada "geração de 1870" brasileira adotou como programa a superação do pensamento metafísico e da formação filosófica ecléctica até então predominantes nas instituições de ensino superior do país, em prol da difusão do moderno conhecimento científico. A partir do uso de urn instrumental teórico baseado em escolas como o positivismo, o spencerismo, o darwinismo social e a antropologia criminal, esta elite letrada assumiu o grande projeto de reinterpretar o Brasil, não mais a partir da tradição imperial e da continuidade com as origens lusitanas, mas por meio de formulações pretensamente objetivas, fundamentadas na manipulação de teorias explicativas naturalistas. baseadas no princípio da unicidade entre sociedade e natureza. A definição da identidade nacional passou a ser condicionada pelo olhar científico, que buscava descrever, explicar e, desta forma, transformar o Brasil, de modo a integrá-lo a dita "civilização". (Murai, 2012, p. 279).

Assim, esses discursos, baseados no cientificismo europeu, tornaram-se uma visão de mundo ampla e imprecisa, principalmente pela promoção irresponsável e superficial desses conceitos pelos meios de divulgação científica e pela imprensa. Isso também contribuiu para que uma parcela da população de menor escolaridade tivesse acesso a tais teorias, confluindo em uma propagação de conceitos e saberes genéricos sobre o assunto. Finalmente, quando o Naturalismo e o Realismo se tornaram parâmetro para as produções artísticas, os discursos científicos e artísticos, nesse sentido, se alinharam.

Para Albuquerque (2011), quando nos propomos a analisar categorias profundamente embebidas pela história, como é o discurso artístico - aqui podemos citar a literatura - tanto o geográfico como o linguístico e o histórico, se entrecruzam no processo de análise, já que essas obras são acúmulos de todas essas categorias e dos discursos nelas presentes. Dessa forma, a literatura, o cinema, a pintura, todas essas manifestações não são discursos apenas de forma abstrata, elas são a própria concretização do discurso na realidade corrente, estes não existem em uma esfera separada, fora da realidade, são eles que determinam, se produzem e se autorrealizam concretamente para se legitimarem.

Se nos propormos a analisar o âmago dessa imagética estereotípica do sertão, perceberemos que ela se tornou um segmento de estudo para as ciência e para a arte nacional a partir de 1870 até meados do século XX. As obras nesse período passaram por um processo de "deslindamento" (Leitão Jr., 2012) do Brasil, numa espécie de

busca pela essência do Brasil real, pelo descobrimento da estrutura do território nacional e seus diferentes habitantes.

A necessidade de usar o sertão como flagelo para os projetos políticos ideológicos desse período se tornou, como afirma Leitão Jr. (2012), uma espécie de *zeitgeist* da época. Assim, seguindo a linha científica, que se ocupava de estudar analiticamente os sertões, a literatura segue nos esforços de revelar o Brasil, mostrar a sua real essência, voltando-se para os sertões. Criou-se, nesse período, uma configuração discursiva que atrelava à imagem do sertão um sentido de fronteira entre o civilizado e moderno, o atrasado e arcaico, ou de forma mais específica, também uma fronteira entre o humano e o não humano.

O problema advindo dessa procura por uma essência do Brasil, ou essência do sertão, é que essa categoria não existe como valor de dado real, objetivo e inconteste, como seus defensores a propõem. Não há homogeneidade suficiente para construir algo que represente uma nação. O que existe, e consideramos isso o máximo de aproximação entre discurso e dado real, são regiões que se alinham a determinadas noções imagéticas a respeito do sertão, mas que, mesmo assim, ainda não é um fenômeno completo no qual discurso e local físico se correspondem em sua totalidade.

Entretanto, essa busca acabou criando falsas imagens representativas dessa essência, discursos variados e igualmente problemáticos com vista a revelar essa tal verdade. Como é o caso, por exemplo, da noção de "cor local" tão querida por diversos autores que defendem uma relativização dos fenômenos históricos, espaciais, artísticos e culturais das regiões determinadas como sertão.

A arquitetônica em volta da imagem do sertão configura-se, dessa forma, como um fenômeno que se renova sempre a partir dos mesmos discursos repetidos durante décadas. É a seca que não passa e leva o povo à fome e à miséria, são as figuras modernas que não chegam, é a linguagem que não "evolui" e os costumes que são os mesmos. Esses discursos são salientados pela literatura, pelo cinema, pelas notícias de jornal, sempre renovando a si mesmos.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Cabe-nos, a partir dessas contestações, algumas considerações a respeito de como esses discursos se comportam na contemporaneidade e quais possíveis caminhos a literatura e o cinema podem seguir. Existe uma gama de produções,

atualmente, que retomam a tradição de trazer a figura do sertão para as narrativas de forma metafórica e figurativa, expressiva ou referencial. Podemos citar, por exemplo, Maria Valéria Rezende com *Vasto mundo* (2001) e *Quarenta Dias* (2014); Marcelino Freire com *Nossos Ossos* (2013); Socorro Acioli, com *A Cabeça do Santo* (2014); Itamar Vieira Júnior com *Torto Arado* (2019) e Stênio Gardel com *A Palavra que Resta* (2021). No cinema, destacam-se produções como *Abril Despedaçado* (2001) de Walter Salles, *O Céu de Suely* (2006) de Karim Aïnouz, *Cinema, Aspirinas e Urubus* (2005) de Marcelo Gomes e *Viajo Porque Preciso, Volto Porque te Amo* (2009) de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz.

Essas produções contemporâneas têm em comum a tentativa de recriação ou revisão da imagem do sertão a partir de um lugar que tenta não cair em velhos paradigmas e estereótipos. Portanto, costumam fazer um retrato mais poético e delicado do sertão, tentando representá-lo não como um espaço apenas hostil ou como marcador geográfico, mas como ambos, que busca acompanhar as nuances de seus personagens, como também do seu próprio tempo. Os personagens, nessas produções, não são mais vítimas do espaço tentando arduamente se adaptar ou lutar com o sertão; pelo contrário, parece existir sintonia entre o interior dos personagens e o espaço que os circunda.

Não se deve entender, entretanto, essa possível homologia de forma romantizada ou idealizada. Essas novas produções não buscam representar o homem e o sertão em sintonia entre si, elas buscam tratar o sertão em todas as suas possibilidades figurativas como espaço. Outro ponto importante sobre a representação desse espaço na contemporaneidade são as marcas de modernidade que costumeiramente vêm aparecendo nas produções citadas. O sertão não é mais apenas aquele lugar esquecido e distante, no qual o tempo e as coisas não evoluem. As marcas de modernidade revelam um sertão em transição, no qual a tradição e a modernidade coexistem, buscando construir um novo referencial imagético do sertão.

Além disso, os personagens são complexos e possuem dramas mais universais, inerentes à existência humana. Ao contrário das antigas obras, que representavam, muitas vezes, o homem sertanejo completamente submisso ao espaço, a nova tradição nos apresenta personagens com questionamentos sobre a vida e a existência. Esses ritos inerentes à existência, portanto universais, humanizam o sertão, transformam-no

em um produto mutável, berço e ninho dos pensamentos de seus personagens, que transitórios, vêm e vão.

Em *A Cabeça do Santo* (2014), por exemplo, Socorro Acioli se ampara em uma narrativa já muito utilizada pela tradição literária para reafirmar o caráter mutável dos espaços do sertão. Nela, o personagem principal sai de Juazeiro do Norte, onde trabalhava no horto de Padre Cícero, para encontrar o seu pai. O sertanejo pobre, depois da morte da mãe, vai a pé até uma cidade que não conhece e que está em ruínas para cumprir sua missão. Em um primeiro momento, nada de novo salta aos nossos olhos, entretanto, com o desenvolver da narrativa percebemos que Acioli entrega uma narrativa que mescla elementos da religiosidade, do fantástico e do existencialismo que transcendem a existência dos personagens e o espaço em que estão, não por subtrair o sertão e os elementos regionais, mas justamente por conta deles. O que dá o tom da narrativa é a construção da imagem de uma cidade abandonada, com uma cabeça de santo gigante caída e sobrevivente às tragédias e ao tempo, e a forma como sua existência se aninha ao espaço que o circunda.

Essas produções, portanto, buscam construir uma imagem do sertão ressignificado, fazendo referência à tradição como forma de resistência e de construção de novas imagens, novos repertórios imagéticos. Entretanto, essa busca não almeja chegar a uma essência do sertão ou categoria parecida, o que parece até então é que as obras buscam representar justamente o sertão num sentido transitório e em constante mudança, sem categorias fixas no espaço ou no tempo, ou nas estruturas narratológicas. A tradição é posta em constante embate quando essas produções contemporâneas rejeitam a ideia de um sertão apenas tradicional, seco, moderno ou pobre. De forma geral, a imagem de um sertão único e homogêneo.

Essas mudanças apontam para a circulação de novos discursos, no âmbito artístico, científico e acadêmico, sinalizando para novas formas de diálogo entre essas categorias e a representação do sertão. Espera-se, portanto, que esses diálogos resultem em arquitetônicas que elevem o discurso sobre o sertão justamente no sentido da já mencionada pluralidade de significações, e não caiam no lugar comum do sertão como espaço vítima ou espaço denúncia (Albuquerque, 2011).

Outro ponto importante é entender que, de forma geral, não se pode fugir totalmente dos estereótipos. Isso acontece porque, no processo de decodificação do

mundo, da realidade corrente e da criação de significados e símbolos, é inerente à mente humana e aos comportamentos sociais compartimentar características comuns a determinados grupos, especialmente quando fomentados e afirmados pelos meios de comunicação e discursos artísticos. Isso resulta em dois pontos importantes: primeiro, a desconstrução de um estereótipo em uma obra, ou em um discurso, não pressupõe, obrigatoriamente, a desconstrução de outros. Como afirmamos anteriormente sobre a construção da arquitetônica, é um processo da arte para a sociedade, mas também contrário. Segundo o fato de o estereótipo resguardar para si certa inerência aos comportamentos humanos não é argumento para preservar, aceitar ou neutralizar os efeitos, muitas vezes danosos, que a *estereotipização* de determinadas comunidades, povos, entre outros grupos, causa.

Cabe, como último ponto, sinalizar também para uma tendência antiga, mas que perdura até hoje, ainda que disfarçada de desconstrução. Uma considerável esfera da produção cinematográfica e literária, não apenas a comercial, mas também a dos ciclos mais alternativos, ainda usa a figura do sertão como forma de exportação. Exemplo disso é a insistência de produções que usam o sertão como "exemplo" ou metáfora para o resto do Brasil, ou como caminho para a redenção dos homens do sul, como seu próprio calvário particular. Ainda existe, apesar das constantes mudanças, uma dinâmica discursiva que tende ao sadismo, construída a partir da constante busca pelo sertão acompanhada de um discurso tendencialmente negativo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Émile Cardoso. **O Cinema Brasileiro Contemporâneo e a Invenção do Sertão-Mundo**: Errâncias a Céu Aberto. 2011, Tese (Programa de Pós-graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas) - Universidade de Brasília,nBrasília, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick**. Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os Estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, v.80, n. 55, p. 115-147, mar. de 2008. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/697. Acesso em: out. de 2025.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2012.

LEITÃO JR., Artur Monteiro. **As imagens do sertão na literatura nacional**: o projeto da modernização territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930. 2012, Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16142. Acesso em: out. de 2025.

MORAES, A. C. R. O Sertão: um outro geográfico. **Terra Brasilis**, Niterói, v. 4, n. 5, p. 1-8, nov. de 2012, 2003. Disponível em: https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341#ftn1. Acesso em: out. de 2025.

MURARI, Luciana. Tradições evanescentes: A ficcionalização do discurso científico racialista no regionalismo literário brasileiro. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, v. 127, n.24, 2012, p. 279-294. Disponível em: https://www.academia.edu/79905516/Tradi%C3%A7%C3%B5es_evanescentes_A_ficcionaliza%C3%A7%C3%A3o_do_discurso_cient%C3%ADfico_racialista_no_regionalismo_liter%C3%A1rio_brasileiro.

ORTIZ, Renato. **Otro Território**: Ensayos sobre el mundo contemporáneo. Santa Fé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

QUEIRÓZ, Inti Anny. **A Arquitetônica da Esfera Político-Cultural Brasileira nos Enunciados do Sistema Nacional de Cultura**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019, p. 415. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-15082019-093817/pt-br.php. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUSA, Harlon Homem de Lacerda. **As arquitetônicas sertanejas da ficção de João Guimarães Rosa**. 2018, Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras) – 128 Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38759. Acesso em: out. de 2025.

VICENTINI, Albertina. O Sertão e a Literatura. **Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 1, n. 1, p. 41-54, jan/jun de 1998. Acesso em janeiro de 2025. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1778/2139.

Welsch, W. Mudança estrutural nas ciências humanas: diagnóstico e sugestões. **Educação**, Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 237-258, maio/ago. 2007. Acesso em janeiro de 2025. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/556/386.

GEORGE FLOYD, COLIN KAEPERNICK E O FECHAMENTO DO ESPAÇO CIVIL

Fernando Lana Ferreira

Larissa Fonseca Diniz Freitas

INTRODUÇÃO

Dois homens marcaram profundamente as discussões sobre relações étnico-raciais e violência policial durante a primeira administração do presidente Donald Trump. O primeiro foi Colin Kaepernick, um atleta que decidiu se ajoelhar durante o hino do país em protesto contra a violência policial que impacta a vida de pessoas negras. O segundo foi Derek Chauvin, um policial branco que, por ironia do destino, entrou para a história ao permanecer ajoelhado sobre o pescoço de George Floyd por quase nove minutos, tirando a vida de seu concidadão negro diante de várias testemunhas.

Afinal, o que são relações étnico-raciais? Trata-se de uma forma específica de relações intergrupais marcada por relações de poder assimétricas. Assim, o grupo dominante concentra a maioria das recompensas, dos melhores empregos, moradias, o controle de recursos e as posições políticas mais relevantes (Blalock, 1982, p. 1).

A compreensão do conceito é importante, pois os estudos sobre relações étnico-raciais apontam cinco efeitos gerais que impactam profundamente a vida das pessoas. O primeiro é o comportamento competitivo, que ocorre quando diferentes grupos disputam recursos valiosos. Outra sequela relevante são as relações de exploração, em que um grupo privilegiado utiliza o outro como meio para alcançar seus próprios objetivos. Frequentemente, o grupo no poder busca ocultar as injustiças dessas relações (Blalock, 1982, p. 18-19, grifos nossos).

O comportamento de evitação é outro efeito e ocorre quando membros de um grupo racial reduzem o contato com outros grupos. A discriminação também se destaca, sendo definida como qualquer tratamento desigual entre membros do grupo minoritário e do grupo dominante. Por fim, a agressão se manifesta quando integrantes de um grupo agridem membros de outro de forma gratuita, abrangendo diferentes formas de violência (Blalock, 1982, p. 19, grifos nossos).

A morte do afro-estadunidense George Floyd, em maio de 2020, evidencia a relevância desses estudos. Pedestres registraram Floyd sendo algemado, imobilizado no chão e morto na cidade de Minneapolis. Derek Chauvin permaneceu ajoelhado sobre seu pescoço, asfixiando-o até a morte (Treisman, 2020).

Chauvin foi condenado menos de um ano depois, sendo considerado culpado por homicídio culposo e em segundo e terceiro graus. A decisão foi celebrada, mas

com cautela: poucos dias antes do veredito, um jovem negro de 20 anos havia sido morto durante uma abordagem policial (Wamsley, 2021).

Lastimavelmente, Daunte Wright foi baleado por uma policial branca na cidade de Brooklyn Center, a poucos quilômetros do local onde George Floyd havia sido morto. A agente Kim Potter afirmou que pretendia usar uma arma de choque, mas disparou uma arma de fogo por engano, vitimando o jovem (Wamsley, 2021). Em um comunicado, Michelle e Barack Obama disseram que:

> O fato de que isso pôde acontecer ao mesmo tempo em que a cidade de Minneapolis estava acompanhando o julgamento de Derek Chauvin e revivendo o assassinato comovente de George Floyd indica não apenas o quão importante é conduzir uma investigação completa e transparente, mas também o quanto precisamos recriar o policiamento e a segurança pública neste país (Wamsley, 2021).

Cabe salientar que há uma histórica correlação entre racismo e violência policial. A importância do tema já havia sido reforçada, em 2001, na Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada em Durban. Os países foram estimulados a examinar os vínculos entre processos criminais, violência policial e sanções penais, por um lado, e discriminação étnico-racial, por outro, evidenciando a necessidade de eliminar tais práticas (BRASIL, 2001, p. 61).

Diante desse panorama, é importante relembrar a trajetória de um atleta negro que iniciou uma série de protestos contra a hostilidade policial nos Estados Unidos. Há uma diferença de 3 anos, 8 meses e 28 dias entre o início desses protestos e a morte de George Floyd, mas veremos que uma cruel coincidência une as duas histórias.

O CASO KAEPERNICK

Um dos momentos mais importantes de um jogo profissional de futebol americano é a execução do hino dos Estados Unidos antes da partida. Esse ritual ganhou grande destaque nos últimos anos, quando, de forma inesperada, um jogador de considerável notoriedade da National Football League (NFL) decidiu protestar contra os efeitos da discriminação racial no país justamente durante essa solenidade.

Trata-se de Colin Kaepernick, então quarterback do San Francisco 49ers (posição do time de ataque). Considerado um atleta promissor na NFL, destacava-se

por um estilo de jogo marcado pela mobilidade e por um corpo coberto de tatuagens — características incomuns para o perfil tradicional da posição. Filho de pai negro e mãe branca, foi adotado antes de completar dois meses por uma família branca de Wisconsin. Na temporada de 2012, liderou os 49ers até a final do campeonato, ficando muito próximo da vitória (Howard, 2016).

Em 26 de agosto de 2016, durante a execução do hino norte-americano, Kaepernick se recusou a ficar de pé, como é habitual. Questionado por repórteres, afirmou que não se levantaria para demonstrar orgulho por uma bandeira que representa um país que oprime negros e pessoas de cor. Acrescentou que seu posicionamento era maior do que o futebol americano e que seria egoísta ignorar a situação que estava disposto a confrontar (Wyche, 2016). A equipe de San Francisco divulgou o seguinte comunicado:

> O hino nacional é e sempre será uma parte importante do pré-jogo. É uma oportunidade para honrar o país e refletir sobre as liberdades que nos são concedidas como cidadãos. Respeitando os princípios americanos, como a liberdade religiosa e a liberdade de expressão, reconhecemos o direito de um indivíduo poder escolher, em participar ou não, na celebração do hino nacional (Wyche, 2016).

Chip Kelly, então técnico da equipe, afirmou que o jogador tinha o direito, como cidadão, de se levantar ou não durante o hino, e que ele, como treinador, não possuía autoridade para determinar tal conduta. A liga, por sua vez, declarou que "os jogadores são encorajados, mas não obrigados a se manterem de pé durante o hino nacional" (Wyche, 2016).

O presidente Barack Obama também se manifestou sobre o caso. Durante um compromisso na China, ao ser questionado sobre a atitude de Kaepernick, afirmou que, devido à sua agenda, não acompanhava a situação de perto. Ainda assim, destacou que o jogador exercia seu direito constitucional de protesto, assim como outros atletas já haviam feito anteriormente (Diaz, 2016).

Na semana seguinte, o San Francisco viajou para enfrentar o San Diego Chargers. Kaepernick distribuiu autógrafos, posou para fotos com torcedores e crianças e recebeu apoio de diversas pessoas, que afirmavam que ele representava a voz de muitos. Nem todos eram torcedores dos 49ers; em sua maioria, eram latinos, asiáticos e negros (Witz, 2016).

O visual do atleta também havia mudado. Conhecido por usar o cabelo curto durante a maior parte da carreira, passou a exibir um grande black power. Naquela partida — a última da pré-temporada —, apresentou duas novidades: em vez de permanecer sentado, passou a se ajoelhar durante o hino nacional; além disso, não protestaria sozinho, pois seu companheiro de equipe Eric Reid também aderiu ao gesto, como forma de denunciar as injustiças raciais (Witz, 2016).

Uma pesquisa indicou que Kaepernick se tornou o atleta mais rejeitado entre 350 jogadores da liga. Apenas 2% dos participantes negros declararam não gostar do atleta, enquanto a rejeição entre brancos atingiu 37%. Dois anos antes do início dos protestos, esses índices eram de 3% e 7%, respectivamente. Em contrapartida, a admiração entre pessoas negras cresceu significativamente: 42% passaram a declarar grande admiração pelo jogador, frente a 16% anteriormente (Rovell, 2016).

Algumas semanas depois, um de seus críticos mais conhecidos passou a se posicionar publicamente contra ele. Donald Trump, então candidato à presidência, afirmou, em entrevista a uma rádio de Seattle, que os protestos não eram positivos. Sugeriu ainda que o jogador deveria procurar outro país para viver, alegando que não encontraria lugar melhor do que os Estados Unidos (Jones, 2017).

Neste artigo, discutiremos a forma como nossas sociedades têm tratado protestos dessa natureza. Embora muitas reivindicações — como as que emergiram nos campos da NFL — ocorram de maneira pacífica, estratégias que envolvem ameaças e violência física vêm sendo utilizadas, em diferentes partes do mundo, para silenciar essas manifestações.

Adotamos a bricolagem como estratégia metodológica para a coleta de discursos de atletas, políticos e de Donald Trump. Reunimos diversas matérias da imprensa norte-americana, apoiando-nos no princípio descrito por Lévi-Strauss (1989, p. 33) de que "isso sempre pode servir". Esse conjunto de informações também contribui para a interpretação dos "signos" presentes nas mensagens.

Consideramos que as discussões sobre os protestos dos atletas são relevantes por dois motivos. Em primeiro lugar, destaca-se a importância da análise argumentativa no Caso Kaepernick, uma vez que se trata de interpretar discursos explicitamente políticos. Esse tipo de análise pode revelar em que medida o público —

ou os membros de uma audiência — é persuadido por tais declarações, bem como evidenciar dimensões mais profundas da fala (Thompson, 2011, p. 375).

Em segundo lugar, conforme aponta a psicóloga Maria Aparecida Silva Bento, é fundamental incentivar os sujeitos a compreenderem as relações étnico-raciais e a transformarem seus comportamentos. Isso implica reconhecer que mudanças individuais e institucionais são possíveis — e que tais transformações devem ser contínuas (Bento, 2014, p. 156).

PROTESTOS DURANTE O HINO NA NFL

Além de Kaepernick, outros atletas passaram a protestar contra a discriminação racial nos Estados Unidos. Como forma de se posicionar contra a violência policial, o defensor Robert Quinn ergueu o punho durante o hino americano e, por isso, foi tachado de antipatriota. Ao comentar o hino que descreve o país como terra dos livres e casa dos bravos, afirmou que ninguém na América estaria realmente livre. Recordou a morte de Emmett Till, na década de 1950, e o assassinato de Trayvon Martin, já no século XXI (McKnight, 2018).

Emmett Till foi linchado no Mississippi em 1955, aos 14 anos. Trayvon Martin, com 17, foi baleado em 2012 por um vigilante de bairro em Sanford, na Flórida. Quinn acrescentou que:

> As pessoas ainda pensam que eu estou desrespeitando a bandeira. Não apenas eu, mas todos que estão protestando. Se você não é afro-americano, não espero que você se envolva com isso. Meus ancestrais foram trazidos pra cá em navios de escravos, como se fossem menos humanos, sob uma bandeira que já matava os nativos americanos. Hoje, essa mesma bandeira diz aos muçulmanos e mexicanos que eles são indesejáveis aqui. Nós deveríamos ser a América, oportunidades iguais, pessoas iguais, mas olhe ao redor e verá que as coisas não são assim (McKnight, 2018).

Quinn iniciou seus protestos em 12 de setembro de 2016. Dias antes, Alton Sterling e Philando Castile eram enterrados em Baton Rouge e Saint Louis. Terence Crutcher, de Tulsa, seria morto quatro dias depois, e Stephon Clark, de Sacramento, um ano e meio após o primeiro protesto. Todos foram mortos por policiais em circunstâncias controversas, sem condenação de oficiais (McKnight, 2018).

Malcolm Jenkins tornou-se um dos atletas mais influentes da liga. Defensor do Philadelphia Eagles, afirmou que os protestos denunciavam não apenas mortes

desnecessárias causadas por policiais, mas também a precariedade da educação nas comunidades negras e o encarceramento em massa, sobretudo nas regiões mais pobres (Rohan, 2017).

Antes da temporada de 2017, Jenkins reagiu a vídeos de supremacistas brancos marchando em Charlottesville, na Universidade da Virgínia. Em uma gravação, homens alinhados, com tochas, gritavam: "Os judeus não nos substituirão!". Ele compartilhou o vídeo com companheiros de equipe para alertá-los sobre o cenário norte-americano (Rohan, 2017).

Após isso, dois jogadores dos Eagles, oriundos da Virgínia, passaram a se engajar mais nas discussões. Enquanto Jenkins permanecia ajoelhado durante o hino, Chris Long e Rodney McLeod apoiavam o protesto colocando a mão em seu ombro (Rohan, 2017).

Seth DeValve foi o primeiro jogador branco a se ajoelhar durante o hino, ao lado de colegas negros do Cleveland Browns. Diferentemente de Long, buscou conselho com sua esposa, Erica, que afirmou que se orgulharia de sua participação, mas ressaltou a importância de manter o foco nas causas do protesto (Rohan, 2017).

Torrey Smith, então no Philadelphia Eagles, também apoiava as manifestações. Relatou que seu pai sofria discriminação racial ao trabalhar como caminhoneiro, mesmo após 25 anos de serviço no Exército, evidenciando que nem mesmo honras militares o protegiam do racismo (Willingham, 2017).

Em 15 de outubro de 2017, Colin Kaepernick acusou judicialmente a NFL de conluio. No futebol americano profissional, o termo indica um acordo entre equipes — ou entre a liga e ao menos uma equipe — para negar a um jogador direitos assegurados aos demais, como a possibilidade de contratação (McCann, 2018).

Semanas após o fim de seu contrato com o San Francisco, Donald Trump afirmou que o jogador não seria contratado, pois donos de equipes temiam reações negativas do presidente. Assim, indicava sua influência sobre as franquias, que precisariam avaliar o custo político de uma eventual contratação (Jones, 2017).

Eric Reid, o primeiro a se ajoelhar ao lado de Kaepernick, também acusou a liga de conluio. Após o fim de seu contrato, apenas o Cincinnati Bengals o convidou para negociar durante a pré-temporada de 2018 (Axson, 2018a).

Seus advogados alegaram que donos de equipes e a liga, influenciados por Trump, conspiravam para impedir sua continuidade. Ainda assim, em setembro de 2018, Reid assinou com o Carolina Panthers (Carrol, 2018a).

Mesmo em nova equipe, afirmou sentir-se perseguido. Em sua décima primeira partida, relatou ter sido selecionado para o exame antidoping pela sétima vez. Em uma liga com cerca de dois mil atletas, a probabilidade desse evento era de 0,169% — possível, mas altamente improvável (Jones, 2018).

O uso sistemático de narrativas negativas estigmatiza manifestantes e deslegitima parte da sociedade civil, reduzindo a confiança pública nesses atores. Nesse contexto, a atuação conjunta de ONGs, ativistas e figuras públicas é fundamental para gerar pressão social, contestar discursos oficiais e estimular a resistência (Ibezim-Ohaeri, 2017, p. 142).

FECHAMENTO DO ESPAÇO CIVIL

Espaço civil é a definição para um ambiente aberto (ou saudável) onde qualquer indivíduo tenha condição de se organizar, participar e se comunicar sem barreiras. Com isso, ele tem a oportunidade de reivindicar seus direitos e influenciar estruturas políticas e sociais em torno dele. Os limites do espaço civil são definidos por três liberdades fundamentais: de associação, reunião e expressão (Coelho, 2017, p.202).

A sociedade civil é a arena – fora da família, do Estado e do mercado – criada por ações individuais ou coletivas, por organizações ou instituições, visando promover interesses mútuos. Isso inclui organizações não governamentais, movimentos de pessoas, organizações comunitárias, clubes sociais e esportivos, cooperativas, grupos ambientais, associações profissionais, organizações de consumidores, organizações religiosas e a mídia sem fins lucrativos, etc. (Coelho, 2017, p. 202).

A expressão fechamento do espaço civil foi usada primeiramente para fazer referência ao papel do Estado em desenhar e colocar em prática políticas e controles sobre a sociedade civil. Esse termo serve também para denunciar mecanismos que obstruem a possibilidade da sociedade civil influenciar a defesa do interesse público e de reivindicar. Essas restrições são lideradas pelo Estado, atores não-estatais nacionais e internacionais (Cernov, 2017, p. 52).

O fechamento (ou encolhimento) do espaço civil era considerado primeiramente um problema característico do Sul global. Mas Cernov (2017, p.52) sublinha que a promoção de valores democráticos e direitos humanos também estão sofrendo "encolhimento" no Norte. Ela afirma que espantosos casos de repressão a protestos, resultados eleitorais surpreendentes e legislações restritivas estão se amontoando, mesmo em democracias consideradas consolidadas.

Sobre a opinião da população diante das repressões de civis, podemos destacar um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Michigan em 2015. Em outubro daquele ano, 1.2000 norte-americanos foram entrevistados e a pesquisa demonstrou que os entrevistados tendiam a aceitar ações que excedessem o uso da força previsto na legislação, mesmo que essas coibições incluíssem desaparecimentos e tortura. Os pesquisadores concluíram que os americanos não gostam de protestos e que a mídia tradicional regularmente transmite mensagens que focam a inconveniência desses eventos ao invés de evidenciar as pautas pelas quais os manifestantes estão lutando (Cernov, 2017, p. 62).

Na Nigéria, pesquisadores começaram a monitorar as restrições nos ambientes de discussão no país. Usaram um modelo de catalogação reconhecido internacionalmente para medir a liberdade do espaço civil. Nesse modelo, a qualidade da liberdade é identificada em cinco graus: aberto, estreitado, obstruído, reprimido e fechado. Esse estudo concluiu que na Nigéria os espaços civis oscilam dentre os níveis fechado, reprimido e obstruído. A pesquisa revelou ainda que as obstruções empregadas pelo governo lembravam táticas tradicionalmente usadas pelos regimes militares que controlavam o país antes da retomada de um governo civil, em 1999 (Ibezim-Ohaeri, 2017, p. 138-139).

Ibezim-Ohaeri (2017, p. 139) declara que os métodos para realizar operações de repressão podem ser agrupados em três categorias. A primeira é a legislação restritiva. A segunda é a aplicação exagerada das leis existentes pelos agentes do Estado. A terceira está relacionada com formas não legais de restrição, como a utilização deliberada de discurso negativo que estigmatiza e desvirtua partes da sociedade civil.

A estigmatização foi usada contra os jogadores da NFL de forma demasiada. Em uma reunião do Partido Republicano realizado no Alabama, o presidente Donald

Trump recebeu muitos aplausos ao se posicionar contra os manifestantes. Com tom de voz alterado e de forma imperativa, Trump sugeriu aos donos dos times que os jogadores deveriam ser demitidos sumariamente se protestassem durante o hino. Lamentamos ter que reproduzir uma expressão tão indecorosa, mas o presidente americano afirmou que os proprietários das franquias tinham que ordenar a retirada dos "*filhos da puta*" de dentro do campo (Willingham, 2017).

O presidente recebeu muitas críticas porque os proprietários dos times da NFL eram majoritariamente brancos, enquanto praticamente todos os "*filhos da puta*" que protestavam eram atletas negros. Os críticos aproveitaram para frisar que Trump não condenou as manifestações de supremacistas brancos em Charlottesville alguns meses antes. Ao comentar sobre as brigas entre os supremacistas e seus opositores, Trump afirmou que havia pessoas boas nos dois lados (Willingham, 2017).

Nesta mesma reunião em Alabama, o presidente americano declarou que os protestos eram "*um total desrespeito à nossa herança*". Analistas se aproveitaram para questionar o uso da palavra "herança", uma vez que o termo é usado com frequência numa retórica racista para simbolizar a branquitude como uma condição de privilégio na sociedade americana (Willingham, 2017).

O privilégio – mecanismo discriminatório transformado neste caso em uma suposta herança – é uma vantagem que uma pessoa possui por fazer parte de um grupo social majoritário. Não há nenhuma ligação entre a posição social que o sujeito ocupa e a sua competência pessoal. O privilégio pode se manifestar de formas diferentes. Pode ser um poder que uma pessoa exerce sobre as demais em função de sua colocação dentro de um arranjo social. Pode ser a garantia de que uma pessoa não será objeto de tratamento prejudicial em função de sua condição. Pode ser produto de acesso a certos direitos que são conferidos a apenas uma parcela da sociedade ou ainda por simbolizar a imagem a partir do qual todos os outros grupos são comparados (Moreira, 2017, p. 146-147).

Materialmente, o privilégio é constituído pela combinação de fatores como raça, sexo, classe e sexualidade. Essas diferentes dimensões asseguram vantagens a certas pessoas por estarem em uma posição benéfica aos que são construídos como diferentes segundo qualquer uma dessas categorias. O privilégio atua como um veículo de opressão de minorias, pois em nossa sociedade, constitui o homem branco

heterossexual de classe alta como a norma principal para o acesso a oportunidades sociais (Moreira, 2017, p. 147).

Após este episódio, praticamente todos os times protestaram contra o presidente e contra a discriminação racial no país. Alguns jogadores do Miami Dolphins se posicionaram a favor do ex-jogador do San Francisco, vestindo uma camisa com uma mensagem de que estavam ao lado de Kaepernick. No jogo entre Tennessee Titans e Seattle Seahawks, os jogadores das duas equipes decidiram protestar ficando nos vestiários durante o hino nacional. O Pittsburgh Steelers tomou a mesma decisão na partida contra o Chicago Bears (Kay, 2017).

Titans, Seahawks e Steelers não haviam percebido que estavam apresentando uma solução interessante para os organizadores da liga. Em maio de 2018, os protestos que os atletas haviam iniciado receberiam uma restrição da NFL. Uma legislação fora criada para regulamentar como os atletas poderiam fazer suas reivindicações durante o hino americano. A nova política da liga dizia que:

> Todos os indivíduos dos times ou da liga que ficarem no campo devem permanecer de pé e demonstrar respeito pela bandeira e pelo hino. O manual de Operações do Jogo será revisado para remover a exigência que todos os jogadores estejam em campo para o hino nacional. Aquele que optar por não ficar de pé para o hino poderá ficar no vestiário ou em lugar parecido fora do campo até o final da cerimônia. As equipes serão multadas por qualquer funcionário que não demonstrar respeito adequado pela bandeira e pelo hino (Axson, 2018b).

A decisão de retirar a obrigação dos atletas permanecerem no campo durante a execução do hino americano foi votada pelos donos das equipes. A ideia de oferecer aos manifestantes a "opção" de protestarem nos vestiários durante a cerimônia também foi criada pelos proprietários dos times. Roger Goodell, comissário da NFL, lamentou que os protestos em campo tivessem criado uma falsa percepção do público de que milhares de atletas da liga eram antipatrióticos. Declarou também que aquela decisão manteria o foco no jogo, nos atletas e no entretenimento dos fãs (Axson, 2018b).

Trump elogiou a decisão da NFL, mas disse que os jogadores deveriam sair do país caso não respeitassem as novas regras (Carrol, 2018b). Logo após o anúncio da decisão dos donos das equipes, o vice-presidente americano Mike Pence publicou em uma rede social um simples comentário de #Vitória (Knoblauch, 2018).

A decisão da NFL provocou o protesto de mais de 200 atletas, que se negariam a aceitar a nova conduta descrita pela liga. Doug Baldwin, atacante do Seattle Seahawks, disse que o presidente americano era um idiota, pois sempre que alguém não concordava com o ponto de vista dele, recebia uma ameaça de ser chutado para fora do país. Brandon Marshall, do Denver, endossou a opinião de Baldwin afirmando que a atitude de Trump era nojenta. Declarou ainda que as liberdades de expressão e de protestar dos atletas estavam sendo comprometidas (Carrol, 2018b).

O descontentamento de atletas de vários esportes era notório. Por isso, outra tradição dos esportes norte-americanos sofreria profunda mudança. A Casa Branca habitualmente recebia os campeões dos principais esportes do país para uma celebração. Mas com Trump no poder várias equipes se negaram a visitar a Residência Presidencial

Um dos casos de maior repercussão entre Donald Trump e uma equipe campeã foi causado pela recusa do Golden State Warriors em participar do evento com o presidente. Stephen Curry, principal jogador do campeão da *National Basketball Association* (NBA) de 2017, declarou publicamente que não iria participar da cerimônia. Depois disso, Trump publicou em uma mídia que visitar a Casa Branca era uma honra e pelo fato de Curry estar indeciso em fazer a visita, ele não estava mais convidado (Chavez, 2017).

LeBron James, vice campeão daquele ano pelo Cleveland, escreveu em sua rede social uma das mensagens com maior número de visualizações no mundo daquele ano. Referindo-se a Donald Trump, James escrevera: "Seu vagabundo, Stephen Curry já tinha dito que não iria. Ir à Casa Branca era uma grande honra até você aparecer" (Chavez, 2017).

No dia seguinte o técnico do Golden State Warriors deu uma entrevista sobre a controvérsia. Steve Kerr já havia sido campeão várias vezes como jogador e queixou-se da situação que estava acontecendo. Com palavras mais comedidas, o treinador disse ainda que teve a sorte de conhecer os presidentes Ronald Reagan, os dois presidentes da família Bush, Bill Clinton e Obama. Admitiu que embora não concordasse com todos eles, não era difícil deixar a política de lado porque todos eles respeitavam a posição que ocupavam (Kerr, 2017).

Usando o discurso de Trump, o técnico questionou se o presidente estava honrando a Casa Branca. Kerr disse que além do presidente Trump não estar fazendo isso, estava causando repetidas brigas, ofendendo as pessoas com palavras e ações. Aconselhou o presidente de que pessoas em posições de liderança, incluindo o cargo de treinador de um time de basquete, deveriam estar preparadas para serem criticadas (Kerr, 2017).

O Philadelphia Eagles também decidiu não ir à cerimônia na Casa Branca após vencer a final do futebol americano disputada no início de 2018. Quase todos os jogadores se negaram a ir ao evento e Trump anunciou que estava retirando o convite porque os fãs mereciam mais do que um pequeno número de atletas que os Eagles estavam planejando enviar (Rollins, 2018).

Jim Kenney, então prefeito de Philadelphia, declarou que estava feliz pelo título conquistado pelo time de sua cidade e sentia orgulho do ativismo de seus atletas. Disse que eles representavam a diversidade do país e que os Estados Unidos era uma nação onde todos são livres para expressar suas opiniões. Kenney fez críticas severas a Donald Trump, declarando que seus gestos só serviam para comprovar que o presidente é que não era patriota. Afirmou também que Trump era um egocêntrico preocupado com o constrangimento público de dar uma festa que ninguém queria participar. Finalizou dizendo que a prefeitura estaria aberta para receber os jogadores dos Eagles (Rollins, 2018).

A MORTE DE FLOYD E O RETORNO DOS PROTESTOS

A morte de George Floyd reacendeu a discussão sobre os protestos que os atletas da NFL haviam iniciado. A imagem de Kaepernick se ajoelhando para protestar contra violência policial foi imediatamente relembrada, uma vez que Floyd havia sido asfixiado até a morte por um oficial branco que se ajoelhou sobre o seu pescoço.

Uma enquete demonstrou que 52% da população apoiava a ideia de que os atletas voltassem a protestar durante a cerimônia do hino norte-americano. Em 2016, quando Kaepernick iniciou suas manifestações, a aprovação era de 28% (Armour, 2020).

Poucos dias depois da morte de Floyd, um grupo de famosos jogadores gravou um vídeo em que diziam o nome de várias pessoas negras que tinham sido mortas por oficiais da polícia. Ahmaud Arbery e Breonna Taylor tinham sido mortos poucos dias

antes de Floyd. De forma incisiva, os atletas perguntaram: "quantas vezes precisaremos pedir pra que vocês escutem os atletas? O que mais será preciso? Um de nós precisa ser assassinado pela brutalidade policial? E se eu fosse George Floyd?" (Selbe, 2020).

Roger Goodell, comissário da NFL, publicou um vídeo em junho de 2020 condenando o racismo e a opressão que as pessoas negras sofrem nos Estados Unidos. Goodell admitiu ainda que foi um erro silenciar os protestos pacíficos de seus jogadores. Sua declaração dizia que:

> Nós, a *National Football League*, condenamos o racismo e a opressão sistemática dos negros. Nós, a *National Football League*, admitimos que estávamos errados por não ouvir os jogadores da NFL antes e encorajamos todos a falar e a protestar pacificamente. Nós, da *National Football League*, acreditamos que as vidas dos negros são importantes. Eu, pessoalmente, protesto com vocês e quero fazer parte dessa mudança tão necessária neste país. Sem jogadores negros, não haveria Liga Nacional de Futebol. E os protestos em todo o país denunciam os séculos de silêncio, desigualdade e opressão de jogadores negros, técnicos, torcedores e funcionários. Estamos ouvindo, eu estou ouvindo e estarei ao lado dos jogadores e com outras pessoas que levantaram suas vozes sobre como podemos melhorar e crescer para uma família NFL melhor e mais unida (NATIONAL FOOTBALL LEAGUE, 2020a).

O Minnesota Vikings convidou a família de Floyd para o primeiro jogo da temporada 2020. Floyd foi homenageado e vários atletas da equipe se comprometeram na luta contra violência policial. A tragédia afetou os atletas dos Vikings de maneira peculiar, uma vez que o homem negro de 46 anos havia sido assassinado há 20 quadras do estádio da equipe (Bishop, 2020).

Durante a temporada, muitos jogadores de diversas equipes chegaram a se ajoelhar durante a execução do hino norte-americano. Alguns ergueram seus punhos como os Panteras Negras, enquanto outros entrelaçaram seus braços para simbolizar a união entre eles. O capacete de vários jogadores receberam adesivos com o nome de mulheres e homens negros que tinham sido vitimadas pela polícia do país (NATIONAL FOOTBALL LEAGUE, 2020b).

Além disso, mensagens motivando o engajamento das pessoas no combate à discriminação racial foram pintadas em vários gramados. Alguns mostravam a mensagem "fim do racismo" e outros, a mensagem "é preciso todos nós". De mais a

mais, a condenação de Derek Chauvin em abril de 2020 foi celebrada por inúmeros atletas e ex-atletas da liga (NATIONAL FOOTBALL LEAGUE, 2021).

CONCLUSÃO: GRANDES DESAFIOS PARA A SOCIEDADE CIVIL

Tentamos demonstrar, a partir da história de Kaepernick, que nem todos se engajam na superação do racismo, embora ele seja hoje amplamente considerado inadmissível. Mais do que isso, vimos que estratégias podem ser usadas para sabotar diálogos sobre essa injustiça social. Uma delas consiste na estigmatização de agentes da sociedade civil que buscam uma sociedade igualitária, frequentemente lutando por direitos que deveriam ser garantidos pelo Estado.

Além disso, a sociedade civil enfrenta detenções e criminalização de ativistas; vigilância e ataques cibernéticos; ambientes cada vez mais securitizados sob o pretexto de combate ao "terrorismo"; restrições legais à reunião, associação e expressão; bem como ameaças, violência física e assassinatos (Coelho, 2017, p. 202).

Um relatório da Human Rights Watch destaca que líderes autocratas debilitam a democracia por meios distintos dos ditadores clássicos: emergem de contextos democráticos, demonizam minorias como bodes expiatórios para obter apoio popular e, em seguida, atacam organizações de Direitos Humanos, o Estado de Direito, a liberdade de imprensa e grupos da sociedade civil (Human Rights Watch, 2019, p. 1).

Quanto ao fechamento do espaço civil, é importante lembrar que militantes de diversas causas se arriscam há décadas. Atrocidades como sequestros e assassinatos de ativistas de Direitos Humanos seguem frequentes em várias partes do mundo. Assim, ao tratar esse fenômeno como atual, é preciso reconhecer que esse espaço possivelmente nunca esteve plenamente aberto (Dora; Daniel; Klugman, 2017, p. 66).

Colin Kaepernick e seu colega Eric Reid encerraram as acusações de conluio contra a NFL em fevereiro de 2019. Embora tenham chegado a um acordo, uma cláusula de confidencialidade impede a divulgação de seus termos (West, 2019). Ambos permaneciam sem equipe quando este texto foi concluído.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação**: racismo e encarceramento em massa. Tradução de Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

ARMOUR, Nancy. **Opinion**: Trump's latest criticism of NFL protests appears to be falling on deaf ears. 2020. Disponível em https://www.usatoday.com/story/sports/columnist/nancy-armour/2020/06/17/george-floyds-death-has-changed-how-americans-view-nfl-protests/3203461001/. Acesso em 15 out. 2020

AXSON, Scooby. **Eric Reid**: Ex-49ers safety files collusion grievance. 2018a. Disponível em: https://www.si.com/nfl/2018/05/02/eric-reid-files-collusion-grievance. Acesso em 01 jan. 2019.

AXSON, Scooby. **NFL Policy Will Require Players on Field to Stand for Anthem**, Show Flag 'Proper Respect'. 2018b. Disponível em: https://www.si.com/nfl/2018/05/23/nfl-national-anthem-policy-player-fine-flag-respect. Acesso em 28 mai. 2019.

BENTO, M. A. S. **Branquitude**: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 147-162.

BISHOP, Greg. **A Linebacker and His Team in the Year of Athlete Activism**. 2020. Disponível em: https://www.si.com/nfl/2020/12/18/eric-kendricks-vikings-behind-the-scenes-social-justice-work-daily-cover. Acesso em 31 dez. 2020.

BLALOCK, Hubert Morse Jr. **Race and Ethnic Relations**. New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

BRASIL, Ministério da Cultura/Fundação Palmares. **Conferência Mundial contra o racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. 2001. Disponível em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf. Acesso em 28 set. 2019.

CARROL, Charlotte. **Eric Reid collusion grievance case vs. NFL will continue**. 2018a. Disponível em: https://www.si.com/nfl/2018/10/01/eric-reid-panthers-safety-grievance-case-vs-nfl-will-continue. Acesso em 23 jun. 2018.

CARROL, Charlotte. **Seahawks' Doug Baldwin Calls President Trump 'An Idiot, Plain and Simple**'. 2018b. Disponível em:

https://www.si.com/nfl/2018/05/25/seahawks-doug-baldwin-calls-president-donald-trump-idiot. Acesso em 28 mai. 2018.

CERNOV, Ana. A Sociedade Civil não é a inimiga In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 51-63, dez. 2017. Disponível em: <http://sur.conectas.org/revista-impressa-edicao-26/>. Acesso em: 30 abr. 2018

CHAVEZ, Chris. **LeBron James 'U Bum' Tweet To Donald Trump Is The Most Retweeted Athlete Post of 2017**. 2017. Disponível em: https://www.si.com/nba/2017/12/05/lebron-james-donald-trump-tweet-most-retweeted-2017. Acesso em 27 mai. 2018.

COELHO, Letícia. Infográfcos: espaço civil explicado In**: Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 201-206, dez. 2017. Disponível em: <http://sur.conectas.org/revista-impressa-edicao-26/>. Acesso em: 30 abr. 2018

DIAZ, Daniella. **Obama defends Kaepernick's anthem protest**. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/09/28/politics/obama-colin-kaepernick-nfl-national-anthem-presidential-town-hall-cnn/index.html>. Acesso em 25 mai. 2018.
DORA, Denise; DANIEL, Ravindran; KLUGMAN, Barbara, O Sul em Transição In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 65-76, dez. 2017. Disponível em: <http://sur.conectas.org/revista-impressa-edicao-26/>. Acesso em: 30 abr. 2018

HOWARD, Adam. **Colin Kaepernick's Protest is Part of Long Sports Tradition**. 2016. Disponível em https://www.nbcnews.com/news/sports/how-history-informs-colin-kaepernick-s-national-anthem-protest-n639366. Acesso em 29 abr. 2018.

HUMAN RIGHTS WATCH. **World Report 2019**: Events of 2018. 2019. Disponível em <https://www.hrw.org/sites/default/files/world_report_download/hrw_world_report_2019.pdf>. Acesso em 07 jan. 2019.

IBEZIM-OHAERI, Victoria. A luta contra o fechamento do espaço civil na Nigéria In: **Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 137-148, dez. 2017. Disponível em: <http://sur.conectas.org/revista-impressa-edicao-26/>. Acesso em: 30 abr. 2018

JONES, Jonathan. **Trump Effect**: How the president's comments could impact Colin Kaepernick's NFL future. 2017. Disponível em https://www.si.com/nfl/2017/03/22/colin-kaepernick-donald-trump. Acesso em 30 jan. 2019.

JONES, Jonathan. **The Bizarre and Statistically Improbable Case of Eric Reid's Random Drug Testing**. 2018. Disponível em < https://www.si.com/nfl/2018/12/20/eric-reid-panthers-nfl-random-drug-testing >. Acesso em 23 dez. 2018.

KAY, Stanley. **Every NFL Player Who Has Protested During the National Anthem This Season.** 2017. Disponível em https://www.si.com/nfl/2017/08/22/national-anthem-protests-list-players-kneel. Acesso em 20 out. 2018.

KERR, Steve. **Mr. President: You Represent All of Us. Don't Divide Us. Bring Us Together.** 2017. Disponível em https://www.si.com/nba/2017/09/24/steve-kerr-warriors-donald-trump-white-house-stephen-curry. Acesso em 15 jan. 2019.

KNOBLAUCH, Austin. **NFL owners approve national anthem policy for 2018**. 2018. Disponível em http://www.nfl.com/news/story/0ap3000000933971/article/nfl-owners-approve-national-anthem-policy-for-2018. Acesso em 25 mai. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

McCANN, Michael. **The Latest Wrinkle in Colin Kaepernick's Collusion Case**: Polling Data? 2018. Disponível em https://www.si.com/nfl/2018/05/24/colin-kaepernick-collusion-case-nfl-polling-data. Acesso em 14 nov. 2018.

McNIGHT, Michael. **Dolphins' Robert Quinn explains why he raises his fist.** 2018. Disponível em <https://www.si.com/nfl/2018/08/11/robert-quinn-miami-dolphins-raised-fist-national-anthem>. Acesso em 01 jan. 2019.

MOREIRA, Adilson José. **O que é Discriminação?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **Roger Goodell:** NFL 'wrong' for not listening to protesting players earlier. 2020a. Disponível em https://www.nfl.com/news/roger-goodell-nfl-wrong-for-not-listening-to-protesting-players-earlier. Acesso em 23 jan. 2021.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **Say Their Stories**: Players and coaches list. 2020b. Disponível em https://www.nfl.com/news/say-their-stories-players-and-coaches-list. Acesso em 11 abr. 2021.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **NFL players, community react to Derek Chauvin's murder conviction in death of George Floyd**. 2021. Disponível em

https://www.nfl.com/news/nfl-players-community-react-to-derek-chauvin-s-murder-conviction-in-death-of-geo. Acesso em 25 abr. 2021.

ROHAN, Tim. **As Anthem Protests Expand, Fans Speak Out Strongly, Pro and Con**. 2017. Disponível em https://www.si.com/2017/08/28/anthem-protests-grow-voices-fans-and-players. Acesso em 10 jan. 2019.

ROLLINS, Khadrice. **Philadelphia Mayor Jim Kenney Invites Eagles to City Hall After White House Visit Was Canceled**. 2018. Disponível em https://www.si.com/nfl/2018/06/04/eagles-white-house-visit-canceled-philadelphia-mayor-jim-kenney-response. Acesso em 05 jun. 2018.

ROVELL, Darren. **Poll:** Niners QB Colin Kaepernick most disliked player in league. 2016. Disponível em http://www.espn.com/nfl/story/_/id/17604958/san-francisco-49ers-qb-colin-kaepernick-most-disliked-player-nfl-according-poll-e-poll-marketing-research. Acesso em 26 jan. 2019.

SELBE, Nick. NFL **Players to League**: Admit Wrongdoing in Silencing Players From Peacefully Protesting. 2020. Disponível em https://www.si.com/nfl/2020/06/05/nfl-george-floyd-protests-colin-kaepernick-anthem-kneeling. Acesso em 21 fev. 2021.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TREISMAN, Rachel **3rd Ex-Police Officer Charged In George Floyd's Death Released From Jail On Bon**d. 2020. Disponível em https://www.npr.org/sections/live-updates-protests-for-racial-justice/2020/07/05/887434707/third-ex-police-officer-charged-in-george-floyds-death-released-from-jail-on-bon. Acesso em 10 jan. 2021

WAMSLEY, Laurel. **Derek Chauvin Found Guilty Of George Floyd's Murder**. 2021. Disponível em https://www.npr.org/sections/trial-over-killing-of-george-floyd/2021/04/20/987777911/court-says-jury-has-reached-verdict-in-derek-chauvins-murder-trial. Acesso em 27 abr. 2021.

WEST, Jenna. **Colin Kaepernick's Lawyer Says He Sees QB Possibly Playing With Panthers or Patriots**. 2019. Disponível em https://www.si.com/nfl/2019/02/16/colin-kaepernick-lawyer-playing-panthers-patriots-collusion-grievance-settlement. Acesso em 18 jan. 2019.

WILLINGHAM, Alexandra. **The #TakeAKnee protests have always been about race. Period.** 2017. Disponível em https://edition.cnn.com/2017/09/27/us/nfl-anthem-protest-race-trump-trnd/index.html. Acesso em 15 jan. 2019.

WITZ, Billy. **This Time, Colin Kaepernick Takes a Stand by Kneeling**. 2016. Disponível em https://www.nytimes.com/2016/09/02/sports/football/colin-kaepernick-kneels-national-anthem-protest.html. Acesso em 15 fev. 2018.

WYCHE, Steve. **Colin Kaepernick explains why he sat during national anthem**. 2016. Disponível em <http://www.nfl.com/news/story/0ap3000000691077/article/colin-kaepernick-explains-why-he-sat-during-national-anthem>. Acesso em 30 dez. 2018.

NARRATIVAS NAS INFÂNCIAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO CONTRIBUTO NA CONSTITUIÇÃO HUMANA

Daiane de Melo Gava
Silvia Sell Duarte Pillotto
Eliana Stamm

INTRODUÇÃO

> Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem num saco. Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro (Deleuze; Guattari, 2009, p. 16).

Reavivar a docência e a pesquisa realizadas em um tempo que ficou para trás, mas que permanecem reverberando nas ações pedagógicas e investigativas, reafirma a compreensão de que as experiências sensíveis iniciadas nas infâncias constituem potenciais imprescindíveis para uma educação humanizada, pautada pela dimensão estética, ética e política.

As experiências vividas com as crianças produzem efeitos nos sujeitos envolvidos e nos modos de perceber que educação e vida são fragmentos que se entrelaçam, podendo transformar a sociedade a partir das atitudes e das formas de compreender a existência humana.

O tempo e seus deslocamentos tornam-se necessários para o entendimento de que as experiências estéticas se abrem ao diálogo e à esperança, fortalecendo a ideia de que o imaginário potencializa a realidade em práticas educativas fundamentadas nas sensibilidades.

As reflexões aqui apresentadas estão organizadas em seções, como Infâncias: território de possibilidades sensíveis, que destaca os tempos de ser criança e suas infâncias, repletas de momentos de criação, curiosidade e inquietações diante dos contextos vividos. Assim, realidade e imaginário se intercruzam no universo infantil, que demanda ser compreendido pelo adulto.

A seção Percursos narrativos – mapeando sensibilidades apresenta o método narrativo e evidencia como as experiências estéticas das crianças podem produzir efeitos significativos. Tais efeitos foram analisados à luz do princípio compreensivo-interpretativo (Bertaux, 2010), ampliando as percepções acerca dos gestos poéticos expressos pelas crianças em suas manifestações sonoras, visuais e corporais.

A seção Constituição humana nas/com as infâncias – tecendo percursos sensíveis aborda a dimensão sensível articulada à experiência, considerando a educação pelo sensível como contributo na constituição humana, compreendida como um processo contínuo e inacabado em uma sociedade que se reinventa cotidianamente.

Por fim, (In)conclusões porque o processo continua para alguém em algum lugar destaca a docência e a pesquisa como espaços de aprendizagem e ressignificação, na busca por uma sociedade mais igualitária e justa, permeada pelo viver-junto com dignidade, em que as singularidades se entrelaçam ao coletivo social.

As questões aqui tratadas pretendem dar visibilidade à educação pelo sensível, que traz em suas bases as linguagens e expressões artísticas, relacionadas às experiências e à dimensão humanizadora.

Nesse contexto, a pesquisa fundamenta-se na abordagem narrativa, sendo desenvolvida a partir de Oficinas Estéticas, realizadas com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública municipal. Os encontros envolveram experiências sensoriais, corporais, visuais e sonoras, por meio das quais foram produzidas narrativas infantis, analisadas à luz do princípio-compreensivo-interpretativo. Tal percurso metodológico possibilitou compreender as experiências estéticas como mobilizadoras de processos de autoria, sensibilidade e constituição humana.

INFÂNCIAS: TERRITÓRIO DE POSSIBILIDADES SENSÍVEIS

> A criança viaja. Atravessa. Passa entre suas travessuras. E assim ela entra na pausa sem saber que está na pausa. Abre o tempo como abre um brinquedo. Desarma o tempo como desarma a linguagem. Os primeiros passos não são os primeiros passos, pois ela já caminhou várias vezes através de sonhos e trevas (Skliar, 2014, p. 27).

Quais são as primeiras ideias e palavras que vêm à mente ao se pensar em infâncias? Muitos dirão: correr, brincar, imaginar, sorrir... palavras que remetem a um tempo de memórias, por vezes boas e não tão boas, mas frequentemente ressignificadas ao longo da vida. Isto é, as infâncias não se constituem somente de alegrias, pois, em determinadas situações, sejam de ordem social, econômica ou cultural, são atravessadas por sonhos e trevas, pelo real e pelo imaginário. Configuram-se, assim, como espaços de alegrias, inquietações, angústias, medos e tantos outros sentimentos que, por vezes, se estendem pela vida.

As experiências nas infâncias são aqui compreendidas como lugares de dor e de alegria, de incertezas e certezas, de riscos, de sofrimentos e de concretudes. As

infâncias ancoram-se em diversas realidades e não apenas como espaço para brincar e ser feliz. Sabe-se que atravessam experiências diversas, carregadas de múltiplos sentimentos, por vezes em contextos de vulnerabilidade que lhes são impostos. Nesse sentido, o tempo, como aponta Maldonato (2012, p. 23), é "[...] apenas um acontecer de diferenças. Na passagem de um instante ao outro – aquela impressão que deixa quando as coisas já passaram –, o tempo é arithmos, percepção da mudança, poder desestabilizador de mudanças".

O tempo das infâncias e dos adultos faz emergir mudanças que ressignificam olhares, atravessando múltiplos tempos. Tempos esses "[...] de liberdade, igualdade, paz, amor, bem ao próximo; como também dos de ódio, angústia, dor, desesperança, solidão..." (Fernandes, 2001, p. 132). As infâncias constituem movimentos que afloram sensibilidade e experiência; um lugar de afetos que abriga múltiplos sentimentos, deixando marcas que permanecem na contínua constituição humana.

As infâncias são também lugares de descobertas "[...] de que a vida é intensa em seus sentires. Infância como o lugar das incertezas. Sim, porque crescer, amadurecer, envelhecer causa medo e insegurança" (Bueno, 2018, p. 16). Desse modo, as crianças provocam a pensar que nada é definitivo ou concluído, uma vez que os sujeitos se constituem como (in)conclusos.

Ao revisitar o percurso investigativo, evidencia-se a potência das experiências vividas na infância, marcadas por momentos de criação, imaginação e interação. Processos como montar e desmontar brinquedos, por exemplo, potencializam dimensões criativas e imagéticas, nas quais o próprio percurso se torna mais significativo do que o resultado. Nesse contexto, as interações se estabelecem com outras crianças, adultos ou com o imaginário, configurando experiências que permanecem e reverberam ao longo da vida e da docência.

A memória, nesse sentido, surpreende, suspende e ensina a compreender quem se é. Trata-se de uma articulação entre cognição e sensibilização na constituição humana, como afirma Pillotto (2007, p. 118) "[...] a partir de seu potencial de associações e imaginação, bem como de suas necessidades interiores, os indivíduos ampliam os processos intuitivos que informam o próprio modo de conhecer, na relação de suas experiências afetivas, as suas construções cognitivas".

Ainda sobre essa questão, pode-se compreender que os caminhos percorridos são permeados por descobertas, considerando que "[...] a vida é uma corrida que não se corre sozinho. E vencer não é chegar, é aproveitar o caminho, sentindo o cheiro das flores e aprendendo com as dores causadas por cada espinho" (Bessa, 2018, p. 22). Nesse sentido, torna-se fundamental aprender a ver e a sentir com as crianças a liberdade e o prazer de se deixar afetar pelos sentidos e pelas sensações, provenientes dos sons, do toque, do olhar desacelerado e de tudo aquilo que constitui o humano. Tais movimentos podem conduzir ao reencontro com a criança que ainda habita cada sujeito.

Para que isso aconteça, como destaca Kohan (2004), é preciso compreender as infâncias como experiências imprevisíveis e inesperadas, jamais como algo pronto e acabado. Afinal, as infâncias configuram-se como possibilidades de ressignificação das experiências vividas, em gestos que se entrelaçam com o ser/estar humano. Tudo pode assumir a forma de jogo da vida para uma criança: uma conversa, uma indagação, uma palavra; "[...] essas vivências marcam e escrevem sua história, transformando o presente, o agora, no sempre" (Bueno, 2018, p. 16).

Outra reflexão importante a ser feita sobre as infâncias está relacionada ao tempo de invenções; tempo poético e criativo. Tempo das miudezas da vida que se tornam gigantes no gesto de criar personagens, no olhar atento ao perceber o movimento das nuvens ou mesmo os círculos que surgem nas águas quando tocadas por uma simples pedrinha. Nesse sentido, torna-se necessário reconhecer que é

> [...] nos livrarmos da mania de separar a vida em etapas. Infância não é uma fase, repleta de 'deveria ser assim', 'faz parte dessa fase'. Infância é a vida acontecendo. É o respeito ao que o outro sente. Infância é uma relação inteira, verdadeira, com o mundo. E, se a infância é uma relação, uma forma de ser e de estar no mundo, pode nunca acabar. Um adulto capaz de reinventar uma relação, um adulto criador de ideias e conceitos, apaixonado pelo miúdo dessa vida, encantado pelas descobertas do aprender, é um adulto conectado à potência da infância (Bueno, 2018, p. 17).

A experiência estética na constituição humana acontece nas infâncias, articulada aos processos de criação e às relações estabelecidas com pessoas, objetos e lugares. O simbólico e o sensível se (entre)laçam, nutrindo o olhar estético, essencial no percurso do viver. Assim, a educação pelo sensível se consolida como um lugar de

encontros, que contribui para a caminhada extraordinária da existência humana (Meira; Pillotto, 2022).

Configura-se, ainda, como um falar pedagógico que une forças sensíveis e "[...] expõe algo, deixa aparecer, sugere um mundo, de maneira que ele mantenha sempre algo de enigma, algo que intriga, que pode fascinar" (Masschelein, 2021, p. 36).

PERCURSOS NARRATIVOS: MAPEANDO SENSIBILIDADES

> Fazemos pesquisa não apenas para compreender o que nos inquieta, mas para questionar o que está naturalizado. Para pôr à prova aquilo que sempre tem sido assim, e se diz que não pode ser de outra maneira (Hernández, 2017, p. 64).

Na aventura de realizar uma pesquisa com crianças, evidencia-se a potência da vida em movimento. A escuta atenta volta-se para o outro e para os processos que atravessam a experiência, permitindo deslocamentos entre encantamentos e desencantamentos, compreendidos como parte do amadurecimento humano. Como afirma Ostrower (1986, p. 57), "[...] no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende. Essa compreensão não precisa necessariamente ocorrer de modo intelectual, mas deixa sempre um lastro dentro da experiência".

No processo de definição do problema de pesquisa, fizeram-se necessárias escolhas teóricas e metodológicas que orientaram os percursos investigativos e seus desdobramentos, considerando experiências formativas no campo da docência e da pesquisa. Assim, foram sendo tecidos caminhos em dobras, delineadas a partir das experiências estéticas vividas no cotidiano com as crianças.

A pesquisa constituiu-se como possibilidade de reinvenção das práticas docentes. Estar na escola na companhia das crianças possibilita olhar o cotidiano como um eterno desconhecido, reconhecendo-o e, ao mesmo tempo, sendo constantemente surpreendido por ele. Como afirma Neves (2010, p. 4), trata-se de um "[...] olhar [que] manso sempre cintilava para o horizonte quando imaginava que lá, a perder de vista, o mundo poderia lhe reservar grandes surpresas".

Os aportes metodológicos ancoraram-se na abordagem narrativa, que tem em suas bases os processos de pesquisar e de pesquisar a si, aproximando-se do caminhar de uma criança. Nesse percurso, as crianças buscam liberdade e, ao mesmo tempo,

encontram outras crianças, com as quais compartilham experiências e aprendem a viver-junto.

Os movimentos na pesquisa narrativa evidenciam que os sujeitos se constituem a partir das histórias narradas e ressignificadas. Para Bertaux (2010, p. 47), a narrativa

> [...] trata da totalidade da história de um sujeito. Ela começaria pelo nascimento, até mesmo pela história dos pais, pelo seu meio, em suma, pelas origens sociais. Cobriria toda a história da vida do sujeito. Para cada período dessa história, a narrativa descreveria não só a vida interior do sujeito e suas ações, mas também os contextos interpessoais e sociais que ele/ela atravessou.

A narrativa contribuiu para reavivar o diálogo e a escuta em encontros que possibilitaram a compreensão dos modos de pensar e sentir das crianças, especialmente por meio das expressões artísticas (visuais, sonoras e corporais), bem como pelo movimento de repensar e recriar histórias, atitudes e ações no âmbito de uma pedagogia humanizada.

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, fundamentaram-se em Oficinas Estéticas, realizadas em seis encontros de duas horas, em uma escola pública municipal, com a participação de 18 crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I, com idades entre sete e oito anos.

A Oficina Estética: *Criação e imaginação: processos narrativos infantis*, enfatizou a importância da criação a partir de experiências estéticas nas linguagens e expressões artísticas.

Na sequência, a oficina Estética: *Mapa do imaginário: desvelando o irreal*, ampliou os processos de imaginação e criação por meio de desenhos de mapas reais e imagéticos, evidenciando que o movimento das mãos em gestos modelados na argila também constitui movimento de pensamento e de sentidos.

A Oficina Estética: *Mapa do conhecimento: percursos desconhecidos*, propôs o aprofundamento das questões relacionadas à imaginação e à criação, articuladas ao faz de conta e ao jogo lúdico. Na sequência a Oficina Estética: *O eu e o outro: afetos e afetamentos*, ampliou-se os processos imagéticos com ênfase nos movimentos corporais, nos cenários e nos acessórios, contribuindo para a compreensão do trabalho em grupo como forma de aprendizagem.

A Oficina Estética: *Narrativas compartilhadas: quais pistas encontrar*, articulou a ideia de mapa aos processos de criação, imaginação e produção de conhecimentos, propondo a elaboração de mapas coletivos com o uso de diferentes materiais e suportes. Por fim, a Oficina Estética: *Narrativas de mim, do outro e de quem mais vier*, integrou as demais na construção de um mural artístico com as produções dos grupos.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (Univille), sob o parecer nº 3.353.863, conforme as diretrizes da Resolução CNS 466/12. Para a sua realização, contou-se também com a anuência da Secretaria Municipal de Educação de Garuva e da gestão escolar da instituição participante. A participação das crianças ocorreu de forma voluntária, mediante autorização dos responsáveis legais, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como do Termo de Autorização para uso de imagem e voz. Além disso, foi elaborado junto às crianças, um termo simbólico de coautoria da pesquisa, evidenciando sua participação como sujeitos autores no processo investigativo.

As Oficinas Estéticas no território escolar potencializaram a criação, o imagético e a descoberta de outros saberes e percursos, evidenciando as linguagens e expressões artísticas como contributo na constituição humana. As experiências envolvendo movimentos corporais, contação de histórias, desenhos, pinturas, música e o manuseio da argila expressaram modos de ser e agir das crianças. Para preservar a identidade das crianças participantes, optou-se pela identificação por letras (criança A, B, C...), acompanhadas do ano de realização da pesquisa, mantendo o cuidado ético e o respeito às suas narrativas.

Na sequência das Oficinas Estéticas, foram identificadas narrativas das crianças, como: "a chuva é feita de nuvem" (criança A, 2020); "e nasce na água" (criança B, 2020), complementando a ideia inicial. A criança C (2020) acrescentou: "existe água debaixo da terra". "Eu queria mesmo é conhecer a lua, acho que ela tem vários buracos e é branca" (criança D, 2020). Em seguida, a criança E (2020) questionou: "a lua não tem gravidade porque quando tu pulas, tu vais alto e ela não te puxa". "Eu acho que a lua é feita de queijo, porque tem vários buraquinhos como um queijo" (criança F, 2020). "Eu também acho que ela é de queijo. O problema é que eu a acho

estranha, porque uma hora ela fica magra e outra hora ela fica cheia" (criança G, 2020), evidenciando curiosidade e imaginação.

Vale destacar que as Oficinas Estéticas foram registradas por meio de gravações realizadas durante os encontros, o que possibilitou a interpretação das narrativas após o distanciamento da experiência. Algumas pistas emergiram desse processo, como a percepção de que as narrativas das crianças atravessam fronteiras de pensamento e de sentir, pois "[...] a atenção delas [estava] dispersa, não por imaturidade, mas, talvez, porque não há ordem no mundo" (Skliar, 2014). As infâncias, portanto, constituem-se de impressões, gestos e sensibilidades.

Nesse sentido, as narrativas são compreendidas como constituídas por experiências e pensamentos, indicando que a percepção imediata de algo ou de uma situação se configura como um encadeamento de ideias que atravessam o real e o imagético, derivando de processos criativos.

No processo interpretativo, evidenciou-se a presença recorrente da nuvem na maioria dos desenhos das crianças como um dos principais dispositivos mobilizadores das narrativas. A partir da nuvem, emergem elementos como a chuva, a água, a terra e a lua, culminando, de forma imaginativa, na associação com o queijo. Tal movimento revela a potência criativa das crianças ao articular diferentes elementos simbólicos em suas narrativas.

Nesse contexto, compreende-se que

> [...] a criança toma consciência do que é possível, e mede a diferença entre imaginário e real. As imagens aparentes (impressões) que os outros passam servem de pontos de referência para procurar o sentido de uma mutação de si próprios e para se transformar (Postic, 1992, p. 22).

Ao enfatizar o imaginário articulado à realidade e à criação poética em uma educação pelo sensível, amplia-se a reflexão social, abrindo espaço para discussões referentes às questões planetárias, à vida e às relações humanas. Nesse sentido, torna-se necessário compreender a educação e seus percursos como um conjunto de acontecimentos, pois o que importa para a vida em sociedade não é negar, vencer ou fugir do caos, mas conviver com ele e, a partir dele, construir possibilidades criativas e colaborativas (Deleuze; Guattari, 2009).

Uma educação pelo sensível se constitui na dimensão ética e estética, impulsionando trocas com o outro — um fator de socialização que abre brechas para que o laço social seja também emocional. Desse modo, aquilo que é experienciado com o outro torna-se fundamental, uma vez que se entrelaçam fios de passagens nos quais o viver-com e o viver-junto de forma colaborativa se apresenta como um dos grandes desafios contemporâneos (Maffesoli, 2012).

A partir dessas reflexões, articuladas pelo narrar-com e pela escuta sensível, as contribuições de Clandinin e Connelly (2015, p. 27) potencializam a compreensão do método narrativo, ao afirmarem que "[...] pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a si mesmas e aos outros".

No plano pedagógico e afetivo, a curiosidade e a coragem, "[...] bem como os fortes sentimentos de afeição" (Morin, 2021, p. 59), configuram-se como elementos fundamentais. Nesse contexto, a escolha pelo método narrativo relaciona-se ao movimento de compartilhar histórias, impulsionado pelas Oficinas Estéticas. Por meio das narrativas das crianças, evidenciam-se possibilidades de experimentar outros modos de fazer docência e de perceber a vida sob diferentes perspectivas.

A pesquisa narrativa, como potência na produção de novos saberes e conhecimentos, permite compreender o mundo a partir do falar de si e do escutar o outro, processos que reforçam vínculos afetivos. Tal movimento requer "[...] olhos e ouvidos abertos e atentos, disponibilidade para si e para o outro" (Bertaux, 2010, p. 68).

No entanto, esse método também apresenta "[...] numerosas dificuldades, porque o conhecimento sociológico é, por definição, o conhecimento de fenômenos coletivos" (Bertaux, 2010, p. 47). Nesse sentido, a docência e a pesquisa configuram-se como uma trama de sensibilidades, que envolve teias de significações construídas nas histórias vividas, constantemente ressignificadas pelo imaginário. Trata-se de um movimento contínuo de constituição humana. Como afirma Postic (1993, p. 13), "na vida artística, imaginar é um ato criador. Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligada à realidade".

Dessa forma, a docência e a pesquisa podem ser compreendidas como acontecimentos que provocam reflexões sobre as formas de intervenção nos processos

de constituição humana das crianças. Nesse sentido, torna-se fundamental reiterar a importância de uma educação pelo sensível, capaz de criar passagens possíveis para a reinvenção do humano.

CONSTITUIÇÃO HUMANA NAS/COM AS INFÂNCIAS: TECENDO PERCURSOS SENSÍVEIS

> [...] uma das tarefas de uma política humanista é criar condições que deem não só a possibilidade de sobreviver, mas também de viver (Morin, 2021, p. 38).

A experiência com o método narrativo configura-se como um desafio, uma vez que a percepção das relações constituídas nas narrativas — tanto das crianças quanto no processo investigativo — implica revisitar histórias e ressignificar modos de ser (Kramer, 2002). Trata-se de um movimento que possibilita olhar para si a partir do olhar do outro, promovendo a redescoberta de percursos e sentidos. O narrado, nesse contexto, adquire novos contornos e interpretações, ao ser atravessado por um processo reflexivo sobre si, sobre o outro e sobre as situações vividas.

Bertaux (2010, p. 50) propõe a reflexão acerca de "[...] até que ponto cada um está marcado pelas experiências da infância?". A criança vivencia o tempo de formas distintas, enquanto, na vida adulta, o tempo tende a ser organizado pelo relógio e pelo calendário. Estruturam-se, assim, tempos para comer, beber, dormir, estudar e trabalhar. Nesse processo de organização temporal — real e também inventado — surgem subdivisões que delimitam ações e restringem possibilidades. Tal lógica pode potencializar o automatismo das ações, reduzindo os processos criativos (Bueno, 2018).

No entanto, o tempo também pode ser compreendido como ato inaugural do existir. Como afirma Maldonato (2012, p. 16):

> [...] o instante não é do tempo, é o tempo. Aliás, o próprio instante é o tempo, o absolutamente único e imprevisível presente que ressoa com outros instantes. Cada ato nosso de consciência está mergulhado no instante, em um agora que quebra a indiferente continuidade daquilo que é conhecido.

O tempo para as crianças configura-se como tempo de criação, no qual o imaginário se mostra repleto de histórias, situações e também de imposições decorrentes de um olhar adultocêntrico. Todavia, uma educação pelo sensível segue

em outra direção, pois requer uma formação humanizadora, articulando práticas educativas que considerem os tempos das crianças e o ser criança, seja no território escolar ou fora dele.

No trilhar dos caminhos da docência na escola com as crianças, torna-se necessário compreender esse espaço como lugar de encontros e experiências, provocando reflexões sobre novos modos de afetar e de deixar-se afetar (Meira; Pillotto, 2022). Nesse contexto, atuar com crianças implica adentrar o universo infantil e reconhecer que a vida adulta, por vezes, distância da delicadeza e das múltiplas nuances da existência.

A articulação entre os olhares das crianças e dos adultos pode ser mobilizada por meio do olhar estético, que favorece a tomada de consciência acerca dos desejos e dos devires, impulsionando a construção de sentidos (Meira; Pillotto, 2022). Nessa perspectiva, a base das construções poéticas encontra-se nas práticas educativas voltadas ao sensível, evidenciadas pelas experiências estéticas, as quais se entrelaçam com os vínculos afetivos.

Nas Oficinas Estéticas, foi possível observar os interesses das crianças e as formas como se relacionavam em grupo. Inicialmente, evidenciou-se a dificuldade na construção de vínculos afetivos, bem como a relevância das escolhas e dos processos metodológicos no direcionamento das experiências vividas no território escolar. Sobre essa questão, Bertaux (2010, p. 53) enfatiza que:

> [...] não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignorarmos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela faz parte em algum momento de sua existência. Seu próprio projeto de vida, decidido em certo momento da existência, não foi elaborado in abstrato dentro de uma consciência isolada, mas foi falado, dialogado, construído, influenciado e negociado ao longo da vida em grupo.

Evidenciou-se que algumas crianças apresentavam dificuldades em valorizar a si mesmas, sentindo-se incapazes de aprender. Nesse contexto, tornou-se visível a urgência de tratar dessas questões, frequentemente desconsideradas pelas instituições escolares em detrimento do compromisso com os conteúdos e com o sistema educacional.

Diante dessas fragilidades, tornou-se necessário suspender o olhar para compreender as crianças em sua singularidade, reconhecendo que o ato de ver não é

natural, mas construído na experiência cotidiana. Nesse sentido, é preciso aprender a ver, considerando que a criança "[...] expõe-se completamente ao nosso olhar, oferece-se absolutamente às nossas mãos e se submete, sem resistência, para que a cubramos com nossas ideias, nossos sonhos e nossos delírios" (Larrosa, 2013, p. 187).

Em outra direção, o território escolar pode ser compreendido também como "[...] o lugar em que o mundo se abre e se oferece de um modo particular: ao ser colocado sobre a mesa, isto é, entre as mãos ou ao alcance das mãos" (Masschelein, 2021, p. 31). Trata-se de um espaço em que se configuram múltiplos acontecimentos, constituindo-se como lugar de experiências e ressignificações, capazes de produzir vínculos afetivos, argumentações, incômodos e, por vezes, o silêncio (Rancière, 2023). Além disso, a dimensão sensível nesse território "[...] é a experiência que aparece como germe de uma nova humanidade, de uma nova forma individual e coletiva de vida" (Rancière, 2023, p. 45).

Nesse contexto, a proposição de práticas educativas pautadas nas experiências estéticas evidencia a compreensão de que

> [...] o sujeito da experiência estética experimenta a promessa da posse de um mundo novo por meio de uma estátua que, por sua vez, ele não pode de forma alguma possuir. E a educação estética que substituirá a revolução política é uma educação pela estranheza da livre aparência, pela experiência da não-posse e de passividade que ela impõe (Rancière, 2023, p. 47).

Assim, torna-se fundamental reconhecer a responsabilidade docente nos percursos formativos das crianças. Suas narrativas constituem-se de elementos da realidade e do imaginário, especialmente relacionados àquilo que as afeta. A criança:

> [...] pode relacionar-se com outras [pessoas] de várias maneiras: pode amar ou odiar, competir ou cooperar; pode construir um sistema social baseado na igualdade ou na autoridade, na liberdade ou na opressão; mas tem de relacionar-se de alguma forma, e essa forma particular de relacionamento exprime seu caráter (Fromm, 1974, p. 58).

Desse modo, a ação docente pode contribuir nos processos de constituição humana. Nesse contexto, evidencia-se a necessidade de uma atenção mais cuidadosa aos processos de escuta das narrativas das crianças. Como aponta Bertaux (2010, p. 58), foi "[...] graças às narrativas de vida concebidas como relatos de práticas que pudemos

começar a decifrar não só as lógicas dos percursos de seus agentes, mas também as dinâmicas internas dessa vertente artesanal ao longo do processo".

O falar pedagógico, no âmbito da docência e da pesquisa, fundamenta-se na ideia de uma educação pelo sensível, na qual a escola é compreendida como um espaço de dimensão filosófica e política. Nesse sentido, Masschelein (2021, p. 37) afirma que a educação "[...] busca efetuar uma presença que caminha ao lado da confirmação ou da pressuposição de que aquele a quem nos dirigimos é capaz de olhar, escutar, pensar por si mesmo, é capaz de... começar um a-fazer com o que se apresenta". Ao mesmo tempo, configura-se, conforme Ordine (2016, p. 33), como "[...] uma forma de resistência aos egoísmos do presente, como antídoto à barbárie da utilidade, que chega mesmo a corromper as nossas relações sociais e os nossos afetos mais profundos".

A presença atenta e aberta à escuta das crianças constitui um gesto fundamental para que elas se sintam convidadas a narrar sobre si e sobre o outro, considerando que as narrativas de vida se iniciam no plano individual e se configuram nas inserções e identificações no coletivo (Bertaux, 2010).

(IN)CONCLUSÕES: PORQUE O PROCESSO CONTINUA PARA ALGUÉM EM ALGUM LUGAR

> É nas dobras daquelas atividades consideradas supérfluas que, de fato, podemos encontrar o estímulo para pensar um mundo melhor, para cultivar a utopia de poder atenuar, se não eliminar, as injustiças que se propagam e as desigualdades que pesam (ou deveriam pesar) como uma pedra em nossa consciência (Ordine, 2016, p. 19).

A experiência com a docência e a pesquisa possibilitou identificar pistas e efeitos provocados pelas Oficinas Estéticas nos processos narrativos de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I da rede pública, bem como suas implicações na constituição humana.

As questões que orientaram esse percurso estiveram pautadas na urgência de dar visibilidade a uma educação sensível, compreendida como imprescindível à constituição humana, potencializada pelas dimensões estética, ética e política.

A abordagem narrativa mostrou-se fundamental para a construção dos caminhos investigativos, atravessados pelas experiências estéticas por meio das linguagens e expressões artísticas, manifestadas pelas crianças em narrativas visuais,

corporais e sonoras. Esse fio condutor possibilitou às crianças partilhar suas histórias de vida, dialogando com os pares sobre ideias, sentimentos, inquietações, medos e dúvidas.

Nas dobras das artes, evidenciou-se a possibilidade de expressão livre de pensamentos e emoções, em um espaço que se afasta do julgamento entre o certo e o errado.

Desse modo, promover uma educação pelo sensível, ancorada em uma perspectiva humanizadora, implica compreendê-la como prática social enraizada na vida e nas ações realizadas no território escolar. Trata-se de experiências tecidas em pequenos gestos cotidianos, marcados pela delicadeza, solidariedade e empatia. Afinal, como afirma Ordine (2016, p. 18), "[...] muitas vezes, percebe-se melhor a grandeza exatamente nas pequenas coisas".

Essa perspectiva de educação torna-se especialmente relevante no contexto atual, marcado por uma crise existencial que afasta, sobremaneira, das dimensões que mais importam — as relações dialógicas e afetivas. Nesse sentido, os processos e resultados da pesquisa reafirmam a relevância de uma educação pelo sensível, iniciada nas infâncias e que se estende ao longo da vida. Os processos criativos constituem tempos que acompanham os sujeitos, possibilitando passagens transformadoras nutridas pela sensibilidade.

As questões que, por vezes, passam despercebidas revelam-se fundamentais para a constituição humana e para a compreensão do lugar que se ocupa em um planeta habitável, mas também imprevisível. Nessa direção, uma educação humanizadora e sensível pode configurar-se como abertura para reagir diante do que afeta, potencializando a resiliência. Nietzsche (2012, p. 54) expressa essa compreensão ao afirmar que "algum destino está sempre a me convencer de que todo ser humano tem esta percepção, como ser humano [...]".

Educar, no exercício da docência e da pesquisa, implica permitir que a vida seja experienciada de modo mais harmonioso, acolhendo o outro em sua alteridade como processo de humanização no território escolar. Torna-se necessário, portanto, fomentar, no âmbito escolar, propostas que tenham como base a educação pelo sensível, capazes de colocar em prática modos de aprender e ensinar que contribuam para processos mais humanizadores na constituição dos sujeitos. Como afirma

Nietzsche (2012, p. 17), “depois que um vento me opôs resistência, velejo com todos os ventos”. Trata-se de um horizonte possível para a educação, especialmente nas/com as infâncias.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BUENO, Marcelo Cunha. **No chão da escola: por uma infância que voa**. Cachoeira Paulista: Editora Passarinho, 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. v. 5.

FERNÁNDES, A. B. M. Imagen y estética del discurso postmoderno en tiempos de globalización. **Revista de Estudos Universitários**, v. 27, n. 2, p. 127-140, 2001.

FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2017. p. 49-74.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar. **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeio: Forense Universitária, 2012.

MALDONATO, Mauro. **Passagens de tempo**. São Paulo: Edições SESC, 2012.

MASSCHELEIN, Jan. Fazer escola: a voz e a via do professor. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen; CUBAS, Carla (org.). **Elogio do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 25-45.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MORIN, Edgar. **Lições de um século de vida**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NEVES, Vânia F. A. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental: um estudo de caso**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. Linguagens – **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113–127, maio/ago. 2007.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Lisboa: Asa, 1992.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. **Mal-estar na estética**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2023.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: EDUFBA, 2014.

O URBANISMO PÓS-NORMAL E A IA COMO EXOESQUELETO COGNITIVO: DIAGNÓSTICO DA ESQUIZOFRENIA SOCIOTÉCNICA NA CIDADE BAIXA

ALICE BEATRIZ SCHOLZ

IZABELE COLUSSO

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal (Brasil, 1988) e o Estatuto da Cidade (Brasil, 2001) institucionalizaram a participação popular no planejamento urbano, mas seus mecanismos tradicionais, como audiências públicas e censos estáticos, revelam um descompasso crítico diante da velocidade das interações sociais na 'praça pública digital'. Esse descompasso gera uma lacuna de inteligência urbana: as metodologias tradicionais não capturam o volume de dados não estruturados das plataformas digitais, onde se manifesta a 'cidade vivida', conforme propõe Lefebvre (2001).

Diante disso, este artigo apresenta o diagnóstico de dois fenômenos identificados na pesquisa de Scholz (2026a), cujos conceitos foram cunhados durante o processo de aplicação da Metodologia de Tutoria Híbrida Colaborativa/Conversativa (MTHCC) no bairro Cidade Baixa (Porto Alegre): a *Esquizofrenia Sociotécnica do Território* – a coexistência de duas realidades digitais antagônicas sobre o mesmo espaço físico e a *Gentrificação por Exaustão* – um processo de expulsão operado por degradação biopsíquica (ruído, insegurança, sujeira) que torna a permanência no ambiente insustentável. A proposta da metodologia inovadora MTHCC utiliza Inteligência Artificial Generativa (IA-G) como um *exoesqueleto cognitivo*, "estabelecendo uma parceria dialógica entre o pesquisador e a ferramenta" (Scholz; Colusso, 2026b, p. 2). Essa inovação analisa interações espontâneas em plataformas digitais, no caso, grupos de *WhatsApp (GW)* e posts do *Instagram*.

O objetivo central é demonstrar como o Urbanismo Pós-Normal, conforme proposto por Funtowicz e Ravetz (1993), que lida com incerteza, valores em disputa e decisões urgentes, pode se beneficiar da MTHCC para aumentar a capacidade analítica do urbanista sem substituir seu julgamento ético e saber técnico. A hipótese é que a escuta qualificada das plataformas digitais revela fraturas estruturais no território, exigindo uma atualização dos instrumentos de planejamento.

PILARES ANALÍTICOS PARA DECIFRAR A PRAÇA PÚBLICA DIGITAL

A transposição do olhar do urbanista da praça física para a *praça digital* encontra embasamento em pilares analíticos em complementariedade. Essa integração operacional da metodologia é detalhada na MTHCC, conforme Scholz e Colusso (2026b, p. 64 a 80). Em síntese: a Teoria Ator-Rede (ANT) de Latour (2012) orienta o rastreamento das associações entre actantes humanos e não humanos (leis,

plataformas, algoritmos, ruídos); a crítica de Kate Crawford (2021) aos sistemas de IA entra com a lente para identificar dinâmicas de poder, extração de dados e violência epistemológica; a Ciência Pós-Normal de Funtowicz e Ravetz (1993) justifica o diálogo ampliado com a sociedade face a fatos incertos e valores em disputa; e Bourdieu (2008) complementa a análise ao mapear o campo do planejamento urbano e suas lutas simbólicas.

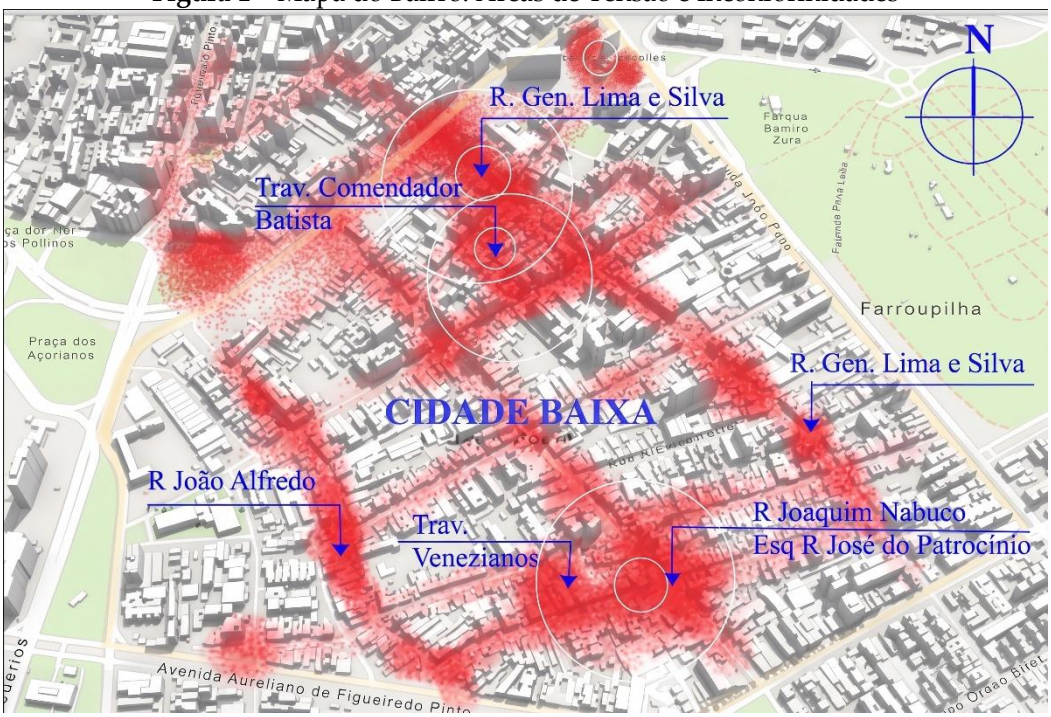
Nesse sentido, o Urbanismo Pós-Normal reconhece que o planejador não é um técnico neutro, mas um mediador de controvérsias. Assim, a operacionalização da Metodologia de Tutoria Híbrida Colaborativa/Conversativa – MTHCC segue princípios descritos em Scholz e Colusso (2026b), que apresentam o Quadro Sinótico completo. Em síntese, a abordagem híbrida integra diferentes tempos e ferramentas; a dimensão colaborativa rompe a hierarquia tradicional; a conversativa usa o diálogo como motor analítico; e a sociotécnica ancora-se em Latour (2012), Bourdieu (2008) e Crawford (2021).

A essas bases somam-se os conceitos atualizados na análise: de Lefebvre (2001), com o *valor de uso* versus o *valor de troca, direito à cidade* como participação na obra urbana; de Santos (2011, 2012), *verticalidades* (lógicas hegemônicas) versus *horizontalidades* (solidariedades locais), *esquizofrenia do espaço* e a *psicosfera;* de Jacobs (2011), *olhos da rua*, limite entre o público e o privado, observação atenta das calçadas; e de Han (2017, 2018, 2022), *enxame digital*, *transparência coercitiva*, *infocracia.*

A CIDADE BAIXA COMO LABORATÓRIO DE CONFLITOS

O bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, foi o lócus geográfico da pesquisa e aplicação da Metodologia de Tutoria Híbrida Colaborativa/Conversativa - MTHCC. É no cotidiano das ruas do bairro, nas interações conflituosas em plataformas digitais entre moradores e frequentadores e nas camadas históricas que ali se sobrepõem, que os conceitos de *Esquizofrenia Sociotécnica* e *Gentrificação por Exaustão* encontraram sua materialidade. A observação do bairro como um organismo vivo, marcado pela coexistência tensa entre o habitar e o lazer noturno, exigiu deslocar o olhar da pesquisa desde a calçada física para a *calçada digital*, por meio da MTHCC com a IA-G, atuando como *exoesqueleto cognitivo*. A Figura 1, abaixo, transpõe para o mapa do bairro a intensidade e a percepção das tensões e inconformidades reveladas nas interações.

Figura 1 – Mapa do Bairro: Áreas de Tensão e Inconformidades



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026, a partir do mapa base: PMPA/SMAMUS (2026).

Nesse ambiente, os grupos de vizinhança no *WhatsApp* passaram a funcionar como balcão de observação, em que relatos de medo, denúncias e microdisputas territoriais, invisíveis aos métodos tradicionais, tornaram-se acessíveis. A MTHCC fundamenta-se na premissa de que as interações espontâneas nas plataformas digitais constituem dados urbanísticos válidos, funcionando como sensores urbanos que registram opiniões, emoções e conflitos, conforme discutido em Scholz e Colusso (2026b). No caso específico do bairro Cidade Baixa, a descoberta da *Esquizofrenia Sociotécnica* só foi possível pelo contraste entre dois sensores calibrados de forma distinta: o *Instagram*, que captava a superfície estetizada, e o *WhatsApp*, que revelava a profundidade dolorosa da cidade pelo olhar dos moradores. Ignorar qualquer uma dessas fontes, nesse contexto particular, significaria obter um diagnóstico cego para a complexidade do conflito, Sassen (2016), que só se revela na tensão entre as duas realidades.

A análise do grande volume de dados não estruturados permitiu transcender a visão simplista dos conflitos urbanos, perturbação do sossego e sujeira. O que a MTHCC evidenciou foi um cenário de sofrimento psíquico e negligência em saúde

pública, revelando uma disputa profunda pelo direito à cidade. Nesse sentido, a Cidade Baixa deixa de ser apenas o lócus de estudo e se torna o laboratório de validação teórica. A *saturação sistêmica* do território, conforme proposta por Sassen (2016), manifesta-se aqui na incapacidade das instâncias tradicionais de gestão em mediar a recorrência histórica desses conflitos. Nesse estado de saturação, amplificado pela praça pública digital, é que a esquizofrenia sociotécnica e a *gentrificação por exaustão* encontram as condições para se consolidar como fenômenos urbanos.

ESQUIZOFRENIA SOCIOTÉCNICA E A DISTORÇÃO DOS CONCEITOS

No *Instagram* revela-se uma captura ideológica de conceitos do urbanismo crítico, em que ideais de Jacobs (2011) e Lefebvre (2001) são instrumentalizados para justificar práticas que os subvertem.

O Quadro 1, a seguir, aprofunda, para o caso do bairro Cidade Baixa, a crítica a essa apropriação seletiva de conceitos iniciada em Scholz e Colusso (2026b) e sistematiza como os conceitos são invocados para legitimar práticas em desacordo com seus significados originais.

Quadro 1 – Síntese do Pensamento de Jacobs e Lefebvre (2001) e suas Distorções

O conceito em JACOBS (Preciso)	A Distorção no Discurso da Cidade Espetáculo, Debord (1997)	**A Realidade Documentada na Pesquisa - MTHCC**
Jacobs - Limite nítido entre público e privado: a calçada vibrante depende de que o espaço privado tenha seus limites preservados.	*Vitalidade* e *ocupação das ruas* são evocadas para justificar a ocupação intensiva do espaço público, tratando qualquer crítica como hostil à vida urbana.	O espaço público transborda sobre o privado: o ruído invade residências, o lixo comercial ocupa contêineres residenciais, calçadas são tomadas por mesas. A casa deixa de ser refúgio.
Jacobs - "Olhos da rua": a segurança depende da presença contínua de pessoas e da relação entre interior e calçada.	A multidão anônima é romantizada como sinônimo de vitalidade. O morador (um dos "olhos") é substituído pelo frequentador ocasional.	O morador se isola: janelas mantidas fechadas, uso de protetores auriculares. Os "olhos da rua" se apagam e a segurança deteriora-se.
Jacobs - Ordem Complexa: a cidade funcional emerge da diversidade equilibrada, não da ausência de regras.	A "autenticidade" e a "desordem aparente" são romantizadas como resistência cultural.	Desordem real e sistêmica: saturação de bares, ruído contínuo e insegurança não geram equilíbrio, mas o adoecimento dos moradores.

O Conceito em LEFEBVRE (2001) (Preciso)	A Distorção no Discurso da Cidade Espetáculo, Debord (1997)	A Realidade Documentada na Pesquisa - MTHCC
Lefebvre - Direito à Cidade como apropriação (valor de uso) sobre dominação (valor de troca); participação na produção do espaço.	Direito à cidade reduzido ao consumo do espaço, especialmente o lazer noturno. Rua como Cenário de entretenimento, morador tratado como obstáculo.	Conflito entre 'cidade vivida' (valor de uso: o lar, o descanso, a memória) e 'cidade mercadoria' (valor de troca: lucro dos bares, especulação). Expulsão por degradação do espaço de vida.
Lefebvre - Habitat x o Habitável: distinção entre reprodução da força de trabalho, *habitat* e apropriação criativa, vida cotidiana, *habitar*.	Vida noturna apresentada como realização do *habitar*, mas é consumo programado, que exclui os moradores.	Morador perde a capacidade de *habitar* seu bairro. Existência reduzida à luta pela sobrevivência física e psíquica, sem fruição do espaço.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da pesquisa MTHCC, Scholz e Colusso (2026b) e revisão teórica.

Essa captura ideológica reduz a complexidade da cidade vivida a categorias de puro entretenimento mercantilizado. Ao silenciar os olhos da rua e subverter o valor de uso do habitar em valor de troca do consumo programado, a praça pública digital aprofunda a fratura estrutural do território. A consolidação dessa esquizofrenia prepara o terreno para que a disputa pelo espaço urbano deixe de ser apenas um conflito de vizinhança e passe a operar como um vetor biológico e psíquico de expulsão, conforme se detalha a seguir no processo de *gentrificação por exaustão*.

GENTRIFICAÇÃO POR EXAUSTÃO: O RUÍDO COMO VETOR DE EXPULSÃO

O conceito de *gentrificação por exaustão*, proposto originalmente em Scholz (2026a), descreve um processo de expulsão operado por degradação biopsíquica, diferenciando-se do modelo clássico de gentrificação cunhado por Glass (1964), reconhecido pela pressão econômica direta.

Os dados analisados e mais recentemente atualizados de uma das amostras da pesquisa em Scholz (2026a), referente ao grupo *GW3*, contêm 158 códigos participantes, 4.852 interações em 411 dias de 2025/2026, revelam que, a cada 4 dias em média, um morador registra publicamente seu desespero. Os picos de reclamação concentram-se entre 1 hora e 4 horas da madrugada, de quinta a domingo. Esse padrão evidencia que o tempo de descanso foi confiscado pela economia do lazer, transformando a casa, que deveria ser refúgio, em uma extensão degradada da rua.

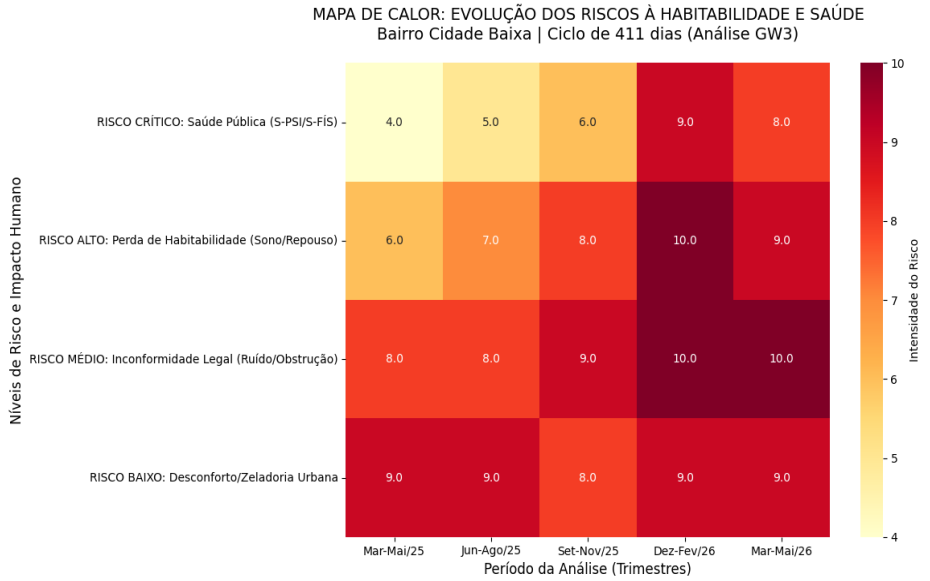
Para o urbanismo, a habitabilidade e a saúde são indicadores do atendimento da função social da cidade. Nesse sentido, a análise do cenário empírico evidencia que a exposição crônica dos habitantes às inconformidades legais (Risco Médio) evolui invariavelmente para quadros de perda de habitabilidade e comprometimento da habitabilidade (Risco Crítico). Fica demonstrado, assim, o nexo causal direto entre a ausência de fiscalização urbana e o adoecimento progressivo da comunidade, indicando que o risco não diminui com o passar do tempo.

A análise do Mapa de Calor, a seguir, evidencia que a ruptura da saúde/habitabilidade (barra superior) se torna mais escura após um período prolongado de manifestações de inconformidade legal, o que confirma o risco da *gentrificação por exaustão*, em que o morador se sente induzido a optar pela saída do território, não porque quer, mas porque a manutenção da saúde/habitabilidade no território tornou-se insustentável.

O Mapa de Calor 1 mostra a evolução dos riscos à habitabilidade e à saúde evidenciados nessa amostra (GW3), em um ciclo de 411 dias, com a seguinte representação para a Matriz de Risco à Habitabilidade:

MATRIZ DE RISCO À HABITABILIDADE

Figura 2 - Mapa de Calor - Evolução dos Riscos à Habitabilidade e Saúde



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2026.

Legenda para leitura do mapa de calor (figura 2):

Eixo Vertical (Y): Níveis de Risco (de "Baixo/Zeladoria" até "Crítico/Saúde Pública");
Eixo Horizontal (X): Evolução Temporal (agrupada por trimestres para garantir a legibilidade da matriz);
Escala de Calor: do amarelo (incomodidade) ao vermelho escuro (ruptura da Saúde).

A degradação sistemática, pelo ruído, lixo e insegurança, torna o território cada dia mais inabitável para os moradores tradicionais e, paradoxalmente, atrai o capital especulativo, que se apresenta como solução. Este movimento é capturado pelo que foi denominado *Paradoxo da Verticalidade/do Refúgio* (Scholz, 2026a). No *Instagram*, moradores defendem grandes empreendimentos não como desejo de consumo, mas como pedido de refúgio, expresso em suas manifestações espontâneas. O capital imobiliário, grande responsável pela produção da 'cidade mercadoria', apresenta-se agora como salvador, completando o ciclo da *gentrificação por exaustão.*

A exaustão é dupla: física, com a privação de sono, e política, pois denúncias recorrentes não produzem efeitos duradouros. O *WhatsApp* registra o grito, mas o sistema, configurado para responder ao capital do lazer e não à necessidade de descanso, permanece surdo. Os grupos de *WhatsApp* registram o efeito da gentrificação, o cansaço, o medo, enquanto os posts do *Instagram* registram o comando da gentrificação, a ordem de despejo moral.

O ENXAME DIGITAL E A PARALISIA DO CONSENSO

A compreensão da natureza volátil e fragmentada das manifestações digitais encontra chave interpretativa nas obras de Han (2017, 2018, 2022). O enxame digital não forma um "nós" político capaz de ação coletiva; é composto de indivíduos isolados que se aglutinam de forma efêmera em torno de estímulos pontuais e se dispersam sem gerar transformação estrutural. No bairro Cidade Baixa, as reclamações sobre o ruído emergem em picos de indignação, entre quinta-feira e domingo, mas não se consolidam em uma pauta política duradoura. As mensagens fragmentadas, carregadas de emojis de raiva, exemplificam o *ruído comunicativo*.

Outra contribuição relevante é a transparência coercitiva (Han, 2017), a vigilância mútua exercida nos grupos, com fotos de inconformidades, denúncias em tempo real, não geram confiança ou solução, apenas contribuem com mais ruído e

excesso de informação, a *infoxicação* (Han, 2022) que atrofia a capacidade analítica. A tecnologia, que poderia ser instrumento de empoderamento cidadão, transforma-se em ferramenta de controle horizontal que aprofunda a paralisia do consenso. Observando o bairro, o argumento de Han (2018) de que o regime digital destrói a capacidade de escuta do outro é particularmente evidente no tratamento dispensado aos moradores que expressam sofrimento. No *Instagram*, quando a massa de comentaristas reage contra a moradora que grita da janela, não com empatia, mas com ordens de expulsão, opera-se a lógica revanchista descrita por Smith (2015), a criminalização daquele que obstrui o progresso ou o lazer hegemônico. O linchamento virtual não é um excesso pontual, mas a manifestação de uma estrutura comunicacional que sistematicamente invalida a experiência do sofrimento alheio; o enxame não escuta, ele ataca.

ATUALIZAÇÕES TEÓRICAS PARA A ERA ALGORÍTMICA

A pesquisa da MTHCC Scholz e Colusso (2026b) e este artigo oferecem contribuições teóricas que transcendem o estudo de caso específico. Ao transpor conceitos fundamentais do pensamento urbano crítico para a análise das mediações digitais, atualiza-se o arsenal teórico disponível para a compreensão das cidades contemporâneas. Com base na estrutura analítica proposta, o Quadro 2, abaixo, atualiza os conceitos de Lefebvre (2001), Santos (2011, 2012), Jacobs (2011), Latour (2012) e Han (2017, 2018, 2022) para o contexto algorítmico, aplicando-os aos conflitos do bairro Cidade Baixa.

Quadro 2 – Atualizando Lefebvre (2001), Santos (2011, 2012) e outros para Era Algorítmica.

Autor	Conceito Original	**Atualização para a Era Algorítmica (Cidade Baixa)**
Henri Lefebvre (2001)	Valor de uso vs. valor de troca: a cidade como obra (apropriação, encontro, vida cotidiana) versus a cidade como produto (mercadoria, especulação, lucro). O *direito à cidade* é o direito à participação na obra urbana.	A tensão se manifesta no conflito entre a 'cidade vivida' (valor de uso: o lar, o descanso, a memória dos moradores, expressa nos grupos de *WhatsApp*) e a cidade mercadoria (valor de troca: o lucro dos bares, a especulação imobiliária, a cidade postada no *Instagram*. A *gentrificação por exaustão* é a forma contemporânea dessa contradição: o espaço da vida é degradado para viabilizar o espaço do lucro, e o morador é expulso não pelo mercado, mas pelo colapso da habitabilidade.

Milton Santos **(2011, 2012)**	Território usado: híbrido de sistemas de objetos (fixos) e sistemas de ações (fluxos). Esquizofrenia do espaço: coexistência de lógicas contraditórias no mesmo território. Verticalidades (racionalidades hegemônicas, fluxos globais) e horizontalidades (contiguidades, solidariedades locais). Psicosfera: dimensão simbólica e afetiva do espaço	Na era digital, os sistemas de objetos e ações incorporam novas camadas: algoritmos, dados, plataformas. A *esquizofrenia sociotécnica* atualiza a esquizofrenia do espaço para o contexto do "meio técnico-científico-informacional" levado ao extremo: duas realidades digitais antagônicas (*WhatsApp vs. Instagram*) sobre o mesmo território físico. O *Instagram* opera como verticalidade (hegemonia do capital e do espetáculo), enquanto o *WhatsApp* expressa as horizontalidades (solidariedade na dor, resistência local). A psicosfera digital é capturada pela MTHCC, revelando o sofrimento invisível ("rivotril", "taquicardia") que a análise tradicional ignora.
Jane Jacobs (2011)	Observação das calçadas: a riqueza da vida urbana só pode ser apreendida pela imersão atenta no cotidiano. Olhos da rua: a segurança e a vitalidade dependem da presença contínua de moradores e da relação entre espaço público e privado. Limite entre público e privado: condição para vigilância natural e responsabilidade compartilhada.	O método de Jacobs é atualizado para a praça pública digital: a observação agora se estende aos grupos de *WhatsApp* e às postagens do *Instagram*. A *dança das calçadas* tem uma coreografia que se desenrola também nas telas. No entanto, o limite entre o público e privado é sistematicamente violado: o ruído noturno invade residências, as calçadas são privatizadas por mesas de bares e o lixo comercial transborda contêineres dos moradores. Os *olhos da rua* se apagam, substituídos pelos olhos do algoritmo. A distorção do pensamento de Jacobs no discurso da Cidade Espetáculo legitima essa violação em nome de uma vitalidade que exclui os moradores.
Bruno Latour (2012)	Teoria Ator-Rede (ANT): o social é um movimento dinâmico de associações entre actantes humanos e não-humanos. A tarefa é *seguir os atores* e descrever as redes, sem recorrer a explicações macros ocultas.	A MTHCC aplica ANT ao rastrear as associações entre actantes na Cidade Baixa: moradores, frequentadores, bares, grupos de *WhatsApp*, algoritmos do *Instagram*, sensores de ruído, legislações urbanas, empreendimentos imobiliários. A metodologia torna visíveis os atuantes invisíveis ao planejamento tradicional: o algoritmo que atrai o turista, a plataforma que modula a visibilidade dos conflitos, o sensor de decibéis que poderia proteger o morador. A *esquizofrenia sociotécnica* é o resultado de redes que operam de forma paralela e incomunicável.
Byung-Chul Han **(2017, 2018, 2022)**	*Enxame digital:* aglomerado de indivíduos isolados que se manifestam de forma volátil em torno de estímulos momentâneos, sem formar um nó político. *Transparência coercitiva:* a vigilância mútua na	O comportamento dos atores na Cidade Baixa exemplifica a transição do povo para o enxame. As reclamações nos grupos de *WhatsApp* são fragmentadas, afetivas e efêmeras; o enxame *ferroa* o objeto de sua ira (um bar, um vizinho), mas se dispersa sem estruturar uma agenda política. O *Instagram*, por sua vez, opera como

	sociedade digital não gera confiança, mas controle e paralisia. *Psicopolítica:* o poder opera sobre a psique, monitorando e programando o inconsciente digital. *Infocracia*: o regime digital destrói a escuta do outro e a capacidade de deliberação.	ferramenta de *psicopolítica*, construindo uma imagem de *lugar desejável* que atrai consumidores e invisibiliza o sofrimento dos moradores. A infoxicação (excesso de informação) gerada pelo monitoramento constante (fotos, prints, denúncias) não produz solução, apenas ruído, explicando a paralisia do consenso. O urbanista, como tutor, é essencial para dar interioridade a esse ruído, traduzindo-o em inteligência territorial.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da pesquisa para MTHCC, Scholz e Colusso (2026b) e revisão teórica.

Compreende-se, portanto, que a transição do espaço público democrático para o *enxame digital,* tal como fundamentada nas obras de Han (2017, 2018, 2022), adquire contornos de urgência física e espacial no bairro Cidade Baixa. A *infoxicação* e o monitoramento horizontal não geram participação político-social, mas sim um ruído sistêmico que paralisa a governança e atrofia a deliberação coletiva. Evidenciando-se assim a fratura comunicacional provocada pela psicopolítica algorítmica. Nesse cenário, o urbanista contemporâneo é desafiado a atuar como mediador de controvérsias e converter as manifestações das redes em inteligência territorial responsiva, como se discute a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da metodologia de tutoria híbrida colaborativa/conversativa – MTHCC, no bairro Cidade Baixa, não apenas revela os fenômenos inéditos: *esquizofrenia sociotécnica* do território e a *gentrificação por exaustão*, mas também demonstra que o planejamento urbano contemporâneo enfrenta desafios que transcendem o âmbito da técnica tradicional. Estamos diante do que Funtowicz e Ravetz (1993) denominam por: problemas complexos, situações em que os fatos são incertos, os valores estão em disputa, os riscos são elevados e as decisões são urgentes. Para esses problemas, a ciência normal, baseada em previsibilidade e consenso metodológico, mostra-se insuficiente. É necessária uma ciência pós-normal, que incorpore a incerteza, o diálogo entre saberes e a participação ampliada.

Nesse contexto, o papel do urbanista deve evoluir de um técnico prescritivo, aquele que aplica normas e elabora planos a partir de um saber supostamente neutro, para um tutor de controvérsias urbanas. O território da Cidade Baixa, bem como outros conflitos semelhantes, não é um problema a ser resolvido com uma solução

ótima; é um campo de forças em permanente tensão, em que interesses, valores e percepções conflitantes disputam a hegemonia. A competência técnica do urbanista não reside apenas na capacidade de desenhar espaços ou interpretar legislações, mas na habilidade de mediar entre diferentes atuantes, humanos e não-humanos, conforme Latour (2012), de traduzir linguagens, de construir pontes entre a 'cidade estetizada' e a cidade vivida.

O futuro da profissão aponta para um urbanismo de tutoria híbrida, em que a competência técnica do profissional ultrapassa a capacidade de desenhar o espaço físico, avançando no acompanhamento e curadoria crítica de algoritmos capazes de ler a *psicosfera do território*. A MTHCC mostrou-se eficaz precisamente por permitir essa leitura da psicosfera, capturando não apenas os dados objetivos, volume de reclamações, locais, horários de pico, mas também a dimensão subjetiva do sofrimento urbano. O urbanista mediador transforma o ruído do enxame em informação qualificada para tomada de decisão. Os dados de sofrimento dos moradores (os "Rivotril", as "taquicardias", os "não durmo") são transformados em evidências para políticas públicas; as fotos de lixo acumulado deixam de ser apenas denúncias isoladas e convertem-se em indicadores de falhas na gestão de resíduos. Os picos de reclamação nas madrugadas tornam-se subsídios para regulação do funcionamento noturno.

O abismo entre a cidade estetizada (*Instagram*) e a 'cidade vivenciada' pelos moradores (*WhatsApp*), não é um fenômeno a ser simplesmente constatado, mas uma patologia urbana a ser tratada. O Urbanismo Pós-Normal deve atuar no sentido de reintegrar essas duas realidades fragmentadas em um modelo único de gestão territorial. Isso implica reconhecer a legitimidade de ambas as fontes de informação. A cidade estetizada, publicada nas plataformas digitais, não é mera ilusão; ela expressa desejos, aspirações e projetos que também são parte da vida urbana. Ignorá-la seria desconhecer as forças que moldam o território. No entanto, essa cidade não pode ser a única a orientar o planejamento. A cidade vivida, com sua crueza, sua dor, sua insistência, precisa ser igualmente ouvida e considerada.

As audiências públicas, os conselhos gestores e os orçamentos participativos, instrumentos consagrados pelo Estatuto da Cidade (Brasil, 2001), precisam ser atualizados para incorporar as novas formas de expressão do dissenso e do sofrimento urbano. A MTHCC oferece um caminho nessa direção, ao transformar as

manifestações espontâneas das redes em dados sistematizados e passíveis de serem apresentados nas arenas decisórias. No entanto, para um planejamento urbano justo, é imperativo reconhecer que a 'cidade reclamada' capturada pelo *WhatsApp* é a cidade dos que têm voz e acesso digital.

Os excluídos tecnológicos, população em situação de rua, catadores, usuários de drogas, permanecem à margem dessa praça pública digital, embora sua presença no território seja constantemente mencionada como parte da degradação que alimenta a *gentrificação por exaustão*. Sua ausência nos dados não significa ausência no conflito; eles são partes silenciadas, cuja existência desafia qualquer tentativa de planejamento que se pretenda democrático. Essa é uma limitação que este estudo assume e que aponta para a necessidade de metodologias híbridas que integrem a escuta digital à observação e ao trabalho de campo com as populações invisibilizadas. Nessa direção, a redução do risco de desastres, tal como preconizada pelo Marco de Sendai (ONU, 2015), não pode restringir-se a eventos geofísicos ou hidrológicos, devendo incorporar também os riscos crônicos, silenciosos e cumulativos, como a degradação da habitabilidade urbana, o adoecimento coletivo e a expulsão de moradores por exaustão.

O percurso realizado nesse artigo, desde a observação atenta do cotidiano da Cidade Baixa à formulação dos conceitos de *Esquizofrenia Sociotécnica* e *Gentrificação por Exaustão*, permite uma conclusão inequívoca: o planejamento urbano contemporâneo é, antes de tudo, uma prática de resistência. Resistência contra a captura do território pelo capital financeiro imobiliário, que transforma a cidade em mercadoria e os cidadãos em consumidores. Resistência contra a colonização da esfera pública por plataformas privadas que lucram com a polarização e o conflito. Resistência contra o apagamento sistemático da memória da história e da dor dos moradores tradicionais em favor de uma cidade espetáculo, Debord (1997), higienizada e desejável.

A MTHCC se mostrou um instrumento eficaz nessa luta. Ao permitir a escuta qualificada da cidade vivida, aquela que reclama nos grupos de *WhatsApp*, que sofre nas madrugadas insones, que resiste ao linchamento virtual, ela oferece ao planejador urbano a possibilidade de trazer para o centro do debate aqueles que sistematicamente são empurrados para as margens. Não se trata, evidentemente, de romantizar a cidade reclamada ou de demonizar a cidade postada; ambas são expressões legítimas, ainda

que assimétricas em poder de visibilidade da complexidade urbana contemporânea. O desafio está em construir pontes sobre o abismo que separa uma da outra, em criar dispositivos de mediação que permitam o diálogo entre perspectivas tão divergentes, em forjar consensos possíveis sem apagar as diferenças.

O Urbanismo Pós-Normal é, nessa perspectiva, uma prática de cura do território, cura da esquizofrenia que o divide, cura da exaustão que o esvazia, cura do ruído que o paralisa. Uma prática que reconhece a dimensão terapêutica do planejamento urbano, como sugerem as reflexões de Sandercock (2003), sobre a 'cidade mestiça' e de Hillman (1993), sobre a alma dos lugares. Uma prática que, ao final, reafirma o direito à cidade não como consumo, mas como uma obra coletiva, como um espaço de encontro, como morada. A tecnologia bem utilizada pode ser aliada nessa tarefa, mas a decisão sobre a cidade que se quer, se a cidade mercadoria ou a cidade obra, se as cidades espetáculo ou a cidade vivida, permanece como sempre esteve, no terreno da política. Cabe aos urbanistas, aos gestores públicos e à sociedade civil organizada fazer as escolhas que definirão os rumos de nossos territórios.

A identificação dos fenômenos da *Esquizofrenia Sociotécnica* e da *Gentrificação por Exaustão* não é um fim em si, é um alerta para a urgência de novos protocolos no Urbanismo Pós-Normal. Que este trabalho possa contribuir como base para metodologias de diagnóstico mais sensíveis às saturações sistêmicas, permitindo que a gestão urbana transcenda o tecnicismo legislativo e alcance uma governança verdadeiramente colaborativa.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre (dir.). **A miséria do mundo**. Tradução de [vários tradutores]. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. [Constituição (1988)]: **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais até a Emenda Constitucional nº 131, de 3 de outubro de 2023. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. **Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal**, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências (Estatuto da Cidade). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 jul. 2001.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI: power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence**. New Haven: Yale University Press, 2021.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FUNTOWICZ, Silvio O.; RAVETZ, Jerome R. **Science for the post-normal age. Futures**, [S. l.], v. 25, n. 7, p. 739-755, set. 1993. Disponível em: https://doi.org/10.1016/0016-3287(93)90022-L. Acesso em: 5 dez. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia***:* Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma.** Tradução de Gustavo Barcellos. São Paulo: Summus, 1993. (Edição Uniforme; v. 2).

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do ator-rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030**. Sendai: UNDRR, 2015. Disponível em: www.unisdr.org[1].pdf. Acesso em: 27 mar. 2026.

GLASS, Ruth. London: **Aspects of Change. Londres***:* MacGibbon & Kee, 1964. (Trabalho do Centre for Urban Studies).

SANDERCOCK, Leonie. **Cosmópolis 2: Mongrel Cities of the 21st Century.** Londres: Continuum, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Organizado por Elisiane da Silva, Gervásio Rodrigo Neves e Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v. 3).

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Tradução de Angélica Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SCHOLZ, Alice Beatriz. **Mídias sociais e inteligência artificial como ferramenta de apoio para o planejamento urbano:** análise sociotécnica dos conflitos do bairro Cidade Baixa com metodologia inovadora. 2026. Monografia (Especialização em Cidades-Gestão Estratégica do Território Urbano)-Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2026.

SCHOLZ, Alice Beatriz; COLUSSO, Izabele. **A inteligência artificial como exoesqueleto cognitivo: a metodologia MTHCC no diagnóstico de conflitos urbanos**. Scientific Journal ANAP, ISSN 2965-0364, v.04, n. 14, p. 64-82, 2026. Edição Especial. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/anap/pt_BR/article/view/6285

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE, URBANISMO E SUSTENTABILIDADE (SMAMUS). **Mapeamento digital: sistema de informações**

geográficas. Porto Alegre: PM de Porto Alegre, 2026. Disponível em: https://gis-smamus.portoalegre.rs.gov.br/portal/home/webscene/viewer.html?webscene=84d764672a814178b378c221dc55fae6. Acesso em: 29 mar. 2026.

SMITH, Neil. A fronteira Urbana: **A Gentrificação e a Cidade Revanchista.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

INSTAGRAM. Perfis **@cidadebaixavive, @mpvpoars.** Postagens e comentários coletados entre setembro e novembro de 2025. Disponíveis nas plataformas originais.

Nota: O desenvolvimento desta pesquisa contou com o uso e suporte de ferramentas de inteligência artificial generativa como parte do processo de tutoria híbrida que caracteriza a MTHCC. Especificamente, foram utilizados os seguintes recursos:

DEEPSEEK. **DeepSeek** - Versão mais recente. 2025. Disponível em: https://www.deepseek.com/. Acesso no período de execução da pesquisa.

GOOGLE. **Gemini** [modelo de linguagem LLM]. Versão mais recente. 2025. Disponível em: https://gemini.google.com/. Acesso no período de execução da pesquisa.

GOOGLE**. NotebookLM [**ferramenta de síntese documental e gráfica]. Versão mais recente. 2025. Disponível em: https://notebooklm.google.com/. Acesso no período de execução da pesquisa.

MICROSOFT. **Visual Studio Code** [ambiente de desenvolvimento integrado]. Versão 1.98. 2026. Disponível em: https://code.visualstudio.com/. Acesso no período de execução da pesquisa.

Todas as interpretações, inferências e conclusões finais são de responsabilidade exclusiva das autoras, tendo a tecnologia atuado como extensão e amplificação da capacidade analítica humana, e não como substituta do julgamento crítico e acadêmico.

PRETA-RARA: VOZES DO SOFRIMENTO COMUM

Fernando Lana Ferreira
Larissa Fonseca Diniz Freitas
Josilayne Andrade de Souza

INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas experimentam um aumento significativo da participação feminina no mercado de trabalho, que já representa mais de 40% da força laboral em diversos países. No Reino Unido, por exemplo, o contingente de mulheres já supera o de homens. Contudo, essa expansão não tem se traduzido em melhorias substanciais para as trabalhadoras (Antunes, 2025, p. 147).

Em geral, elas são contratadas para atividades precarizadas, desregulamentadas, temporárias e marcadas pela informalidade. Além disso, a vida das mulheres é impactada por uma dupla jornada: no espaço público, exercem trabalho produtivo para seus empregadores; no âmbito privado, dedicam horas decisivas ao trabalho doméstico, criando condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos e de si próprias. Sem esse esforço, a reprodução das sociedades capitalistas estaria severamente comprometida (Antunes, 2025, p. 151).

Apesar da relevância do trabalho feminino, suas condições permanecem precárias e os direitos dessas mulheres são frequentemente desrespeitados. Paradoxalmente, o capital se aproveita da polivalência e da multiatividade das mulheres, explorando habilidades adquiridas no trabalho reprodutivo e doméstico. Como consequência, os homens acabam poupados de processos de adaptação às novas exigências de flexibilidade (Antunes, 2025, p. 152).

Concomitantemente, emergem estudos sobre o trabalho do cuidado, quase sempre realizado por mulheres. O conceito de "circuitos de cuidado" designa três modalidades distintas: (1) o trabalho doméstico não remunerado, visto como obrigação em nome do amor e da responsabilidade familiar; (2) as formas mercantilizadas do cuidado, reconhecidas formalmente como trabalho, como no caso das cuidadoras, que desfrutam de prestígio ligeiramente maior que as trabalhadoras domésticas; e (3) as práticas de ajuda comunitária, baseadas em relações de reciprocidade, mais comuns em populações empobrecidas, marcadas por fortes desigualdades econômicas (Sorj, 2021, p. 1091).

Vale destacar a distinção entre dois conceitos formulados por Joan Tronto. O trabalho das empregadas domésticas aproxima-se mais do serviço pessoal do que do cuidado necessário. A filósofa norte-americana explica que o cuidado necessário pode ser exemplificado pelas atividades de um neurocirurgião: durante a cirurgia, o

paciente não tem condições de cuidar de si mesmo, dependendo integralmente do médico (Tronto, 2007, p. 291).

O serviço pessoal, por sua vez, pode ser ilustrado pelo trabalho da lavadeira, que realiza uma tarefa que, em princípio, poderia ser feita pelos próprios contratantes. É nesse contraste que Tronto propõe analisar as relações de poder (Tronto, 2007, p. 291).

No cuidado necessário, quem oferece o serviço detém maior autoridade sobre quem o recebe — como ocorre na relação entre médicos e pacientes. Já no serviço pessoal, o poder concentra-se nos contratantes, que podem substituir profissionais como lavadeiras ou babás sempre que suas expectativas, justas ou não, não forem atendidas (Tronto, 2007, p. 292).

Essa dinâmica revela o fenômeno da "irresponsabilidade privilegiada", em que determinados grupos se eximem da obrigação de cuidar, confiando que haverá alguém disponível para assumir essa função (Tronto, 2007, p. 292).

As consequências para quem atua no serviço pessoal — especialmente empregadas domésticas — são graves. Como o ato de cuidar é frequentemente considerado de baixo valor, esses trabalhadores são vistos como desqualificados e descartáveis. Assim, embora o cuidado seja essencial para a vida em sociedade, permanece subestimado nas esferas política e econômica (Tronto, 2007, p. 293).

O objetivo desse manuscrito é realizar um esforço para compreender melhor a quais tipos de dificuldade e vulnerabilidade as trabalhadoras domésticas estão submetidas.

MÉTODOS

Para ilustrar a situação das empregadas domésticas brasileiras, recorremos a uma obra publicada por Joyce Fernandes. Mulher negra e brasileira, ela enfrentou experiências discriminatórias que marcaram profundamente sua trajetória. Ao compartilhar essas vivências em publicações no *Facebook*, lançou a *hashtag* #EuEmpregadaDoméstica, convidando outras mulheres a relatarem suas próprias experiências na profissão (Preta-Rara, 2019).

Em menos de 24 horas, a postagem inicial já havia recebido mais de dez mil curtidas e mais de cinco mil compartilhamentos. Dois dias depois, Joyce concedeu sua primeira entrevista à BBC de Londres. Cinco dias após o sucesso inaugural da

campanha, participou de um programa televisivo dirigido pela renomada jornalista Fátima Bernardes (Preta-Rara, 2019).

As postagens reunidas por Joyce Fernandes — conhecida nas redes sociais como Preta-Rara — foram publicadas em um livro que denuncia o sofrimento de inúmeras empregadas domésticas brasileiras (Preta-Rara, 2019). Ao ler os relatos apresentados na obra, observamos como suas histórias convergem em situações marcantes de violência, naturalizadas no cotidiano dessas mulheres.

Diante dessas semelhanças, utilizamos a Análise Temática para examinar os testemunhos presentes no livro. Os relatos foram escritos por mulheres que trabalham ou já trabalharam como domésticas, além de familiares e conhecidos que vivenciaram essas experiências de maneira indireta.

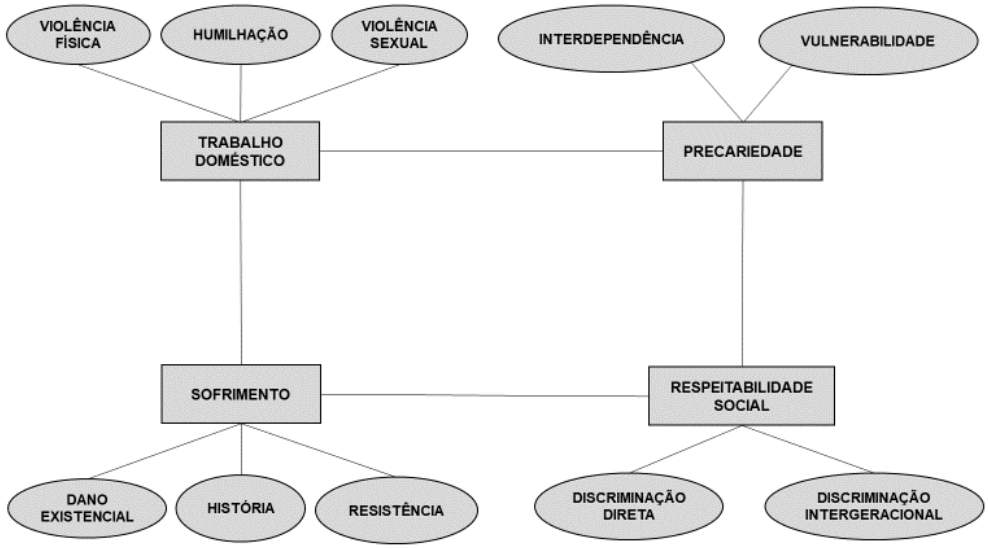
A Análise Temática é um método voltado para identificar, analisar e organizar temas a partir de um conjunto de dados. Ela auxilia na compreensão de padrões de experiências e na forma como os sujeitos atribuem sentido aos eventos vividos, bem como nos discursos sociais que os sustentam e produzem determinadas práticas (Braun; Clarke, 2006).

Esse método envolve seis etapas. A primeira é a familiarização com os dados, composta por leituras repetidas do material analisado — no caso, o livro *Eu, empregada doméstica*. Trata-se de uma fase central, pois fundamenta todas as análises posteriores (Braun; Clarke, 2006).

A segunda etapa consiste na geração de códigos iniciais, fase em que os pesquisadores elaboram uma lista preliminar de ideias que podem ser exploradas no material. Com esses códigos produzidos, inicia-se a terceira etapa: a busca por temas, em que o pesquisador transforma os códigos em possíveis categorias a serem aprofundadas na pesquisa (Braun; Clarke, 2006).

O quarto momento é a revisão dos temas, quando o pesquisador verifica quais deles se sustentam no conjunto de dados e quais devem ser descartados. Em seguida, a quinta etapa envolve a definição e nomeação dos temas, geralmente acompanhada da produção de um mapa temático, com o objetivo de refinar e organizar a apresentação dos resultados. Abaixo, encontra-se o mapa construído nesta pesquisa (Braun; Clarke, 2006).

Figura 1 - Definição e nomeação de temas



Fonte: elaboração própria, a partir de análise temática dos dados da pesquisa.

Por fim, o sexto procedimento é a produção do relatório. Nessa etapa, o pesquisador elabora o texto final, apresentando sua análise e procurando demonstrar ao leitor o mérito e a validade do trabalho realizado (Braun; Clarke, 2006).

Ao mencionarmos os depoimentos do livro de Joyce em nosso manuscrito, eles serão reproduzidos sem correção ortográfica, preservando a forma original. Os fragmentos aparecerão exatamente como foram digitados na rede social de Preta-Rara. Frisamos ainda que Joyce não revelou a identidade das pessoas que participaram do debate iniciado por ela.

TRABALHO DOMÉSTICO E VIOLÊNCIA

A ausência de qualquer planejamento voltado à população negra brasileira já sinalizava aos abolicionistas que os descendentes de pessoas escravizadas enfrentariam severas dificuldades após o fim do regime escravocrata. As mulheres negras, em sua maioria, permaneceram relegadas à servidão herdada desse período (Theodoro, 2008, p. 86).

As que conseguiram trabalho assumiram funções semelhantes às desempenhadas nas fazendas, sobretudo nas cozinhas das famílias abastadas. Nessas condições, continuavam expostas ao risco de abusos sexuais por parte dos homens da

casa. Passaram a servir à patroa no lugar da antiga sinhá e a ser perseguidas pelo patrão em vez de pelo senhor (Theodoro, 2008, p. 86).

A história de Laudelina de Campos Melo ilustra essas dificuldades. Ela nasceu em 1904, em Poços de Caldas (MG), filha de Sidônia e Marco Aurélio. Naquele período, os negros eram tratados abertamente como cidadãos de segunda categoria. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica para uma família que havia sido proprietária de seus avós, o que obrigou Laudelina, ainda criança, a assumir as tarefas da própria casa (Souza; Cararo, 2018).

Com acesso limitado à educação, conseguiu estudar apenas até a terceira série. Desde cedo presenciou as humilhações sofridas por sua mãe. Em um marcante episódio, Sidônia recusou-se a realizar um serviço que não lhe cabia, afirmando não ser escrava. Como resposta, foi chicoteada por um capataz. Indignada, Laudelina, então com doze anos, reagiu violentamente contra o agressor e precisou ser contida para não tirar-lhe a vida (Souza; Cararo, 2018).

Na adolescência, passou a frequentar e organizar grupos culturais voltados à população negra, como o Clube 13 de Maio. Aos 17 anos, começou a trabalhar como empregada doméstica. Em 1922, mudou-se para São Paulo e, pouco depois, para Santos, onde se casou com Henrique Campos em 1924 (Souza; Cararo, 2018).

Inconformada com as desigualdades de classe, gênero e raça, engajou-se politicamente. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e, em 1936, fundou a Associação de Empregadas Domésticas de Santos, a primeira organização do tipo no Brasil. A profissão, marcada pela herança da escravidão, sempre foi exercida majoritariamente por mulheres pobres e negras, em condições precárias (Souza; Cararo, 2018).

A década de 1930 trouxe grandes mudanças: Laudelina se divorciou em 1938 e mudou-se para Campinas com o filho Alaor, após perder a filha Neusa ainda pequena. Trabalhou como doméstica até 1953, quando conseguiu emprego em uma pensão. Também vendia salgados nos estádios da cidade e se dedicava ao movimento negro, promovendo grupos de teatro e dança (Souza; Cararo, 2018).

Preocupada com o futuro das trabalhadoras domésticas, que muitas vezes envelheciam sem qualquer proteção social, fundou em 1961 a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas. Durante a Ditadura Militar, coordenou a

entidade e participou de encontros nacionais que, nos anos 1970, conquistaram avanços como a regulamentação da profissão, carteira assinada e acesso à previdência. Também colaborou para a criação de sindicatos em outras cidades (Souza; Cararo, 2018).

Conhecida como Vó Nina, lutou para garantir assistência jurídica e social às domésticas, além de alfabetização e creches para seus filhos. Faleceu em 1991, deixando sua casa para o sindicato campineiro. Nos últimos anos de vida, pôde celebrar conquistas históricas asseguradas pela Constituição de 1988, como o 13º salário, repouso semanal remunerado, licença-maternidade de 120 dias e aposentadoria (Souza; Cararo, 2018).

Seu legado permanece vivo por meio da Casa Laudelina de Campos Melo, organização social em Campinas que mantém sua memória e luta.

A *hashtag* popularizada por Preta-Rara ganhou notoriedade cem anos após Laudelina enfrentar um capataz para proteger sua mãe. Passado tanto tempo, as empregadas domésticas continuam sendo alvo de violência física e sexual dentro das casas de seus patrões. O relato a seguir evidencia essa dura realidade:

> Eu era obrigada a dormir em uma casinha de madeira ao lado da casinha do cachorro, no qual ela jogava o resto de comida no meu prato no chão igual o do cachorro. Foram momentos muitos ruins, as crianças me chutavam, me mordiam, me batiam tudo dando risada e a moça falava que lugar de preto era assim porque preto não era gente. Ela cortou meu cabelo dizendo que era pra eu ficar menos feia (Preta-Rara, 2019).

Outra participante da *hashtag* relatou ter sofrido violência sexual praticada pelo filho de sua empregadora. A jovem negra descreveu a situação da seguinte forma:

> Nunca fiquei tão trêmula e desesperada na minha vida. A minha sorte foi que o telefone celular dele tocou e deu tempo de eu sair de perto. Peguei a chave abri o portão e saí correndo dali. Deixei todas as minhas coisas na casa deles, estava desnorteada. Fui direto para a minha casa se encontrar com o meu irmão para irmos à delegacia, a sorte é que ela sempre dava o dinheiro da volta e o da ida do dia seguinte assim que eu chegasse na casa dela, abri um boletim de ocorrência e nunca mais voltei naquele lugar que só de pensar me dói (Preta-Rara, 2019)!

Além disso, os relatos mencionavam inúmeras situações humilhantes. A humilhação é uma forma distinta de violência, caracterizada por atos cometidos com

a intenção de rebaixar outra pessoa. Embora muitas vezes se manifeste por meio da linguagem, é importante lembrar que também existem práticas tradicionais em nossa cultura que cumprem essa mesma função sem recorrer à fala. No ambiente escolar, por exemplo, alguns educadores obrigavam alunos considerados maus a usar publicamente chapéus com orelhas de burro. Já no contexto universitário, os trotes entre calouros incluíam situações em que veteranos forçavam os recém-chegados a andar sem roupa ou a beijar os pés dos estudantes mais velhos (La Taille, 2002, p. 78).

Quando alguém é submetido a humilhações frequentes, tende a experimentar o sentimento de vergonha. Essa sensação pode surgir da constatação de que a crítica acontece dentro de uma relação assimétrica, em que quem é observado se vê praticamente entregue ao olhar de quem observa. A vergonha, portanto, resulta da combinação de dois fatores: a exposição ao olhar do outro e a sensação de inferioridade que dela decorre. Assim como um soldado pode ser criticado ao ter suas tropas revistas por um comandante, trabalhadoras domésticas também podem vivenciar sentimentos penosos que nascem dessa mesma assimetria (La Taille, 2002, p. 84).

> Nessa casa havia uma menina que contava também com seus 09 anos de idade e ao fim do dia, quando encerrava meus afazeres ela me chamava para brincar e a brincadeira era bem parecida com a minha rotina de doméstica infantil. Eu era a empregada dela na brincadeira de casinha, de forma "lúdica" ela me chamava de escrava. Dizia: você é a minha escrava, vá buscar água…na minha inocência não via nada de mal nesse comportamento a época…minha mãe não tinha coragem de se opor a essa situação pois necessitávamos dessa renda. É lamentável, pois muitas vezes aceitamos certos aspectos em uma relação seja ela de trabalho ou qualquer outra por sentirmos que não merecemos nada além do desprezo, humilhação (Preta-Rara, 2019)…

RESPEITABILIDADE SOCIAL

A dignidade humana conquistou, ao longo do último século, o status de princípio constitucional. Após uma série de atrocidades e graves violações de direitos humanos, as sociedades despertaram para a consciência de que a dignidade não deveria ser apenas um valor moral, mas também um parâmetro central da cultura jurídica constitucional (Moreira, 2025, p. 194).

Alguns grupos são discriminados por não desfrutarem do mesmo reconhecimento de dignidade que outros, o que os torna vulneráveis a diferentes

formas de violência. Cabe às instituições estatais atentar para essas questões e instituir mecanismos de proteção voltados a grupos submetidos a discriminações (Moreira, 2025, p. 229).

O jurista Adilson José Moreira ressalta que o conceito de respeito possui os significados, mas, neste contexto, refere-se ao status de que as pessoas possuem senso de dignidade pessoal. Isso envolve o gozo de apreço social e pressupõe o pertencimento a grupos reconhecidos como competentes e dignos (Moreira, 2025, p. 229).

É fundamental reconhecer que tanto as mulheres, mas especialmente as mulheres negras, integram grupos historicamente discriminados. Esse pertencimento delineia a forma como elas são tratadas em diversas situações. Não é exagero afirmar que o destino individual está atrelado ao destino coletivo, já que a pertença a determinado grupo define as formas de tratamento recebidas.

Durante a leitura do livro que serviu de base para nosso estudo, é possível vislumbrar a proximidade de muitas mulheres de uma mesma família com o trabalho doméstico:

> A vida segue e embora minha história atual e a de meus filhos seja o oposta da que vivi, ainda carrego em mim, várias lembranças infelizes que me fizeram forte por certo, mas que as vezes são como espinhos na carne. Fico sempre a pensar que se em mim a lembrança doi, imagino que em minha mãe e que em minha avó doa muito mais, pois de forma mesmo que alegórica, elas aceitavam a "chibata" para podermos comer o pão (Preta-Rara, 2019).

Os relatos das empregadas domésticas revelam dois tipos de discriminação determinantes. O primeiro é a **discriminação direta**, que ocorre quando as oportunidades de uma pessoa são restringidas por práticas discriminatórias, isto é, quando alguém é prejudicado por outra pessoa ou instituição com base em preconceitos (Moreira, 2017, p. 42).

A própria Preta-Rara relatou que distribuía currículos em várias instituições sem nunca receber oportunidades. Somente após ser aconselhada por um militante do Movimento Negro a retirar sua fotografia dos currículos, passou a ser chamada para entrevistas, pois sua competência era avaliada sem a interferência do preconceito racial.

Além disso, quando mulheres negras têm suas oportunidades de emprego limitadas pela discriminação racial, todo o planejamento familiar é afetado. Dificuldades econômicas decorrentes dessa exclusão comprometem não apenas suas próprias vidas, mas também a de seus descendentes.

Esse tipo de discriminação, que impacta imediatamente a vida das pessoas e pode comprometer gerações futuras, é denominado **discriminação intergeracional** (Moreira, 2025, p. 178).

SOFRIMENTO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Para refletirmos sobre o sofrimento, recorremos a algumas considerações de Paul Ricoeur. O filósofo destaca a diferença entre dor e sofrimento: a dor decorre de sensações físicas localizadas no corpo, enquanto o sofrimento envolve a relação consigo mesmo, com os outros e com o sentido da existência. Para Ricoeur, o sofrimento é uma experiência que, além de ser sentida, é também julgada como manifestação de um grande mal. Ele desperta em quem o vivencia questões sobre as possíveis causas do tormento, sobre o merecimento dessa condição e sobre a duração daquilo que se enfrenta (Ricoeur, 1994).

O autor enfatiza que o sofrimento provoca uma ruptura na narrativa de nossas histórias de vida — como se o fio que sustenta nossa trajetória se rompesse diante de uma extrema concentração em determinado instante. Esse momento, comumente chamado de trauma, pode marcar de forma definitiva a vida de alguém (Ricoeur, 1994). Nos registros colhidos por Preta-Rara, é possível perceber exemplos concretos de como tais experiências se inscrevem de maneira duradoura na história pessoal.

> Em 2016 eu já estava formada e lecionando no Colégio Exemplo em São Vicente. Estava num momento muito feliz, tinha acabado de lançar meu disco o Audácia, estava na correria louca de conciliar show e minhas aulas. Em um momento de férias, morando sozinha em frente à praia, comecei analisar tudo que eu estava vivendo e a minha mente automaticamente foi para um momento do passado, que eu fazia questão de esquecer, porém ele ainda era recente na minha cabeça (Preta-Rara, 2019).

Para encerrar, ressaltamos mais um ponto intrigante sobre o sofrimento, que ponto esse que também foi abordado por Paul Ricoeur. Como o sofrimento faz parte da vida dos seres humanos, cabe a nós resistir a ele. Ricoeur (1994) aponta que é

possível resistir, apesar de todas as consequências do sofrimento. Nas declarações enviadas para Preta-Rara também há exemplos que poderiam ilustrar essa questão.

> Quero deixar claro que eu comecei a trabalhar cedo não por culpa de minha mãe, ela assim como eu começou cedo também. e na época meu pai nos abandonou e meu irmão era pequeno. não tínhamos nada em casa e ela não tinha estudo. O que propiciou que pudéssemos comer e vestir foi o trabalho dela e o meu. Minha mãe é uma guerreira e tambm passou inumeras humilhações trabalhando como doméstica. Nunca me deixou parar de estudar apesar de toda dificuldade (Preta-Rara, 2019).

Essas situações podem ser analisadas sob o prisma jurídico. O conceito de **dano existencial** indica que violências e violações de direitos podem comprometer, parcial ou totalmente, dois âmbitos centrais da vida humana: o projeto de vida e a vida de relação (da Frota, 2011).

O projeto de vida abrange todo o planejamento que uma pessoa faz para sua trajetória — incluindo dimensões familiares, afetivo-sexuais, intelectuais, educacionais e profissionais. Já a vida de relação refere-se à qualidade das interações que estabelecemos com outras pessoas (da Frota, 2011). Quem enfrenta episódios de violência como os relatados nestas páginas pode sentir-se inseguro ou inferiorizado ao manter vínculos familiares, profissionais ou sociais.

Adilson José Moreira, doutor em Direito Antidiscriminatório, ressalta que o dano existencial também pode gerar prejuízos psicológicos. Segundo ele, violações de direitos fundamentais — entre elas, a violação do direito à dignidade — acarretam consequências diretas para a vida psíquica dos indivíduos (Moreira, 2025, p. 21).

Nessas circunstâncias, a pessoa pode desenvolver a percepção de que não possui controle sobre aspectos básicos de sua existência, o que dificulta a formulação e a realização de planos de vida. A obra de **Preta-Rara** oferece um exemplo eloquente desse prejuízo duradouro: uma mulher que, durante todo o período em que trabalhou como empregada doméstica, foi impedida de sentar-se à mesa com seus patrões.

> Com muito esforço formou-se professora, exerceu o magistério por trinta anos e agora é aposentada. Tem complexo de inferioridade. Não come junto com as visitas. Não gosta de sair de casa. Não gosta de se arrumar. É depressiva. Vive a base de remédios controlados. Resultado de uma relação patroa x empregada muito mal sucedida (Preta-Rara, 2019).

PRECARIEDADE

Judith Butler (2024, p. 24), filósofa estadunidense, afirma que a precariedade acompanha a vida humana desde o nascimento. Desde o primeiro instante, cada pessoa estabelece uma relação de interdependência com os outros. Ela ressalta que o cuidado que devemos dedicar ao próximo não se limita ao âmbito individual, mas constitui também uma responsabilidade coletiva.

Butler (2024, p. 23) observa ainda que a precariedade humana está ligada ao fato de que, ao viver em sociedade, a vida de cada um está sempre, de algum modo, nas mãos do outro. Assim, evidencia que dependemos tanto das pessoas próximas quanto daquelas que conhecemos superficialmente — e até mesmo das que desconhecemos por completo.

Se tomarmos a precariedade como ponto de partida, torna-se claro que não há vida sem alimento e abrigo, nem vida humana sem a dependência de amplas redes de sociabilidade e trabalho. Ninguém escapa à possibilidade de sofrer maus-tratos ou à inevitabilidade da mortalidade. Butler conclui afirmando que:

> Assim, a conclusão não é que tudo que pode morrer ou está sujeito à destruição impõe uma obrigação de preservar a vida. Mas uma obrigação, com efeito, surge do fato de que somos, por assim dizer, seres sociais desde o começo, dependentes do que está fora de nós, dos outros, de instituições e de ambientes sustentados e sustentáveis, razão pela qual somos, nesse sentido, precários. Para sustentar a vida como sustentável é necessário proporcionar essas condições e batalhar por sua renovação e seu fortalecimento (Butler, 2024, p. 32).

O livro de Preta-Rara evidencia que a precariedade vivida pelas trabalhadoras domésticas as coloca em posição de vulnerabilidade diante das famílias empregadoras. Em nossa língua, diz-se que alguém está *vulnerável* quando está do lado mais fraco no debate de um assunto ou questão. Alguém vulnerável é aquele que pode ser atacado ou ofendido (Editora Porto, 2008).

Por conta da precariedade financeira, essas mulheres precisavam suportar diferentes formas de violência e humilhação, na esperança de garantir o sustento de suas famílias.

> Olá, tudo bem tenho um relato da sobre a minha mãe, quando eu era pequeninha minha mãe me levava para o trabalho de doméstica, os patrões não reclamavam quanto me levar, mas um dia eu (bebê com 2 anos) queria um

> pedaço de bolo de fubá e minha mãe me deu, quando o patão viu que estava faltando um pedaço humilhou minha mãe dizendo que se eu quisesse comer bolo que ela fosse comprar na padaria pq aquele bolo era pra família dele e não pra criança da empregada (Preta-Rara, 2019).

Ao escrever *A Ética do Cuidado*, Fabienne Brugère destacou que os seres humanos tendem a dedicar maior atenção àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade. Segundo a filósofa, estamos inclinados a cuidar das vidas frágeis, das pessoas que enfrentam dificuldades ou daquelas cujo corpo e existência estão ameaçados (Brugère, 2023, p. 52).

Entretanto, os relatos reunidos por Preta-Rara contrastam diretamente com essa expectativa. Em algumas situações, domésticas que precisavam de apoio de familiares com laços consanguíneos eram exploradas.

> Minha mãe, foi empregada doméstica na casa da minha tia, irmã dela que teve a sorte de casar com um homem bem de vida. Para dá um futuro diferente do dela a mim e a minha irmã passou pelas piores humilhações que um ser humano poderia vivenciar. Os legumes e frutas, muitos deles estragados, que a minha tia e algoz da minha mãe não servia a seus filhos ela mandava pra mim e minha irmã, mas minha mãe, solteira, sempre me disse que aquilo era uma fase e que um dia nossas vidas iriam mudar (Preta-Rara, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas sociedades se sustentam em princípios, garantias e alicerces democráticos de grande valor. No entanto, as revelações de Preta-Rara mostram que as empregadas domésticas continuam submetidas a um conjunto de adversidades que desgastam seus relacionamentos, comprometem seus projetos de vida e causam sofrimento psicológico.

Fatores históricos — como desigualdades econômicas, de gênero e estereótipos raciais — contribuíram para que muitas mulheres só conseguissem encontrar sustento próprio como trabalhadoras domésticas.

Conforme vimos na introdução, esse deveria ser um trabalho valorizado em nossa sociedade, pois elas contribuem de forma decisiva para o sistema capitalista. Porém, há décadas suas trabalhadoras são tratadas de forma indecente.

Esse cenário contraria uma bela reflexão de Judith Butler, segundo a qual é justamente onde uma vida não tem chance de florescer que deveríamos nos empenhar em melhorar as condições de existência. Em vez disso, como observamos, pessoas

privilegiadas frequentemente atuam de maneira oposta, rebaixando essas mulheres em circunstâncias absurdas.

Por fim, recorremos a uma citação atribuída a Tyler Fainstat, presente na orelha da obra Dignidade! (2012), que busca explicar os princípios que orientam a atuação da organização Médicos Sem Fronteiras. Preceitos como esses deveriam orientar as relações em nossas sociedades.

> Em sua forma mais pura, a ação humanitária é motivada pela crença de que todas as pessoas, independentemente de etnia, religião ou nacionalidade, têm o direito de receber assistência básica em momentos de crise. O fundamento do ato humanitário é a solidariedade entre seres humanos; solidariedade construída sobre diálogos e trocas de experiências; solidariedade que, no campo da ação, tem por objetivo restaurar a dignidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology,** v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRUGÈRE, Fabienne. **A ética do cuidado**. São Paulo: Contracorrente, 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

EDITORA PORTO. **Dicionário de latim-português e português-latim**. Porto: Editora Porto, 2008.

FROTA, Hélio A. da. Noções fundamentais sobre o dano existencial. *Revista* **Latinoamericana de Derechos Humanos**, v. 22, n. 2, p. 243-254, 2011.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha: a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Adilson José. **O que é discriminação?** Belo Horizonte: Letramento; Casa do Direito; Justificando, 2017.

MOREIRA, Adilson José. **Por que os seres humanos sofrem?** Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RICOEUR, Paul. La souffrance n'est pas la douleur. **Autrement. Série Mutations**, n. 142, p. 58-69, 1994.

SORJ, Bila. Estudos sobre o cuidado na sociologia: a contribuição de Nadya Araujo Guimarães e Helena Hirata. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1089-1097, 2021.

SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. **Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil**. 2. ed. São Paulo: Seguinte, 2018.

THEODORO, Helena. Mulher negra, cultura e identidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 85-96.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, v. 22, p. 285-308, 2007.

VÁRIOS AUTORES. **Dignidade!: nove escritores vivenciam situações-limite e relatam o comovente trabalho da organização Médicos Sem Fronteiras**. São Paulo: Leya, 2012.

TRAUMA E NARRAÇÃO NO ROMANCE NÃO FALEI, DE BEATRIZ BRACHER

Rosicley Andrade Coimbra

Fui torturado, dizem que denunciei um companheiro que morreu logo depois nas balas dos militares. Não denunciei, quase morri na sala em que teria denunciado, mas não falei.

Beatriz Bracher, *Não falei* (2004, p. 8).

La tortura no deja de ejercerse entre bastidores, en lugares inaccesibles al público donde, confiado a agentes que se mueven a la sombra del poder estatal, el ritual se lleva a cabo de tal manera que se lo pueda recusar, desmentir y negar. En su forma moderna, la tortura adquiere el carácter opaco de lo negable.

Donatella Di Cesar, *Tortura* (2016, p. 26)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No prefácio do livro *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski, Maria Rita Kehl abriu o texto com a seguinte indagação: "Quando termina a escrita de um trauma?" (2014, p. 15). A pergunta até poderia parecer retórica, mas não é. Ela se relaciona antes de tudo a um acontecimento tenso de nossa história recente, a ditadura civil-militar (1964-1985). E, em certo sentido, essa questão nos remete a uma outra, qual seja: por que ainda insistimos em falar sobre ditadura militar no Brasil? De alguma maneira, a pergunta de Maria Rita Kehl traz em si uma sugestão de resposta para a nossa. Ao colocar essa questão, a autora nos fala não apenas sobre a impossibilidade de um cálculo sobre o fim do trauma, mas também do fato de que o trauma deixado pela ditadura militar no Brasil ainda não foi superado. Trata-se, portanto, de uma ferida não cicatrizada. Cada sujeito – à sua maneira – até encontra formas de lidar com o trauma. Entretanto, no espaço coletivo ele continua silenciado pelas políticas do esquecimento. O problema em relação ao trauma, dentro do contexto que estamos nos referindo, é que ele é sempre colocado como uma questão pessoal e não coletiva.

Seguindo a leitura do texto de Maria Rita Kehl encontramos a seguinte observação: "Passado um tempo subjetivo em que silêncio e estupor são as únicas reações possíveis ante o evento traumático, as vítimas e testemunhas se põem a falar. Ou a escrever. Não é um capricho: é uma necessidade" (Kehl, 2014, p. 15). Depreendemos dessas palavras a existência de um tempo subjetivo que poderia ser a chave para compreender a duração do trauma. Isso significaria que cada indivíduo necessita de um tempo muito particular para lidar com ele. Porém, isso não significa que o trauma será totalmente resolvido. O que o excerto sublinha é a necessidade do

traumatizado falar e/ou escrever. Posto isso, a questão que levantamos é: em que momento o sujeito traumatizado se sente à vontade para falar sobre o evento traumático?

Para tentar responder a essa pergunta, temos que considerar um fator relevante quando se tenta verbalizar o trauma: a linguagem. Shoshana Felman observou que os traumatizados "são privados de uma linguagem na qual [possam] falar de sua vitimização" (2014, p. 61). Daí que muitos prefiram silenciar no lugar de qualquer esforço de contar. Entretanto, essa mudez que acompanha o traumatizado é sintoma de que algo permaneceu fora do registro da história, algo permaneceu "encriptado" (Abraham & Torok, 1995). Assim, em uma perspectiva benjaminiana, Shoshana Felman afirma que existe "uma conexão muda entre história e trauma", ou melhor, um "duplo silêncio" que pode ser sintetizado da seguinte maneira: "o silêncio da 'tradição dos oprimidos', que são por definição privados de voz e cuja história (ou cuja perspectiva narrativa) é sempre sistematicamente reduzida ao silêncio, e o silêncio da história oficial – a história do vencedor – em relação à tradição dos oprimidos" (Felman, 2014, p. 62).

Depois de duas guerras mundiais com potencial destrutivo jamais visto e da iminência constante de conflitos bélicos com potencial de destruição em massa, o século XX ficou marcado como a "era do trauma" (Seligmann-Silva, 2023). E também se tornou a era das teorias do trauma e dos julgamentos históricos (Felman, 2014). Mas não se trata de acontecimentos e de processos novos e desconhecidos. A visão da realidade como catástrofe já era conhecida desde o século anterior e, principalmente, já havia a consciência da impossibilidade de sua representação (Seligmann-Silva, 2000). O fato é que o homem do século XX se deparou com o abismo depois que os testemunhos dos campos de concentração nazista vieram à tona e tornaram-se peça-chave na construção da história. A história passou a ser vista, então, como trauma, contrapondo-se à historiografia do século XIX e sua defesa de uma narrativa linear e fechada. A partir disso, a história passou a ser observada não tanto pelo que diz, mas muito mais pelo que silenciou.

E, uma vez que o estatuto da representação foi posto em questão, pois a realidade estaria toda contaminada pela catástrofe, as reflexões incidiram sobre como representar o irrepresentável. Dentre essas reflexões estão às que se relacionam ao

trauma, caracterizado por Márcio Seligmann-Silva como "uma memória de um passado que não passa" (2023, p. 145). E junto às reflexões sobre o trauma uma outra questão se apresenta: o que transmitir? Diferentemente de uma narração tradicional, cuja finalidade seria a transmissão de experiências compartilháveis, o trauma permite somente a transmissão da derrota ou, como pontua Shoshana Felman, transmite-se apenas "um colapso da transmissão" (2014, p. 74). É nesses termos que a linguagem se encontra comprometida e se mostra como um entrave para as narrativas do trauma.

É partindo dessas breves considerações que pretendemos analisar o romance *Não falei*, de Beatriz Bracher (1961), publicado em 2004. A autora pertence à mesma geração de Marcelo Rubens Paiva (1959), porém, não sofreu diretamente a violência do regime militar. Dessa forma, não podemos afirmar que seu livro seja autoficcional. *Não falei* tem muito mais evidente a conformação de um romance de filiação, que se caracteriza como uma narrativa que busca reconstituir uma vida familiar. Entretanto, essa classificação é demasiado redutiva, pois não considera aspectos relevantes do romance, como a história externa a essa vida familiar. No caso de *Não falei*, temos a história de duas famílias, cujas vidas estão entrelaçadas, reconstituída via memória do narrador, Gustavo. Mas há uma outra história, tecida paralelamente. Trata-se da história do trauma deixado pela ditadura militar não apenas na vida dessas personagens, mas principalmente em Gustavo, que foi preso e torturado. Nesse sentido, sua narração é uma tentativa de verbalizar esse trauma e ao mesmo tempo contar sua versão da história. Como testemunha, isto é, como um sobrevivente, Gustavo sente a necessidade narrar, mesmo que já tenham se passado trinta anos desde o evento traumático.

TEMPO DE CONTAR

A reconstituição da história de Gustavo é cheia de incertezas e algumas lacunas. Aos sessenta e quatro anos de idade, em processo de aposentadoria da carreira de professor universitário, decide se mudar para São Carlos. Mas antes precisa vender a casa que pertencera aos pais e dividir o dinheiro com seus irmãos, José e Jussara. Assim, o que pareceria ser uma história familiar comum revela-se uma história marcada pelo trauma. Lembranças recalcadas começam a retornar quando a casa dos pais é colocada à venda. Pensando nisso, podemos considerar a casa como uma espécie de arquivo carregado de memórias, ou mesmo de rastros daqueles que por lá

passaram. Todos que viveram ou passaram por aquela casa deixaram algum vestígio, como os vários papéis que Gustavo encontra ao olhar seus cantos: "Esses papéis todos que acho entocado pelos armários e gavetas. O pai morreu, a mãe, Renato. Ligia mudou-se, Jussara casou-se, cada um foi deixando bilhetes, cartas, canhotos de cheques, atas de reuniões, cadernos, tudo socado pelos cantos" (Bracher, 2004, p. 91). Entretanto, esses rastros estão na iminência de se perderem, pois, tão logo seja vendida, essa casa será demolida com certeza. De alguma maneira, Gustavo sente-se responsável por esses rastros ao ponto de procurar ler neles alguma mensagem cifrada de todas as pessoas que ali passaram.

Assim, observamos que são muitos os textos, subtextos e pontos de vista narrativos que circulam por *Não falei*. Dada a multiplicidade de vozes, talvez fosse o caso de falarmos em um romance polifônico. Mas também poderíamos tomá-lo como uma espécie de palimpsesto, já que possui várias camadas discursivas. Em todo caso, esses textos, discursos e vozes, dispostos em camadas, buscam contar-nos uma história. E, conforme observamos, a organização desse material todo está subordinada às lembranças de Gustavo e suas ações no presente. Porém, como se trata de uma memória fraturada ou, segundo suas próprias palavras, de uma "lembrança quebrada, um embaralhamento do que sobrou visto de longe, quase sumindo no meio do tal vazio agressivo" (Bracher, 2004, p. 19), tudo se constitui conforme os movimentos dessa memória. E, uma vez que Gustavo é interpelado por elas, como fantasmas que assombram os vivos, a história que se delineia pode ser interpretada como uma reação, uma resposta à interpelação lançada sobre ele.

O título do livro, *Não falei*, remete ao evento da prisão e tortura de Gustavo pelo regime militar. Dessa história restou, além do trauma, uma culpa, pois acredita ter sido o responsável pela morte do amigo Armando, seu cunhado. Ao ser preso, uma série de consequências trágicas se desencadeou. Além da morte de Armando, houve o exílio e morte de Eliana, esposa de Gustavo, na França; a morte de dona Esther, mãe de Armando e Eliana, e a morte de seu pai após sua soltura. E, no meio de tudo isso, havia ainda uma filha pequena e órfã para criar. Conforme revela Gustavo: "A insônia e as alucinações auditivas, além da perda de Eliana e Armando, tornaram as lembranças desse período rala e sujas" (Bracher, 2004, p. 141).

Talvez seja por isso que a narração seja multifacetada, cheia de cortes e lacunas. E, uma vez que afirmamos a existência de várias camadas na narrativa, ou melhor, várias vozes, podemos destacar algumas, a saber: i) a narração de Gustavo; ii) o livro de ficção que José, seu irmão, está escrevendo; iii) o livro sobre a história da educação no tempo do regime militar que Cecília, uma pesquisadora, quer escrever; iv) as várias notas que Gustavo escreveu sobre educação; v) as notas que encontra em sua casa, arquivadas em caixas; e vi) os recortes de textos, trechos de músicas, de poemas, de ensaios, alguns rascunhos, etc. A mudança para outra cidade, a venda da antiga casa dos pais e a entrevista prometida à pesquisadora levam Gustavo a remexer nos restos de um passado até então adormecido. Ao fazer isso, reaviva algumas lembranças esquecidas, dentre elas o trauma deixado pela tortura. Isso torna-se motivo para tentar compreender o que deveras aconteceu.

Apesar de tudo girar em torno de suas lembranças, há uma pergunta insistente, qual seja: afinal, que história o livro de Beatriz Bracher conta? É a história de Gustavo, de fato? Ou é a história de como a ditadura destruiu pessoas e famílias inteiras? A pergunta até parece ingênua e sem propósito. No entanto, o objetivo de fazê-la se deve ao fato de que *Não falei* não se detém exclusivamente na história íntima do narrador. É uma história contada a partir do ponto de vista de Gustavo e do que restou trinta anos depois. E aqui retomamos a questão colocada inicialmente: em que momento o traumatizado sente que é hora de contar o que aconteceu. Entretanto, o ponto central dessa reflexão é que Gustavo parece ampliá-la para além de sua experiência traumática. Falaremos mais sobre isso adiante. Por ora destaquemos mais alguns pontos relevantes para a leitura do romance.

Posto que a memória não se manifesta como algo unitário, isto é, dotado de unidade e significação dadas, as lembranças de Gustavo não surgem todas ordenadas. Instala-se, por isso, uma tensão no livro, mais especificamente na narrativa que Gustavo tenta compor. A ficção aparece para dar certa ordem ao caos criado pelas lembranças, mas não da maneira como José, seu irmão, pensa e se apropria dela. José, aspirante a escritor, quer conciliar tudo, mesmo que superficialmente, à maneira de Bentinho em *Dom Casmurro*. Sobre isso Gustavo diz à certa altura:

> Retornar à primeira pessoa e ao possessivo, as duas pragas juvenis que a modernidade nos legou e contra as quais sinceramente me bati. O bilhete de

> José dizia da mesma necessidade mas num sentido todo inverso ao meu. Fala em rememorar e eu penso em criar; pensa em descobrir e preciso fundar (Bracher, 2004, p. 15).

As palavras de Gustavo sugerem desde o início que seu desejo não é construir uma narrativa conciliadora, que ignore as contradições e fraturas da história. Pelo contrário, tudo parece encaminhar-se para uma história aberta, cuja presença do lacunar e do fragmentário seja parte dela. Parece que a estratégia do narrador é lançar-se em um tipo de experiência do "erro", deixando-se levar pela errância do pensamento. A estratégia é deixar-se carregar pelas lembranças, mas sem tentar ordená-las ou controlá-las como faz Bentinho, no livro de Machado de Assis, e como seu irmão José também faz pela via da imitação. Gustavo prefere outro caminho. Conforme suas palavras: "[...] eu procuro meus erros, vou chutando pedras e desentocando baratas, dando com teias de aranha na cara e indagando a cada marco que resta pomposo, você ainda me serve?" (Bracher, 2004, p. 16). Em outro momento, esclarece mais sobre a ação de deixar-se levar pela errância: "O valor do erro, é exatamente esse o valor do erro. Sim, porque um canto de pássaro em meio a leitura de Kant certamente é um erro, assim como um padre de carne e osso [...] aprendemos o caminho mais interessante, que pode ser ou não o mais curto" (Bracher, 2004, p. 20-21). Aqui talvez caberia uma outra questão: entregar-se à errância, como quer Gustavo, seria uma estratégia de lidar com o trauma? Gustavo é consciente das dificuldades e impasses desse percurso que escolheu, sobretudo quando uma narrativa sobre o trauma deve considerar justamente aquilo que foi deixado de lado pela historiografia oficial. Nesse aspecto, ele parece estar consciente e considera esse ponto em sua estratégia. Além disso, ele leva em conta o que chama de traições da realidade e do pensamento: "O truque está em aceitar as traições da realidade e do nosso pensamento e incentivá-las, estar aberto a recebê-las, mas não se submeter a elas" (Bracher, 2004, p. 25).

A estratégia parece ser aproveitar dessas traições para reconstituir sua história conforme os fluxos de imagens vão surgindo em sua memória, mas sem se deixar levar por elas. O truque está em não se deixar engolir pela torrente de lembranças. Nesse sentido, podemos retomar as algumas das palavras de Gustavo para entender melhor essa estratégia. Diz ele nas linhas que abrem o romance:

> Se fosse possível um pensamento sem palavras ou imagens, inteiro sem tempo ou espaço, mas por mim criado, uma revelação do que em mim e de mim se esconde e pronto está, se fosse possível que nascesse assim evidente e sem origem aos olhos de todos e então, sem o esforço do meu sopro – tom de voz, ritmo e hesitação, meus olhos –, surgisse como pensamento de cada um, ou ainda, uma coisa, mais que um pensamento, se coisa assim fosse possível existir, eu gostaria de contar uma história (Bracher, 2004, p. 7).

Essa estratégia mostra que a história que Gustavo quer contar é carente de palavras, ou melhor, é uma história que se sustenta na ausência de palavras. Trata-se de uma história para a qual a linguagem verbalizada se mostra limitada. Mas, afinal, o que ele quer contar? Uma história cuja memória está impedida, uma história silenciada e restrita ao círculo familiar e individual. Em outras palavras, Gustavo quer contar uma história traumática. Porém, não quer que sua história seja mais uma história pessoal. Pelo contrário, parece querer que essa história saia do círculo familiar e pessoal para se tornar parte de uma história maior, coletiva, talvez.

Essa história tem início com sua prisão e tortura, seguida da morte do amigo. E, não bastasse o hediondo da tortura, Gustavo ainda é obrigado a carregar uma culpa inexistente. A imagem de traição é aqui aproximada da ideia de tradução:

> Traição e tradição têm em comum o transmitir, a ação da entrega. A brincadeira entre traidor e tradutor não tem origem apenas na semelhança fonética das palavras, nem um significado mais profundo do ato de traduzir, a semelhança é simples e está na origem das palavras, ambas significam fazer passar de um lado para o outro (Bracher, 2004, p. 69).

A comparação não é gratuita, mas sugere uma questão: como traduzir uma experiência traumática sem ser traidor da verdade sobre o evento. Uma vez que a tortura está no campo do intraduzível, qualquer linguagem que tente narrá-la pode se converter em uma traição. Trata-se, portanto, da grande angústia do sujeito traumatizado, trair a verdade.

A saída da prisão também é um espaço vazio na memória de Gustavo: "demorei a perceber quais fluxos haviam sido interrompidos. [...] a década de setenta é um grande branco" (Bracher, 2004, p. 85). Para preencher essa lacuna, ele se entregou ao trabalho e aos estudos. O recalque como estratégia de sobrevivência é colocado em prática. O tempo presente, forçando algumas ações, fazem com que Gustavo volte a olhar para o passado. Assim, as lembranças da prisão e da tortura vão ressurgindo aos

poucos, juntamente com uma reflexão sobre a linguagem e o conhecimento da realidade: "Descrever é compartilhar, inserir a observação na cadeia do conhecimento comum" (Bracher, 2004, p. 74). Gustavo parece preocupado em fazer com que sua experiência pessoal seja também compartilhada coletivamente. Arriscamos a afirmar que suas palavras dialogam com a ideia compartilhada por muitos teóricos do trauma, a saber: o trauma privado e o trauma coletivo não podem ser considerados separadamente. Isso é afirmado por Márcio Seligmann-Silva quando observa que "a memória do trauma é sempre uma busca de *compromisso* entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade" (2023, p. 143, grifado no original).

Gustavo faz uma verdadeira reflexão acerca da classificação e da nomenclatura obrigatória em cada área para descrever um fenômeno, ou do recorte que fazemos da realidade e da linguagem obrigatória para nomeá-la. Tudo isso para tentar falar sobre a tortura, sobre a própria linguagem que os militantes usavam, da linguagem cifrada e das estratégias de sobrevivência caso fossem presos e torturados. Sobre isso, Gustavo se defende: "Eu não havia sido treinado para a cadeia especial, não fizera parte das organizações e tive que adivinhar o discurso correto [...] uma missão que se sobrepusesse à vida humana" (Bracher, 2004, p. 77). Gustavo não era um militante engajado, apenas tinha ligações com pessoas que atuavam na resistência. Sua prisão, arbitrária, tinha um propósito, coletar informações sobre o grupo com o qual tinha contato, mesmo que não estivesse diretamente envolvido na luta.

As reflexões que Gustavo faz sobre esse período extrapolam o individual, pois não parece ser uma preocupação estritamente pessoal. Há uma sugestão de que sua busca gire em torno de entender as razões da tortura, não somente como um ato cruel, mas como uma ação executada por pessoas comuns, homens como ele. A seguir discutiremos um pouco mais sobre a tortura e como Gustavo lida com as memórias traumáticas desse evento.

TORTURA E TRAUMA

A tortura foi (e continua sendo) um dos principais instrumentos utilizados por Estados autoritários e também por democracias. Seu emprego visa a não apenas a desumanização, mas também manter o controle sobre indivíduos. Trata-se, portanto, de uma prática violenta do poder, que não restaura a justiça, mas reativa o poder (Di

Cesare, 2018). E, conforme Donatella Di Cesare, "não há forma política que fique a salvo dela, nem sequer a democracia. Pode se interromper o espetáculo do suplício, mas nem por isso a tortura desaparece"[31] (Di Cesare, 2018, p. 24). Assim, mesmo sendo reconhecidamente uma prática hedionda e condenada publicamente, ela se tornou tão comum e naturalizada que se converteu em espetáculo midiático. Como bem observou Marcelo Viñar, "o horror se converte em um objeto de consumo cotidiano que digerimos sem preocupações". Sua permanência nos dias de hoje apenas atesta que ela é uma produção humana e deve ser vista como a "cara abjeta da condição humana" (2016, p. xviii). É essa naturalização da tortura que tem levado países com tratados de imigração a adotar medidas cada vez mais burocráticas dificultando assim o *status* de *refugiado político* para sujeitos exilados (Montagut, 2016, p. 2)

Na América do Sul, a tortura foi amplamente empregada durante os governos militares, sobretudo nos países do Cone Sul. No Brasil da ditadura militar (1964-1985) a prática foi não apenas utilizada, mas também aperfeiçoada. Entretanto, quando se menciona o fato de que pessoas foram presas e torturadas, às vezes assassinadas e desaparecidas, a opinião pública mantém um ar de ceticismo e incredulidade de que isso tenha ocorrido aqui. São as consequências de uma série de dispositivos que impuseram o esquecimento. Mas antes do esquecimento, há a negação do fato pelas instâncias institucionais. Nesse caso, negação e esquecimento fazem parte do próprio sistema que regula a tortura. O silêncio da vítima é também estendido para a esfera institucional.

Em *Não falei*, o narrador Gustavo foi preso e torturado: "Fui torturado, dizem que denunciei um companheiro que morreu logo depois nas balas dos militares. Não denunciei, quase morri na sala em que teria denunciado, mas não falei" (Bracher, 2004, p. 8). Há dois pontos relevantes para serem observados nesse excerto, quais sejam: i) o narrador não lembra do que aconteceu na sessão de tortura (*dizem que denunciei...*); e ii) a certeza de que não delatou um companheiro (*mas não falei*). Parece um paradoxo: como é possível ter certeza de algumas coisas e não se lembrar de outras dentro de um mesmo acontecimento? Em termos genéricos, a resposta seria porque o trauma bloqueou algumas das memórias desse acontecimento na vida de Gustavo. Mas antes

[31] Esta e as demais traduções do espanhol são de minha inteira responsabilidade.

de prosseguirmos discutindo a questão do trauma, precisamos compreender melhor o mecanismo da tortura.

Idelber Avelar observou que:

> Um dos componentes fundamentais da tortura é a produção de enunciados pelo sujeito torturado, sua transformação em ventríloquo das afirmativas do torturador. A tecnologia da dor é a calculada produção de um efeito. [...] o objetivo é gerar um efeito de autodesprezo, vergonha, traição e derrota. A produção forçada de enunciados durante o ato de tortura pode levar a um trauma que afunda o sujeito no completo silêncio. O torturador obriga a falar para que depois você silencie por completo, para que você nunca queira falar. A tortura produz discurso para produzir silêncio. Produz linguagem para manufaturar a ausência de linguagem. O dilema do sujeito torturado é, portanto, de representabilidade. Como falar do indizível? Como relatar aquilo que, por definição, pertence a esfera do inenarrável? (Avelar, 2012, p. 65-66).

Como se pode notar no excerto, bem mais que dor física, a tortura consegue impor sobre o sujeito uma dúvida sobre o próprio ser. No ato da tortura, o corpo torna-se um inimigo e fala, ao passo que o ser silencia, talvez envergonhado com o próprio corpo. E, para além desse silêncio que se abate sobre o torturado, também está a questão da representabilidade. Como já mencionamos anteriormente, a linguagem é comprometida pelo trauma. Segundo Donatella Di Cesare, "a tortura penetra na interioridade mais intangível da vítima para arrancá-la fora e apoderar-se dela e ao mesmo tempo suprime a linguagem, transformando o torturado em um corpo sem voz" (Di Cesare, 2018, p. 20-21). Há, nesse sentido, uma ruptura, ou melhor, uma divisão do mundo em dois, bastante presente no discurso de pessoas traumatizadas: de um lado, "*o mundo dos vivos*"; e do outro, "o mundo para onde foram precipitados de maneira intencional" (Montagut, 2016, p. 6).

Em estudo bastante importante sobre o trauma, Muriel Montagut afirmou que existe um sentimento de estranheza que acompanha o indivíduo torturado. Esse sentimento não é apenas em relação a si mesmo, mas também em relação aos outros. A tortura os transformou em seres partidos, pois "[v]iram, ouviram e sentiram o que o ser humano não suporta ver, ouvir e sentir. Estas sensações sempre presentes os impedem de voltar a este mundo dos vivos do qual foram expulsos" (Montagut, 2016, p. 6). O excerto de Montagut evidencia a separação do sujeito torturado em relação ao mundo dos vivos, ou seja, o torturado torna-se um estranho a si mesmo e sente que

não pertence mais ao mundo ao seu redor. Marcio Seligmann-Silva diz que "o trauma é justamente o que está posto 'fora do tempo'" (2023, p. 141). Podemos acrescentar que esse "fora do tempo" é a inadaptação, mas também é a perda das coordenadas seguras para narrar essa experiência.

Ao seguir as reflexões de Montagut, encontramos a seguinte indagação: "como criar condições para que um regresso ao "mundo dos vivos" seja novamente possível?". Ela remete aos desafios encontrados para o tratamento do trauma. E uma das possibilidades passa pela narração. Segundo Seligmann-Silva, a narrativa teria o desafio de estabelecer uma ponte com "os outros", de "*resgatar o sobrevivente do sítio da outridade*" (2023, p. 142, grifado no original). Uma vez que estaria encriptado, ou seja, preso entre muros, poderíamos dizer ainda com Seligmann-Silva que a narrativa seria a picareta que poderia derrubar esses muros.

A tortura deixou muitas sequelas em Gustavo. Para além do medo, está a vergonha e a impossibilidade de esquecer essa experiência:

> E então, junto com o medo, a vergonha toma conta de nós. Porque é feio. O prazer de bater, o rosto dos homens, sangue, apanhar, a risada, um teatro, vômito, aquela luz balançando, o cansaço dos homens que batem, o suor deles, a barriga branca que aparece sob a blusa azul amarfanhada, o nariz com cravos, os meus gemidos, seus dentes tortos, o meu teatro, não aguentar mais, o medo de morrer, chorar e tentar não enxergar o que vi, não entender o que via, esquecer. Éramos todos homens, impossível apagar de meus neurônios essa informação. Éramos homens (Bracher, 2004, p. 121).

Entretanto, o que notamos no excerto é que a vergonha a que o narrador se refere não parece estar relacionada a ele ser torturado ou ao efeito da tortura. Pelo contrário, Gustavo parece questionar o ato da tortura por homens comuns como ele. Posto que o esquecimento é impossível, resta a Gustavo tentar compreender o que foi esse evento. E um dos principais questionamentos é como homens como ele puderam fazer o quê fizeram a ele. Em certo sentido, o narrador de *Não falei* parece tentar recuperar antes de tudo um sentimento humano, arrancado com a tortura. Porém, falta-lhe compreensão. Não é sem razão que Gustavo cita um longo trecho do livro *A trégua*, de Primo Levi, de 1963. Esse livro é uma espécie de continuidade do livro anterior, *É isto um homem?*, no qual conta sua experiência em Auschwitz. Em ambos os livros, talvez o que se destaca com maior intensidade seja justamente o que Gustavo

está tentando entender: como homens puderam fazer aquilo? É a perplexidade diante do evento que surge novamente ao narrador do livro de Beatriz Bracher. Em certo grau, podemos dizer que é a essa pergunta que o narrador está preso: "Os torturadores tinham prazer em bater, mas não batiam por prazer, e sim para coletar informações. Não havia qualquer motivação didática, punitiva ou de vingança, aquilo era um trabalho investigativo, coletar informações e ir montando um quadro das organizações" (Bracher, 2004, p. 114-115).

Observamos nas falas de Gustavo que seu interesse não está na figura do torturador em si, ou seja, não interesse a ele o nome ou a identidade completa do torturador. Sua reflexão parece incidir sobre aquilo que Muriel Montagut chamou de "tortura como sistema" ou ainda, no "caráter sistêmico da tortura" (2016). Para a autora, a tortura é colocada em prática com a intenção de causar dano e os meios podem ser físicos ou mentais para coisificar o ser humano, provocando um estado de desamparo, cujo fim é a obtenção de informações ou de uma ação (2016, p. 24).

Ao ser entrevistado por Cecília, Gustavo rememora o evento traumático e sente que ainda está acorrentado a ele:

> [...] há um chumbo que faz pender meus pensamentos para lá, trinta e quatro anos atrás, como um saco de estopa grande, repleto de quinquilharias, onde uma bigorna foi mal acomodada, criando um desbalanço que não me permite meter o saco às costas e seguir caminhada sem sentir a bigorna presente o tempo todo e saber exatamente de sua posição e forma no meio do saco (Bracher, 2004, p. 125).

É evidente que esse sentimento de aprisionamento é consequência do trauma. Estamos diante de uma memória traumática. Segundo Aline Accorssi e Elianara Lima Corcini, a memória traumática "é caracterizada pela impossibilidade de esquecimento ou a 'impossibilidade de libertação de um passado perpetuamente presente'" (2017, p. 307). É com esse peso que o narrador tenta lidar. Ao sair da prisão, Gustavo sentia-se deslocado: "Todos pulavam e gritavam, se abraçavam, meu ouvido doía, abria muito a boca para destravar meu maxilar, saía para a sua e sentia o descompasso do meu coração" (Bracher, 2004, p. 142). É esse descompasso do coração que marcará sua vida pós-tortura. As lacunas serão parte dessa história, evidenciando um recalque das lembranças que precederam sua tortura:

> Não recordo dos policiais me tirando de casa, nem da chegada na prisão. Imagino que as celas fossem embaixo, pois sei que subia para os interrogatórios. Acho que havia sol, onde ficávamos presos. Lembro do barulho da porta da carceragem abrindo-se, e um frio tomando o estomago, a vontade de vomitar. Lembro que não falei (Bracher, 2004, p. 143).

Como se nota, a memória de Gustavo é toda lacunar. Faltam muitos detalhes do que acontecera na prisão, sobretudo em relação às sessões de tortura. A insistência no fato de que não falou nada que pudesse comprometer o amigo parece ser o grão que foi plantado e germinou aos poucos dentro dele. O grão transformou-se em cálculo, incomodando vez ou outra, mas na maior parte do tempo adormecido. Entretanto, ao ser instado por Cecília a dar uma entrevista sobre a educação nos tempos da ditadura militar, Gustavo também começa a fazer uma reflexão sobre tudo o que aconteceu:

> Talvez jamais alguém tenha me considerado um traidor, a não ser eu mesmo. E outra coisa, não lembro disso ter sido importante nos últimos vinte anos, mas voltou com a força dos primeiros tempos agora que me aposento, que penso nessa entrevista, que mexo nos papéis velhos para desocupar a casa. De qualquer forma, se guarda tamanha força, não pode ser um falso problema. Sim, o primeiro grão sobre o qual aglutinaram-se os outros formando esse cálculo que me incomodou tanto, sacolejando dentro de minha mente, gerando atritos e infecções, entupindo canais vitais e forçando o surgimento de vias alternativas, e que depois apascentou-se para ressurgir violento nesse início de velhice, esse primeiro grão pode ter sido apenas um mal-entendido (Bracher, 2004, p. 143-144).

Em certo sentido, Gustavo parece se dar conta de que o mecanismo da tortura também imprime sobre a vítima uma culpa. O tempo que existe entre o evento e a rememoração o fez perceber com maior clareza como a tortura é um sistema que cria mecanismos que transferem a responsabilidade para a vítima. Conforme Muriel Montagut, ao conceber a tortura como um sistema é possível colocar a dimensão sociopolítica no coração da análise, articulando estreitamente a intenção do torturador com o contexto que tornou possível que ele agisse daquela forma (2016, p. 10). Em grande medida essa observação de Montagut dialoga com as palavras de Gustavo ditas anteriormente sobre a tortura. Há no cerne da tortura não um verdugo, mas um sistema que permite que ele exista. Ao ter isso como centro de análise podemos articular a tortura individual com uma história coletiva. Segundo Montagut, é essa

articulação entre a história individual e a história coletiva que permitirá ao torturado restituir o sentido dos atos vivenciados até então desprovidos de sentido (2016, p. 10).

Em síntese, as falas de Gustavo nos fazem crer que narrar o trauma é um trabalho demorado e trabalhoso. Porém, esse trabalho não deve se restringir à esfera privada, ou seja, à história íntima do indivíduo. Pelo contrário, pensar em uma narrativa do trauma, ou melhor, em uma história do trauma, é pensar como testemunhos podem se contrapor à história oficial. Assim, conforme as palavras de Dominique LaCapra, devemos pensar em uma historiografia que faça diferença no presente, "que junte memória criticamente testada e conhecimento comparavelmente testado baseado em documentos e textos, para promover projetos coletivos buscando verdade, compaixão e justiça" (LaCapra, 2023, p. 178). Em certo sentido, é o que Gustavo parece sugerir quando coloca algumas questões para serem pensadas sobre a tortura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrar o trauma é tarefa que deve transcender a esfera pessoal. A literatura brasileira pós-ditatorial, sobretudo a produzida nas últimas décadas, tem se preocupado com o resgate da memória traumática. Não se trata de fazer reviver o trauma. Pelo contrário, trata-se de abrir um espaço de escuta, no qual vozes suprimidas da historiografia oficial tenha direito de também narrar. Para a pergunta feita por Maria Rita Kehl sobre quanto tempo dura a escrita do trauma, talvez a resposta que podemos dar neste momento seja: ela é interminável, porém necessária. Interminável porque cada experiência é única, necessária porque é preciso expor como o Estado de direito não reconhece o trauma como uma questão coletiva.

Não falei retoma alguns pontos que procuramos destacar no decorrer deste trabalho. O mais evidente, e que buscamos esclarecer, foi o fato de Gustavo, o narrador, pensar a questão da tortura e do trauma não tanto em termos pessoais, mas apresentar uma reflexão que parece preocupada com o alcance coletivo da tortura. Defendemos, nesse sentido, que a literatura apresenta pela chave da ficção a possibilidade de refletir sobre o presente, lançando um olhar para o passado. Em termos estritos, a tortura, largamente usada durante o regime militar no Brasil, não findou com a consolidação da democracia. O fato de não se ouvir falar mais sobre

tortura não significa que a prática não exista mais. Talvez seja o caso de dar um crédito ao que a literatura tem chamado a atenção nas últimas décadas: a tortura não é exclusividade dos governos autoritários. O fato é que não se tortura mais como se fez com Gustavo nos porões da ditadura. Hoje, o sistema se aperfeiçoou.

Gustavo conta sua história, mesmo com várias lacunas e ausências. Porém, fica evidente em sua história que os traumas, em algum momento, deixarão a cripta para onde foram confinados para virem à luz do dia.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. Trad. Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Editora Escuta, 1997.

ACCORSSI, Aline; CORCINI, Elianara Lima. Trauma/memórias traumáticas. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2a edição revista e ampliada. Canoas/RS: Editora Unilasalle, 2017.

AVELAR, Idelber. Espectros de Walter Benjamin: luto e violência em Jacques Derrida. In: AVELAR, Idelber. **Figuras da violência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 71-103.

BRACHER, Beatriz. **Não falei**. São Paulo: Editora 34, 2004.

DI CESARE, Donatella. **Tortura**. Traducción. Francisco Amella Vela.Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2018.

FELMAN, Shoshana. **O inconsciente jurídico**: julgamentos e traumas no século XX. Trad. Ariani Bueno Sudatti. Prefácio de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Edipro, 2014.

KEHL, Maria Rita. A ironia e a dor. In: KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LACAPRA, Dominick. Trauma, história, memória, identidade: o que resta. In: LACAPRA, Dominick. **Compreender outros**: povos, animais, passados. Trad. Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MONTAGUT, Muriel. **El ser y la tortura**. Traducción de Jaime Velásquez. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes; Medellín: Universidad de Antioquia, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Fondo Editorial FCSH, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Unicamp, 2022.

VIÑAR, Marcelo. Prólogo. In: MONTAGUT, Muriel. **El ser y la tortura**. Traducción de Jaime Velásquez. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones

Uniandes; Medellín: Universidad de Antioquia, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Fondo Editorial FCSH, 2016.

PASOLINI, PIER PAOLO: DISSIDENTE E RADICAL

Murilo de Castro
Renan Dalago

INTRODUÇÃO

A trajetória intelectual e artística de Pier Paolo Pasolini (1922-1975) é indissociável das violentas fraturas históricas, ideológicas e culturais que marcaram a Itália do século XX. Nascido em Bolonha, no seio de um ambiente doméstico cindido entre a rigidez militar de um pai protofascista e o lirismo camponês de uma mãe pequeno-burguesa, Pasolini internalizou desde a infância as tensões de um mundo em transição. Foi em *Casarsa della Delizia*, região rural de Friuli, que o jovem escritor encontrou seu primeiro refúgio poético e político. Ao eleger o dialeto friulano em sua obra de estreia, "*Poesie a Casarsa*" (1942), Pier Paolo realizava um ato de militância que buscava sacralizar a memória popular e instituir uma "língua pura para a poesia", face à unificação idiomática e cultural burguesa das capitais italianas.

Contudo, a imersão de Pasolini no debate intelectual italiano foi alvo de exclusão. Após ser expulso do Partido Comunista Italiano (PCI) e destituído de seu cargo de professor devido a um escândalo público envolvendo sua sexualidade, o autor usou essa marginalidade como um dos pontos centrais de sua intervenção crítica. Em Roma, o contato direto com o subproletariado urbano forneceu a matéria-prima para seus romances e, fundamentalmente, para sua estreia no cinema com "Accattone – Desajuste Social" (*Accattone*, 1961). Ao registrar os cenários desolados e a crueza dos corpos periféricos, Pasolini considerou levar sua obra em direção aos resquícios do Neorrealismo Italiano. Foi negado mais uma vez. O que a crítica institucionalizada lia como "erro técnico" ou esteticismo perigoso parecia ser uma recusa altiva do diretor em submeter-se ao naturalismo documental e secularizado da indústria cinematográfica tradicional.

Diante desse cenário de perene fricção, este artigo propõe examinar uma pequena parcela da produção cinematográfica de Pasolini — "Accattone – Desajuste Social" (*Accattone*, 1961), "*Mamma Roma*" (1962) e *"Salò, ou os 120 dias de Sodoma" (Salò o le 120 giornate di Sodoma, 1975)* — a partir do cruzamento de duas lentes sociológicas complementares: a lógica artística trabalhada por Pierre Bourdieu em "As Regras da Arte" (1996) e o estudo sobre a dissidência feito por Howard Becker em "Outsiders – Estudos de sociologia do desvio" (1991).Trata-se de investigar como a engrenagem fílmica e poética de Pasolini realiza, na prática, a figura do "artista total" conceitualizada por Bourdieu, enquanto se consolida por meio da chave do "*outsider*" formulada por Becker. Longe de configurar uma falha marginal de percurso, a

condição de desviante atribuída a Pasolini pelas forças dominantes de seu tempo funcionou como a base de seu trabalho como esteta, demonstrando que as suas ferramentas, o escândalo e a heresia formal, eram as moedas e as defesas para a salvaguarda de sua autonomia autoral e absoluta face ao século.

REVISÃO DE LITERATURA

A articulação entre a produção de vanguarda e as dinâmicas de marginalização social encontra um terreno fértil no cruzamento analítico entre a sociologia da arte de Pierre Bourdieu e a sociologia do desvio de Howard Becker. Em "As Regras da Arte" (1996), Bourdieu conceitua a figura do "artista total" como um agente inclassificável que recusa a especialização técnica burguesa e a domesticação mercadológica. Munido de um expressivo capital simbólico, esse criador é movido por uma profunda "impaciência dos limites" estéticos e sociais, fazendo de seu conjunto lógico e disciplina de trabalho as ferramentas para basear a sua autonomia no campo da produção artística. Também, essa postura radical do italiano vai de encontro aos mecanismos de controle social investigados por Becker em "Outsiders".

Com base na "teoria da rotulação", Becker demonstra que o desvio (ou a criminalidade) não constitui uma qualidade intrínseca do ato cometido, mas sim uma consequência direta da aplicação de regras e sanções por outros a um suposto infrator. No campo das disputas culturais, os personagens das lógicas dominantes operam na ideia de "empreendedores morais", rotulando as inovações formais e a independência prática do dissidente como uma ameaça contundente à antiga ordem estabelecida. Assim, enquanto a lógica de Bourdieu se interessa pelo artista que nega as fórmulas consagradas de seu tempo, a mecânica de Becker explica como essa resistência se converte em estigma e exclusão. A condição de "*outsider*" do criador dissidente funciona como um sustentáculo de sua soberania e a garantia de sua autonomia artística diante das instâncias de poder.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental, orientada pelo método analítico-interpretativo. A base foi delimitada a partir de recortes fílmicos e quadros eidéticos das obras cinematográficas *Accattone* (1961), *Mamma Roma* (1962) e *Salò, ou os 120 dias de Sodoma* (1975), de Pier

Paolo Pasolini. O referencial teórico-metodológico estruturou-se sob o cruzamento de duas frentes sociológicas complementares: a sociologia da arte de Pierre Bourdieu, mobilizada para compreender as noções de autonomia, capital simbólico e o estatuto do "artista total" no campo de produção restrita; e a sociologia do desvio de Howard Becker, utilizada como ferramenta para examinar os processos de rotulação, sanção estética e a construção da identidade pública do criador como um *outsider*. A análise operou por meio da articulação reconstrutiva entre a fortuna crítica biográfica de Enzo Siciliano e as estruturas de encenação dos filmes, demonstrando como as heresias formais pasolinianas traduzem empiricamente os conceitos sociológicos em questão.

PASOLINI: DA OBSESSÃO PELA "*PALAVRA*" AO DESVIO

Venerado e odiado pela sua arte, Pier Paolo Pasolini nasceu no dia 5 de março de 1922, em Bolonha, a capital histórica da região da Emília-Romanha, logo ao norte da Itália. Filho do militar fervoroso e protofascista Carlo Alberto Pasolini e da pequeno-burguesa Susanna Colussi, Pier Paolo passou os primeiros anos de sua infância imerso em um ambiente doméstico dividido por lógicas culturais e ideológicas diametralmente opostas. Seu pai, Carlo Alberto, oficial da infantaria, personificava a virilidade, a inclinação à ordem e o caráter conservador da burguesia italiana que buscou no fascismo uma resposta rápida à guerra e ao declínio econômico do início do século XX. Em contrapartida, Susanna, vinda de uma família de pequenos camponeses proprietários da comuna de Casarsa della Delizia (atualmente, local-sede do *Centro Studi Pier Paolo Pasolini*), na região de Friuli-Venezia Giulia, trazia consigo um grande interesse literário e poético que a distanciava da rigidez militar do marido. Foi a mãe quem exerceu o papel fundamental na formação intelectual do filho, introduzindo-o na leitura e na escrita poética por meio de um investimento afetivo que gerou uma forte conexão entre ambos (Siciliano, 1978, p. 37). Esse "pé-de-guerra" no seio familiar causou no pequeno uma ferida emocional, que explodiu em uma crise aos três anos de idade, no momento da segunda gravidez de sua mãe, em que o jovem Pier Paolo fixou psicologicamente como o marco simbólico de seu desamor e rivalidade em relação ao pai, após uma série de investidas violentas feitas por ele.

> [...] Aos três anos, tudo mudou. Quando minha mãe estava para dar à luz, comecei a sofrer com ardor nos olhos. Meu pai me imobilizava na mesa da

> cozinha, abria meu olho com os dedos e pingava o colírio dentro. É a partir desse momento 'simbólico' que comecei a não amar mais o meu pai.
> (Pasolini *apud* Maraini, 2022, p. 261, tradução nossa)

A consolidação dessa ferida emocional de sua infância pareceu operar como o pontapé de uma juventude dividida, em que as tensões de ordem subjetiva (autoestima, sexualidade etc.) passaram a ser regidas por meio da expressão estética. À medida que a carreira militar de seu pai impunha à família uma norma quase nômade, um fluxo contínuo por diferentes províncias e comunas italianas, o jovem Pier Paolo encontrava no vício literário e nas temporadas de verão em Casarsa um refúgio contra o molde burguês e autoritário defendido pelo pai. Foi nesse cenário rural e arcaico que o adolescente experimentou as primeiras manifestações de uma "sensibilidade mística e homoerótica" que batizou de "*Teta-veleta*". Para Pasolini, essa pulsão sexual parecia funcionar como um certo trânsito corpóreo e afetivo que delineava um universo de regras, um tipo de "homo-heterossexualidade", considerando que esse sentimento era incendiado pelas pernas dos garotos e pelo seio de sua mãe (Siciliano, 1978, p. 39).

Anos após os primeiros passos de sua sexualidade aflorarem, aos 17 anos, em meados de 1939, Pasolini ingressou no curso de Letras da *Università di Bologna*, onde se formou defendendo sua tese sobre Giovanni Pascoli (Albanese, 1981, p. 17). As aulas de História da Arte do professor Roberto Longhi, juntas às leituras de Arthur Rimbaud, William Shakespeare e Niccolò Tommaseo, foram os primeiros passos do jovem na vida universitária, o que o fez integrar um círculo de estudos e de amigos que partilhavam os gostos da poesia e do teatro.

A publicação de "*Poesie a Casarsa*", em julho de 1942, marcou a entrada definitiva do jovem Pasolini no debate intelectual italiano. Impresso de forma independente em Bolonha, o livreto de 46 páginas, escrito no dialeto friulano da cidade natal de sua mãe, o *casarsese*, tornou-se relevante e acabou atraindo a atenção imediata do filólogo Gianfranco Contini, que identificou na obra a emergência de uma poesia de vanguarda que colocava o falar camponês como nobre, trágico e universal. O jovem era militante ao usar o dialeto, uma vez que o considerava como a "língua pura para a poesia", uma ferramenta para sacralizar a memória (Siciliano, 1978, p. 61).

Entre 1944 e 1950, os dias do jovem foram agitados: seu irmão mais novo, Guido, um militante nacionalista, foi assassinado durante o Massacre de Porzûs; no

pós-guerra, iniciou sua filiação ao Partido Comunista Italiano (PCI), onde foi um militante dissidente por negar o realismo socialista; tornou-se professor na comuna de Valvasone e, em 1949, foi acusado por "corrupção de menores" após um baile em uma comuna vizinha. Tal acusação se tornou um escândalo público. Pasolini sofreu forte exclusão social: foi expulso do Partido e destituído de seu cargo como professor. O escândalo — mesmo que nunca confirmado — resultou em sua fuga para Roma. Na madrugada do dia 28 de janeiro de 1950, Pier Paolo e sua mãe tomaram rumo à capital italiana (Siciliano, 1978, p. 88–133).

O exílio na cidade grande inaugurou uma fase de pobreza material na vida do jovem, em que o contato direto com o proletariado forneceu a matéria-prima para a escrita de seus romances urbanos, "Meninos da Vida" (*Ragazzi di vita,* 1955) e "*Una vita violenta*" (1959). O amadurecimento dessa investigação antropológica e linguística do proletariado romano alcançou o seu ponto de virada em meados de 1961, ano em que Pasolini lançou o seu primeiro longa-metragem como diretor e roteirista, "Accattone – Desajuste Social" (*Accattone*, 1961). Pasolini, ao registrar de forma expressionista os corpos, os cenários desolados de entulho e o silêncio das periferias, fez do filme um "*slice of life*" do vagabundo Vittorio, que prostituía Maddalenna para arranjar alguns trocados e sustentar uma vida marginal. Após sua prostituta ser presa, Vittorio entra em colapso, passa fome. Em uma de suas andanças, conhece Stella; tenta colocar a jovem no mesmo posto de Maddalenna, contudo, acaba se apaixonando e se coloca à frente da situação para sustentar o seu novo amor.

Figura 1 – Frame de "Accattone – Desajuste Social".



Fonte: Pier Paolo Pasolini, 1961.

Anos após o início da carreira de Pasolini no cinema, o italiano também iniciou alguns trabalhos no teatro. Em 1968, Pier Paolo se debruçou em duas peças: "*Orgia*" e "*Porcile*" — esta última que se tornou filme futuramente, "Pocilga" (*Porcile*, 1969). Em 1973, dois anos antes de sua morte, trabalhou em "*Calderón*". Em 1977, de forma póstuma, foram publicadas outras três peças de sua autoria: "*Affabulazione*", "*Pilades*" e "*Bestia da stile*". Ainda em '68, antes mesmo de "*Orgia*" e "*Porcile*", Paolo escreveu e lançou o ensaio-manifesto "Manifesto por um novo teatro", no qual defendeu o "Teatro de Palavra", que focava o protagonismo nos versos declamados e nos debates de ideias, abstendo-se da encenação cênica espalhafatosa.

A cristalização do teatro na trajetória de Pier Paolo e, fundamentalmente, a publicação de seu manifesto em 1968, parece apontar para a ideia do "artista total" conceitualizada por Pierre Bourdieu em "As Regras da Arte" (1996). Ao transitar de forma fluida pela poesia, pela filologia, pela prosa, pelo cinema e pela dramaturgia, Pasolini recusou radicalmente uma "especialização" e a separação técnica impostas pelo mercado cultural burguês. Em resumo, Pasolini vivia um vício: a investigação obsessiva e uma nova ideia da "Palavra", a qual pensou tanto de modo herético quanto proto-religioso — assim como em "O Evangelho Segundo São Mateus" (*Il Vangello Secondo Matteo*, 1964).

A defesa do "Teatro de Palavra", pautada na frontalidade dos versos declamados e no debate de ideias em detrimento da cênica, expõe o rigor com a feitura, evoca um tom quase artesanal. Essa fissura do modo de trabalho teatral revela uma quase militância: ao abrir mão deliberadamente do capital econômico imediato que a espetacularização e o sucesso de bilheteria — isso caso conseguisse — poderiam lhe proporcionar, o diretor italiano blindou a sua obra contra as exigências do mercado burguês. Em vez de voltar sua arte às vontades do grande público, Pasolini utilizou esse despojamento radical para acumular um imenso capital simbólico, fundado no prestígio. A "palavra" nua e militante se transformou na sua principal moeda, tendo como troco o estigma de ter sido escanteado como "*outsider*".

Essa recusa altiva em se comprometer com as fórmulas consagradas do momento deu as caras de forma escancarada na carreira cinematográfica de Pasolini, colidindo diretamente com o *Neorrealismo Italiano*, a força de excelência estética e ideológica da época. Se, para a crítica institucionalizada e para os realizadores

herdeiros do movimento, o neorrealismo representava o ápice da consciência social mediante um registro documental, crônico e pautado pela transparência da realidade do pós-guerra, para Pasolini aquela fórmula dava sinais de esgotamento e aburguesamento.

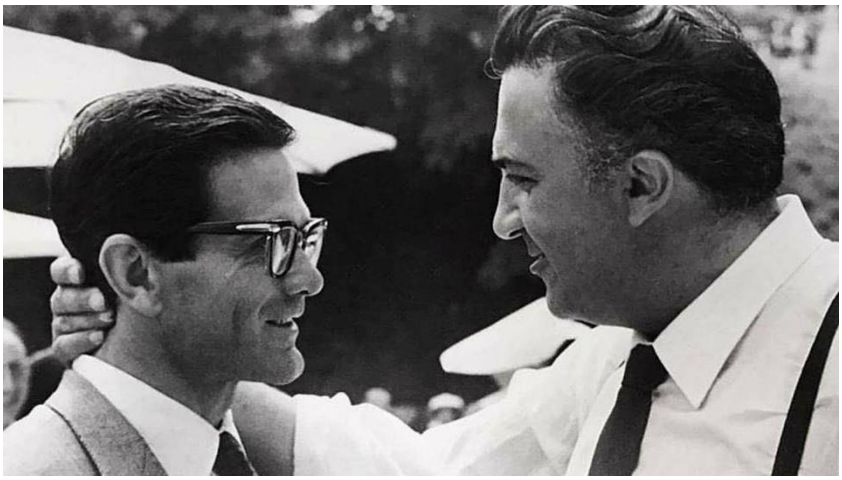
Pier Paolo não estava interessado na denúncia jornalística ou no distanciamento da miséria do espírito; sua busca orientava-se para o que denominava "linguagem pura para a poesia". Ao se interessar pela marginalidade urbana no já citado "*Accattone*", Pasolini afrontou as expectativas naturalistas e seculares do neorrealismo. Essa heresia formal gerou profundas rusgas com a crítica militante e com os defensores do "realismo social", que viam na estilização mística pasoliniana uma "perversão reacionária" ou um esteticismo perigoso, chutando-o do "núcleo de legitimação" da época (Siciliano, 1978, p. 216-218).

Esse chute foi visto, na prática, no rompimento profissional entre Pasolini e Federico Fellini, ainda durante a produção de "*Accattone*". Tendo colaborado anteriormente com os diálogos periféricos de "Noites de Cabíria" (*Le notti di Cabiria*, 1957), de Fellini, Pasolini garantiu o apoio inicial da produtora do veterano para financiar sua estreia na direção.

Contudo, após assistir aos primeiros testes e sequências rodadas por Pier Paolo, Fellini e sua equipe técnica rejeitaram veementemente o material, classificando a filmagem como "amadora", desprovida de fluidez e marcada por graves "erros" de continuidade e iluminação.

Ao ter seu projeto cancelado por um dos detentores do padrão estético da época sob a justificativa de uma suposta imperfeição técnica, Pasolini viu seu olhar ser demarcado como um desvio. Longe de se curvar às exigências formais do circuito dominante, o jovem diretor usou o descarte de Fellini como uma marca de distinção: buscou novos produtores e radicalizou as suas vontades artísticas, transformando a "incapacidade" técnica no alicerce de sua poética e identidade — um autêntico *outsider*.

Figura 2 – Pasolini e Fellini durante as filmagens de "Accattone – Desajuste Social".



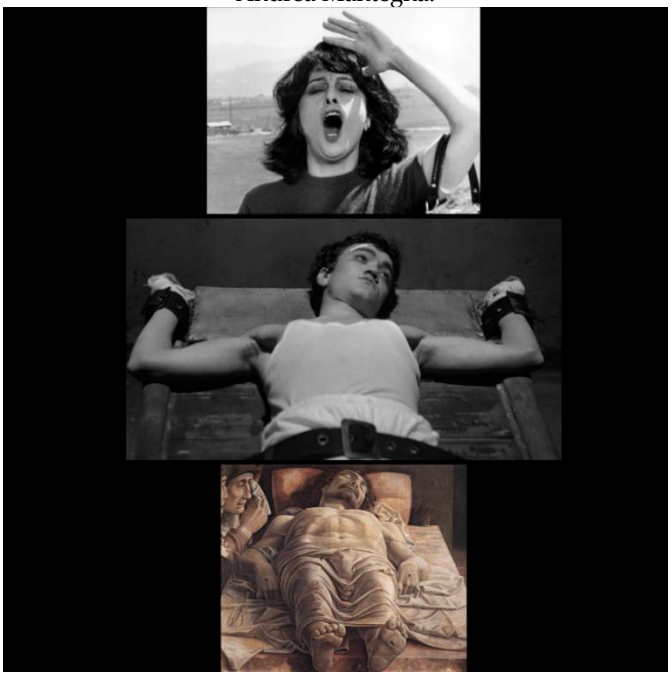
Fonte: The Criterion Collection, 2025.

Essa lógica de *outsider* é trabalhada por Howard Becker em "Outsiders – Estudos de sociologia do desvio" (1991). Segundo Becker, o desvio não é uma qualidade intrínseca do ato que a pessoa comete, mas sim uma consequência da aplicação, por outros, de regras e sanções a um "infrator" (p. 22). Ao recusar a cartilha estética dominante, Pasolini foi submetido a um processo de rotulação. Foi empurrado para a margem pelos integrantes do neorrealismo, que não toleravam sua dissidência prática e sua recusa ao naturalismo documental exacerbado — "*Accattone*" estava, sim, interessado pela decadência do pós-guerra, tinha gosto pela sujeira, tanto em sua forma material quanto espiritual/moral; contudo, o vício pela "Palavra" assustou Fellini. Essa rusga conceitual com o professor demarcou formalmente o olhar de Pier Paolo como um "erro" técnico e um desvio amador frente aos padrões da indústria da época. Esse xadrez comprova a tese de Becker: a condição de *outsider* de Pasolini não nasceu do nada, foi solidificada à medida que as forças dominantes do campo rotularam suas inovações e sua transgressão formal como uma ameaça contundente à ordem simbólica já estabelecida. Pasolini estava fora do neorrealismo.

Essa situação ainda se estendeu para o ano seguinte, quando Pasolini lança "*Mamma Roma*" (1962), dando uma considerável garfada na lógica maior da época. À primeira vista, o filme sinalizava um aparente recuo tático em direção à tradição do neorrealismo, desenhando uma vontade estética pautada no drama de uma prostituta

(a personagem-título) que tenta ascender à respeitabilidade da pequena burguesia para salvar o filho adolescente, Ettore. Essa aproximação simulada com a cartilha clássica encontrava sua maior força simbólica na escalação de Anna Magnani, atriz-fetiche e monumento vivo do neorrealismo. Contudo, o que a crítica esperava que fosse uma reconciliação com o núcleo de legitimação da época revelou-se uma heresia formal ainda mais violenta. Pasolini não utilizou Anna como corpo para o registro documental da pobreza; pelo contrário, ele a trabalhou na mesma clave mística e expressionista de Vittorio Accattone, tensionando a relação entre o profano e o sagrado ao enquadrar o subúrbio junto dos acordes de Vivaldi, na bela sequência musicalmente regida por "*Bassoon Concerto in D minor*", e planos que carregam uma herança pictórica direta do quadro "*Lamentación sobre Cristo muerto*" (1480), de Andrea Mantegna (Figura 3). Nessa relação, Pasolini opera uma rima visual entre Ettore e Cristo, capturando a agonia contida do jovem no momento de sua morte, imobilizado em seu leito final na prisão, emulando a construção e a disposição dramática que Mantegna trabalhou ao figurar o corpo do Nazareno.

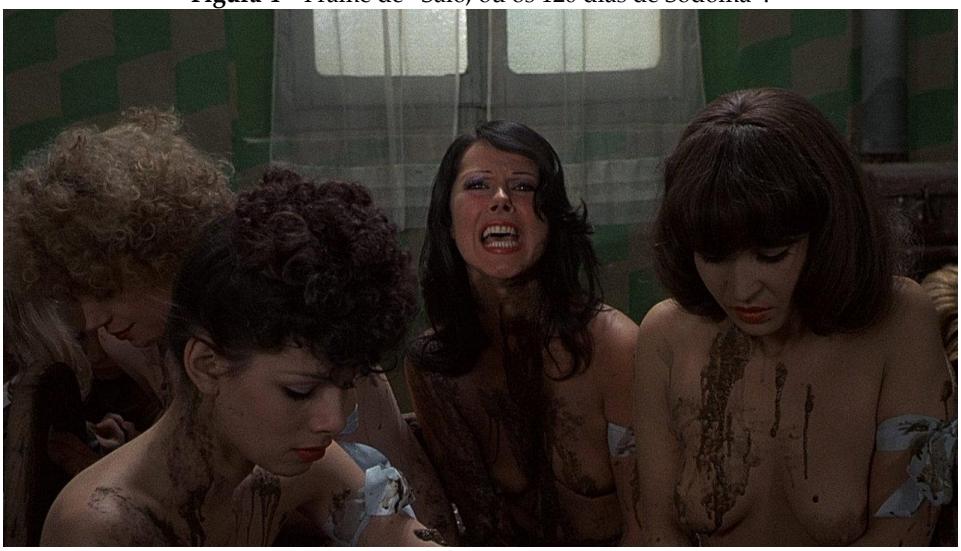
Figura 3 – Quadro eidético organizado com base em frames de "*Mamma Roma*" e na pintura de Andrea Mantegna.



Fonte: formulação própria, 2026.

Pier Paolo sempre demonstrou interesse em trabalhar com querelas da violência e do trauma em seus trabalhos. Não por pouco, "Salò, ou os 120 dias de Sodoma" (*Salò o le 120 giornate di Sodoma*, 1975) foi o seu último filme. Não pensado para ser o último — este título fica a cargo do roteirizado, mas não rodado "*Porno-Teo-Kolossal*" —, o longa-metragem marca o ápice da "Fase Corsária" do intelectual, período dos seus furiosos e apocalípticos escritos jornalísticos (no impresso *Corriere della Sera*) e atos artísticos, em que ele denunciava o que ele chamava de "mutação antropológica" da sociedade italiana (Siciliano, 1978, p. 345-346). Ao traduzir artisticamente a obra de Marquês de Sade (Os 120 dias de Sodoma, ou a Escola da Libertinagem) para a República de Salò — estado-fantoche nazista dentro do território italiano —, o diretor operou uma recusa radical a qualquer conciliação com o mercado burguês e com o círculo cinematográfico tradicional dos anos 70. Longe de oferecer o entretenimento trivial ou a lembrança do naturalismo documental domesticado do neorrealismo, Pasolini despiu a imagem de qualquer distração visual para erguer um ensaio estritamente herético, reto e bruto sobre a instrumentalização dos corpos, o consumismo e o poder absoluto. Em sua lógica, o filme se estrutura como uma inclinação à degradação humana, dividindo-se em círculos inspirados na "Divina Comédia" (1321), de Dante: o *Círculo das Paixões*, o *Círculo da Merda* e o *Círculo do Sangue*. Dentro dessa arquitetura alegórica, quatro crápulas fascistas — o Duque (Poder Executivo), o Bispo (Poder Eclesiástico), o Magistrado (Poder Judiciário) e o Presidente (figurando o Poder Legislativo e a persona de Mussolini) — sequestram um grupo de jovens e, isolados em um castelo, em uma vila fortificada, submetem seus corpos a um protocolo sistemático de tortura, humilhação e aniquilação física, simbólica e psicológica. O filme não está interessado no sadismo como fetiche e no horror como espetáculo da imagem; a câmera recusa o melodrama. As atrocidades são registradas em planos médios e conjuntos que mimetizam a frieza distante e burocrática. Ao encenar a violação e a escatologia, o diretor deixa de lado o voyeurismo prazeroso, obrigando o espectador a confrontar aquelas cenas do horror fascista.

Figura 4 – Frame de “Salò, ou os 120 dias de Sodoma”.



Fonte: Pier Paolo Pasolini, 1975.

A feitura de uma obra intencionalmente desconfortável e intransigente como “Salò” parece estar próxima da já comentada "impaciência dos limites" que, para Bourdieu, define o criador de vanguarda. Ao buscar em outras artes e em títulos malditos — como o romance de Sade e a estrutura de Dante — a base para o seu filme, Pasolini opera na ideia do autônomo "artista total". Contudo, essa apropriação rebuscada não parece visar à aprovação dos dominantes do campo; pelo contrário, apenas reforçou a lógica da mecânica social do desvio teorizada por Becker. Ao romper de forma absoluta com as regras de decoro e com as expectativas naturalistas do circuito cinematográfico tradicional, Pasolini assumiu e radicalizou o seu estigma. A crítica e o público torceram o nariz frente às atrocidades encenadas no filme. As mesmas não foram lidas como alegoria intelectual, mas sim categorizadas e punidas como uma infração intolerável, censurando-as posteriormente. “Os 120 dias de Sodoma” operam, portanto, no ponto de inflexão em que a lógica do artista total de Bourdieu anda junto da categorização do “*outsider*” de Becker: ao exorcizar seu cinema de qualquer voyeurismo prazeroso, Pasolini adotou um papel dissidente, provando que sua condição de desviante era o preço e, ao mesmo tempo, a garantia da soberania absoluta de sua arte diante de seu século.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve análise visou buscar que a trajetória cinematográfica de Pier Paolo Pasolini materializa a figura bourdieusiana do "artista total". Ao transitar por múltiplas linguagens e recusar a especialização técnica burguesa, Pasolini instituiu uma poética herética pautada no aporte místico dos corpos postos em cena. Contudo, sua recusa em submeter-se às fórmulas residuais do Neorrealismo Italiano ou às exigências mercadológicas acionou de imediato a mecânica do desvio de Becker. Ao ser empurrado para a margem pelos personagens do meio de seu tempo, o realizador converteu a própria rotulação de "*outsider*" na plataforma definitiva para a sua marca formal e autoral.

O resultado dessa postura manifestou-se na sua maior jornada criativa com "Salò" (1975), obra em que o diretor levou sua crítica às suas consequências mais extremas. Nesse horizonte, a censura institucional e a violenta rejeição pública sofridas pelo filme revelam o limite trágico em que a autonomia da vanguarda colide com os aparatos de repressão do campo político. Mesmo após a morte do diretor, os censores, ao cortarem quase 20 minutos do filme, acabaram por eternizar o imenso capital simbólico de Pasolini, convertendo sua condição de "*outsider*" na maior prova de sua capacidade crítica.

REFERÊNCIAS

ALBANESE, Carolina M. UMA APRESENTAÇÃO DA OBRA DE PIER PAOLO PASOLINI. Letras, Curitiba, n. 30, p. 17-38, dez. 1981

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PASOLINI, Pier Paolo. Pier Paolo Pasolini. In: MARAINI, Dacia. **E TU CHI ERI? INTERVISTE SULL'INFANZIA A DONNE E UOMINI CHE HANNO FATTO IL NOVECENTO**. Milão: BUR contemporânea, 2022. p. 260 – 271.

SICILIANO, Enzo. **Vita di Pasolini**. Milão: Rizzoli, 1978.

ELVIS, THE PELVIS: CORPO, DESEJO E SEXUALIDADE NA EMERGÊNCIA DA CORPOREIDADE MIDIÁTICA DE ELVIS PRESLEY

Marina Dalton
Fabíola Calazans

"A primeira vez que subi ao palco, fiquei apavorado. Eu realmente não entendia toda aquela gritaria. Não percebi que meu corpo estava se movendo. É algo natural para mim.

Então, para o gerente nos bastidores, eu disse: 'O que eu fiz? O que eu fiz?' E ele disse: 'Seja lá o que for, volte e faça de novo.'"
- Elvis Presley[32]

O FENÔMENO ELVIS PRESLEY[33]

Em seis de janeiro de 1957, diversos fãs do então mais novo estilo musical, o *rock and roll*, reuniram-se em frente a suas televisões e conectaram-nas ao canal CBS para assistir à participação de Elvis Presley no Ed Sullivan Show. A imagem que chegava às suas salas estava, contudo, incompleta: o enquadramento da câmera permitia ao público assistir apenas à performance do artista da cintura para cima. O resto do corpo - justamente aquilo que causava escândalo às famílias conservadoras, instigava rebeldia na juventude e levava jovens a gritar e desmaiar em sua presença - permanecia fora do campo de visão. Elvis já tinha feito outros shows na televisão e seu rebolado foi considerado escandaloso, vulgar e sugestivo (Ryan, 2014). Com o objetivo de evitar escândalos e neutralizar o impacto sexual de sua performance, os executivos da rede CBS tomaram a decisão de censurar seu quadril (The Ed Sullivan Show, 2023). No entanto, embora o corpo tenha sido cortado, por meio dos gritos histéricos da plateia era possível perceber que havia algo que escapava à tela. O corpo de Elvis Presley, incompleto por dispositivos controladores e intensificado por sua dança imparável, torna-se acontecimento e território de disputas.

No sentido de acontecimento midiático, o fenômeno Elvis Presley teve início nos Estados Unidos marcado pelo período pós-guerra, com ascensão do capitalismo, do consumismo, da segregação racial e da rebeldia de uma nova juventude (Morais, 2023). É importante destacar que se tratava apenas do início do fenômeno, pois, mesmo muito depois de sua morte, sua midiatização continua a impactar o campo da música, cultura e sociedade. Segundo Vinil (2008), Elvis foi a principal figura que popularizou o *rock and roll* na década de 1950 e influenciou diversas partes do mundo, desde a América até a União Soviética, sendo até hoje inegavelmente relevante na história da música. Além disso, Elvis tensionou as dinâmicas raciais e de classe dentro dos Estados

[32] Trecho de uma entrevista gravada em 1972, usada no documentário "Elvis on Tour" da MGM. Tradução nossa.
[33] Esta pesquisa recebeu financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Unidos, ao misturar o *rhythm and blues* negro com a música country branca (Altschuler, 2003).

A imagem e o corpo de Elvis Presley foram e são um campo de fortes disputas de poder, conforme entendimento da noção política de Foucault (1996). O corpo desse artista catalisou – e pode-se dizer que continua a catalisar, embora agora distribuído em outras mídias e meios de comunicação, como internet, shows tributos, cinema, streaming etc. – uma série de tensões históricas, culturais e raciais. Serviu simultaneamente como instrumento de resistência e dominação: sua música era inspirada na cultura afro-americana de Memphis, comunidade onde cresceu, mas muitos artistas negros foram preteridos por seu sucesso, visto que naquela sociedade racista e conservadora jamais receberiam seu devido reconhecimento. Além disso, ao mesmo tempo em que performava de forma rebelde, transgressora, contra a segregação e valores tradicionalistas, Elvis tornou-se símbolo do capitalismo, do *american way of life*, uma mercadoria do sistema que ele supostamente desafiava (Cloonan, 2023).

Entendendo o corpo como elemento social, subjetivo, cultural, temporal, continuamente transformado pela interação com o mundo e, simultaneamente, como mídia e território de disputas por controle, neste artigo, objetivamos discutir as múltiplas tensões que se dispõem sobre o corpo de Elvis Presley, em especial sobre seu rebolado, dialogando com o conceito de sexualidade para Michel Foucault (1988), a compreensão fenomenológica do corpo de Maurice Merleau-Ponty (2011) e a noção de corporeidade abordada por Karenine Porpino (2018). Para isso, articulamos as noções teóricas de corpo, poder e desejo, tendo por base a revisão bibliográfica como técnica metodológica.

ENTRE O QUADRIL E O CONTROLE

O apelido "Elvis, the Pelvis" surge em meados dos anos 1950, como uma construção midiática que simultaneamente reduz Elvis ao seu quadril, transformando seu corpo em signo sexual, e traz mais visibilidade para suas performances cênicas. Essa expressão se popularizou após sua apresentação televisiva no The Milton Berle Show, em que Elvis se apresentou em 5 de junho de 1956 e dançou sem sua guitarra, gerando o primeiro grande escândalo de sua carreira (Lincolins, 2020). Diversos jornais e críticos da época consideraram o episódio ofensivo, desrespeitoso e vulgar,

recebendo o apelido com um intuito acusatório e desmoralizante. No entanto, ambiguamente, "Elvis, the Pelvis" também contribuiu para o aumento de sua popularidade entre os jovens, destacando seus movimentos como únicos.

Glenn Altschuler, professor e pesquisador de História Americana na Universidade Cornell, explica que a corporeidade de Elvis era símbolo de rebeldia nos anos 1950, inicialmente devido ao racismo sistêmico instaurado, pois seu corpo unia o ritmo e dança negra à pele branca, ameaçando a ordem racial. O *rock and roll*, que se proliferava rapidamente por toda a parte, estremecia a moral conservadora, pois celebrava o romance e o sexo, trazendo virilidade e sexualidade para o campo público e zombando da obsessão com o trabalho dos homens engravatados. Ainda que hoje as letras e danças possam parecer simples, na época causaram escândalos na sociedade americana do século XX, que pretendia afastar dos holofotes qualquer dissidência ou conflito. Conforme explica Foucault (1988), a ideia do que é devasso, uma categoria confusa, dissipa-se e altera-se com o tempo.

O gênero musical *rock and roll* quebrou paradigmas vigentes em relação à época. Trouxe à tona o discurso sobre a sexualidade. O corpo dançante, enquanto mídia e meio, veiculou discursos escandalizantes e perigosos para o poder hegemônico da época. Martin Cloonan (2023), professor na Universidade de Turku e especialista em economia política e história da indústria musical, afirma que Elvis Presley foi um expoente deste gênero musical e suas performances dançantes causaram uma disputa geracional nas décadas de 1950 e 1960: por um lado, trazia identificação para os jovens e, por que não dizer, desejo; por outro, simbolizava rebeldia e ameaça para o público mais velho conservador.

Um marco simbólico que exemplifica bastante bem a dinâmica de ameaça à moral vigente aconteceu em 1956, quando Elvis Presley, em um programa exibido pelo canal CBS, deixou o violão de lado e mostrou pela primeira vez sua dança e seus quadris em um rebolado televisionado (Siqueira, 2016). Seus movimentos corporais chocaram a sociedade da época, que os considerou indecentes. A respeito daquela ocasião, o crítico Ben Gross escreveu uma matéria para o jornal New York Daily News descrevendo a performance de Elvis como "tingida com certo tipo de animalismo que deveria ser restrito aos frequentadores dos bordéis" (Ryan, 2014). Esse acontecimento

exemplifica a relação inseparável entre o emergente *rock and roll* e corporeidade, que por sua vez se conectam com questões de desejo, repressão e sexualidade.

> Como já dito, rock é som, vibração e liberdade, no qual dançar e cantar são manifestações genuínas do público: se não houver reação corpórea, não há rock. O ritmo do rock, acompanhado de uma dança que os jovens balançavam e rodopiavam pelos salões, sacudiu a moral puritana dos EUA, pois era uma forma da juventude enfrentar os padrões morais e comportamentais. O rock foi também uma das forças ativas na formação de uma nova mentalidade sexual do período. A forma como Elvis dançava, as letras de Chuck Berry, os gritos de Little Richard provocaram uma mudança no comportamento sexual da juventude. (Rochedo, 2011, p. 19)

Importante ressaltar que ambos, Chuck Berry e Little Richard, eram músicos negros e foram expoentes da liberdade corporal e musical, sendo, portando, artistas que demarcaram a abertura performática insurgente daquela época. Nesse sentido, Elvis dá seguimento à expressão corporal de ambos, contudo, por ser branco acaba tendo mais abertura e sucesso midiático.

A liberdade corporal exaltada por esse movimento jovem da época, incomoda uma realidade do poder hegemônico, que enxerga nos corpos um meio de controle. Segundo Foucault (1988), a partir do século XVIII, com a emersão do biopoder, os novos dispositivos de controle não se limitam a proibir e punir, mas intentam controlar a vida, de modo que o corpo e sua disciplinarização se torna um objeto de interesse político, científico e social. O corpo e sua docilização se constituem um problema público, pois se passa a regular a sexualidade, reprodução, higiene, saúde e comportamento.

A burguesia dominou a sexualidade, utilizando-a como dispositivo para controlar vidas e corpos. Contrariamente ao que se pode pensar como senso comum, Foucault explica que a sociedade moderna não reprimiu a sexualidade, mas proliferou discursos sobre sexo. Criou-se uma associação do sexo ao pecado e instaurou-se uma noção de culpa, de tal forma que o poder exerce uma intenção de interdição, censura e negação, mas acaba por colocar o desejo em uma economia própria. A sexualidade passa a ser regulada, mas a vontade de controlar a livre circulação do discurso sobre sexo intensifica "a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele" (Foucault, 1988, p. 33).

Mais ainda, nossa sociedade, pautada pelo controle dos corpos, incita discursos sobre sexo e utiliza a sexualidade como dispositivo, enquanto simultaneamente nos faz crer que interdição, repressão, negação e censura a tais discursos são a regra. Engendram uma moral conservadora embasada na culpa, ainda que cada vez mais falemos sobre sexo ou tenhamos a vontade de saber sobre sexualidade. Para Foucault,

> Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; [...] Talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulado, e num período histórico relativamente tão curto, uma tal quantidade de discurso sobre sexo. Pode ser, muito bem, que falemos mais dele do que qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa; convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura. No que diz respeito ao sexo, a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa. (Foucault, 1988, pp. 34-35)

Sob essa ótica, o corpo de Elvis Presley em cena é discurso sobre sexualidade, é objeto de tentativa de controle e interdição, ao mesmo tempo em que inflama desejo e contribui para a negação da hipótese repressiva. Sua performance insubmissa e, de certa forma, corajosa ativa o dispositivo da sexualidade e, por rebolar em um regime controlador que define o que é aceitável, obsceno ou perigoso, torna-se um ponto de tensão entre o desejo e a norma. A disputa geracional da época parece estar muito mais relacionada com aquilo que Foucault (1988) denomina "a vontade de saber", com os discursos interditados sobre sexualidade, do que com a musicalidade em si. O *rock and roll* e sua corporeidade são intrínsecos e simbióticos um para com o outro, porém as danças e movimentos ditos indecentes são certamente uma representação do dispositivo em questão. Os quadris de Elvis Presley ameaçam a norma vigente e ativam mecanismos de controle, como a censura de seu rebolado.

O CORPO QUE VIBRA EM CENA

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (2011), em seus estudos fenomenológicos, propõe-nos pensar o corpo como sujeito e não fragmentá-lo na tradicional dicotomia cartesiana que provoca a dicotomização entre mente e corpo

físico, ou sujeito e objeto. A realidade do corpo é simultaneamente complexa e una, repleta de relações dialógicas, indivisível em si mesma, mas intrinsecamente ligada ao mundo. Afinal, é através do corpo que experienciamos o mundo. Trata-se do lugar onde nossa subjetividade é moldada e, ao mesmo tempo, do meio que temos para nos conectar com outros espaços.

Conforme explica Norval Baitello Junior (2012), o corpo é mídia primária, pois toda e qualquer comunicação parte de um corpo para outro ou outros corpos. E, ainda assim, não pode ser resumido às suas características de representação, ou seja, é uma mídia que não pode ser reduzida apenas ao seu caráter midiático. Está na ordem da presença e a sensorialidade, formando e subjetivando modos específicos de ser e estar no mundo, mas sem perder o seu caráter de meio. O corpo é, em mais uma de suas duplicidades simultâneas, mídia e sujeito. E não se pode determinar qual característica se sobressai à outra.

A professora Karenine Porpino (2018), ao discutir a teoria da corporeidade, chama-nos atenção, ainda, para outra dualidade importante aos estudos fenomenológicos sobre o corpo. Para a autora, corpo e mundo são, no limite, um só, pois o entrelaçamento do corpo no mundo e do mundo no corpo indica que são formados da mesma essência. Corpo e mundo seriam compostos pelo mesmo tecido que, enredado, confunde-se e percebe-se em si. Ao experienciar o mundo, o corpo experiencia a si mesmo. É por meio das experiências exteriores que o corpo se molda e, ao se moldar, transforma também o mundo em que está inserido, em um ciclo contínuo e ininterrupto.

Além desse aspecto, essa pesquisadora, que tem na dança seu principal objeto de estudo, também discute sobre música para dialogar com o sentido da corporeidade e da relação entre corpos por meio da sensibilidade estética. Uma performance musical comporta uma pluralidade de frentes da existência humana, dentre elas diversos tipos de linguagem e vários modos de relação entre corpos e entre corpos e mundo.

> Vivenciar esse paradoxo de significados entre tristezas e alegrias, que inseparavelmente nos vêm à percepção, é tornar a música tão corporal quanto uma dança parece sê-lo. Não ouvimos a música com os ouvidos, mas com todo o corpo; é o corpo em sua plenitude que se torna sensível e repleto de música, move-se em direção a uma nova criação e faz o pensamento alçar os voos mais inusitados. Tal experiência nos faz tomar consciência do real sentido do termo corporeidade, um sentido que é tão corporal quanto, ou melhor, mais corporal

> do que o significado que a própria palavra corporeidade possa expressar. (Porpino, 2018, p. 63)

A música, linguagem artística de Elvis Presley, é constituída em si mesma de corporeidade, sendo indissociável da percepção pelo, no e através do corpo. Assim, o corpo do artista, como cantor que performa e dança, congrega linguagens todas que conversam no corpo. Cantores em cena produzem discursos por meio de sua subjetividade e corporeidade, criando significados a partir de sua multiplicidade (Dalton; Calazans, 2025). Ademais, o corpo de Elvis, sob o ponto de vista da corporeidade não é apenas um corpo midiático que performa, comunica, cria sentidos e produz significados, mas também é sujeito que, enquanto tal, está em constante transformação. A cada nova dança em cena, Elvis transforma a si mesmo e, ao modificar-se, altera também a realidade ao seu redor. O mundo é impactado por sua subjetividade e sua corporeidade.

Segundo Eleonora Fabião (2010), o artista, ao se expressar, experiencia um corpo estético que vibra em um estado de fluxo. O corpo não seria um sólido, mas uma membrana vibrátil capaz de entrelaçar as dicotomias que o permeiam. Essa relação conversa diretamente com a definição de corpo-vibrátil da autora Suely Rolnik, que seria o corpo "sensível aos efeitos da agitada movimentação dos fluxos ambientais que nos atravessam" (Rolnik, 2015, p. 104). O artista em cena intensifica a velocidade com que a membrana de seu corpo vibrátil atua, de tal maneira que seu ser tremula e oscila rapidamente entre as muitas dicotomias que o compõem. Assim, ao extrapolar a condição vibrátil, "o corpo cênico torna-se radicalmente permeável. Contra a ideia de corpos autônomos, rígidos, acabados, o corpo cênico se (in)define como campo e cambiante" (Fabião, 2010, p. 322).

A performance cênica, no sentido de definição dos *Performance Studies*, diz sobre ser, fazer, mostrar-se fazendo, sublinhar uma ação (Schechner, 2003). Logo, a cena é composta por gestos, movimentos estéticos que partem e comunicam a partir do corpo do artista. O gesto seria a unidade da comunicação corporal em uma cena. Para Jean Galard (2008), gesto seria um ato quando considerado em sua totalidade, com o fundamento da função poética, de modo a não reduzir-se a seus efeitos. O gesto engloba a trajetória do movimento e o corpo em cena torna-se, transforma-se e comunica-se por meio e através dele. De acordo com Vilém Flusser (2014), toda

comunicação necessariamente envolve uma atitude e, por consequência, um gesto; e toda atitude envolve uma mensagem, portanto, uma comunicação.

Nesse sentido, Elvis Presley articula gestos e potências estéticas em cena, que nitidamente produzem discursos plurais e levam-no a vibrar aceleradamente entre as diversas multiplicidades que dialogam dentro do seu corpo, enquanto ser e enquanto mídia. Elvis discursou simultaneamente sobre sexualidade e rebeldia, causou incômodo à classe branca conservadora, elegeu-se símbolo e rei do rock às custas de muitos artistas e compositores negros, foi cooptado por uma indústria fonográfica que abusava em seus contratos, cantou canções gospel exaltando uma religiosidade e rebolou incitando críticas sobre depravação e animalismo.

O CORPO COMO CAMPO DE DISPUTAS

De acordo com Rochedo (2011), o processo de consolidação do rock enfrentou percalços relacionados à pressão da sociedade conservadora da época que o recusava por não aceitar a integração racial. A essa questão se deveu, segundo o autor, o enfraquecimento do gênero entre 1953 e 1955. Diversas gravadoras ao longo da década de 1950 declinavam artistas negros e muitas vezes contratavam artistas brancos para regravar suas músicas, não raro sem pagar os devidos *royalties* ao(à) compositor(a). Não por acaso, Rochedo explica, 1954 foi o ano em que o juiz da Suprema Corte Earl Warren emitiu a decisão que tornava ilegal a segregação racial nas escolas.

Nesse cenário, o novo gênero musical *rock and roll* foi considerado demasiadamente perigoso para o sistema de poder hegemônico que controlava os sistemas vigentes e foi suprimido. Tal qual nos explica Foucault (1988), as sociedades utilizam-se de dispositivos controladores para atuar no jogo de poder com o interesse de moldar e disciplinar o corpo. Essa repressão ao gênero musical, devida a uma questão racial, determinada pelo corpo, e uma questão de incitação à discursos de sexualidade, que perpassa o corpo, é um exemplo de como os corpos são importantes objetos de interesse dessa disputa política pelo poder e controle.

Conforme explica Deleuze (2000), as sociedades de controle se interessam pelas ferramentas e dispositivos mais refinados do processo disciplinador, tornando invisíveis as formas de controle. Por ser considerado rebelde em demasia, o rock foi suprimido e, a maquinaria de controle social, rapidamente cria uma estratégia para absorver essa forma de resistência: eleger um rosto para esse novo gênero musical, que

fosse suficientemente adequado aos valores morais vigentes da classe branca e rica, detentora de poder. Elvis Presley, assim, foi eleito como o Rei do Rock. "Presley, integrado à música e aos artistas negros, conseguiu aglutinar dois estilos distintos, duas culturas afastadas pelo preconceito: fez com que os adultos brancos começassem a cantar rock" (Rochedo, 2011, p. 19).

Para Altschuler (2003), Elvis foi domesticado pela mídia para ser palatável ao público mais velho conservador ao mesmo tempo em que sua rebeldia foi comercializada aos jovens. O capitalismo vigente percebe no público jovem um promissor consumidor e espertamente associa as ideologias juvenis a um rosto branco, aceito pela parcela tradicionalista da sociedade. Ou seja, a figura e o corpo de Elvis foram cooptados pelo capitalismo, representado nesse caso pela indústria fonográfica, como uma estratégia de conservação o poder. Foucault (1988) argumenta que nunca se escapa ao poder, pois ele se constitui inclusive por aquilo que tenta lhe opor. O poder se mascara para ser tolerável e se utiliza de discursos, como aqueles evocados pelo corpo de Elvis Presley, para operar suas tecnologias e dispositivos.

> É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência, ponto de partida da uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barra-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (Foucault, 1988, p. 96)

Ou seja, poder e resistência engendram-se um ao outro ciclicamente e continuamente. Foucault argumenta que onde há poder, há resistências, no plural. Mas a resistência nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. E o corpo do Elvis Presley, nessa lógica, performa como parte do discurso de sexualidade, do poder e do processo de interdição, ao mesmo tempo em que representa a resistência e a rebeldia da potência inovadora e insurgente do *rock and roll*.

CONSIDERAÇÕES DE REBOLADO, VOZ E CORPO

Elvis Presley, coroado o Rei do Rock, tem em seu corpo um sistema de disputas e tensões patentes. Cooptado pela cultura de uma indústria fonográfica neoliberal, sua figura torna-se símbolo do *american way of life*, com uma narrativa de vida incorporada

a partir do sonho americano, em que um rapaz jovem e pobre conquista fama e sucesso por meio de seu esforço e trabalho. Essa narrativa negligencia, contudo, as disputas raciais que o favoreceram e a domesticação a que seu corpo foi submetido para se tornar adequado às normas vigentes e palatável ao público.

O corpo de Elvis performou como uma figura ambígua. O rebolado de seus quadris despertou sentidos e discursos sobre sexualidade, evocando a lógica da rebeldia. Entretanto, sua corporeidade também foi representante do sistema hegemônico, atuando como efeito e instrumento do mesmo. Tornou-se expoente do gênero *rock and roll* nas décadas de 1950 e 1960, inicialmente performando como resistência, mas não tardou a midiatizar discursos que o demonstravam como parte do sistema. Afinal, conforme Foucault evidencia, sabe-se que a resistência não é exterior ao poder.

Enquanto gênero musical que está conectado ao corpo, ao ritmo e à dança, o *rock and roll* trouxe para o campo público discursos sobre virilidade e sexualidade. Elvis e seus quadris podem ter zombado da classe conservadora, que tentou a todo custo censurar seus movimentos – como no caso do enquadramento da sua aparição do The Ed Sullivan Show –, mas seu corpo não tardou a ser docilizado, passando a agradar esse público que inicialmente não gostava de suas aparições, em nome da fama e dinheiro.

REFERÊNCIAS

ALTSCHULER, Glenn. **All shook up**: how rock'n'roll changed America. Oxford University Press, 2003.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS, 2012.

CLOONAN, Martin. The King as Proletarian: Thinking about Elvis Presley as a Worker. **Rock Music Studies**, v. 10, n. 3, p. 250-267, 2023.

DALTON, Marina. CALAZANS, Fabíola. **Corporeidade como abordagem teórica**: uma discussão das relações interacionais na performance de cantores(as) populares. In: anais do 34º Encontro Anual da Compós, 2025.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000.

FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. **Contrapontos**, v. 10, n. 03, p. 321-326, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Gestos.** São Paulo: Annablume, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GALARD, Jean. **A Beleza do Gesto: Uma Estética das Condutas**. 1ª ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LINCOLINS, Thiago. **Elvis, The Pelvis: Quando o cantor pisou nos calos da igreja católica.** Aventuras na História, on-line, 14 de janeiro de 2020. Disponível em <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/elvis-pelvis-quando-o-cantor-pisou-nos-calos-da-igreja-catolica-e-ate-mesmo-do-fbi.phtml>

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORAIS, Ester da Silva. **The Guitar Man**: Mobiliário e itens de decoração inspirados em Elvis Presley. Trabalho de conclusão de curso em Design. Faculdade de

Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista – Unesp. Bauru, 2023.

PORPINO, Karerine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. 2ed. Natal-RN, EDUFRN, 2018.

ROCHEDO, Aline do Carmo. **Os filhos da revolução**: A juventude urbana e o Rock Brasileiro dos anos 1980. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

RYAN, Andrew. Elvis Presley shakes up U.S. TV viewers. **The Globe and mail, online**, 5 de junho de 2014. Disponível em <https://www.theglobeandmail.com/multimedia/moment-in-time-elvis-presley-shakes-up-us-tv-viewers/article18989351/#:~:text=The%20next%20day%2C%20New%20York%20Daily%20News%20reviewer,that%20should%20be%20confined%20to%20dives%20and%20bordellos.%E2%80%9D>.

SCHECHNER, Richard. **O que é Performance**. O Percevejo, Rio de Janeiro, UNIRIO, n. 12, p. 25-50, 2003.

SIQUEIRA, Pedro. Há exatos 60 anos, Elvis Presley fazia sua primeira aparição em um programa de TV. **Diário de Pernambuco**, on-line, 2016. Disponível em <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/01/ha-exatos-60-anos-elvis-presley-fazia-sua-primeira-aparicao-em-um-pro.html>.

THE ED SULLIVAN SHOW. **Ed Sullivan's History Making TV Moments Now Recahing New Audiences Through Streaming**. On-line, 20 de junho de 2023. Disponível em <https://www.edsullivan.com/ed-sullivans-history-making-tv-moments-now-reaching-new-audiences-through-streaming/>

VINIL, Kid. **Almanaque do Rock**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

SOBRE OS ORGANIZADORES

André Rezende Benatti

Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível C) e Professor Adjunto IV da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atua como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS e é editor-chefe da Revista de Estudos Literários da UEMS (REVELL). Integra a gestão acadêmico-editorial nacional como coordenador do Fórum de Editores da ANPOLL – Área de Literatura (biênio 2024–2026) e membro do Conselho Deliberativo da ANPOLL na Área de Estudos Literários (2024–2028).

Cleriston Raíque Jara da Costa

Professor de Língua Espanhola na rede pública de ensino do estado de Mato Grosso do Sul. Mestrando em Linguística e Transculturalidade, linha de pesquisa Estudos de Lingua(gens) e discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Formado em Letras - Português/Espanhol e suas respectivas literaturas (2021) e em Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas (2025) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Tem interesse em Sociolinguística, Linguística Aplicada, Fronteiras, Línguas em Contatos em Regiões de Fronteira e Português como Língua de Acolhimento.

Marcus Vinicius Diniz de Lima

Cineasta e artista visual, graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás. Desenvolve pesquisas em fotografia, vídeo e instalação, investigando trabalho manual, memória material, território e experiências sociais. Membro da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), estreou no cinema documental com Bendito Seja o Beck (2024). Em 2026, lançou Domingo à Noite é um Pesadelo e O que as formigas me contaram. Participou de exposições coletivas no Brasil, com destaque para Do chão que habita (Museu das Bandeiras) e (...) Desde antes, até quando? (A Pilastra Galeria-Escola).

SOBRE OS AUTORES

Albérico Araújo Sial Neto

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especialista em Ciência Política e Doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista Capes.

Alice Beatriz Scholz

Especialista, Auditoria, Avaliações e Perícias de Engenharia, Especialista em Cidades – Gestão Estratégica do Território Urbano.

Brender Augusto Moreira de Souza Vale

Bacharel e licenciado em Psicologia pela Universidade Federal de Catalão. Atualmente é Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Catalão. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-2396-6022.

Daiane de Melo Gava

Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE). Professora e Formadora Docente na Secretaria Municipal de Educação de Garuva/SC, autora da formação Educação pelo Sensível.

Daniela Mantarro Callipo

Mestre em Literatura Francesa pela USP, Doutora em Literatura Francesa pela USP, Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP, docente de Língua e Literatura Francesas no Departamento de Letras Modernas da FCL, UNESP, Campus de Assis.

Eliana Stamm

Sênior da Universidade da Região de Joinville (Univille), onde atuou como professora e coordenadora do Curso de Artes Visuais. Sócia/Fundadora do Centro de Educação Aldeia do Sol. Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) e artista ceramista.

Fabíola Calazans

Pós-doutora, pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade de Brasília.

Fernando Lana Ferreira

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), vinculado ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes. Graduado em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Ipatinga.

Francisco Heitor Pimenta Patrício

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolve estudos voltados para as seguintes áreas: Literatura Contemporânea, Teoria Literária, Representações do Sertão, Cinema e Diálogos Intersemióticos.

Izabele Colusso

Doutora em Planejamento Urbano Regional. Coord. e Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do PPG Design da Unisinos, Brasil

Josilayne Andrade De Souza

Graduanda em Terapia Ocupacional pela Unileste - Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Graduada em Serviço Social pela Unipac Vale do Aço. Pós-graduada em Gestão em Serviço Social e Projetos Sociais, pela FACUMINAS. Pósgraduada em Projetos Sociais e em Gestão em Gerontologia, pela FAVENI.

Larissa Fonseca Diniz Freitas

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del Rei. Graduada em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná. Bolsista de Iniciação cientifica pela FAPEMIG no NEGAH (Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Direitos Humanos) da UFSJ.

Maria Isabel S. L. D. Felix

Graduada em Letras com habilitação em Francês pela UNESP-Assis, e habilitação na língua inglesa na mesma iniciada em 2026. Atualmente é voluntária no Núcleo de Ensino DIRECT.E desde o ano de 2024. Com experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura de Crítica Feminista.

Marina Dalton

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade de Brasília, na linha de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea.

Maurício Campos

Professor do curso de Psicologia da UFCAT-Universidade Federal de Catalão. Graduado em Psicologia pela UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutor em Educação pela UFG-Universidade Federal de Goiás. Graduação em andamento em Teatro UFU-Universidade Federal de Uberlândia.

Murilo de Castro

Doutorando em Comunicação e Cultura (PPGCom/UFPR) na Universidade Federal do Paraná e mestre em Cinema e Artes do Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (PPG-Cineav/Unespar/FAP. Atua como pesquisador nos grupos PEQUOD – Significação, Sentido, Narrativa, Imagem e Som (UFPR/PPGCOM-UFPR/CNPq) e EIKOS – Imagem e Experiência Estética (Unespar/PPGCINEAV-Unespar/FAP/CNPq). Também é membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE).

Renan Dalago

Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário de Ensino Superior de Maringá (UniCesumar), e licenciatura em Letras Português/Espanhol e respectivas literaturas, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Mestre em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras UEMS, tendo sido bolsista FUNDECT/CAPES. Atualmente, é doutorando em Comunicação, na linha de pesquisa Mídia e Cultura, pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

Rosicley Andrade Coimbra

Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados e Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral pela Universidade Federal de Goiás com bolsa PIPD/Capes (2025-2027), com período sanduíche na Universidad de San Andrés, sob a supervisão da professora Florência Garramuño. O presente trabalho é parte deste projeto de pesquisa.

Silvia Sell Duarte Pillotto

Pós-doutora no Instituto Estudos da Criança (IEC/ UMINHO, Portugal). Professora no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade da Região de Joinville (Univille). Líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE). Arte/Educadora e Artista Visual.

Fissuras da contemporaneidade:
corpo, política e discurso nas artes e na sociedade

Editora
Coletivo Cine-Fórum

Tipografia
Palatino Linotype
Alasassy Caps
Montsserat

Formato
Livro Digital – PDF – Acesso aberto e gratuito

1ª Edição
ISBN: 978-65-83315-21-2

editora
COLETIVO
CINE-FÓRUM®